

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPHR**

TESE

**A ESCOLA DE SAMBA “TIRA O NEGRO DO LOCAL DA
INFORMALIDADE”:
Agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy
(1930-1940)**

ALESSANDRA TAVARES DE SOUZA PESSANHA BARBOSA

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPHR**

**A ESCOLA DE SAMBA “TIRA O NEGRO DO LOCAL DA
INFORMALIDADE”:
Agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy
(1930-1940)**

ALESSANDRA TAVARES DE SOUZA PESSANHA BARBOSA

Sob a Orientação do Professor
Álvaro Pereira do Nascimento

Tese submetida como requisito para
obtenção do grau de **Doutora em
História**, no Curso de Pós-Graduação
em História, Área de Concentração
em Relações Poder e Cultura.

Seropédica, RJ
Dezembro de 2018

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B 223 Barbosa, Alessandra Tavares de Souza Pessanha, 1977-
Bare A Escola de Samba "Tira o Negro do Local da
Informalidade": Agências e associativismos negros a
partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940) /
Alessandra Tavares de Souza Pessanha Barbosa. - Rio
de Janeiro, 2018.
247 f.: il.

Orientador: Álvaro Pereira do Nascimento.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós Graduação em História, 2018.

1. Trajetórias negras. 2. Pós-Abolição. 3.
Associativismo Negro. 4. Escolas de Samba. 5.
Movimento Negro. I. Nascimento, Álvaro Pereira do ,
1964-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós Graduação em História III.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ALESSANDRA TAVARES DE SOUZA PESSANHA BARBOSA

Tese submetida como requisito para obtenção do grau de **Doutora em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, área de Concentração em Relações de Poder, e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM / /2018

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento, UFRRJ
(Orientador)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Coutinho da Costa, UFRRJ

Prof^ª. Dra. Martha Campos Abreu, UFF

Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno– Unilab

Prof^ª. Dra. Fernanda Oliveira da Silva- UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Deixa comigo, deixa comigo
Eu seguro o pagode e não deixo cair ééé
Sem vacilar é é
Sem me exhibir
Só vim mostrar, ééé
O que aprendi¹

Embalada por Jovelina, segurando o pagode sem deixar cair, cheguei até aqui. Ser mulher negra, mãe e trabalhadora, demandou muito jogo de cintura para não deixar esse pagode cair, mas enfim, cá estou no momento dos agradecimentos.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por toda a inspiração e força. A minha família, pois é base de tudo que me inspira a cada dia a ser melhor, por serem aqueles que sempre acreditam que eu irei conseguir alcançar todos os meus sonhos. A minha mãe Clarisse, pelo auxílio, sempre pronta a cuidar do meu Joãozinho, a minha irmã Mônica, minha inspiração. Aos meus sobrinhos queridos Felipe e Diogo, simplesmente por existirem. Ao Nando Pessanha companheiro da vida toda, pelo apoio de sempre para que eu alcance os meus sonhos, e ao meu padrasto Paulo, por estar presente.

Agradeço a Mano Eloy, que no mundo espiritual, assiste a minha tentativa de honrar sua história. Reconheço que nesse caminho muitas coisas de sua trajetória se perderam, mas aqui ficará o registro do que pude alcançar. Agradeço a família de Mano Eloy pelo acolhimento carinhoso, Helton Dias, Hélio Anthero Dias, Ledahir Nascimento Dias e Etel de Oliveira. Os amigos da Casa do Jongo, principalmente Joacyr Nogueira, que me acolheu em todos os momentos dessa pesquisa, me levando pessoalmente a casa de Dona Rachel Valença, a quem agradeço enormemente pela gentileza em abrir a sua casa para me receber, disponibilizando seu acervo pessoal.

Agradeço imensamente a Rubem Confete que me recebeu com muito carinho após seu maravilhoso programa na Rádio Nacional e me fez perceber outras nuances sobre Mano Eloy, a partir das impressões de quem foi seu contemporâneo. Agradeço a Sormani Silva pela excelente pesquisa sobre a “Escola de Samba Deixa Malhar, batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Eloy” que em diferentes momentos foi importante diálogo para essa pesquisa e, por toda a sua atenção e gentileza

¹ NEGRA, Jovelina Pérola. Luz do Repete. Rio de Janeiro. 1987 Ver : <https://www.lettras.mus.br/jovelina-perola-negra/391894/> consultado em 11/11/2018

acadêmica em responder aos meus E mails de trocas de impressões e indicações de fontes. Fiquei imensamente feliz em ver sua pesquisa publicada. Parabéns pelo esforço em colocar no cenário cultural, o subúrbio, a escolas de samba Deixa Malhar e Mano Eloy.

Aos meus amigos queridos dessa vida, que de alguma forma ou de outra contribuíram direta ou indiretamente para a composição do que eu sou. Pessoas que partilho vivências desde a infância de moleca na favela da Vila Aliança, em Bangu. Agradeço a PC Sérgio, meu malungo mais antigo, irmão que a vida me deu; Leozinho, meu afilhado velho; Kaline de Lima a quem ensinei a pular amarelinha e hoje me ensina a ter fé e compaixão; Marcelo Pessanha, amigo e sobrinho querido (mais velho que eu, devo dizer), que junto com a Tica, a pessoa mais linda que você vai ver nessa vida, me farão tia avó jovem. Que venha o Matias! A Natália Baldez, por se tornar minha amiga e me dar a alegria de ser a Dindinha do Gui. Luciano Kaique, por partilhar o gosto pelo samba e ler meus escritos com muito carinho.

As amigas dos cotidianos de trabalho na educação básica do Rio de Janeiro, aquelas que me mostram a cada dia que o serviço engajado na escola pública tem papel transformador, as Megas amigas, do Mega Bonde: Ionara Oliveira, Zilene Oliveira, Anastacia Monteiro, Carolina Dias (Carolzinha, amiga de infância e tradutora), Adriana Paiva e Alice Medeiros (por toda a sua arte). A Caroline Pinho, agradeço por partilhar o longo caminho até nosso trabalho em Itaguaí, com os papos mais inteligentes e os mais sem noção dessa vida, e pelo mantra “Você precisa terminar esse trabalho!”. -Tá aí, terminei!

Aos colegas do programa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em especial aquelas que partilharam mais de perto as alegrias e as angústias da produção acadêmica: Natália Peçanha, pelas trocas intelectuais e ajuda com as revisões da reta final; Daniela Paiva, por nunca saber se a saideira é essa ou a que está vindo e, Silene Orlando, minha parceira desde a troca dos primeiros olhares críticos, ainda na seleção.

Agradeço aos amigos que fiz no caminho da compreensão do pós-abolição, naquela famosa disciplina oferecida pelo Flávio Gomes e Monica Grin, na UFRJ (aos quais também agradeço), Luara Santos e Lívia Monteiro, os companheiros do Cultna (Grupo de Estudos e Pesquisa Cultura Negra no Atlântico), na UFF e do Grupo de

Pesquisa Mundos do Trabalho e Pós-abolição da UFRRJ, coordenado pelo professor Álvaro Nascimento.

Um agradecimento muito especial àquela que me ligou todos os dias até que estivesse com o projeto pronto para ser enviado para a seleção do doutorado, a grande amiga Marta Ferreira, a quem tenho admiração e muito apreço. Aquele encontro que a vida promove que nos dá a certeza que nossos passos veem de muito longe. E as amigas Taís Brito e a Ione do Carmo pelas experiências trocadas entre o mundo acadêmico e as demandas de sermos professoras da Educação Básica.

Ao Álvaro Pereira do Nascimento sou grata por ter me acolhido sem me conhecer e ter tido a paciência e delicadeza em entender as minhas várias demandas de mulher negra. Você, sem dúvida, faz da vida acadêmica um lugar mais humanizado. Muito obrigada por embarcar nas minhas ideias e, por não me deixar desistir delas, diante de todos os momentos difíceis que vivenciei. Sobretudo, na reta final em que segurou minha mão e não soltou até que estivesse com a tese pronta.

A Martha Abreu, Eric Brasil, Fernanda Oliveira e Eduardo Costa, eu agradeço pela gentileza de fazer parte desse momento tão especial na minha vida. E me ajudarem a ter outras visões e possibilidades sobre esse trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil –(CAPES) – Finance Code 001

Seguimos segurando o pagode e não deixando cair ééé...

*Ao meu filho, João,
de onde vem toda a minha força para caminhar.
A Marilene Rosa, em memória, a primeira intelectual negra que me deparei na
academia, minha referência de professora e pesquisadora, a profissional que sempre
quis ser.
A Mano Eloy e a todos os ancestrais que lutaram
pela liberdade dos negros.*

RESUMO

Este estudo tem como enfoque a trajetória de Eloy Anthero Dias, conhecido como Mano Eloy. Nos redutos em que circulava, foi trabalhador do porto, líder da Sociedade de Resistência, macumbeiro, jongueiro respeitado e sambista pioneiro. Mano Eloy foi um dos personagens negros que se deslocou do Vale do Paraíba para o Rio de Janeiro, tornando-se conhecido e respeitado por seus contemporâneos. Indício claro de sua notabilidade são as diferentes menções encontradas nos periódicos da época. Considerado por seus contemporâneos, mas pouco lembrado décadas depois de sua morte, Mano Eloy e suas experiências, fazem parte da memória dos espaços de trabalho, música e religiosidade negra do Rio de Janeiro no pós-abolição. Nesse estudo, no entanto, o enfoque será dado a sua relação com as escolas de samba, não perdendo de vista suas múltiplas facetas. Sua chegada a cidade do Rio de Janeiro, por volta dos seus 16 anos é um dos exemplos das diferentes formas de migração adotadas pela população negra nas primeiras décadas após a abolição do sistema escravista. O estudo de episódios de sua trajetória, assim como de muitos outros homens e mulheres negros, são caminhos para a ampliação e compreensão das multiplicidades das experiências negras no agenciamento de suas contingências cotidianas, diante do panorama social que se descortinava. Desta forma, as experiências que compuseram as identidades de Mano Eloy, são percebidas como justapostas e forjadas na relação entre diferentes indivíduos que partilhavam espaços de vivência, de negociações políticas e sociais em uma perspectiva que contempla o pós-abolição como conceito e campo que vai além dos anos imediatamente posteriores à assinatura da lei que aboliu o sistema escravista, mas como um panorama que esteve e continua a se colocar na forma do racismo, da exclusão e do silenciamento das vivências e contribuições da população negra à sociedade brasileira.

Palavras-chave: Trajetória, Carnaval, escolas de samba, associativismo negro e pós-abolição.

ABSTRACT

This study focuses on the trajectory of Eloy Anthero Dias, known as Mano Eloy. In the places where he circulated, he was docks worker, leader of the Sociedade de Resistência, macumbeiro, respected jongueiro, and pioneer sambist. Mano Eloy was one of the characters that moved from the Vale do Paraíba to Rio de Janeiro, becoming known and recognized by his contemporary peers. A clear evidence of his notability were the many references of him founded in the newspapers of that time. Appreciated by his contemporaries, but hardly remembered decades after his death, Mano Eloy and his experiences are part of the memory of black work, music and religiousness places in the post-abolition Rio de Janeiro. In this study, however, the focus will be on his relationship with the Escolas de Samba, not losing sight of his multiple facets. His arrival in Rio, when he was around 15/16 years old is one example of the many migration forms performed by the black population in the first decades after the abolition of the slavery system. The study of episodes of his trajectory, as well as many other black men and women, are ways to an enlargement and comprehension of the multiple black experiences in the management of their everyday contingencies, facing the social prospect that unveiled itself. In this way, the experiences that composed the identities of Mano Eloy, are perceived as juxtaposed and forged in the relation between different individuals that shared places of living, of political and social negotiations, in a perspective that contemplate the post-abolition as a concept and field that goes beyond the years immediately after the signature of the law that abolished the slavery system, but as a prospect that has been and continues to be founded in the form of racism, the exclusion and the silencing of the experiences and the contributions of the black population to the Brazilian society.

Key-words: Trajectory, Carnival, Samba Schools, Black Associativism and Post-Abolition.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 01. Eloy Anthero Dias	33
Figura 02. Recorte do Livro de Matrícula	48
Figura 03. Mano Eloy em Confraternização na Sede da Resistência.....	54
Figura 04. Freguesia da Cidade do Rio de Janeiro em 1900	77
Figura 05. Estações Ferroviárias da Cidade do Rio de Janeiro no século XIX	79
Figura 06. Recorte do Mapa da Linha do Centro da Linha Auxiliar	80
Figura 07. Estação ferroviária de Dona Clara	88
Figura 08. Mapas das estações de Madureira	89
Figura 09. Aviso	93
Figura 10. Deixa de Idéias.....	94
Figura 11. Cupom do Concurso	98
Figura 12. Apuração.....	99
Figura 13. Resultado da Apuração	103
Figura 14. Carnaval de Madureira	105
Figura 15. Coreto de Madureira.	106
Figura 16. Ecos de Madureira.....	108
Figura 17. Mano Eloy.....	118
Figura 18. Convocação.....	124
Figura 19. Programação da Festa de São Sebastião	128
Figura 20. A Deixa Malhar na Festa de São Sebastião	129
Figura 21. Baile das Manicures.....	131
Figura 22. Junto aos Juizado de Menores	134
Figura 23. Visita aos Jornais.....	136
Figura 24. Nota de Fechamento da Deixa Malhar	137
Figura 25. Último Desfile da Deixa Malhar.	138
Figura 26. Fecha Vencendo	139
Figura 27. Mano Eloy na Sede do Império 1	147
Figura 28. Mano Eloy na Sede do Império 2.....	148
Figura 29. Mano Eloy na Sede do Império 3	149
Figura 30. Com Jornalista na Imagem de São Jorge	149
Figura 31. Presidente de Honra do Império.....	150
Figura 32. No Império	150
Figura 33. Cidadão Momo.....	179
Figura 34. Chegada do Cidadão Momo	191
Figura 35. Cidadão Momo em Festa	202
Figura 36. Cidadão Samba em Prestígio	202

LISTA DE ABREVIACÕES

AN – Arquivo Nacional

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

ARV – Acervo Pessoal Rachel Valença

BN – Biblioteca Nacional

DOU – Diário Oficial

GRES – Grêmio Recreativo Escola de Samba

GRESIS – Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano

EFDPII - Estrada de Ferro Dom Pedro II

EFN - Estrada de Ferro do Norte

EFSPR -Estrada de Ferro São Paulo-Rio

FES – Federação das Escolas de Samba

MIS – Museu da Imagem e do Som

LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem

UES – União das Escolas de Samba

UGES – União Geral das Escolas de Samba

UOE – União dos Operários Estivadores

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – DO VALE A CAPITAL: MIGRAÇÃO, TRABALHO E SOLIDARIEDADES RACIALIZADAS	21
1.1 - Ficar ou se deslocar: algumas considerações.....	24
1.2 – Caminhos de muitas paradas.....	27
1.3 – Eloy, antes do Mano	33
1.4 – O trabalho no Porto	42
1.5 – A Resistência: solidariedades e tensões.....	54
1.6 – Parentesco e raça.....	58
1.7 – Memória coletiva e história dos negros no pós-abolição.....	63
CAPÍTULO II – “O CARNAVAL POR QUEM FEZ”: SAMBA, CARNAVAL E ASSOCIATIVISMO NEGRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA	67
2.1 - Das batucadas ao samba	68
2.2 - O Carnaval dos Subúrbios	76
2.3 - “Estando Mano Eloy com seu lindo terno azul”	86
2.4 - Ecos do Subúrbio: O carnaval suburbano no periodismo.....	91
2.5 - Redes externas e protagonismos	109
CAPÍTULO III – ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS EM TORNO DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA.....	111
3.1 – Escolas e Samba: Legitimação e autorrepresentação.....	115
3.2 – A Escola de Samba “tira o negro do local da informalidade”	117
3.3 – As Escolas de Samba como promotoras de ações sociais.....	123
3.4 – “E a Nossa União Consagrou”: Império Serrano, projeto e cidadania em um estudo de caso.....	143
3.4.1 – A Resistência Imperial.....	151
3.4.2 – O Projeto	153
3.4.3 – A Politização do Lazer; Associativismos e Movimetro Negro.....	160
CAPÍTULO IV - CIDADANIA, IDENTIDADES RACIAIS E AGÊNCIAS DAS ESCOLAS DE SAMBA NO CARNAVAL DA DÉCADA 1930.....	164
4.1 – Concursos para Cidadão	165
4.2 – “A gentinha das ruas” e o “mulato frajola” nos concursos para cidadão	169
4.3 – Cidadão Momo X Cidadão Samba; adesões e disputas das Escolas de Samba	188
4.3.1 – Os primeiros embates.....	192
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
3 REFERÊNCIAS	214
4 ANEXOS.....	231

1 INTRODUÇÃO

Por volta das 20h, chego ao endereço já conhecido na Rua Edgar Romero, nº 114, em Madureira. Era uma terça-feira, 19 de abril de 2011, dia de reunião da Velha Guarda da escola de samba Império Serrano, em sua quadra. Observo o grupo de senhores e senhoras que me recebe com muito carinho para conversarmos sobre a paixão que existe a mais de 30 anos em cada um deles pelo “menino de 47”², o Império Serrano.

O primeiro a se prontificar, a contar a “história do Império Serrano” foi o Senhor Cidiomar, o Sr. Mazinho, como era conhecido o presidente da Velha Guarda. Ao qual não foi minha surpresa, quando ele percebeu que a entrevista seria em vídeo, pediu para que eu deslocasse o local onde havia preparado o equipamento, para um lugar à frente do palco, dizendo: “Veja se você consegue me enquadrar aqui, ao lado desta figura”³. A figura a qual o Sr. Mazinho se referia era a do patrono fundador, que empresta o nome para a quadra da escola de samba: Eloy Antero Dias⁴. Sr. Mazinho afirmava querer fazer uma pequena homenagem ao homem que foi importante para a história da agremiação.

Naquele momento em que estava desenvolvendo outra pesquisa, a pequena homenagem do Sr. Mazinho ao patrono da escola me chamou atenção. Ao longo da entrevista, Sr. Mazinho cita Mano Eloy, como era conhecido, em muitos momentos fazendo referências às suas ligações a diferentes espaços na cidade como o do samba, o da religiosidade de matriz africana e o do trabalho no porto. Interessante perceber que mesmo a entrevista não tendo como enfoque a história de Mano Eloy, sua trajetória estava transpassada pela história desses diferentes espaços de sociabilidade.

Ao ser perguntado sobre a fundação da escola, Sr. Mazinho diz que devido às insatisfações com a escola de samba que frequentavam, a agremiação Prazer da Serrinha, um grupo de pessoas incluindo Eloy, se reuniu e fundou uma nova

² Referência ao ano que a escola foi fundada bem como a sua condição de jovem escola de samba que despontava no cenário do carnaval desta época.

³ BARBOSA, Cidiomar Clóvis. Entrevista concedida a autora, 19/04/2011. Essa entrevista faz parte do material produzido para a dissertação de mestrado. Ver. BARBOSA, A.T.S.P. *Nasceu lá na Serra uma linda flor: Memórias sobre a fundação do Império Serrano (1947-1952)* Dissertação (Mestrado em História Social) – UERJ- FFP. São Gonçalo, 2012. Anexo A. p. 135

⁴ Na quadra do G.R.E.S Império Serrano o nome aparece grafado desta forma. No entanto, pude encontrar grafado de formas diferentes nas fontes a que tive acesso: ‘Elói Antero Dias’, ‘Eloi Anthero Dias’, ‘Mano Elói’ ou “Mano Eloy”. Vou, ao longo desta pesquisa, empregar a forma grafada por ele mesmo em atas de reuniões do Sindicato da Resistência e ocasiões outras: Eloy Anthero Dias ou Mano Eloy.

agremiação, que seria o G.R.E.S Império Serrano. Sr. Mazinho chama atenção para o fato da escola de samba ter sido vitoriosa logo após a sua fundação, chegando a vencer quatro carnavais seguidos. Segundo ele teria sido por influência de Eloy. Vejamos:

[...] uma plêiade de gente boa que fundou o Império Serrano lá na casa da tia Eulália. Convidaram também uma pessoa que era presidente do sindicato dos arrumadores, então ele ajudou a fundar o Império e todos aqueles que queriam trabalhar no Cais do Porto tinham que assinar e dar 50 mil réis.⁵ [...]E é por isso que dizem que o Império veio do Cais do Porto.

[...]

Como fundar uma escola de samba que já começa ganhando? Eloy tinha um poder, e além do poder, era macumbeiro, era feiticeiro, era o homem que Natal⁶ tinha medo. O Natal o chamava de feiticeiro: “Não quero conversa com aquele nego, não! Aquele nego é feiticeiro!” (risos) Então foi este aqui (aponta para a imagem do palco) o Eloy, o precursor de tudo.”⁷

No depoimento de Sr. Mazinho, está presente o entrelaçar de histórias e sociabilidades. A história da escola de samba, a do trabalho no porto e a religiosidade se entrelaçam à trajetória de Eloy Anthero Dias. Outra questão presente na declaração do Sr. Mazinho, foi a possível ideia do “poder”, que emanava de Mano Eloy, nos espaços em que foi mencionado. Na memória de Sr. Mazinho, esse poder e/ou influência exercida por Eloy teriam sido determinantes para o desenvolvimento da agremiação - se foi determinante ou não, essa não era a questão no momento. No entanto, diante da menção de seu nome em outros depoimentos e da homenagem feita na quadra com seu nome, é possível considerar que sua influência foi importante para a história da escola de samba.⁸

A alusão a uma espécie de poder ou à influência relacionados a Mano Eloy me fez pensar nos caminhos que levaram esse indivíduo a ser percebido nas suas relações sociais, como uma pessoa de “poder”. De onde advinha esse poder e quais foram os caminhos de construção dessa ideia? Será que era um poder real ou uma característica

⁵ Não encontrei documentos que atestem essa prática, mas essa é uma das histórias que circulam nos espaços imperianos e no porto, inclusive, segundo alguns portuários, a prática de doação acontecia através do Livro de Ouro da escola de samba, o que lhes garantia entrada gratuita nos eventos que aconteciam na agremiação.

⁶ Refere-se a Natalino José do Nascimento, o Natal da Portela.

⁷ BARBOSA, Cidiomar Clóvis. Entrevista concedida a autora, 19/05/2011. Essa entrevista faz parte do material produzido para a dissertação de mestrado. Ver. BARBOSA, A.T.S.P. *Nasceu lá na Serra uma linda flor: Memórias sobre a fundação do Império Serrano (1947-1952)* Dissertação (Mestrado em História Social) – UERJ- FFP. São Gonçalo, 2012. Anexo A.p.135.

⁸ Ver. BARBOSA, Alessandra T.S.P. idem. 2012.

de “status” social, que foi se construindo a partir de “símbolos”, que foram capitaneados na vivência cotidiana? Que “símbolos” ou práticas seriam estas que levariam seus pares a considerá-lo como um sujeito de influência e poder, ou seja, um indivíduo que teria certa respeitabilidade em seus meios de sociabilidade?

Naturalmente, não tenho aqui a pretensão de dar respostas definitivas, mas suscitar questões ligadas às experiências e trajetórias de homens negros, no período do pós-abolição no Brasil, assim como pensar através de episódios da trajetória de Mano Eloy como os homens negros foram agentes na construção de espaços de trabalho, de negociação, de embate político e de sociabilidades.

Eloy Anthero Dias foi um indivíduo que se destacou na sua profissão e exerceu influência, em diferentes espaços culturais do cenário carioca. Essa influência seria, talvez, aquilo a que o Sr. Mazinho, da Velha Guarda do Império Serrano, chamou de “poder”, ou seja, o desenvolvimento de certo prestígio ou status de respeitabilidade. Esse prestígio, que certamente não aconteceu “da noite para o dia”, foi sendo construído ao longo de sua trajetória.

Divulgadas nos periódicos da época e na memória de seus contemporâneos, a história de Mano Eloy, assim como a de muitos outros personagens negros, fazem parte da memória das agências negras em busca de inserção social no pós-abolição. No entanto, ainda que sua trajetória seja permeada de eventos e relações que estiveram ligadas à busca por cidadania da população negra, suas ações são pouco mencionadas ou silenciadas na atualidade.

Algumas pesquisas que tratam sobre o carnaval ou o trabalho no porto do Rio de Janeiro fizeram breves menções sobre esse personagem, com isso, o caminho dessa pesquisa terá como fontes centrais os periódicos que registraram sua participação na vida pública da cidade do Rio de Janeiro.⁹ Tendo vivido até 83 anos de idade, Mano Eloy foi um homem citado diversas vezes nos jornais, tendo sua maior concentração nas

⁹ Geralmente, repetições da matéria feita por Jota Efegê. Ver: JOTA EFEGÊ, *Figuras e Coisas da Música Popular Brasileira*; apresentação de Carlos Drummond de Andrade e Ary Vasconcelos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funart, 2007. Volume I. Sobre pesquisas tiveram enfoque ao trabalho no porto destaque: CRUZ, Maria Cecília Velasco. *Virando o Jogo: Estivadores e Carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. Tese de Doutorado: USP, São Paulo, 1998. E sobre carnaval: Ver. BARBOSA, Alessandra T.S.P. *Nasceu lá na Serra uma linda flor: Memórias sobre a fundação do Império Serrano (1947-1952)* Dissertação (Mestrado em História Social) – UERJ- FFP. São Gonçalo, 2012.

décadas de 1930 e 1940.¹⁰ Sua trajetória foi marcada pelo circular em diferentes espaços de sociabilidades negras. Em ocasião de sua morte, o jornal *O Globo* publicou:

Ontem, Elói Antero Dias – o Mano Elói – foi sepultado no Cemitério de Irajá. Sobre o caixão, a bandeira do Império Serrano que ele ajudou a fundar.

Com Mano Elói, falecido aos 90¹¹ anos, desaparece uma das figuras mais importantes da época áurea do samba, do qual ele foi, ao longo de 34 anos, ardente defensor e uma espécie de “guia espiritual” cujos conselhos os sambistas procuraram até seus últimos instantes de vida. Fundador do “Prazer da Serrinha”, do qual saíria depois a Império Serrano, ele foi também o primeiro Cidadão do Samba do Rio. (grifos meus)

Além de sambista de “primeira água”, Mano Elói era um dos maiores conhecedores do jongo ou caxambu. (grifos meus)

Foi ele o segundo¹² presidente da União e manteve-se em sua presidência até meados da década de 50. Foi também fundador do Sindicato da Estiva e por três vezes presidente da Associação dos Arrumadores, cujos sócios são conhecidos por “turma da resistência dos cais do porto”. Seus esforços em favor das escolas levaram ao Conselho Superior das Escolas de Samba a admiti-lo, ano passado, como seu primeiro membro vitalício.¹³

A fonte que tinha como intuito exaltar as contribuições de Mano Eloy em diferentes cenários socioculturais do Rio de Janeiro, assinala questões importantes que fizeram parte da memória que gira em torno de quem foi esse personagem. Chama atenção que na matéria em questão as palavras escolhidas pelo jornalista parecem sepultar não somente o corpo de Mano Eloy, mas também toda a sua contribuição como “guia espiritual” e “sambista de ‘primeira água’” ao dizer que este desapareceria. Mesmo fazendo parte da construção cultural negra na cidade do Rio de Janeiro, como um dos membros daquela primeira geração de sambistas que viram nas escolas de samba caminhos de autorrepresentação, a história de Mano Eloy foi circunscrita ao espaço da

¹⁰ Mais à frente desenvolveremos mais sobre essa questão, que foi determinante para delimitação do recorte temporal.

¹¹ Aqui foi um erro cronológico, pois Eloy teria 82 ou 83 anos.

¹² Aqui mais uma vez o jornal comete um erro cronológico, pois consta que Mano Eloy teria sido o quinto presidente dessa instituição. Na sequência a UGES teria tido como seus primeiros presidentes: Flávio Costa, que foi substituído por Pedro Canali, depois, Servam Heitor de Carvalho. Em 1937, Servam de Carvalho foi destituído da UES, entrando em seu lugar Luís Nunes da Silva, o Enfiado. Ainda neste ano, Elói Antero Dias, o Mano Elói, seria eleito para ser o quinto presidente da entidade. Ver CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba; o que, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1974; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001.

¹³ O GLOBO, 12/03/1971.

Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café¹⁴ e ao GRES Império Serrano sem, no entanto, que se dimensionasse a amplitude de sua contribuição. Sua presença física desaparecera no momento de sua morte e sua memória aos poucos foi relegada ao apagamento, quando muito, a repetição de feitos que assinalam certa excepcionalidade para um sujeito negro migrante, na cidade do Rio de Janeiro do pós-abolição.

Diante da amplitude de espaços de vivências e sua longa atividade pública, foi necessário fazer um recorte temático e temporal na pesquisa. Naturalmente que os recortes não serão utilizados de maneira engessada, mas como uma forma de estabelecer balizas mais ou menos elásticas que norteiam a análise. Assim, o enfoque dessa pesquisa são suas influências no “mundo das escolas de samba”, nas décadas de 1930 e 1940. Considerando que os indivíduos são multifacetados, na tentativa de ampliação da análise, abordo de maneira não aprofundada outros espaços de sua vivência, bem como outras temporalidades de sua vida no Rio de Janeiro.

Talvez não possa responder a todas as questões que giram em torno das escolhas que levam as histórias de determinados indivíduos, assim com seus nomes, a serem consagradas, ou não, além dos espaços de sua vivência. A proposta da pesquisa é, a partir da trajetória de Mano Eloy, identificar agências que os negros se utilizaram para se fazerem presentes de maneira efetiva na sociedade do pós-abolição. Para tal, considero as ações e/ou aproximações das quais esses sujeitos, de maneira individual ou coletiva, lançaram mão, em busca de cidadania e autorrepresentação diante da exclusão social na forma do racismo.

Busco fazer uma reflexão sobre a trajetória de Mano Eloy inserida em um contexto que esteve marcado pelas diferentes estratégias da população negra, para a sua inserção sociopolítica no Rio de Janeiro do pós-abolição. Assim, me utilizo de algumas ações deste personagem para evocar questões que se relacionam com projetos, experiências e expectativas deste grupo de pessoas. É pensar ora através do indivíduo Mano Eloy, ora através das experiências coletivas partilhadas pelas pessoas negras no pós-abolição.

¹⁴ Daqui em diante somente Sociedade de Resistência ou Resistência. Sindicato ao qual, Mano Eloy, fez parte por um longo período de sua trajetória.

No que se refere ao estudo de episódios da vida de um sujeito, a questão que se coloca é o alcance dos significados históricos que podem ser percebidos diante das ações de um indivíduo. Considero que é possível, através da vida de um sujeito histórico, “descompartimentar”¹⁵ os recortes temáticos pelos quais optamos no processo de especialização historiográfica.

Na redução de escala de observação da história de vida, diferentes temas se revelam entrelaçados e nos permitem pensá-los de forma mais integrada e abrangente, como partes integrantes de um mesmo processo histórico visto, no entanto, a partir de outro prisma.¹⁶

Dessa forma, considero a narrativa de vida não como a seleção de ações ilustrativas de grupos ou períodos, mas na atribuição de certa capacidade normativa e explicativa, diluidora das singularidades do sujeito. Seria, portanto, um caminho que busca perceber a capacidade de interação do sujeito e seu contexto. Assim, na interação entre sujeito e cultura, seria possível que a biografia possa, em seu jogo de escalas¹⁷, “aspirar a responder problemas históricos mais amplos”.¹⁸

Regina Xavier destaca a questão que julga mais complexa em relação à biografia, ou seja, os significados percebidos através do entrelaçar da personalidade do indivíduo com o contexto. Considerando a natureza multifacetada dos indivíduos e as possíveis influências sociais e culturais a que estes estão sujeitos, Xavier indaga se seria o indivíduo uma “babel de vozes” ou seria feito a partir do molde da cultura que o cerca. A solução encontrada foi considerar a relação entre sujeito e contexto “como uma interação recíproca e dialógica.”¹⁹

Ao observar a trajetória de vida de Mano Eloy, pode-se analisar como as expectativas e as possibilidades são agenciadas em direção à inclusão. Nesse sentido, depara-se com o diálogo entre biografia e a História. O desafio é o de pensar como a trajetória percorrida pelo indivíduo na construção de sua identidade se relaciona com os significados de suas ações sociais, ou ainda, como o indivíduo, em sua multiplicidade e através das possibilidades abertas por diferentes redes, pode ser porta-voz das

¹⁵ XAVIER, Regina Célia Lima. Biografia e História: o que Mestre Tito pode nos ensinar sobre o passado? *História Social*, n. 24, primeiro semestre de 2013. p. 95

¹⁶ *Ibidem*

¹⁷ REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

¹⁸ *Idem*, p.96

¹⁹ XAVIER, Regina Célia Lima. *Op. Cit.*, 2013 p.95

expectativas de inclusão. O caminho escolhido é a análise da relação deste indivíduo com seu contexto e, por conseguinte, a identificação de suas possíveis redes de sociabilidades.

Em se tratando de uma pesquisa em História, e sobretudo, da trajetória de vida de um indivíduo, o contexto no qual se desenrola o estudo é uma das ferramentas para a ampliação da análise. A noção de trajetória sugerida por Bourdieu para a compreensão da história de um sujeito ou grupo passa pela ideia da construção do contexto, ou seja, considera o espaço das relações estabelecidas pelo biografado em seu tempo. Indaga o autor: “Quem pensaria em evocar uma viagem sem ter uma ideia da paisagem na qual ela se realiza?”²⁰

Ao considerar o contexto como viagens que compõem os cenários para a compreensão das experiências dos sujeitos históricos a busca pela linearidade pode comprometer o sentido crítico das ações dos indivíduos. Entre as noções de biografia e trajetória a proposta dessa pesquisa é considerá-las para além de uma perspectiva linear sobre a vida de um indivíduo. Percebendo-as a partir de um encadeamento de episódios que nos ajuda a alcançar e analisar questões mais amplas. Na compreensão de aspectos mais gerais das vivências dos grupos as quais tais sujeitos fizeram parte e os possíveis encadeamentos com os demais grupos da sociedade. Tendo isso em mente cabe considerar quais ações e contextos ajudam a entender as contribuições de determinadas trajetórias na transformação de suas realidades e de outros indivíduos.

A paisagem na qual Eloy Anthero Dias torna-se conhecido e respeitado como sujeito que agrega diferentes ações da cultural urbana do Rio de Janeiro foi a de transformações nas instituições políticas e sociais brasileiras. Para delinear as cores desse quadro que ajudará a compreender as ações pelas quais Mano Eloy alcançou destaque, temos como perspectiva as transformações engendradas pelo pós-abolição, a Primeira República e o Período Vargas.

No que se refere ao pós-abolição, considera-se que parte de sua trajetória se desenrolou nos anos imediatamente após a abolição da escravidão e que ao longo dela, as demandas advindas dessa condição estiveram presentes nas figuras do racismo e da exclusão social. Portanto, esse período não será analisado, necessariamente, pela

²⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191. p. 190.

questão temporal, mas tendo em vista que tais problemas são fatores presentes nas trajetórias dos indivíduos negros no Brasil. Assim esta perspectiva estará presente por todo o recorte temporal desta pesquisa.

A condição de ser negro em uma sociedade permeada pelo racismo se colocou de diferentes maneiras na vida de Mano Eloy, o que possivelmente explicaria determinadas ações coletivas ou individuais. O estudo de episódios de sua trajetória pode ser um caminho para a ampliação do entendimento da participação política e cultural no referido período, tendo como perspectiva o panorama de questões que se colocaram no horizonte das populações negras pós-abolição. Isto posto, abordarei a figura de Mano Eloy como inserida nos processos forjados pelas transformações políticas que levaram ao reposicionamento social, sobretudo das camadas pobres e negras do Brasil, na virada dos séculos XIX e ao longo do século XX.

Analisar a sociedade brasileira pelo viés do pós-abolição é uma perspectiva que visa aprofundar a compreensão de diferentes aspectos das relações raciais no Brasil. Considerando-se que, após a assinatura da lei que acabaria com o sistema de trabalho escravista, para a população negra se colocaria um cenário de permanências e rupturas que impactariam na sua inserção social. Não através de uma visão naturalizada que remetesse à escravidão como herança, de acordo com algumas produções das ciências sociais das décadas de 1950 e 1960²¹, mas como processos que levassem ao reposicionamento de relações entre diferentes indivíduos na sociedade brasileira. Tais processos se deram em direção ao desenvolvimento da noção de direitos e às demandas por cidadania, por parte de indivíduos ou grupos descendentes de ex-escravizados que diante desse novo cenário, mantiveram ou ressignificaram suas formas de se relacionar política e socialmente.

Entende-se que o conceito de cidadania é múltiplo e sofreu, e ainda sofre, transformações ao longo do tempo.²² Não vou aqui lançar um debate do desenvolvimento do conceito ao longo do tempo e do espaço, o que nos interessa nessa pesquisa e pensar as particularidades irradiadas pelas expectativas não alcançadas pela

²¹ FERNANDES, Florestan, BASTIDE, Roger. *Branco e Negro em São Paulo*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1971 (3ª edição); FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, São Paulo, FFLCH-USP, 1964.

²² Ver: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. São Paulo: Claro Enigma, 2012

cidadania no pós-abolição. No contexto brasileiro, direitos civis, sociais e políticos faziam parte das expectativas e pautas de reivindicações da população negra antes e depois do estatuto que deu fim ao sistema escravista. A luta por liberdade de seu corpo, o de ir e vir, dentre muitos outros direitos estiveram na pauta e foram agenciadas de diferentes formas por indivíduos e grupos negros. No entanto, com abolição significados práticos e simbólicos dessa dita cidadania esteve permeada de contradições que colocavam em lados opostos o “bom cidadão”, aquele que estaria ligado aos modelos brancos civilizados importado da Europa e o “mau cidadão”, os negros que insistiam em exhibir seus corpos e práticas culturais em diferentes espaços, lembrando aos idealizadores de um Brasil civilizado de seu passado bárbaro, escravista. Diante da contradição entre o cidadão civilizado branco e as expectativas de uma população negra e mestiça projetos de cidadania são delineados e agenciados. Isso, não quer dizer que os grupos de pessoas negras e mestiças estiveram constantemente em embates diretos, mas que havia a percepção crítica e a negociação em direção à aquisição de questões próprias não atendidas pelos projetos do Estado.

A perspectiva adotada nesta pesquisa considera que entre significados práticos e simbólicos os projetos de cidadania dos detentores do poder político no sentido mais tradicional irradiado pelo Estado, nem sempre - ou quase nunca, eram compartilhados e/ou atendiam as massas da população. O que quero dizer é que diferentes projetos de cidadania estavam presentes no período contemplado pela pesquisa, a proposta é pensar que para além dos projetos políticos estatais, indivíduos ou grupos de pessoas negras partilharam projetos de cidadania, que podiam, ora estar alinhado com projetos de cidadania mais amplos, ora em desacordo com estes.

O discurso naturalizado, durante muito tempo, indica que o negro após a abolição da escravatura no Brasil, ficou completamente apartado socialmente, sobretudo do mercado de trabalho. Alguns intelectuais construíram argumentos que pautaram tais percepções a respeito da inserção do negro na sociedade após o fim do cativo. Da produção de Gilberto Freyre²³, na década de 1930, às produções de Florestan

²³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

Fernandes²⁴ e seus discípulos, da chamada “escola sociológica da USP”, a situação da população liberta estaria diretamente ligada à vivência no cativeiro.

Vale destacar que o esforço da escola sociológica em estudar o pós-abolição metodológica e teoricamente, ou seja, com preocupações científicas, foi essencial. Além de pioneiro, para a constituição do campo, apresentando questões e demandas próprias da área, com enfoque na inserção dos negros na sociedade. Seu trabalho acabou por desenvolver certa concepção histórica para a análise das questões relacionadas à escravidão e ao pós-abolição. Até o final da década de 1960, os cientistas sociais apoiavam a ideia da inserção dos libertos ligada ao legado escravista, porém nem sempre concordavam com a natureza dessa herança.

Para citar um exemplo, temos a obra do economista Celso Furtado que ao analisar “a eliminação do trabalho escravo no Brasil”, considera esse processo muito mais político do que econômico, pois eliminaria uma das vigas de sustentação do poder produzido pelo sistema colonial, não gerando impacto real na economia. O fundamento do argumento de Furtado estaria no desenvolvimento de determinado perfil durante a escravidão, que levou os escravizados ao “desaparelhamento para responder a estímulos econômicos”²⁵, ao gosto pelo ócio e a não formação familiar. Tais comportamentos seriam a base para uma suposta formação mental do grupo de ex-escravizados e seus descendentes, no período do pós-abolição. Afirma Furtado que por toda a primeira metade do século XX: “a grande massa dos descendentes da antiga população escrava [continuará] vivendo dentro de seu limitado sistema de ‘necessidades’, cabendo-lhe um papel puramente passivo nas transformações econômicas do país”²⁶.

Com esse discurso, o perfil do negro no pós-abolição esteve ligado à ideia de anomia, caracterizada pela falta de objetivos, desqualificação profissional, sendo o negro desarticulado social e politicamente para os projetos civilizatórios do mundo moderno – sem falar na falta de identidade que levava ao complexo de inferioridade. Ao

²⁴ FERNANDES, Florestan. e BASTIDE, Roger. Op cit. 1964; FERNANDES, Florestan. Op. cit. 1971. IANNI, Octavio. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1966; CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, São Paulo, Cia das Letras, 1962. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2000.

²⁵ FURTADO, Celso. Op. cit., p. 142.

²⁶ *Ibidem*. p. 142.

analisar a trajetória de Lino Guedes, Petrônio Domingues destaca que a questão é muito mais complexa do que apontava Celso Furtado:

Além dos negros que ficaram marginalizados – que, diga-se de passagem, não se recomenda negligenciá-los – houve aqueles que, sem abdicar de sua identidade racial, também ascenderam social e culturalmente, destacando-se em profissões de prestígio, sendo reconhecidos em ambientes letrados e respeitados pelos mais diferentes estratos da sociedade.²⁷

A partir da década de 1970, surgiram novas concepções sobre o cotidiano no ambiente escravista²⁸. Entre elas, a ideia da ação dos escravizados na negociação de espaços de possibilidades. O escravo negociador e agente levou à ampliação do papel social dos escravizados na sociedade. Segundo Rios e Mattos, foi a partir do enfoque da história social que as pesquisas sobre escravidão nas Américas apresentaram um incremento que apontou para a revisão historiográfica e, por conseguinte, para novas visões do período pós-abolição, implicando abordagens centradas nas experiências dos libertos e nos contextos sociais engendrados por estes. Para as autoras, o enfoque da questão partiria do reconhecimento de que as ações que levaram ao fim da escravidão moderna estariam imbricadas com outro processo:

[...] o de definição e extensão dos direitos de cidadania nos novos países que surgiram das antigas colônias escravistas. E que, por sua vez, a definição e o alcance desses direitos estiveram diretamente relacionados com uma contínua produção social de identidades, hierarquias e categorias raciais. Nesse sentido, a historicidade das identidades e classificações raciais tornou-se questão central para o entendimento dos processos de emancipação escravos e das formas como as populações afrodescendentes e as sociedades pós-emancipação lidaram culturalmente com os significados da memória do cativo.²⁹

A abolição e a República, embora não tenham propiciado conquistas amplas aos pobres e negros, foram marcos formais importantes em direção às conquistas de direitos de cidadania. Diante dessa perspectiva, Carolina Dantas e Martha Abreu³⁰, em artigo sobre o político Monteiro Lopes e o músico Eduardo das Neves, buscaram

²⁷ DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. Rio de Janeiro: *Afro-Ásia*, 41 (2010), 133-166.

²⁸ Para uma perspectiva da produção, ver: SCHWARTZ, Stuart. A historiografia recente da escravidão brasileira, In., *Roceiros, escravos e rebeldes*. Bauru- SP, Edusc, 2001.

²⁹ RIOS, Ana Lugão, MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativo*: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005. p.29.

³⁰ ABREU, Martha e DANTAS, Carolina Vianna. É chegada “a ocasião da negrada bumar” comemorações da Abolição, música e política na Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, n° 45: p.97-120, jan/jun 2011.

problematizar a participação política dos negros. Declaram que, mesmo diante da exclusão social e repressão policial, os negros estabeleceram espaços “de expressão e participação política”³¹. O desafio seria compreender os significados desses espaços a partir do alargamento da ideia de participação política, uma vez que:

Havia expectativas quanto às possibilidades de inclusão e foi esse o caminho que buscaram trilhar nos palcos, na imprensa, nos comícios em praça pública, nas gravadoras de discos, nos clubes recreativos, nas associações e irmandades negras, nos terreiros, nas festas e folias, e no parlamento.³²

Um ano após a lei que deu fim ao sistema escravista, instaura-se o regime republicano como sistema político vigente no Brasil. Com isso, as transformações sociais que vieram com a abolição da escravatura aliaram-se às mudanças do novo sistema. Assim, diante da República, o discurso modernizador ganha força, voltando-se para valores que – em nome da adoção de símbolos que se aproximassem dos modelos ditos civilizados importados da Europa – criaram um caminho de negação e perseguição de práticas que lembrassem o atraso, como aquelas de um passado muito próximo, por sinal, escravista. De maneira geral, foi um período no qual as práticas socioculturais de matriz africana eram consideradas como mostras de barbarismo e atraso. O que não quer dizer que, diante da perseguição e exclusão da população negra, não houve caminhos forjados pelos ex-escravizados e seus descendentes para a preservação de suas práticas culturais e a sua inserção social e política.

Considerando a participação política com significados mais amplos, abrimos o caminho para análises mais férteis, a fim de compreender as experiências negras na Primeira República (1889-1930). Diante dessa perspectiva, Martha Abreu e Castro Gomes questionam os termos utilizados pela historiografia que considerou, por muito tempo, o período entre 1889 a 1930 como o de República Velha, em uma relação oposta ao Estado Novo (1937- 1945). Destacam que essa periodização esteve ligada ao projeto político cultural do Estado Novo, para se auto firmar em uma posição oposta ao “velho, ao equívoco” das práticas fracassadas do período anterior. Tal denominação

³¹ Idem p.105.

³² ABREU, Martha e DANTAS, Carolina Vianna. *É chegada.....* Op. Cit., 2011 p. 101.

desconsidera “toda variada e numerosa gama de formas de participação política e cultural ocorridas nesse espaço de tempo.”³³

Também não devemos perder de vista que, além da construção de uma ideia negativa para o período anterior, o Estado Novo construiu uma imagem de “agenciador” da participação política e social do período, formando concepções que entendiam o Estado como gerador de benesses, lideranças políticas e culturais de fora para dentro dos movimentos.

Portanto considero, para esta pesquisa, as experiências da população pobre e negra para além da fórmula (muito propalada) da desorganização e infertilidade das práticas da Primeira República, e do Estado como agenciador das questões do povo, como no período varguista. Será privilegiada, dessa forma, a análise que valoriza os diferentes significados políticos e sociais engendrados pela população de negros no Rio de Janeiro. Analiso, assim, por alguns recortes de espaços sociais da trajetória de Mano Eloy, as experiências desses grupos para fazerem valer suas demandas por cidadania. Considero sua relação com o carnaval³⁴ e, sobretudo com o desenvolvimento do carnaval das escolas de samba. Entendendo as escolas de samba como espaços para além do lazer, como espaços de irradiação de discursos de construção de cidadania negra, associativismo negro e, por conseguinte, movimento negro. O lazer aqui compreendido como dentro de valores simbólicos irradiados pela ideia de cidadania, forjando espaços de experiências partilhadas coletivamente.

Entendendo movimento negro para além da análises que o caracterizava como sendo aqueles que levantavam bandeiras explícitas junto a órgãos formais sobre as demandas e reivindicações da população negra na busca de inclusão social. Considerando, por tanto, como movimento negro organizado as associações compostas por pessoas negras que se utilizaram de formas diferenciadas de participação na luta contra o racismo e por melhores condições para a população negra, seja de maneira simbólica ou prática, no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro do pós-abolição. Assim como em Rufino, movimento negro poderia englobar: “todas as entidades, de qualquer

³³ABREU, Martha. GOMES, Ângela de Castro. *A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia*. Apresentação. Tempo. V. 13 n° 26, p.9.

³⁴ Naturalmente que esta forma de abordar suas identidades de forma separada é uma forma de expor suas variadas faces, no entanto não podemos perder de vista que as identidades dos indivíduos não são fragmentos separados, são partes que os compõe, como sujeitos múltiplos e em identidades multifacetadas.

natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros. (utilizo *preto*, neste contexto, como aquele que é *percebido* pelo outro; e negro como aquele que se *percebe* a si)".³⁵ Mais a frente Rufino, em sua definição do que é movimento negro, chama atenção ao que chamou de “chantagem do maquiavelismo ocidental”, que segundo ele seria a perspectiva que hierarquiza ações sociais, “estigmatiza como alienadas e inferiores as não explicitamente políticas, e como inconsequentes as que parecem não acumular energia política”.³⁶ Afirmando que, “Toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.”³⁷

Ao considerar os projetos de cidadania para a inclusão da população negra através das escolas de samba amplia-se a perspectiva do que é “política” e “cidadania”, uma vez que diferentes estratégias são adotadas. Posso citar como exemplo a presença no primeiro regimento do GRES Império Serrano³⁸, escola de samba que Mano Eloy teve íntima relação, a iniciativa de ter em suas dependências escolas de alfabetização. A escolarização pode ser entendida como parte de um projeto de inserção, portanto de busca por cidadania que foi compartilhada entre os indivíduos e os grupos que faziam parte dos quadros da referida associação - a alfabetização era um diferencial em direção a inserção e, portanto, a cidadania. Assim, tomar a si, através da associação de alfabetizar-se era um indício da percepção da exclusão social e de projetos de cidadanias. Saber ler e escrever eram formas de diferenciar-se no mercado de trabalho e um pressuposto básico para se participar dos pleitos eleitorais o que pode caracterizar como projetos de cidadania irradiados pela alfabetização básica, presente no Império Serrano.³⁹

O carnaval foi uma temática da qual, durante muito tempo, os historiadores se mantiveram afastados, permanecendo como foco de atenção de folcloristas,

³⁵ SANTOS, Joel Rufino dos. Movimento Negro e Crise brasileira. In BARBOSA, Wilson do Nascimento e SANTOS, Joel Rufino dos. *Atrás do muro da noite: dinâmica de culturas afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Cultura/ Fundação Palmares, 1994, p.157

³⁶ *Ibidem*

³⁷ SANTOS, Joel Rufino dos. Op. Cit. 1994, p.157

³⁸ Analisaremos essa questão mais à frente.

³⁹ A participação em pleitos eleitorais pode ser compreendida como a aquisição ou inclusão na tomada de decisões de cunho comunitário e/ou de Estado. Mesmo que simbolicamente era um elemento social crítico que gerava pertencimento e tomada de decisão política. Sem falar nas diferentes relações entre comunidades, associações, grupos e indivíduos com determinados políticos na negociação e reivindicação de questões que lhes eram negligenciadas pelo Estado.

antropólogos e sociólogos. Não iremos aqui fazer um estudo aprofundado das diversas pesquisas que contemplaram o tema, mas salientar alguns enfoques que nos fazem pensar a festa para além do lazer puro e simples.

O lazer considerado como dentro de um conjunto de aquisições que fazem parte do repertório de reivindicação de grupos excluídos socialmente. No caso dos libertos e seus descendentes podemos dizer que fazia parte das “Visões de Liberdade”⁴⁰, ou seja, das experiências com a liberdade na construção de espaços próprios de lazer que exerciam diferentes funções para os grupos envolvidos, desde espaços de entretenimento a redes de sociabilidades que garantiam desenvolvimento intelectual e mesmo financeiro.

Durante muito tempo, sob a influência do trabalho de Maria Eneida de Moraes⁴¹, as diferentes formas de brincar o carnaval no Rio de Janeiro foram compreendidas como uma espécie de evolução, na qual, em um primeiro momento, tínhamos o entrudo, com suas diferentes formas de festejar, depois a organização dos ranchos e cordões carnavalescos e, na sua forma mais madura, a fundação das escolas de samba. O trabalho de Maria Eneida foi fundamental por identificar as formas de brincar o carnaval no Rio de Janeiro, no entanto desconsiderou que estas conviveram e participaram dos espaços públicos num mesmo momento e que seus nomes, formas e símbolos eram, na prática, mais fluidos que a fórmula proposta pela autora.

Muitos anos depois da obra de Maria Eneida, temos a pesquisa de imensa magnitude de Maria Clementina Pereira da Cunha, que propôs a análise do carnaval de 1880 a 1920, pelo viés da história social da cultura.⁴² A autora destaca a existência e a convivência de diferentes formas carnavalescas na cidade, identificando nestas a presença das camadas pobres. Observa, inclusive, que as várias modalidades de brincar o carnaval se apresentavam de maneira polifônica e polissêmica. Ainda ressalta que as “lógicas pelas quais a presença pública e carnavalizada das classes pobres foi entendida e assimilada”⁴³ pelas elites, e pelos próprios sujeitos das classes pobres, estiveram muito

⁴⁰ CHALHOUB, Sidney. *Visões de Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia das Letras, 2011

⁴¹ MORAIS, Maria Eneida de. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

⁴² CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos Da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴³ Idem p.157.

mais ligadas às redes de relações e solidariedade entres os indivíduos do que às formas propriamente ditas de festejar.

Tais processos de criação de identidades e de conflitos tiveram menos a ver com as fórmulas eleitas para a brincadeira que com os tortuosos caminhos pelos quais redes de solidariedade e antagonismo foram tecidas na história da cidade e na experiência múltipla de seus trabalhadores-foliões. Naquela circunstância, ademais, a questão relacionava-se com as estratégias e possibilidades com que negros e pobres em geral testaram as novas regras sociais após a abolição e a República e como seus ‘outros’- encastelados na imprensa, nos carros de ideias das Grandes Sociedades ou nos postos públicos - tentaram controlar e moldar sua incômoda presença.⁴⁴

Outra questão controversa sobre o carnaval é a análise da aparição das escolas de samba no cenário carioca. Fundadas no final da década de 1920, as escolas de samba foram consideradas ora como formas acabadas das manifestações carnavalescas⁴⁵, ora como projetos das classes dominantes para enquadrar as massas em práticas que pudessem controlar.⁴⁶

Para Soihet⁴⁷, a participação dos populares no projeto de integração à política nacionalista não foi um movimento de mão única e de cima para baixo. Vargas aproveitou-se das manifestações da música popular e das agremiações como veículo de integração dos populares. O entrelaçamento cultural, o alcance do samba e do carnaval, foi determinante para a sua “escolha” como manifestação cultural a ser inserida no projeto nacionalista.

Assim como Soihet, Fernandes se opõe às análises que atribuem a “trajetória bem sucedida das escolas de samba a um simples estratagema das classes dominantes para a ‘domesticação da massa urbana’ ou, ainda, como instrumento para o enraizamento do mito da democracia racial no Brasil.”⁴⁸ Essa perspectiva considera as

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ MORAIS, Maria Eneida de. Op. cit. 1958

⁴⁶ QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de Samba do Rio de Janeiro, ou a domesticação da massa urbana. *Ciência e Cultura*, 36 (6): pp. 892, 909, 1984. & _____. *Carnaval brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional*, *Ciência e cultura*, 39(8); pp. 717, 729, 1987. & _____. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992; AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁴⁷ SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

⁴⁸ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001. p. XVII

agências do grupo de sambistas para criação de estratégias que visavam à negociação de sua inserção no cenário carnavalesco do final da década de 1920 em diante.

No que se refere ao campo teórico, consideraremos as relações estabelecidas pelas redes de Eloy Anthero Dias a partir do viés do conceito de “experiência” desenvolvida por Thompson⁴⁹. Estudar a trajetória de Mano Eloy e o conjunto de suas relações sociais aproxima-se da perspectiva thompsoniana, ao considerarmos que as ações dos indivíduos ou grupos podem ir além das ações políticas diretas.

Dessa forma, podemos analisar situações acerca do cotidiano que não necessariamente estariam inseridas no ambiente de trabalho, como os costumes, as crenças, os rituais e as festas. Faz-se necessário perceber outros espaços identitários engendrados pelas sociabilidades de trabalhadores como fatores políticos que se desenvolveriam na relação entre as manifestações culturais e sociais. Assim, consideraremos as experiências e significados das práticas individuais e coletivas da população negra em direção à compreensão dos aspectos das reivindicações por inserção na sociedade.

Thompson concebe o papel das experiências compartilhadas pelos operários para além de um quadro que remete a uma história política e ideológica. Dessa forma, pode-se perceber em que medida os agentes históricos, em ações individuais ou coletivas, participam ativamente das transformações sociais. A categoria “experiência” traz à tona as vivências dos atores históricos, tendo como perspectiva os valores dos trabalhadores, orientados por certo comportamento político.

A perspectiva do associativismo negro consiste em outro ponto que norteará nossa pesquisa. Tendo como perspectiva a noção de associativismo negro proposta por Petrônio Domingues ao considerar os projetos de distintos agrupamentos que se identificavam e estabeleciam solidariedades, enfrentando contradições em direção aos seus direitos civis. Considero que as formas associativas negras, no Rio de Janeiro foram além do levantamento de bandeiras explícitas de seu caráter racial. Forjando diálogos com agentes internos e externos na manutenção de espaços de negociação de direitos.

⁴⁹ THOMPSON, Edward P. Folclore Antropologia e História Social. In Silva, Sérgio; Negro, Antônio Luigi(orgs). *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*.Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

Quanto à metodologia, faço uso da história oral, na produção de entrevistas com a família de Mano Eloy, produzidas por mim e, da análise de entrevistas de alguns de seus contemporâneos, produzidas pelo Museu da Imagem e do Som e pelo Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI).

Como pessoa pública, Mano Eloy foi citado em diferentes periódicos ao longo de sua vida, os quais serão utilizados como fonte para o desenvolvimento desta pesquisa. Recorremos também a depoimentos de seus contemporâneos do “mundo do samba”, nos bancos de dados do Museu da Imagem e do Som. Utilizo, ainda dos arquivos da Sociedade de Resistência (com livros de matrícula e atas de reuniões) e de arquivos de polícia do Arquivo Nacional (como pedidos de autorização de associações dançantes).⁵⁰

Com as informações contidas nos jornais pesquisados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, realizei bancos de dados com passagens da vida pública de Mano Eloy. A primeira busca se deu através da nomenclatura, ou seja, através dos nomes Eloy Anthero Dias, Elói Anthero Dias, Elói Dias, Mano Elói e Mano Eloy. Com os resultados estabeleceram-se eixos temáticos e temporais. Como eixos temáticos foram formados bancos de dados em pastas sobre o trabalho, carnaval, escolas de samba, jongo e afrorreligiosidades, dos quais me utilizo mais profundamente dos dados relacionados ao carnaval e as escolas de samba. Em relação ao eixo temporal nos estendemos para além do recorte proposto para esse estudo, tanto para os anos anteriores quanto aos posteriores ao recorte, por considerarmos que seriam necessários à ampliação da análise de determinados episódios, para darmos conta da compreensão de determinados contextos e relações.

A Hemeroteca digital hoje representa um grande avanço para a pesquisa histórica, uma vez que oferece uma amplitude de fontes e caminhos ágeis para o entrecruzamento de informações. Além desse “esqueleto” formado pelos bancos de dados com fontes que mencionavam Mano Eloy de maneira direta, fui capaz de fazer outros tipos de entrecruzamentos e buscas de informações. Para exemplificar os caminhos que a hemeroteca possibilitou, de uma nota de jornal que apresenta um novo bloco suburbano, no qual menciona Mano Eloy como fundador pude fazer diferentes outras correlações que me fizeram ver o pulsar do carnaval das ruas suburbanas,

⁵⁰ Conteí com a imensa gentileza de Eric Brasil que disponibilizou seu banco de dados para essa pesquisa.

sobretudo, do carnaval de Madureira. Esses foram os múltiplos caminhos possibilitados por essa ferramenta de busca produzida pela Biblioteca Nacional.

A tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro: “Do Vale à Capital: migração, trabalho e solidariedades raciais”, tem como objetivo analisar a trajetória de Mano Eloy, das possibilidades que levaram ao seu deslocamento do vale do Paraíba à capital. Levantar possibilidades sobre o espaço de tempo entre a sua migração em direção do Rio de Janeiro, por volta de 1905 e o homem público da década de 1930. São poucas as menções sobre o referido espaço de tempo todas tiveram como base a crônica escrita por Jota Efegê entrevista feita com Mano Eloy que faz pequenas menções sobre esse período. Com base nessa entrevista levantarei possibilidades, tendo como contraponto, depoimentos de outras pessoas negras, sobre suas experiências como pessoas no mesmo período do pós-abolição. Utilizei do instrumental irradiado pelo conceito de “Memória do Cativo” para analisar práticas e ressignificações que amalgamaram as relações de deslocamento, fixação e trabalho nesse período do pós-abolição, através das possibilidades alçadas pela trajetória de Mano Eloy.

O Capítulo dois intitulado como: “‘O carnaval por quem fez’⁵¹ – samba, carnaval e associativismo negro na Primeira República”, tem como fontes as publicações da imprensa e depoimentos de contemporâneos de Mano Eloy. O objetivo desse capítulo é identificar, através de episódios da trajetória de Mano Eloy, a existência de diferentes espaços culturais ligados ao samba e ao carnaval do Rio de Janeiro da Primeira República, considerando a contribuição para além da historiografia que consagrou o monopólio dos baianos na construção da cultura urbana carnavalesca na cidade, indicando as estratégias de afirmação e conquistas por direitos e cidadania através das associações irradiadas pelo samba e o carnaval.

Com o título de: “Organizações políticas em torno do carnaval das escolas de samba” nos propomos, no capítulo três, a pensar as escolas de samba como espaços de associativismo negro que extrapolaram o lazer, configurando-se como irradiadores de políticas que buscaram romper com a exclusão social. Através de publicações da imprensa das décadas de 1920 a 1950, analisamos a presença de Mano Eloy em diferentes momentos, nos quais, as escolas de samba foram utilizadas como espaços de

⁵¹ Título de uma matéria feita com alguns sambistas para o Jornal do Brasil. Ver: JORNAL DO BRASIL. 20/02/1971. p.02.

legitimação e autorrepresentação, com projetos políticos voltados para a inserção da população de negros no pós-abolição. Identificamos os projetos que poderiam ser irradiados pelas escolas de samba, através de estudo de caso do primeiro estatuto com o G.R.E.S Império Serrano.

O Capítulo quatro, com o título: “Cidadania, identidades raciais e agências das escolas de samba no carnaval da década 1930”, tem como base a divulgação dos personagens para cidadãos do carnaval na década de 1930 para a análise das construções sobre identidades racializadas para os sambistas das escolas de samba do Rio de Janeiro. Perceber as agências engendradas pelas escolas de samba e pela União das Escolas de Samba na eleição do que se queria aproveitar das imagens construídas, de fora para dentro, para os sambistas e as escolas de samba, tendo com Mano Eloy o possível representante da imagem que se queria adotar na busca de autorrepresentação para as agremiações.

CAPÍTULO I - DO VALE À CAPITAL: MIGRAÇÃO, TRABALHO E SOLIDARIEDADES RACIAIS

Vapor da Paraíba (Vovó Teresa).

Vapor berrou na Paraíba,
Chora eu, chora eu Vovó.
Fumaça dele na Madureira,
E chora eu.

O vapor berrou piuí, piuí.
Ô irê, irê, irê,
Ô irê, irê, irê.

Quando eu entro num jongo e começo a cantar
Segura Iôio e Iáia
Logo da minha vizinha começo a lembrar
Segura Iáia

Toca minha gente esse jongo que eu quero escutar
Segura Iôio e Iáia
Nesse balanço gostoso eu vou me acabar
O vapor berrou piuí, piuí⁵²

O jongo⁵³ “Vapor da Paraíba” composto por vovó Teresa⁵⁴, conhecida jogueira do morro da Serrinha, em Vaz Lobo, delinea a memória dos processos migratórios feitos pela população negra ao se deslocar do vale do Paraíba, no pós-abolição. A ligação entre o vapor da Paraíba e a chegada à região de Madureira, acrescenta sua perspectiva e de muitos outros negros que saíram de diferentes regiões em direção à capital do Rio de Janeiro. A letra da música indica que nem sempre esse deslocamento e

⁵² Vovó Teresa. *Vapor da Paraíba*. Rio de Janeiro. s/d. Para ouvir: <<http://museu.jongodaserrinha.org/project/jongo-da-serrinha/#.WFvuJ4WcHIU>> consultado em 22/08/2018.

⁵³ Praticado inicialmente pelos escravos de origem banto que trabalhavam nas fazendas do vale do Paraíba, o jongo é uma manifestação cultural entendida como dança e gênero musical poético. Ver: STEIN, S. J. *Vassouras: Um município brasileiro do café, 1850-1900*. RJ, Ed: Nova Fronteira, 1990; LARA, Sílvia; PACHECO, Gustavo. (orgs.) *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley Stein*. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

⁵⁴ Nascida em Paraíba do Sul, Vovó Teresa morreu na Serrinha aos 115 anos. Antiga jogueira do tempo do cativo, Vovó Teresa trabalhou como empregada doméstica na casa do Marechal Deodoro da Fonseca e mesmo com idade avançada insistia muito para que seus filhos, Antônio Fuleiro e o jogueiro da Portela, Antônio Rufino, dançassem com ela nas rodas de jongo. Ensinou a dança, os pontos e alguns mistérios antigos do jongo para os mais novos da Serrinha. Ver: <<http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-no-brasil/>>. Consultado em 22/08/2018. Segundo depoimentos de Vovó Teresa coletados por Edir Gandra e Spirito Santo há indícios que a jogueira tenha, inclusive, vivenciado o cativo. Ver: GANDRA, Edir. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: Giorgio Gráfica e Editora, 1995. SANTO, Spirito. *Do Samba ao Funk do Jorjão*. Rio de Janeiro, 2016.

fixação eram feitos necessariamente para o centro da capital. Em sua poética, Vovó Teresa pegou o vapor da Paraíba e acabou por chegar à Madureira, região rural que posteriormente viria a compor o espaço do subúrbio do Rio de Janeiro.⁵⁵ Um lamento saudososo do que ficou para trás.

À bagagem de quem migrava estava repleta de experiências que remontavam as “memórias do tempo do cativo”⁵⁶, o que forjaria espaços de vivências que evocavam lembranças de seus ancestrais, da falta de sua avó, de sua terra natal, de suas origens e do toque do jongo.⁵⁷ Ana Rios e Hebe Mattos ressaltam que apropriações e ressignificações fazem parte do repertório de memórias familiares, no entanto, baseadas nas experiências do tempo do cativo e o seu fim⁵⁸. São memórias coletivas transmitidas para filhos e netos, partilhadas por famílias negras no pós-abolição.⁵⁹

Espaços de celebração da memória foram criados em formas de festas que se tornariam tradicionais nas casas das famílias suburbanas. Na região de Madureira, o jongo era tocado no morro da Serrinha, na casa de “Seu Antenor dos Santos, no terreiro da Rua Itaúba, 298. No morro da Congonha, defronte da Serrinha, estava o terreiro de jongo de Dona Florinda e seu marido, Gabriel o Gordo”, na casa de Dona Marta, mãe de

⁵⁵ Ainda no início do século XX utilizava-se o termo subúrbio de maneira genérica para designar qualquer área em expansão que fosse distante do centro e que não possuísse infraestrutura. Isso incluía Copacabana, Leme, Botafogo entre outros. No entanto, ao longo do tempo alguns espaços antes conhecidos como subúrbio foram ganhando atenção pública, muitas vezes relacionada às exigências de moradores que faziam parte grupos sociais com algum peso econômico. Espaços compostos por moradores mais empobrecidos continuaram a ser considerados como subúrbios, principalmente aqueles que posteriormente vieram a ser cortados pelas linhas férreas da cidade. Para mais detalhes sobre a composição dos subúrbios cariocas, Ver: FERNANDES, Nelson da Nóbrega; OLIVEIRA, Márcio Piñon (orgs). *150 anos de Subúrbio Carioca. Rio de Janeiro*: Lamparina: Faperj; EdUFF, 2010. Em especial o artigo de MACIEL, Laura Antunes. *Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado*. In: FERNANDES, Nelson da Nóbrega; OLIVEIRA, Márcio Piñon (orgs). *150 anos de Subúrbio Carioca. Rio de Janeiro*: Lamparina: Faperj; EdUFF, 2010.

⁵⁶ Título da obra e conceito desenvolvidos por Ana Lugão Rios e Hebe Mattos, que trabalhando com as memórias contidas nos depoimentos colhidos entre as famílias de descendentes de ex-escravizados da região do vale do Paraíba, buscaram “explorar as condições de produção e difusão de uma determinada memória coletiva sobre o tempo do cativo que transmitiram de forma surpreendente regular, a seus filhos e netos, bem como as formas como essas memórias foram apropriadas e re-significadas por seus descendentes ao longo do conturbado século XX.” p31. Para mais detalhes Ver: RIOS, Ana LUGÃO; MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do Cativo*: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

⁵⁷ Para saber mais sobre os jongos suburbanos ver: SANTO, Spirito. *Do Samba ao Funck do Jorjão*. Rio de Janeiro. 2016.

⁵⁸ As autoras ressaltam a recorrência nos depoimentos da referência das leis trabalhistas implementadas pelo Ministério do Trabalho na década de 1930, como fator de aquisição da liberdade por parte dos entrevistados. Em uma compreensão de que o cativo teve fim, mas as relações violentas e abusivas dos ex senhores continuavam e isso era considerado um fator que impedia a liberdade de fato nas relações cotidianas. Ver: RIOS, Ana LUGÃO; MATTOS, Hebe Maria. Op Cit. 2005.

⁵⁹ Sobre memórias coletivas, ver: HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

santo conceituada na região, havia o jongo em homenagem ao dia de Sant'Ana. Na Serrinha havia ainda o tradicional jongo do dia de São José oferecido por “Seu Nascimento”, José do Nascimento Filho, marido da Tia Eulália do Nascimento⁶⁰, nascido em 19 de março de 1903, dia de São José.⁶¹ Segundo Valença e Valença “a cada aniversário Nascimento dava jongo, acorrendo a sua casa todos os famosos jongueiros do antigo Distrito Federal e do estado do Rio.”⁶² Spirito Santo identifica no número de casas que ofereciam o jongo como o documento mais veemente do reforço familiar e racial dos grupos oriundos do vale do Paraíba que se fixaram no morro Serrinha, segundo ele:

A expressão “colônia angolo-conguesa da Serrinha” que usamos para definir a área não é de modo algum, como se poderá constatar, um exagero ou simples figura de retórica: ao que tudo indica, havia mesmo uma espécie de colônia de jongueiros na Serrinha.⁶³

Não seria de se estranhar que em um desses espaços ou de tantos outros mais na região, Vovó Teresa e Mano Eloy pudessem ter se encontrado; eram contemporâneos. Senhor Hélio, um dos filhos de Mano Eloy, afirma que seu pai frequentava o morro da Serrinha devido às amizades que tinha por lá, onde jogava cartas e frequentava as festas da localidade.⁶⁴ Como o espaço do jongo era proibido às crianças, são poucas pessoas vivas que podem atestar a identidade de cada jongueiro que frequentava os eventos do morro da Serrinha. Dona Leda, filha de Tia Eulália e “Seu Nascimento”, relata que Mano Eloy era jongueiro respeitado e frequentador dos jongsos de sua família e do terreiro de Dona Marta. Segundo Dona Leda, os jongueiros da região visitavam outros espaços da cidade. Afirma que seu pai frequentava encontros em outros Estados, como Minas Gerais, onde ficava por pelo menos três dias para dançar o jongo⁶⁵.

Assim como Vovó Teresa, Eloy Anthero Dias passou pelo processo migratório que o levou à região de Madureira. Segundo os breves vestígios de sua trajetória, ele foi um dos muitos trabalhadores negros no Brasil do pós-abolição a deslocar-se das áreas

⁶⁰ Eulália do Nascimento uma das fundadoras da Escola de Samba Império Serrano, fazia parte da tradicional Família Oliveira que tinha como membros, Sebastião Molequinho, João Gradim e a Tia Maria da Grota, conhecida como a Tia Maria do Jongo da Serrinha, fundadora do Império Serrano e aquela que guarda a memória dos jongsos tradicionais da região do morro da Serrinha.

⁶¹ VALENÇA, Rachel. VALENÇA, Suetônio. *Serra, Serrinha Serrano: O Império do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 2017.p.39.

⁶² VALENÇA, Rachel. VALENÇA, Suetônio. *Serra, Serrinha, Serrano: o Império do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 2017. p.39.

⁶³ SANTO, Spirito. *Do Samba ao Funk do Jorjão*. Rio de Janeiro. 2016. p.197.

⁶⁴ DIAS, Hélio Anthero. Entrevista concedida a autora. 04/05/2016.

⁶⁵ DIAS, Ledahi Nascimento. Entrevista concedida a autora. 01/06/2017.

rurais em direção à capital. Diferente do que afirmavam algumas produções que viam nos deslocamentos da população de negros no pós-abolição como migrações sem planejamento em direção à capital, foram múltiplas as formas de se lidar com a liberdade e as possibilidades de deslocamento.⁶⁶

Nesse capítulo, analisarei a trajetória de Mano Eloy, das possibilidades que levaram ao seu deslocamento do vale do Paraíba à capital e sua relação com trabalho. Esse espaço de tempo, entre a sua migração em direção ao Rio de Janeiro, por volta de 1905 e o homem público da década de 1930, nos levou a um grande desafio, pela escassez das fontes. Temos, no entanto, o relato do jornalista Jota Efegê, que algumas décadas depois da chegada de Mano Eloy à cidade, documentou suas impressões sobre esse homem que acabaria por se tornar referência nos mundos do trabalho portuário, do jongo, do samba, das escolas de samba e da macumba no Rio de Janeiro.⁶⁷ A memória será uma das rotas acionadas para compor as possibilidades contidas na trajetória de Mano Eloy, através de depoimentos de membros de sua família, assim como duas entrevistas ao jornalista e radialista Rubem Confete.⁶⁸

A proposta é, através da memória daqueles que tiveram algum contato com Mano Eloy, ou de suas histórias, pensarmos nas possibilidades do que poderia ter sido. Considerar as identidades de Mano Eloy construídas a partir do olhar de seus contemporâneos parece-me, assim como Natalie Zemon Davis, ao se deparar com a montagem do filme sobre a vida de Martin Guerre, como ter um espaço gerador “não de provas, mas sim de possibilidades históricas”.⁶⁹ E será neste diapasão que abordaremos as memórias que foram construídas sobre a figura de Mano Eloy. Suas articulações ao lidar com o caráter inconcluso das tão esperadas cidadania e igualdade no pós-abolição.

1.1. Ficar ou se deslocar: algumas considerações

As perspectivas de ficar ou de se deslocar das regiões de lavoura, no pós-abolição, eram estratégias que famílias e indivíduos lançaram mão na busca por

⁶⁶ COSTA, Carlos Eduardo C. da. *Campesinato Negro no Pós-Abolição: Migração, Estabilização e os registros Cíveis de Nascimentos. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IFCS, 2008.

⁶⁷ JOTA EFEGÊ. *Figuras e Coisas da Música popular brasileira*; apresentação de Carlos Drummond de Andrade e Ary Vasconcelos. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Funart, 2007. Volume I.

⁶⁸ CONFETE, Rubem. LABHOI/UFF.2015 Entrevista ainda em tratamento, gentilmente cedida por Martha Abreu.

⁶⁹ DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 10.

inserção no mercado de trabalho, fator primordial para a sobrevivência. Faz-se necessário pensar os processos migratórios das pessoas negras no pós-abolição, de maneira mais ampla. Para tanto, as redes de sociabilidades, contextos econômicos de diferentes regiões devem ser considerados como fatores que impulsionaram as experiências negras com a liberdade de deslocar-se.

Ao desenvolver pesquisa sobre os processos migratórios que levaram ao deslocamento e à fixação de um contingente de descendentes de ex-escravizados do vale do Paraíba em direção a região de Nova Iguaçu, Carlos Costa assinala o conhecimento, por parte dos indivíduos, das economias crescentes e das oportunidades de trabalho. Sua pesquisa faz parte de produções que consideram as experiências negras em busca de agências para a sua sobrevivência e desenvolvimento, no pós-abolição.

Segundo Costa, dentre as motivações que levaram ao deslocamento do vale do Paraíba em direção a outros espaços estão a crise da economia do café na região e a expansão de modalidades de trabalho que investia um quantitativo pequeno de trabalhadores, a exemplo da expansão da criação de gado.⁷⁰ Como impacto dessas transformações do trabalho, acrescido pelo aumento da concentração das propriedades nas mãos de poucos fazendeiros, as famílias de ex-escravizados não conseguiram “reproduzir o seu modo de vida, uma vez que, a pequena roça e o emprego tornaram-se insuficientes para manter o grupo estável.”⁷¹ Com isso, identifica na primeira geração de filhos de libertos a adoção da estratégia da migração como forma de “sobrevivência e reprodução da família”⁷².

Ana Lugão Rios identifica três formas básicas de organização que assinalam as experiências dos descendentes de escravizados da região do vale do Paraíba com a liberdade de ficar ou de se deslocar.⁷³ Havia a formação de comunidades negras em fazendas onde seus descendentes foram escravizados ou colonos; formação de um

⁷⁰ Com base em Stanley Stein, identifica como fatores que contribuíram para o início da crise da produção do café, o fim do tráfico intercontinental de escravizados, que levou ao endividamento dos produtores de café devido aos empréstimos contraídos para manter o fluxo de mão de obra, a compra de maquinarias na tentativa de substituir a mão de obra deficitária. O que, aliado ao mercado internacional não favorável, contribuiu para o início da crise, na década de 1870, e que “só terminaria com a implantação do pasto na década de 1920”. Ver: STEIN, S. J. *Vassouras: Um município brasileiro do café, 1850-1900*. RJ, Ed: Nova Fronteira, 1990. p. 253 e COSTA, Carlos Eduardo C. da. *Campesinato Negro no Pós-Abolição: Migração, Estabilização e os registros Cíveis de Nascimentos*. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940). Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IFCS, 2008. p.34.

⁷¹ COSTA, Carlos Eduardo C. da. Op. Cit. 2008. p.19.

⁷² COSTA, Carlos Eduardo C. da. Op. Cit. 2008. p.19.

⁷³ RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. Op. Cit. 2005. p. 194-195.

campesinato familiar adquirido pela compra, doação, parceria ou arrendamento de pequenos lotes que gerou certa estabilidade ao grupo e aqueles que se depararam com a privação “do direito de trabalhar e de ter a sua própria roça. Nesse último caso, há relatos de duas formas de migração: entre fazendas, no vale do Paraíba e para os centros urbanos.”⁷⁴

A maioria dos relatos coletados por Ana Lugão Rios, que versam sobre os deslocamentos, está marcada pelas experiências com a violência, assinalando as tensões presentes nas relações imediatamente posteriores à abolição. As arbitrariedades dos proprietários das fazendas com trabalhadores fazem parte dos relatos, nos quais há a recorrência das constantes ameaças de espancamentos, queimadas ou destruições das roças familiares e a expulsão sem direito de colherem o fruto de seus trabalhos. O impulso de deslocar-se, segundo as pesquisas da autora, era motivado de maneira geral por fatores que se iniciavam por motivos tais como:

Alguns nasceram já sob o signo dos deslocamentos. Outros o experimentaram a partir de determinado momento – para alguns a perda de uma situação estável, ou uma pequena propriedade, aciona um grande período de mudanças. Outros, a partir do casamento e da saída da casa dos pais.⁷⁵

Se o deslocamento de Mano Eloy foi impulsionado por algum espírito de aventura que o teria atraído, quando jovem, à Capital, ou se alguma situação de instabilidade o teria feito deixar o lar de seus ancestrais, são questões que fazem parte das lacunas sobre sua trajetória. No entanto, as trajetórias de outros indivíduos negros que se deslocaram do vale do Paraíba e chegaram ainda na Primeira República à Capital, nos ajudam a vislumbrar cenários que nosso personagem percorreu para se tornar representante da cultura que remontava e ressignificava as memórias do cativo no espaço urbano carioca. Considerando-se que de alguma forma, as experiências negras compartilhadas em determinado espaço e tempo são caminhos para composição de cenários de possibilidades históricas.

⁷⁴ COSTA, Carlos Eduardo C. da. Op. Cit. 2008.p 79; Rios e Mattos. RIOS. Ana Lugão MATTOS, Hebe Maria. Op. Cit. 2005.

⁷⁵ RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. Op. Cit. 2005. p. 215.

1.2. Caminhos de muitas paradas

Em uma série que se dedicava a entrevistar “figuras da música popular brasileira”, Jota Efegê publicou aquele que seria um dos maiores registros sobre a vida de Mano Eloy.⁷⁶ Com o título: “Eloy, Sambista e Ogan”, publicada no “O Jornal”, em 1966, foi uma das poucas entrevistas que Eloy Anthero Dias deu em sua vida e, talvez, por isso, foi reproduzida ao longo dos anos por aqueles que queriam fazer alguma referência sobre a sua trajetória.⁷⁷ O título em si aciona as identidades de sambista e macumbeiro, no entanto, o autor vai além das contribuições de Mano Eloy à música brasileira e faz um pequeno panorama de sua trajetória e espaços de influência. Sobre a sua chegada à Capital, Jota Efegê assinala que Mano Eloy teria:

Nascido em Engenheiro Passos e chegado ao Rio com apenas 15 anos, a primeira ocupação de Eloy foi a baleiro no Campo de Santana. Trabalhava para o tio, o Zé das Colunas, que empresava um grupo de garotos.⁷⁸

Alguns aspectos do pequeno trecho da matéria nos chamam atenção. O primeiro é sobre o local de seu nascimento: Engenheiro Passos, antiga vila de Boa Vista, um dos distritos da cidade de Resende. O local ficou conhecido por sua Estação Ferroviária, inaugurada em 1873, como Boa Vista, tendo seu nome modificado, posteriormente, em homenagem ao diretor da Estrada de Ferro, o engenheiro Francisco Pereira Passos, aquele que se tornaria o prefeito do Rio de Janeiro nos anos iniciais da Primeira República.⁷⁹ A estação de Engenheiro Passos fazia parte da Estrada de Ferro Dom Pedro

⁷⁶ Posteriormente as entrevistas foram reunidas e publicadas em livro. Ver: EFEGÊ, Jota. Op. Cit. 2007. Jota Efegê foi o pseudônimo de João Ferreira Gomes celebre cronista de carnaval tendo escrito para O Jornal, Jornal do Brasil, O Globo e Diário Carioca. Para mais informações, ver: <<http://dicionariompb.com.br/jota-efege>>. Consultado em 18/10/2018.

⁷⁷VASCONCELOS, Ary. *A Nova Música da República Velha*. Editora do autor. Rio de Janeiro.1985. MUNIZ, J. *Sambistas Imortais: Dados biográficos de 50 figuras do mundo do samba. (1850-1914)*. [sn] 1978; CABRAL, Sérgio *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996; VALENÇA, Rachel, VALENÇA, Suetônio. Op. Cit. 2017; SANTO, Spirito, Op. Cit. 2016.

⁷⁸ JOTA EFEGÊ. *Figuras e Coisas da Música popular brasileira*; apresentação de Carlos Drummond de Andrade e Ary Vasconcelos. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Funart, 2007. Volume I. p 176.

⁷⁹ Fazia parte da Estrada de Ferro Dom Pedro II, tendo sido inaugurada em 30 de junho de 1873. Segundo Rodriguez, os trechos em direção a Cachoeira foram inaugurados respectivamente “Barra do Pirai a Barra Mansa, em 16 de setembro de 1871; Barra Mansa a Floriano, em 19 de agosto de 1872; Floriano a Engenheiro Passos, em 30 de junho de 1873; Engenheiro Passos a Lavrinhas, em 21 de outubro de 1874; e Lavrinhas a Cachoeira em 20 de julho de 1875.” Ver: RODRIGUEZ, Helio Suêvo. *A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro: O Resgate de sua Memória*. Brasil: Memória do Trem, 2004. p. 47. Sobre a mudança do nome em homenagem ao Engenheiro Passos: O engenheiro Francisco Pereira Passos foi diretor da Estrada de Ferro quando esta se chamava D. Pedro II entre os anos de 1876-1880 e, posteriormente, em período republicando, compreendendo os anos de 1897-1899. Ver: BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos o Haussmann Tropical: Renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no*

II (EFDPII) e era a última no território fluminense, antes de chegar a São Paulo.⁸⁰ O projeto de construção de um ramal que ligaria o Rio de Janeiro a São Paulo foi aprovado em Decreto que data de 1855 que tinha como objetivo:

A construção de uma Estrada de Ferro que, partindo da Cidade do Rio de Janeiro, transporia a Serra do Mar e, no espaço médio entre a referida Serra e o rio Paraíba definido como Barra do Pirai, dividir-se-ia em dois ramais, um dirigindo-se à povoação de Cachoeira, na Província de São Paulo, e outro a Porto Novo da Cunha, nos limites da Província do Rio de Janeiro com a de Minas Gerais⁸¹

O processo de construção do grandioso projeto de 1855 teria sido concluído em 1908.⁸² Trecho a trecho, a Estrada de Ferro foi ganhando seu traçado atendendo parte do projeto original de fazer a ligação entre as áreas do vale do Paraíba, acrescido de interesses que foram surgindo ao longo do tempo.⁸³ A ligação entre o trecho compreendido pela EFDPII a São Paulo se deu através do empreendimento feito por fazendeiros do vale do Paraíba para a construção da Estrada de Ferro do Norte (EFN) ou Estrada de Ferro São Paulo-Rio (EFSPR), iniciado em 1869. Foi somente em 1877 que a EFN se encontrou com a EFDPII e o trecho que saía de Barra do Pirai.

Percebe-se que o distrito no qual Mano Eloy nasceu fazia parte de uma confluência de linhas férreas que favoreciam o deslocamento em diferentes direções, de São Paulo ao Rio de Janeiro, com paradas em regiões que poderiam oferecer oportunidades de emprego e fixação. Partindo da perspectiva que, para os moradores das regiões contemplados por esse afluxo de linhas férreas havia certa “facilidade” para

início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

⁸⁰ RODRIGUEZ, Helio Suêvo. *A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro: O Resgate de sua Memória*. Brasil: Memória do Trem, 2004. p. 48.

⁸¹ Idem. p. 47.

⁸² Ver: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_ramal/engpassos.htm. Em 1889, com a queda do Império, a E. F. D. Pedro II passou a se chamar E. F. Central do Brasil, que, em 1896, incorporou a já falida E. F. do Norte, com o propósito de alargar a bitola e unificar as duas linhas. O primeiro trecho ficou pronto em 1901 (Cachoeira-Taubaté) e o trecho todo em 1908. Em 1957 a Central foi incorporada pela RFFSA. O trecho entre Mogi e São José dos Campos foi abandonado no fim dos anos 1980, pois a construção da variante do Parateí, mais ao norte, foi aos poucos provando ser mais eficiente. Em 31 de outubro de 1998, o transporte de passageiros entre o Rio e São Paulo foi desativado, com o fim do Trem de Prata, mesmo ano em que a MRS passou a ser a concessionária da linha. O transporte de subúrbios, existente desde 1914 no ramal, continua hoje entre o Brás e Estudantes, em Mogi e no trecho D. Pedro II-Japeri, no RJ.

⁸³ Um exemplo desses interesses que foram aparecendo ao longo do tempo foi a pressão feita por determinados fazendeiro para que a Estrada de Ferro chegasse às suas terras, favorecendo assim o escoamento de suas produções e valorização de suas terras. Isso inclusive levou a decadência de algumas cidades que em detrimento daquelas que estavam na rota da estrada de ferro tiveram seus desenvolvimentos econômicos prejudicados. Ver: RODRIGUEZ, Helio Suêvo. *A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro: O Resgate de sua Memória*. Brasil: Memória do Trem, 2004 e http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_ramal/engpassos.htm consultado em 16/09/2018.

o deslocamento apresentadas desde o século XIX.⁸⁴ É possível que sua família, ou ele sozinho tenha se deslocado, mais de uma vez. Essa é uma possibilidade que se coloca diante da falta de registros escritos sobre a passagem de Mano Eloy, ou os membros de sua família na região.⁸⁵

Em Engenheiro Passos encontrava-se uma sede dos correios instalada em agosto de 1873, um indicativo sobre as possibilidades de circulação de informações e ideias através da correspondência com agentes externos ao distrito.⁸⁶ Embora o quantitativo de pessoas alfabetizadas fosse mínimo, as informações de alguma forma circulavam através da oralidade. O fato do distrito possuir uma Estação de trem e uma agência dos correios em si favorece as possibilidades de acesso a informações, e, provavelmente a oportunidades de trabalho. Mesmo que a família de Mano Eloy não possuísse meios para comprar uma passagem de trem para o seu deslocamento o acesso à informação é um diferencial que poderia favorecer os impulsos migratórios.⁸⁷

Embora apresente vivências diferentes, as experiências das primeiras gerações do pós-abolição coletadas através de depoimentos à Ana Lugão Rios apresentam um panorama de como, de maneira geral, essas pessoas lidavam com o deslocamento. Dona Nininha, nascida em 1937, caçula de uma família de nove irmãos, faz um relato sobre o deslocamento de sua família. Em sua memória os motivos das mudanças não são claros, dizia que sua mãe “chegava do serviço e dizia – nós vamos mudar. Aí arrumava aquelas trouxas e nós não sabíamos onde íamos não. Mas ela sabia, e o Santo ia na mão.”⁸⁸ Geralmente, na mão de alguma criança em percursos que muitas vezes duravam dias de estrada. Em sua memória há ainda a constante necessidade de construção das precárias casas que serviam como abrigos temporários, nas quais cada membro da família construía uma parte, alguns se dedicavam a construção do fogão, outros de esteiras de palha para dormirem e outros o cômodo que abrigaria a família.

⁸⁴ Naturalmente, não podemos perder de vista que as viagens tinham custo que poderia impedir o acesso de muitos.

⁸⁵ A busca pelos registros de batismo de Mano Eloy e de seus parentes foi iniciada através do banco de dados contidos no site Family Search, no entanto as igrejas da região de Resende não estavam na listagem daquelas contidas no site. Assim, nos deslocamos até a localidade para consultarmos os dados disponíveis nas Igrejas da Região e o Arquivo Público de Resende, não encontramos seu nome, sobrenome ou de quaisquer membros de sua família.

⁸⁶ Ver: DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 31/07/1973.

⁸⁷ Não possuo dados que comprovem essa tese, o que quero destacar são as possibilidades de circulação de pessoas e informações que a estação de trem e o posto dos correios podem ter oferecido ao distrito.

⁸⁸ RIOS, Ana Lugão; Mattos, Hebe. Op. Cit. 2005. p.193.

A memória de Mano Eloy são as bases para alcançarmos suas origens e as possibilidades de caminhos que possa ter percorrido. À sua chegada ao Rio de Janeiro, segundo a entrevista de Jota Efegê, teria acontecido por volta de seus 15 anos de idade. No entrecruzamento entre a informação da entrevista e as fontes que tive acesso, como a ficha de matrícula da Associação de Aposentados do Sindicato da Resistência,⁸⁹ o seu Registro Civil, e o seu Atestado de Óbito,⁹⁰ consta como seu nascimento o ano de 1889. Isso quer dizer que ele teria chegado à Capital no ano de 1904.

Nas fontes há ainda a controvérsia sobre o dia e o mês do seu nascimento. Nos documentos do Sindicato da Resistência consta a data de 7 de setembro de 1889⁹¹ e no seu Registro Civil,⁹² o de 2 de março de 1889. Ambos os documentos foram feitos com base nas declarações de Mano Eloy, sendo que a ficha da Associação de Aposentados do Sindicato foi feita na data de 1910 e o seu Registro Civil em 1931,⁹³ em um espaço de tempo de mais de trinta anos. Penso que essa controvérsia sobre o dia de seu nascimento pode estar relacionada às brechas deixadas pela memória ou talvez, devido à falta de exatidão quanto a essa informação. Talvez, o próprio Mano Eloy não tivesse essa documentação.

A falta de exatidão nessas informações não seria uma prerrogativa somente apresentada nos registros de Mano Eloy, mas uma questão que se relacionava ao cotidiano das pessoas pobres e, sobretudo negras de diferentes regiões do Brasil. Em que medida o pároco local conseguia fazer todos os registros de nascimento na região, sobretudo de famílias de pessoas pobres e negras? Aquelas famílias que conseguiram fazer os assentamentos de seus nascidos poderiam tê-los perdidos, por descuido com o armazenamento, por alguma catástrofe como alagamentos ou fogo. Com a perda dos registros físicos a memória nem sempre oferece exatidão.

⁸⁹ A Associação de Aposentados faz o recolhimento e o controle previdenciário dos trabalhadores do Sindicato da Resistência. Para maiores detalhes de como funciona o sistema de previdência dos trabalhadores da região portuária ver: OLIVEIRA, Guilherme Santos Cabral de. *Na Vanguarda do Seguro Social Brasileiro: Estiva, Previdência e Cidadania nas décadas de 1930 e 1940* (Rio de Janeiro). Dissertação (Mestrado) UFRRJ/PPHR. Seropédica, 2017.

⁹⁰ No caso do atestado de óbito não aparece a data de seu nascimento, mas a idade que este tinha na ocasião de sua morte, 82 anos em 10 de março de 1971. Ver: Anexo 2

⁹¹ LIVRO DE MATRÍCULAS DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS DO SINDICATO DA RESISTÊNCIA. No seu registro Civil feito em 7 de setembro de 1931 pelo o próprio, consta como data de seu nascimento 2 de março do ano de 1889.

⁹² Ver: Anexo A

⁹³ O registro feito por Mano Eloy no ano de 1931 pode ter sido incentivado pelo decreto 19710 de 18/02/1931, que obrigava o registro de nascimento e abolia o pagamento de multas. Para maiores informações sobre o desenvolvimento dos registros civis no Brasil, Ver: COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. Op. Cit. 2008. Mais especificamente os capítulos 1 e 3.

Senhor Claudionor Rosa presidente do Arquivo Público de Resende levantou a hipótese de que alguns documentos referentes à região, podem ter se perdido devido às catástrofes que se abateram sobre a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Resende. A primeira catástrofe narrada por ele teria sido o incêndio de 1748, a segunda seria os impactos de um forte temporal que destruiu parte da Igreja em 1851, e a mais violenta catástrofe que foi o incêndio de 1945 que teria arrasado a construção.⁹⁴ Ainda que os moradores tenham se empenhado em apagar o incêndio e salvar algumas coisas, isso não impediu que houvesse a perda de alguns objetos e da parte arquitetônica da antiga Igreja. Não sabemos se os livros de assentamentos da Igreja foram salvos, em minha pesquisa, no entanto, estes aparecem com lapso temporais.⁹⁵

A segunda opção pode nos levar a hipótese de que a família de Mano Eloy estivesse na região de Resende temporariamente, vinda de outra área. Eloy poderia ter nascido na região e logo em seguida seus pais, se dirigido à outra área, ou mesmo voltado para o seu lugar de origem. Seus registros poderiam ter sido feitos em Resende e se perdido ou terem sido feitos em outra região. Estas, no entanto, são possibilidades que não conseguimos comprovar.

No depoimento das primas Nininha e Jorgina, coletados para o projeto que deu origem ao livro *Memórias do Cativo*, estas afirmaram que em sua família as mudanças eram constantes, cuja impressão que tinham era que “Amanheciam numa cama e dormiam numa outra.”⁹⁶ Entre fontes e possibilidades, o que temos são os registros feitos pela memória de Mano Eloy que afirmam ter nascido em Engenheiro Passos, no ano de 1889, sendo filho legítimo de Laurindo Antero Dias e Eugênia Hermógenes Conceição, com avós paternos desconhecidos e maternos José Ribeiro de Moraes e Florida de Moraes.

Os membros da família de Mano Eloy afirmam, no entanto, que seus familiares eram de Três Rios, região do centro fluminense. Segundo Sr. Hélio, filho de Mano Eloy, seu pai fazia visitas em Três Rios e em Barra do Piraí.⁹⁷ Assegura ainda, que seus avós

⁹⁴ ROSA, Claudionor. Depoimento concedido à autora. 18/10/2016.

⁹⁵ A instalação da primeira capela data de 1747 <http://www.igrejamatrizresende.org.br/Tuneldotempo.html>. Consultado em 23/09/2018.

⁹⁶ RIOS, Ana LUGÃO; MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do Cativo*: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 193.

⁹⁷ DIAS, Hélio Anthero. Entrevista concedida a autora. 04/05/2016

possuíam uma “espécie de sítio” em Barra do Piraí onde todos os anos fazia o jongo da família e que seu pai era assíduo frequentador destas festas.

Devido às histórias compartilhadas entre famílias e às proximidades forjadas pelos laços de amizade e os matrimônios, no morro da Serrinha há certa dificuldade em se precisar determinadas relações de parentescos. Como já mencionamos, Seu Nascimento era um jongueiro que segundo sua filha, era frequentador de jongs em outros estados. A história de Dona Leda em si é um exemplo sobre as proximidades estreitadas por laços de matrimônio. A filha de Seu Nascimento e Dona Eulália, casou-se com o filho mais moço do primeiro casamento de Mano Eloy, Sr. Hélio, com o qual teve filhos que ao mesmo tempo eram do ramo familiar dos Anthero Dias, dos Oliveira (por parte de tia Eulália) e dos Nascimento.

Como frequentador da casa e jongueiro que participava das festas oferecidas por Seu Nascimento, não era de se estranhar que estes também pudessem ser parceiros de viagens em visitas a familiares que poderiam ser tanto de um quanto do outro, ou partilhados por ambos. Segundo Valença e Valença, José do Nascimento Filho, o Seu Nascimento, “empregado da Resistência do cais do porto, nasceu em Três Rios.”⁹⁸ Note-se que a cidade de origem de Seu Nascimento, Três Rios, é a mesma que o Sr. Hélio se lembra sobre os laços familiares que, Mano Eloy teria buscava ao longo da sua vida.

Tais afirmações nos levam a perceber a complexidade dos processos migratórios. Teria Mano Eloy nascido em Engenheiro Passos, Resende e, posteriormente, se deslocado com sua família para Barra do Piraí ou Três Rios e, somente depois chegaria à Capital? Essa é uma questão que não tenho resposta, sugerindo, contudo, que, assim como Mano Eloy, outros indivíduos fizeram caminhos com diferentes paradas até chegarem a Capital. Os deslocamentos estariam sujeitos a múltiplos fatores, que iam desde a oferta de melhores condições de trabalho, possibilidade de manutenção de laços familiares e à atração que determinados lugares, como a Capital, exerciam aos indivíduos.

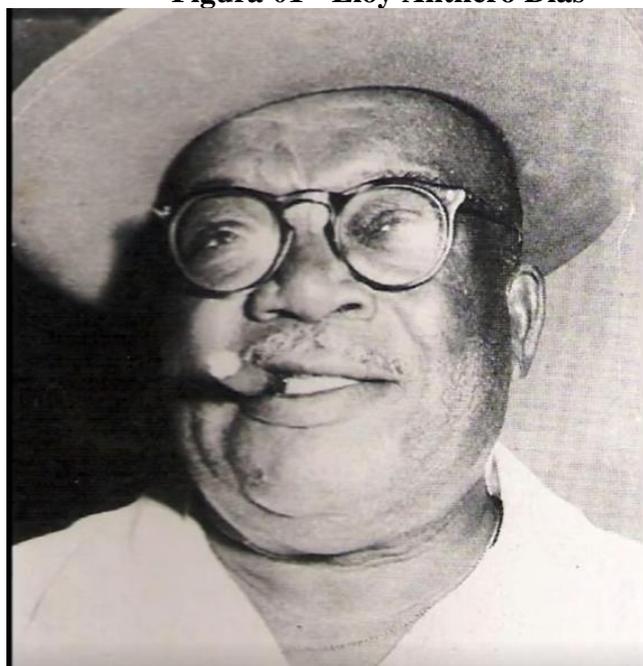
⁹⁸ VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio. Op. Cit. 2017. p.39.

1.3. Eloy, antes do Mano

Para o radialista e jornalista Rubem Confete, Mano Eloy faz parte da memória ancestral de “herança africana” da região portuária do Rio de Janeiro.⁹⁹ Ele identifica num grupo de 14 nomes os pilares que “conservaram a herança africana”, que seriam a “ancestralidade, solidariedade, cidadania e resistência”¹⁰⁰, foram pessoas que no período escravista e no pós-abolição “nortearam a questão do desenvolvimento da sociedade brasileira.”¹⁰¹

A imagem a seguir é a de Mano Eloy já homem maduro, talvez entre as décadas de 1930 e 1940, período no qual já era conhecido e celebrado em diferentes espaços de cultura negra no Rio de Janeiro. No entanto, entre a sua chegada ao homem público que teve seu nome relacionado ao trabalho no porto, ao carnaval, jongo e macumba abre-se uma lacuna de tempo em sua história. Quem seria esse Mano Eloy que chegou à Capital carioca na primeira década da República? Quais teriam sido os caminhos percorridos por ele até ser considerado como referência cultural negra, no Rio de Janeiro?

Figura 01 - Eloy Anthero Dias



Fonte: ACERVO PESSOAL RACHEL VALENÇA

⁹⁹ CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora. 11/05/2017.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ CONFETE, Rubem. Entrevista concedida pela equipe do LABHOI. Ainda em tratamento. Gentilmente cedida pela Professora Martha Abreu. Os pilares enumerados são: Dom Obá II, Machado de Assis, André Rebouças, Candido Manoel Rodrigues, João Alabar, Tia Ciata, Mãe Aninha, Hilário Jovino, João da Baiana, Mano Eloy, Eliezer Cruz, Aniceto do Império. Nota-se que faltaram dois nomes.

Ainda com base no trecho de Jota Efegê, sobre a sua chegada à cidade, Mano Eloy teria sido recebido por um tio, identificado somente como Zé das Colunas, contudo, não há qualquer desdobramento posterior sobre quem teria sido esse tio, nem tampouco seus parentes vivos possuem lembranças sobre esse personagem da história de Mano Eloy. Essa foi uma informação fornecida pelo próprio Eloy e que foi reproduzida por outros pesquisadores ao longo do tempo.¹⁰²

Não é de se estranhar que a chegada de Mano Eloy tenha sido recepcionada por alguém, sobretudo, se considerarmos que de maneira geral os deslocamentos se davam dentro de uma lógica que se pressupunha certo planejamento. Sobre os processos migratórios, Carlos C. da Costa salienta a importância dos primeiros membros da família que se estabilizavam fora dos espaços de origem, estes faziam parte de redes de apoio que ofereciam acolhida para as demais gerações de migrantes.¹⁰³ O fato de Mano Eloy ter sido acolhido por um tio, no momento de sua chegada à cidade, a primeira vista nos pareceu como dentro dessa lógica de deslocamento e fixação em determinado local. No entanto, chama a atenção o fato de que o referido tio, o Zé das Colunas, empresaria um grupo de garotos que vendiam balas nas ruas. Diante do relato feito a Efegê, a primeira ocupação de Mano Eloy ao chegar à Capital, foi a de baleiro junto com outros garotos nas ruas da região do Campo de Santana, em uma empresa administrada por seu “tio”.

Essa passagem da trajetória de Mano Eloy faz parte da composição de suas identidades. No entanto, a falta de maiores desdobramentos sobre essa fase inicial no Rio de Janeiro chama atenção. O silêncio sobre esse período pode ter sido provocado pelo enfoque que Jota Efegê estaria dando a sua matéria, algum recurso utilizado por Mano Eloy em oferecer as informações que achava pertinente naquele momento, ou mesmo o esquecimento, afinal essa foi uma entrevista feita com um Mano Eloy de 72 anos de idade.

¹⁰²VASCONCELOS, Ary. *A Nova Música da República Velha*. 1975; MUNIZ, J. *Sambistas Imortais: Dados biográficos de 50 figuras do mundo do samba*. (1850-1914). [sn] 1978; CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba; o que, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1974. VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio. Op. Cit. 2017. SILVA, Sormani da. Op. Cit. 2018.

¹⁰³ COSTA. Carlos Coutinho da. Op. Cit. 2008. p.61.

O que sabemos, portanto, pela matéria de Jota Efegê é que Mano Eloy iniciou suas experiências na Capital em um trabalho que favorecia o circular pelas ruas. O que significaria na composição das identidades de Mano Eloy estar, ainda jovem, nas ruas da cidade do Rio de Janeiro? O trabalho nas ruas para um jovem negro nos primeiros anos da República, sob forte repressão policial e perigos constantes foi a realidade com a qual Mano Eloy se deparou ao chegar à cidade.

A cidade do Rio de Janeiro, como Capital exercia grande atração que levou ainda na primeira década da recém-nascida República brasileira a um considerável aumento demográfico. Estrangeiros de diversos lugares do mundo, assim como pobres e, sobretudo aquela população de negros que exerciam sua liberdade de deslocar-se, engrossavam o caldeirão que eram as ruas da cidade. Suas experiências e sociabilidades eram vistas pelas autoridades como repletas de vícios que produziam elementos perigosos à sociedade, em uma fórmula que classificava a pobreza como a produtora de “malfeitores”.¹⁰⁴

A preocupação em punir os “vícios” da população pobre e negra nas ruas da cidade remonta o código criminal de 1830.¹⁰⁵ No entanto, com o advento da abolição, os debates sobre o controle da população ex-escravizada que ganhava às ruas se acirraram.¹⁰⁶ Como controlar essa massa de sujeitos, vistos como incapazes de lidar com a vida em sociedade?

O consenso nos debates sobre a aplicação do projeto de lei de repressão à ociosidade, proposto por Ferreira Viana, ainda em 1888, era que a “liberdade do cativo não significava para o liberto a responsabilidade pelos seus atos, e sim a possibilidade de se tornar ocioso, roubar etc.”¹⁰⁷ A ideia geral era que o sistema escravista não havia preparado o cativo para a liberdade, ou seja, para atender certos padrões sociais desejáveis à época. Pelo contrário, o cativo havia promovido aos ex-escravizados tendências aos vícios e se fazia necessário para torná-los cidadãos plenos e civilizados, a repressão. A educação seria o caminho para se vencer os vícios dos então

¹⁰⁴ Ver: CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.22.

¹⁰⁵ Para um histórico mais detalhadas das leis sobre vadiagem antes da república, ver MATTOS, Marcelo Badaró. “Contravenções no Rio de Janeiro do início do século” in *Revista Rio de Janeiro*, v.1, n.1, pp.16-23, 1993.

¹⁰⁶ Para mais detalhes sobre o desenvolvimento desse debate, ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, pp.64-89.

¹⁰⁷ CHALHOUB, Sidney. Op. Cit. 2001 p.68.

libertos, embora isso significasse “criar o hábito do trabalho através da repressão, da obrigatoriedade.”¹⁰⁸ Essas foram as bases do projeto de Ferreira Viana aprovado ainda em 1888.¹⁰⁹ Diante desse contexto, a vadiagem, o jogo e a mendicância entraram no Código Penal de 1890 como contravenções. Era a lógica do trabalho perpassada pelo combate à ociosidade.

Importante destacar que, embora o Código Penal de 1890 estivesse voltado à população pobre em geral, os debates de 1888 assinalam certo caráter racial, pois a preocupação estava destinada à massa de ex-escravizados e seus descendentes, com suas práticas que não atendiam aos ideários civilizados e, lembravam ainda, do seu atroz passado escravista.

A primeira década da Primeira República na Capital foi permeada de transformações físicas na estrutura da cidade, assim como, a tomada de posicionamentos que levaram a ações violentas por parte de grupos de pobres e negros que reivindicavam seus lugares de cidadãos. Refiro-me às obras públicas de modernização da cidade que atingiram a população de pobres residentes nos diversos cortiços da região central no famoso “bota a baixo” do então prefeito Pereira Passos. A revolta popular contra a obrigatoriedade de vacinação, ocorrida em 1904 que levou a vários conflitos entre aqueles que se negavam a serem vacinados e as forças do governo, como policias e militares.¹¹⁰ E, ainda, a Revolta dos Marinheiros, conhecida como a Revolta da Chibata, de 1910, em que os marinheiros tomaram a cidade reivindicando o fim dos castigos corporais na Marinha e melhores condições de trabalho para a marujada.¹¹¹

Como se não bastasse esse panorama de tensões políticas e sociais que pululavam na cidade, havia o perigo constante de ser preso por vadiagem ou recrutado para as forças armadas. Além das constantes detenções e prisões nos aparelhos repressivos como as Casa de Detenções, colônias penais, internatos, outra forma de

¹⁰⁸ Ibidem

¹⁰⁹ MATTOS, Marcelo Badaró. Contravenções no Rio de Janeiro do início do século in *Revista Rio Janeiro*, v1, n1, pp.16-23, 1993

¹¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: Mentis Insanas em Corpos Rebeldes*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

¹¹¹ NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Marinheiros em Revolta: Recrutamento e disciplina na marinha de Guerra (1890-1910)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1997. NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2002.

aplicação da correção aos criminosos era o recrutamento forçado. Segundo Álvaro Nascimento, havia uma relação entre a ação da polícia nas ruas e as possíveis carências de efetivos na Marinha, parte do efetivo de marinheiros eram recrutados nas ruas da cidade, entre os presos pela polícia.¹¹² Era uma forma de punição, que recrutava o efetivo de jovens a serem corrigidos através dos serviços na Marinha, uma vez que:

A polícia e a Marinha trabalhavam conjuntamente para excluir os criminosos e os supostos tais do convívio social no espaço urbano, a fim de serem corrigidos (ou regenerados) no âmbito do rigor militar naval, como castigo pelo crime cometido. Dessa forma para as autoridades públicas, mormente as policiais, a Marinha representava um espaço de reclusão e correção para todos aqueles subentendidos como criminosos ou suspeitos de tornarem-se criminosos, pelo ténue limite entre pobreza e ociosidade.¹¹³

Embora as ruas da cidade na primeira década da República fossem repletas de cerceamentos e tensões, por outro lado, é importante destacar que Mano Eloy não estava sozinho. Seu “tio” e a rede de outros garotos acrescentavam experiências particulares no seu circular pelas ruas cariocas.

Talvez não consiga responder a todas as questões que giram em torno da chegada de Mano Eloy a cidade, mas quem sabe levantar possibilidades que possam ajudar a compreender o que era ser um jovem negro, migrante, trabalhando nas ruas da cidade do Rio de Janeiro do pós-abolição. Sobre as lacunas que ficaram sobre a sua trajetória, temos mais possibilidades do que respostas prontas. Estas, pensadas através das histórias “emprestadas” de seus contemporâneos, de alguma forma nos ajudam a compreender as relações estabelecidas por um jovem recém-chegado às ruas da Capital.

Seja no campo ou na cidade nos deparamos com histórias de pessoas que tiveram a sua introdução ao mundo do trabalho ainda crianças. Em depoimento, Felicidade Toledo e Júlia Toledo assinalam que suas experiências de trabalho na roça nos anos imediatamente após abolição “era[m] quase que uma brincadeira”, uma vez que aos sete anos de idade “já ia reinando com a enxadinha”.¹¹⁴ Outra experiência marcada pelo trabalho desde muito cedo é a do compositor e fundador da escola de

¹¹² Ver: NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. Op. Cit. 1997.

¹¹³ NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Marinheiros em Revolta: Recrutamento e disciplina na marinha de Guerra (1890-1910)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1997. p. 46.

¹¹⁴ RIOS. Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. Op. Cit. 1995. p.241.

samba Deixa Falar, Alcebíades Barcelos, mais conhecido como Bide.¹¹⁵ Nascido em 1902, em Niterói, sua família se mudou para a região do Estácio, no Rio de Janeiro, local onde morou até seus últimos dias. Com seus nove anos de idade, Bide relata que já trabalhava como aprendiz de sapateiro, profissão que exerceu paralelamente a de compositor.¹¹⁶ As crianças eram braços ativos que ajudavam com o trabalho, seja na roça ou nas fábricas, e aquilo era como brincar - brincar de trabalhar, para promover a subsistência da família.

Outro depoimento que ajuda a pensar o que era ser um jovem negro no pós-abolição é o de João Francisco dos Santos. Em suas memórias há o relato sobre os caminhos que o levou aos deslocamentos da sua cidade em Pernambuco, ainda quando criança até sua chegada às ruas da Capital nos anos iniciais da Primeira República. Em uma das primeiras passagens de suas memórias faz a relação entre a questão da repressão e o trabalho, uma vez que esperava que fosse

[...] recebido diferente. Por exemplo, quando aparecesse uma bicha ou uma mulher ou um malandro qualquer gritando se mandem companheiros que a polícia chegou eu não ia me mandar coisa nenhuma. Lógico. Eu seria um cidadão com emprego que se divertia na noite da Lapa.¹¹⁷

Seu depoimento remete ao ideário do trabalho como forma de aquisição do direito de frequentar o ambiente que escolhesse sem sofrer repressão, ou seja, uma perspectiva de aquisição de cidadania. O depoimento de João Francisco dos Santos, que muitos anos depois de sua chegada a Capital ficou conhecido como Madame Satã apresenta a compreensão sobre qual era a medida da cidadania para as pessoas negras na cidade.¹¹⁸ O perigo de ser abordado, sobretudo, em momentos de lazeres, em

¹¹⁵ Alcebíades Barcelos, compositor e fundador da Escola de Samba Deixa Falar, considerada a primeira escola de samba a ser fundada em 1928 no Rio de Janeiro, na região do bairro do Estácio. Sobre Bide, Ver: <<http://dicionariompb.com.br/bide/biografia>> Consultado em 10/10/2018. Sobre a escola de samba Deixa Falar, ver: CABRAL, Sérgio. Op. Cit. 1996.

¹¹⁶ BARCELOS, Alcebíades (Bide). Depoimentos para a Posteridade. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1968.

¹¹⁷ PAEZZO, Sylvan. *Memórias da Madame Satã*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1972.

¹¹⁸ Segundo Satã seu apelido teria sido dado pelo delegado Dulcídio Gonçalves em 1938. Na ocasião, o referido delegado querendo “aconselhar” as “bichas” para que estas não tivessem problemas com a polícia, perguntou o apelido de todas. Satã que nessa época não tinha apelido de “bicha”, mas de valente (caranguejo da praia das Virtudes) disse que não possuía nenhum, eis que o delegado afirmou conhece-la do desfile de transformistas de carnaval do República por sua fantasia de madame Satã. Mesmo Satã afirmando que sua fantasia era de morcego o apelido pegou. Segundo ela, coisa que a aborreceu muito no início. Outras versões para o apelido foram criadas, Satã mesmo reconhece que muitas lendas foram criadas sobre a sua pessoa. Para maiores detalhes sobre o episódio narrado por Madame Satã, ver: PAEZZO, Sylvan. *Memórias da Madame Satã*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1972. p.61-65.

determinados lugares e ter a desgastante tarefa, se tivesse oportunidade, de comprovar moradia fixa e ocupação era uma realidade que Madame Satã entendia como o contra-ponto ao que esperava como cidadania. Suas experiências na Lapa fazem referências a memória de perseguições policiais nas quais haveria a diferença do tratamento dispensado àqueles que possuíam emprego “honesto”, o que fazia parte do que considerava como cidadania. A cidadania, em sua visão, relacionava-se a ter uma profissão, um emprego, no seu caso a profissão de artista “travesti sambista”. E a exercia como contratada para encenar a “Mulata Balacochê” no espetáculo “Loucos em Copacabana” no teatro Casa Sapê da Casa de Caboclo, na Praça Tiradentes.

Nascido em 25 de fevereiro de 1900, no município de Glória de Goiatá, no agreste pernambucano, era neto de Pilama Brasília Casú, escrava da família Damião. Seu pai, Manoel Francisco dos Santos era filho de Pilama com o seu senhor Francisco Damião dos Santos. Seu pai, Manoel Francisco, teria sido criado pela família Damião, contudo, os “senhores pegaram ele pra criar e dizem que só não registraram porque naquele tempo não tinha disso no lugar. Dizem.”¹¹⁹ Manoel Francisco casou-se com Firmina, uma “cabocla muito bonita”, descendente de escravizados, com a qual teve 17 filhos e segundo Madame Satã, viveram bem até a morte de seu pai quando tinha sete anos de idade. Após a morte de seu pai que a vida do menino João Francisco começa a tomar o rumo que o transformou em Madame Satã. Era 1907, dezanove anos após a abolição, seus avós aparecem em suas memórias como “senhores” da “casa grande” que fazem valer o uso da violência e levam sua mãe e irmãos a um destino incerto.

Os Damião chamaram ela (sua mãe) na casa grande e disseram Firmina junta seus filhos e vai embora que você não tem direito a nada. Ela se surpreendeu e falou como não temos direitos se a casa que moramos foi construída pelo falecido e o sangue dos Damião está na veia dos meus filhos? Responderam já dissemos que você não tem direito a nada. Ou sai por bem ou a gente chama o inspetor de quarteirão. E ela respondeu então chama que tenho meus direitos. E os Damião disseram é? Chamaram. O inspetor de quarteirão era o Severino Cajueiro e entrou na nossa moradia falando alto vai sair por bem ou por mal. Mamãe disse que não. Então ele disse que ela ia sim e que ainda ia dar um conselho. E o tal conselho era pra ela não reclamar em Caruaru ou outra cidade. Minha mãe queria saber o que acontecia se reclamasse e Severino Cajueiro berrou que ela ia ficar presa e perder as crianças. Esse era o castigo pra quem reclamava contra os senhores.¹²⁰

¹¹⁹ PAEZZO, Sylvan. Op. Cit. 1972. p.5.

¹²⁰ Idem.p.6.

Mudaram-se para a casa de sua avó, “Uma casinha de sapê, onde moravam todos juntos, dessa forma “conseguiram dividir [a] miséria”.¹²¹ Foi diante dessa miséria que sua mãe lhe deu a um cavalario¹²², chamado Laureano em troca de uma égua e a promessa que lhe ensinaria a profissão e lhe daria estudo.

Quanta mentira e covardia. Seu Laureano jamais pensou em me dar estudo ou alegria, Só queria que eu trabalhasse. Nem gostava de mim. Queria um empregado de graça e só me ensinou mesmo foi tratar dos cavalos. Claro. Se não fizesse isso não teria um escravo eficiente. E me acordava quando estava para amanhecer e não me dava folga e eu só tinha 8 anos e não aguentava.¹²³

Seis meses depois fugiu de Seu Laureano seguindo a proposta de Dona Felicidade, Dona Beatriz Mocinha Costa que o convencera a acompanhá-la para a fundação de uma pensão no Rio de Janeiro. De fato, a pensão foi inaugurada na Rua Morais e Vale número 5, esse foi o seu primeiro endereço na Lapa e o destino que o seu processo migratório, marcado pela violência e a exploração, o levou.

Ficou na pensão de 1908 a 1913, sem ser remunerado, fazendo trabalhos de limpeza, entrega de marmitas e comprar no Mercado São José, que ficava na Praça XV. Foi no circular pelas ruas que conheceu no Mercado São José, os irmãos Lacraia e Fedor que compunham uma turma de meninos que ofereciam seus serviços na região. Segundo Satã eles o convenceram a fugir e viver nas ruas, uma vez que:

Quando eu aparecia para carregar as coisas que dona Felicidade comprava nós realizávamos conversação. Eles diziam ô amigo você carrega peso de graça e ainda entrega marmita faz limpeza e outras coisas. Burro. Nós ganhamos 200 até 300 réis e somos livres e brincamos e fazemos traquinagens e tudo o que queremos. Burro. E foi de tanto ouvir isso que em 1913 resolvi ser livre. E fugi.¹²⁴

Foi nas ruas que morou durante alguns anos, dormindo em cestos que eram incendiados com ele dentro, por grupos de garotos que eram rivais ao seu, que as redes de solidariedades foram construídas. Uma vez que: “Sempre que botavam fogo no cesto em que eu dormia eu contava pra turma e tinha briga”¹²⁵, assim como se algo acontecia com algum dos membros da rede de solidariedade havia esse tipo de apoio. Segundo Satã, eles compartilhavam a percepção que eram crianças, mas precisavam se unir para

¹²¹ PAEZZO, Sylvan. Op. Cit. 1972. p.6.

¹²² Era uma espécie de mercador de cavalos.

¹²³ PAEZZO, Sylvan. Op. Cit.1972. p.8.

¹²⁴ Idem. p.9

¹²⁵ Idem. p.10.

serem respeitados nas ruas. Esse respeito era angariado por meio da violência dispensada não somente aos grupos de garotos rivais, mas aos adultos também.¹²⁶

Mesmo fazendo parte de uma rede de solidariedades entre os garotos que viviam nas ruas da cidade, havia aqueles que contavam, ainda, com a proteção de um adulto. Satã relata a existência na Lapa, de certa senhora que atendia por Catita, a “Rainha da Bolacha”. Moradora da Rua Joaquim Silva, número 32, Catita oferecia aos seus garotos o privilégio do abrigo e a proteção contra a polícia. Segundo Satã, era uma mulata de 1,70 m de altura e com 180 Kg, que falava grosso e não tinha medo de nada, e quando a polícia chegava a sua casa, “eram recebidos com bolachas. Bolachas de entortar homem. E eles respeitavam ela. Não batiam. Mas queriam prender os meninos. Mas durante a confusão eles fugiam.”¹²⁷ Quando não fugiam, segundo Satã, o juizado os soltava logo. O trabalho desse grupo de garotos consistia em carregar balaio no mercado, local dos primeiros contatos com Satã, no entanto eram acusados de cometerem furtos.

Eles roubavam mesmo. De manhã carregavam balaio no mercado e depois saíam pro furto. E era a Catita que ensinava. A tática predileta dela era mandar que um deles entrasse na loja e começasse a mexer em coisas e mais coisas. O dono e os funcionários só olhando pro chamariz. Aí o resto entrava com os sacos e carregava o que estivesse ao alcance das mãos. [...] As coisas de comer eles comiam e o resto vendiam na zona do baixo meretrício. E assim iam vivendo.¹²⁸

Nas memórias de Madame Satã sobre suas experiências quando criança nas ruas da cidade do Rio de Janeiro identifica-se um cenário em que o trabalho, o uso da violência e transgressão da lei, formava códigos próprios que forjava relações e solidariedades. Em seu relato pode-se identificar a existência de diversos grupos de garotos nas ruas da cidade o que sugere, também, a existência de outros adultos protetores que os “acolhia” e ensinava as formas de sobreviverem nas ruas. Assim como o grupo de carregadores de balaio de Catita, os garotos baleiros de Zé das Colunas tinham como cenário de suas experiências, códigos sociais forjados na convivência das ruas, na relação entre trabalho, violência e transgressões.

¹²⁶ Satã narra uma passagem que teria sofrido uma injustiça por parte do dono de padaria Moroe, que o teria espancado sob a acusação de ter roubado. Ele e seus companheiros das ruas teriam quebrado toda a padaria. Segundo Satã, o dono, sabendo que o grupo de garotos era protegido por Catita não teria dado queixa à polícia sobre o ocorrido. Ver: PAEZZO, Sylvan. Op. Cit. 1972. 10.

¹²⁷ PAEZZO, Sylvan. Op. Cit. 1972. p.10.

¹²⁸ Ibidem

Talvez, nunca saberemos quem foi Zé das Colunas, no entanto o silêncio sobre quem de fato ele era torna-se ensurdecador. Poderia ser realmente um tio consanguíneo de Mano Eloy que o teria recebido com a proposta de viver na Capital. Poderia ser uma pessoa conhecida da família que se encarregou de “recebê-lo” e por isso tenha sido considerado um “tio”. Ou, ainda, uma pessoa que Mano Eloy teria conhecido após chegar à cidade durante seu processo migratório, e não teria a ver diretamente com a existência de consanguinidade. Porém, as fontes consultadas não permitiram maiores esclarecimentos, somente que Zé das Colunas agenciava os garotos nas ruas. O que implicaria esse agenciamento? Quem eram esses garotos?

O relato de Satã sugere que esses garotos poderiam ser explorados, enganados e só os que viviam nas ruas da cidade, tais quais os incorporados por Catita, no mesmo período. O que sugere que ser agregado a um grupo poderia ser uma estratégia de sobrevivência para esses garotos. Os ensinamentos de adultos como Zé das Colunas e Catita podem ter sido fundamentais para a sobrevivência nas ruas da cidade.

O fato de Mano Eloy fazer parte de um grupo de garotos baleiros nas ruas da Capital compõe uma gama de possibilidades, de experiências e formas de construção de redes e solidariedades. As experiências vivenciadas nas ruas cariocas, enquanto menino são caminhos para a compreensão de aspectos das identidades de Mano Eloy. Sua presença em diferentes espaços e aparente busca da construção de um lugar social para as suas práticas. Em poucas palavras, as formas com as quais se relacionaria e construiria redes de solidariedades na cidade do Rio de Janeiro.

1.4. O Trabalho no Porto do Rio de Janeiro

Como assinalamos, a primeira ocupação de Mano Eloy ao chegar, em 1904, no Rio de Janeiro, foi como baleiro nas ruas da freguesia de Santana, sob a administração de seu “tio”, Zé das Colunas. Sua trajetória e potência quanto pessoa pública esteve intimamente ligada ao trabalho, sobretudo, ao trabalho no porto do Rio de Janeiro. Em ocasião da sua morte em 10 de março de 1971, alguns jornais fizeram pequenas homenagens enumerando espaços de influência em sua trajetória.¹²⁹ São ressaltadas suas influências nos mundos do samba, da macumba e do trabalho no porto do Rio de Janeiro. No que se refere ao trabalho Mano Eloy teria sido “fundador do Sindicato da

¹²⁹ Ver: Anexo B.

Estiva e por três vezes presidente da Associação dos Arrumadores, cujos sócios são conhecidos por “turma da resistência dos cais do porto”.¹³⁰ Em outra homenagem que relatava seu enterro há a afirmação que as informações sobre sua relação como os sindicatos portuários teriam sido fornecidas pelo próprio Mano Eloy:

Ontem à tarde, de Madureira a Inhaúma, o subúrbio assistiu a um desfile de sambistas tristes, todos de cabeça baixa, muitas chorando. Levarem o velho Mano Elói para ser enterrado.

[...]

Estivador aposentado gostava de contar, com orgulho, que havia fundado o Sindicato da Estiva e dos Arrumadores, chegando a ser presidente.¹³¹

Segundo os relatos dos jornais, Mano Eloy teria sido um dos fundadores da União dos Operários Estivadores e da Sociedade de Resistência. Porém, algumas fontes indicam controvérsias cronológicas nas afirmações que foram fornecidas por Mano Eloy.

A primeira está relacionada à fundação da União dos Operários Estivadores. A origem da associação remonta ao movimento grevista de 1903, que envolveu diferentes setores do operariado, sendo considerado como uma “greve geral”. Iniciada em agosto de 1903, por operários das fábricas de tecido e com adesão de diferentes categorias de trabalho, a greve que duraria 26 dias ganhou proporção. Não houve uma pauta comum entre as categorias, mas de maneira geral, elas estariam reivindicando questões relacionadas à jornada de trabalho e ao aumento de salário e as pretensões de cada categoria.¹³²

Os operários estivadores do porto do Rio de Janeiro aderiram à greve e organizaram comissões para a elaboração de pautas para o grupo, entendendo-se como categoria unida para fazer pressão por melhores condições de trabalho. Entre as reivindicações estava, estabelecer um horário de trabalho de 9 horas, com intervalo de uma hora para descanso. Nos jornais que fizeram a cobertura da greve, não foi divulgado o desfecho das negociações, mas tudo aponta que aos poucos, os operários estivadores foram voltando ao trabalho. Maria Cecília Velasco Cruz chama atenção, no entanto, que os ganhos da greve foram bem mais amplos, uma vez que os trabalhadores

¹³⁰ O Globo, 12/03/1971.

¹³¹ Jornal do Brasil 20/03/1971. p.7.

¹³² Sobre a Greve Geral ver: GOLDMACHER, Marcela. *A “Greve Geral” de 1903: O Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910*. Tese de doutorado, Niterói, UFF: 2009.

havia se colocado diante do patronato como grupo organizado, embora não tivessem estrutura sindical ou associação que fosse porta voz da categoria. A volta ao trabalho, segundo Cruz, marca ainda uma mudança de estratégia para pressionar o patronato a acatar suas reivindicações, uma vez que:

os estivadores comportaram-se como um batalhão disciplinado, deliberaram, formaram comissões, e depois de 8 dias de greve, em confronto aberto com os patrões, foram capazes de mudar de tática, resolvendo trabalhar, mas se apresentando na “parede” apenas nas horas em que eles próprios haviam determinado. Com essa forma de luta velada e calcada em um desafio permanente às regras patronais conquistaram, então, passo a passo a redução da jornada de trabalho, ao tempo que iniciariam também a construção do sindicato.¹³³

Foi somente após o movimento grevista de 1903 que os operários trabalhadores do porto institucionalizaram sua organização em forma de sindicato. Ou seja, oficializaram a gestão coletiva da mão de obra portuária, através da União dos Operários Estivadores (UOE) do porto do Rio de Janeiro, fundada em 13 de setembro de 1903. Inicialmente, a UOE aglutinou outras categorias do trabalho portuário, como os arrumadores, carregadores, trabalhadores em Trapiches, guindasteiros, foguistas etc,¹³⁴ que posteriormente foram organizando-se em volta de questões particulares a cada modalidade de trabalho.

A cronologia dos fatos relacionados à fundação da UOE e as fontes que apontam para a chegada de Mano Eloy à cidade, em 1904, indicam controvérsias temporais na sua relação com o sindicato. Embora o ano de sua chegada tenha sido por volta de 1903, é preciso considerar os limites de sua influência quando jovem recém-chegado à cidade em uma associação que, mesmo que obtivesse sua oficialização registrada em 1903, contava com uma estrutura que remonta aos trabalhos dos escravizados ao ganho no século XIX.¹³⁵ O que assegurava determinados mecanismos para o acesso ao trabalho e, após a fundação da associação, de algum tipo de relação com os sócios para que fosse aprovada a sua sociedade temporária. Assim, é pouco provável que Mano Eloy fosse um dos fundadores da União dos Operários Estivadores, ainda que pudesse

¹³³ CRUZ, Maria Cecília Velasco e. *Virando o Jogo: Estivadores e Carregadores no rio de Janeiro da Primeira República*. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. p. 245.

¹³⁴ Ver: ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX*. Tese (doutorado) UFF. Niterói. 2010. p.70.

¹³⁵ CRUZ, M^a Cecília Velasco e. *Cor, Etnicidade e Formação de Classe no Porto do Rio de Janeiro: a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café e o conflito de 1908*. & - _____. *Tradições Negras na Formação de um Sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café*. Rio de Janeiro, 1905-1930. *Afro-Ásia*, 24 (2000), 243-290.

ter testemunhado, pelo seu circular nas ruas do Rio de Janeiro, parte do movimento de organização das categorias portuárias em forma de sindicatos. Nos registros da UOE, tanto no estatuto de 1903,¹³⁶ o de fundação, quanto nos de 1905¹³⁷ e 1910,¹³⁸ que acrescentam outras prerrogativas ao estatuto inicial, não há menção ao nome de Eloy Anthero Dias.

Diante do que foi apresentado pelas fontes históricas a questão que se coloca sobre a trajetória de Mano Eloy gira em torno das construções da memória e a relação com o que é verídico e o que é verossímil. As controvérsias entre as fontes, a memória que se construiu sobre Mano Eloy e o que foi reproduzido por ele, são indícios das diferentes formas de inscrever-se no mundo. O que se coloca não é sobre o que é falso ou verdadeiro, mas o que foi capitaneado para se agregar às identidades do sujeito histórico, que pudesse criar possibilidades de negociações para si e para os grupos em seu em torno. No campo do que é verossímil o que é alçado para aquela identidade está perpassada pela possibilidade do real, ou seja, sua presença naqueles espaços de trabalho gerou possibilidades do ser, na busca de sentido para o lugar que ocupava quanto trabalhador e líder sindical negro. No seu celebre debate sobre provas e possibilidades Carlo Ginzburg amplia a questão, uma vez que para ele:

Termos como ‘ficção’ ou ‘possibilidades’ não devem induzir em erro. O problema da prova continua mais o que nunca no centro da investigação histórica: mas o seu estatuto é inevitavelmente alterado no momento em que são abordados temas diversos relativamente ao passado, com o apoio de documentação também diversa.¹³⁹

Os lapsos temporais e a diversidade das fontes para o estudo das trajetórias são fatores que abrem brechas para o campo das possibilidades. No caso de Mano Eloy, aquilo que foi reproduzido, embora não estivesse de acordo com as fontes, pode ser compreendido através da noção de “ilusão biográfica”, no sentido utilizado por Bourdieu. Considerando-se que a construção de uma narrativa de si é muito mais complexa e subjetiva e está perpassada pela relação entre as redes de sociabilidades, o contexto e um projeto, ou seja, os silêncios sobre determinados fatos, as lembranças

¹³⁶ AN. 1º Ofício de Títulos e Documentos. Sociedade Civil. Livro A-1- Registro da União dos Operários Estivadores, 05 de agosto de 1904.

¹³⁷ Estatuto da União dos Operários Estivadores. In.: Diário Oficial, 06 de agosto de 1906.

¹³⁸ AN. Estatuto da União dos Operários Estivadores, 1910. 1º ofício de registro de títulos e documentos, Estatutos de Sociedades Civis, Código 66, seção de guarda SDJ, vol. 27, documento nº 498.

¹³⁹GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007,334

e/ou invenções possuem intenções. Decorre que a trajetória de um indivíduo é composta por uma série de tomadas de posições uma vez que “ele próprio é um devir, estando sujeito a incessantes transformações.”¹⁴⁰

Por tanto, a narrativa memorialística que gira em torno de Mano Eloy está marcada por intenções, que foram construídas no desenrolar de sua trajetória. Suas experiências, escolhas e ações tornaram verossímil aquilo que não está nas fontes escritas, por terem sido construídas diante das contingências do contexto. Em sua trajetória, Mano Eloy, participou ativamente de diferentes momentos nas relações de trabalho portuários, alcançou papel de liderança que acabou por agregar feitos, que se não eram fatos, eram verossímeis para a identidades desse sujeito. E, entrou na memória dos seus contemporâneos e das gerações posteriores, sendo reproduzidas como fato.

Dentre as diferentes modalidades de trabalho que foram congregadas pela União dos Operários Estivadores, os arrumadores fundaram em 15 de abril de 1905 uma associação própria que tinha como objetivo “a união de todos os trabalhadores e organizar a sociedade de classe que tenha os mesmos fins”.¹⁴¹ Surgia a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, fundada na sede da UOE, tinha como categorias os trabalhadores dos armazéns de café e Trapiches, estes últimos funcionavam no sistema de Closed Shop.¹⁴²

Com 16 anos de idade e um ano que estava vivendo na capital do Rio de Janeiro, existe a possibilidade de Mano Eloy ter circulado pelas ruas portuárias e conhecer pessoas e os sindicatos que estavam se formando na região. Pode ter sido testemunha dos movimentos grevistas que se instalaram na região portuária e as diferentes formas de pressionar o patronato para melhores condições de trabalho. No entanto, cabe mais uma vez relativizar a influência de Mano Eloy ainda nos seus primeiros anos na cidade. Sua memória desses momentos em que um grupo considerável de homens negros se organizaram e pressionaram para fazer valer seus interesses quanto classe trabalhadora

¹⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. P.189

¹⁴¹ AN. 1º Ofício de Título e Documentos. Livro A-1. Registro da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. Junho de 1905.

¹⁴² O Closed Shop é um sistema que garante a contratação dos trabalhadores através dos sindicatos fechados. Para maiores detalhes sobre o desenvolvimento do sistema de Closed Shop no porto do Rio de Janeiro, ver: CRUZ, Maria Cecília Velasco. *Virando o Jogo: Estivadores e Carregadores no rio de Janeiro da Primeira República*. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

pode ter entrado de maneira tão vívida que este se considerava parte destes movimentos. Porém, não há indícios da presença de Mano Eloy nos primeiros cinco anos de existência do Sindicato da Resistência.

Os primeiros indícios de sua relação com o Sociedade de Resistência estão presentes no corpo documental existente na Associação de Aposentados, com muitas lacunas diante dos percalços do tempo. Dentre as fontes, temos os livros de matrículas da Associação de Aposentados do Sindicato dos Arrumadores, como também era conhecida a Sociedade de Resistência. As matrículas destes livros são compilações das fichas de matrícula de ingresso de associados à Sociedade. Infelizmente, as fichas originais se perderam ao longo do tempo ficando somente dois livros como fonte.

Olívia Galvão foi quem primeiro pesquisou a Sociedade de Resistência resultando em sua dissertação em sociologia pela UFRJ, em 1994. Já no período de seu estudo, ela se deparou com as lacunas documentais e os problemas de armazenamento e organização do acervo. Tendo acesso, no entanto, a um acervo muito mais amplo do que os poucos livros que sobreviveram hoje. Segundo a autora, já naquela época havia a lacuna sobre os primeiros cinco anos de existência da Associação. Parte das fichas dos primeiros 30 anos da Resistência “foram produzidas por um recadastramento ocorrido nas décadas de 40/50”.¹⁴³ A conclusão que Olívia Galvão chega, diante do conjunto de fichas, é que estas não representavam “o contingente real de todos os antigos, associados – especialmente aqueles que ingressaram nas primeiras décadas.”¹⁴⁴

No acervo atual da Sociedade de Resistência¹⁴⁵ o nome de Eloy Anthero Dias está registrado no primeiro livro da Associação de Aposentados. Este livro apresenta quatro matrículas por página, numeradas de maneira sequenciada até 200, utilizando-se da frente e do verso de cada folha, em um total de 800 matrículas, compreendidas pelo

¹⁴³ GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. *A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos: um estudo de caso entre os arrumadores do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS. 1994. p. 18.

¹⁴⁴ Ibidem. Com a perda das fichas de inscrição dos associados que compunham os quadros iniciais do sindicato não há como comprovar a data que Mano Eloy se filiou a associação. Seu nome também não consta nos registros dos primeiros estatutos de fundação da associação. Ver: AN – 1º Ofício de Títulos e Documentos. Livro A-1. Registro da Sociedade dos Trabalhadores em Trapiche e Café. Junho de 1905.

¹⁴⁵ Nas suas pesquisas para o mestrado, concluído em 2005 e para o doutorado, concluído em 2010, sobre os sindicatos portuários, Erika Bastos Arantes se deparou com o mesmo acervo que eu, contidos na sede da Sociedade de Resistência. Ver: ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do séc. XX*. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, 2005 e _____. *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX*. Tese (doutorado) UFF. Niterói. 2010.

período que vai do ano de 1910 até 1931. Nas fichas encontramos dados como: nome, filiação, data de nascimento, Estado e distrito de origem, estado civil, endereço, se eram alfabetizados, data de admissão e quem teria sido o proponente que indicou a filiação. Contendo ainda espaço para observações que vão desde a naturalização de estrangeiros, mudança do estado civil, falecimento, aos dados sobre o recebimento dos benefícios. Os dados contidos nas fichas são manuscritos. Em algumas fichas observamos retificações feitas por cima dos dados originais e em outras não temos o preenchimento de todos os dados, sobretudo o nome do proponente da filiação.

Nas páginas iniciais desse livro, a data mais antiga é a de 1910. Esse fato suscita algumas questões, a primeira é sobre a possível perda de dados dos associados desses primeiros cinco anos; a segunda é que mesmo com o recadastramento feitos nas décadas de 1940 e 1950, não puderam fazer o levantamento de todos os membros dos 5 anos anteriores, pois muitos já podiam ter falecido ou se desvinculado do ofício; a terceira é que esse livro tenha mais a ver com a Associação de Aposentados do que com a burocracia que girava em torno do Sindicato como um todo. A matrícula de Mano Eloy faz parte das primeiras páginas desse livro, nela consta:

Figura 02 –Recorte do Livro de Matrícula de Mano Eloy

MATRÍCULA N.º 26-17- 7

Nome *Eloy Anthero Dias*
 Filho de *Lauroindo Anthero Dias*
 E de *Eugenia Bernogones Conceição*
 Nascido em *7 de Setembro* de *1889*
 Estado *do Rio* Distrito *Terende*
 Estado civil *Solteiro*
 Residente á rua *da Estação* n.º *24*
 Sabe ler e escrever? *Sim* (*D. Clara*)
 Admitido em sessão realizada em *1* de *Januário* de *1910*
 Sendo seu proponente

OBSERVAÇÕES
Por auxilio em 22-2-1924 - Altera em 26-4-1924
{ Lançado por organos }

Fonte: Livro de Matrículas da Associação de Aposentados do Sindicato da Resistência

A matrícula de Mano Eloy seria a de número 26 anotada na página de número 07, nela não temos preenchimento de seu proponente ou anotações sobre o recebimento de benefícios ou data de sua aposentadoria, consta somente um lançamento “por engano”.¹⁴⁶ Possivelmente, no campo “proponente” ao qual a ficha se refere seria aquele que teria feito a indicação em assembleia para a admissão ao sindicato. Essa era uma prática presente nas atas de reunião d Sociedade de Resistência, nas quais havia indicações para a admissão, punição e expulsão de membros.¹⁴⁷

A data da admissão de Mano Eloy e dos demais associados desse primeiro livro não respeita a sequência. Tendo como marco inicial o ano de 1910, há associados com registro no livro anterior a de Mano Eloy, mas com datas de admissão que remetem aos anos de 1911 ou 1913. Chama atenção o marco inicial ter sido o de 1910, por que não utilizaram a data de fundação do Sindicato da Resistência, em 1905? Quais foram os critérios que elegeram o ano de 1910 como o marco inicial de associação dos sindicalizados? Será que isso teria a ver com a fundação da Associação de Aposentados? Por que cada um não declarou o ano de sua admissão ao Sindicato?

Na matrícula de Mano Eloy entre os dados gerais sobre sua filiação, a data de nascimento aparece diferente a do seu Registro Civil¹⁴⁸ e no campo para o local de nascimento está preenchido como “Estado do Rio”. A informação além de não especificar, amplia as possibilidades quanto ao local de origem de Mano Eloy. Se considerarmos que tanto o Registro Civil, que também apresenta como local de nascimento o “Estado do Rio”, quanto a ficha de matrícula como produzidas por volta das décadas de 1930 - 1940, ambos com informações oferecidas por Mano Eloy, talvez ele não tenha visto importância em precisar o local de sua origem, mas chama atenção as datas de nascimento diferentes nos documentos. Isso pode ser um indício de que Mano Eloy não possuísse seus documentos originais, ficando a cargo da memória o preenchimento dos dados sobre suas origens.¹⁴⁹

¹⁴⁶ Na maioria das matrículas existem duas numerações: uma impressa e outra escrita à mão em cor vermelha. A matrícula de Mano Eloy teria o número impresso 26 e outro escrito à mão em cor vermelha de número 17.

¹⁴⁷ Erika Arantes Bastos identificou esta prática para a admissão ao Sindicato, tendo inclusive analisado o livro de matrícula que estamos nos utilizando. Ver: BASTOS, Erika Arantes. Op. Cit. 2010

¹⁴⁸ Aqui o dia de nascimento consta como 7 de setembro e no Registro Civil como 2 de Março de 1889. Ver: Anexo A.

¹⁴⁹ Em seu Atestado de Óbito consta também o Estado do Rio como local para o seu nascimento e sua data de nascimento como a mesma do Registro Civil, este documento possivelmente foi produzido tendo o Registro Civil como base para as informações. Ver: Anexo B.

Considerando-se os recadastramentos mencionados por Olívia Galvão, feitos anos depois da admissão de muitos dos trabalhadores sindicalizados pela Resistência, alguns registros podem ter sido modificados ao longo deste tempo. Por exemplo, os registros como o endereço e a informação se sabiam “ler e escrever” poderiam ser referentes ao momento do recadastramento do associado em questão.

No que se refere ao local de sua moradia, Mano Eloy declarou-se morador de Dona Clara, bairro que se localizava na antiga freguesia de Inhaúma, onde outrora compunha regiões das antigas fazendas desmembradas que se tornaram bairros suburbanos cortados pela linha férrea.¹⁵⁰ Em Dona Clara era aonde os trens que vinham da Estação Central faziam a curva. Mano Eloy morava na Rua da Estação, possivelmente, uma das ruas principais do bairro devido à circulação do trem e pessoas que usufruíam dessa condução. Essa pode ser uma informação que estava de acordo com a época na qual fez o recadastramento.

Embora Sr. Hélio, filho de Mano Eloy, afirmasse que seu pai era “semianalfabeto” e tenha demonstrado surpresa na articulação e posicionamento dele como liderança dentro da Resistência, Mano Eloy declarou saber “ler e escrever”, como explicita sua ficha. Saber “ler e escrever” não era uma condição para a aceitação do associado, contudo, o fato da ficha apresentar esse item, assinala a importância dada pela Resistência ao domínio da cultura letrada. A análise das fichas levou a autora aos seguintes dados sobre o número de analfabetismo na Resistência:

13,5 dos trabalhadores foram declarados analfabetos, sendo 13% a proporção de brasileiros e 26,4% entre os estrangeiros. Se considerarmos apenas os brasileiros, podemos observar que a proporção de analfabetos entre os não-brancos (12,9%) é maior do que entre os brancos (9,4%). Com relação aos estrangeiros, metade dos arrumadores de nacionalidade italiana é formada por analfabetos.

Em um ambiente profundamente marcado por uma cultura não letrada, porque serviço em si não exigia qualquer qualificação a não ser “aguentar o trabalho”, o domínio da leitura e da escrita poderia influenciar a escolha de trabalhadores para cargos diferenciados no Sindicato. Embora Galvão assinale que os analfabetos não podiam “exercer cargos de diretoria e algumas funções comissionadas (Encarregado,

¹⁵⁰ Os chamados trens suburbanos faziam paradas na sequência: Central, Lauro Müller, São Cristóvão, Mangueira, São Francisco Xavier, Rocha, Riachuelo, Sampaio, Engenho Novo, Meyer, Todos os Santos, Engenho de Dentro, Piedade, Frontin, Cascadura, Madureira e Dona Clara. Ver: O CICERONE: Guia Geral das Estradas de Ferro e da Capital Federal (RJ) 1909. p.4.

Fiscal, Contra- Mestre e Ajudante)”¹⁵¹, afirma, no entanto que se deparou com relatos que afirmavam que de 1943 a 1946 houve um presidente analfabeto.¹⁵² Dominar a cultura letrada podia estar de acordo com certo projeto de ascensão dentro das frentes de trabalho do próprio sindicato e/ou relacionar-se com a aquisição de um valor de positividade social. No entanto, não podemos perder de vista que as fichas que a autora teve acesso foram produzidas em um recadastramento ocorrido nas décadas de 40/50, como a mesma mencionou. As informações podem referir-se ao momento do recadastramento e não ao momento da filiação ao sindicato.

Outra questão salientada por Galvão é sobre a forma de ingresso as Sindicatos como a Resistência e a UOE. Segundo a autora estes possuíam práticas que remontavam a determinadas redes de relações que garantia o ingresso e assegurava benefícios aos familiares dos trabalhadores filiados, o que permitia “a formação das linhagens portuárias”¹⁵³, as quais gerações da mesma família eram empregadas no trabalho portuário. Identifica que em muitos casos o trabalhador possuía outros ofícios, apresentados em um dos itens das fichas de adesão ao sindicato. A própria dinâmica do trabalho, ao qual era feito com base no regime de empreitada, facilitava a obtenção empregos concomitantes.¹⁵⁴

Em 1913, foi indeferido o pedido de aposentadoria de um Guarda Freios da Estrada de Ferro Central do Brasil, chamado Eloy Antero Dias.¹⁵⁵ A guia de saúde teria sido enviada em outubro de 1913 e em dezembro desse mesmo ano o pedido de aposentadoria por invalidez teria sido indeferido. A breve menção constante no Diário Oficial é completada por duas outras listagens feitas pela “Central do Brasil”, no jornal O Paiz¹⁵⁶. No entanto, não há desdobramentos e outras menções do nome de Eloy Anthero Dias.

Há a possibilidade de esse Eloy ser um homônimo, contudo, a constatação feita por Olívia Galvão sobre a recorrência dos trabalhadores da Resistência possuírem outras ocupações traz a possibilidade de Mano Eloy ter sido Guarda Freios da Estrada de Ferro

¹⁵¹ GALVÃO, Olívia. Op. Cit. 1994. p.24

¹⁵² Segundo Olívia Galvão, o sindicato ao longo de sua história só teve um presidente analfabeto chamado Isidoro da Silva que presidiu a Resistência de 1943 a 1946. Ver: GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. *A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos: um estudo de caso entre os arrumadores do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS. 1994.p. 26.

¹⁵³ Ibidem

¹⁵⁴ A autora desenvolve a questão no capítulo 4 de sua dissertação. Ver: GALVÃO, Olívia. Op. Cit. 1994

¹⁵⁵ DOU 19/12/1913. p. 25. Ver: <<https://www.jusbrasil.com.br/> consultado em 21/10/2016.

¹⁵⁶ O Paiz. 16/10/1913; O Paiz. 09/12/1913.

Central do Brasil. E, o fato de estar pedindo a aposentadoria nesse emprego, gera um fator que pode indicar a escolha em se manter na Sociedade de Resistência. A possibilidade de Mano Eloy ter exercido essa ocupação e, em sua trajetória, não se ter mencionado o fato ou silenciado, me faz pensar nas escolhas que cada indivíduo faz na construção das identidades que quer para si. Considerando-se que os indivíduos e/ou os grupos possuem repertórios identitários alicerçados em lugares de pertencimento. Neste caso, Mano Eloy mantinha uma relação de pertencimento com a Sociedade de Resistência, ao trabalho portuário. Talvez o local no qual tenha conseguido maior destaque e influência. Ainda assim, faz parte de sua escolha o repertório no qual alçará sua identidade.

Outra questão que não podemos perder de vista é que a Constituição Federal de 1891 estendeu o direito ao voto para todos os cidadãos brasileiros maiores de 21 anos e, alfabetizados.¹⁵⁷ Votar era um exercício de cidadania que estava ligado ao domínio, mesmo que precário da cultura letrada. A prática de votar estava carregada de sentidos que implicavam certa percepção crítica sobre a importância da participação política como elemento de busca por cidadania. Estamos falando de um Sindicato que havia uma predominância de trabalhadores negros e que remonta sua história à Companhia dos Pretos.¹⁵⁸

O item “sabe ler e escrever” da ficha de matrícula representa uma percepção crítica sobre as contingências da época e a importância do domínio da cultura letrada para os trabalhadores associados. Mano Eloy, por exemplo, em 1918 aparece na lista de eleitores da Terceira Seção de Santo Antônio.¹⁵⁹ Se era semianalfabeto ou não, a questão que se coloca era como capitaneava os recursos adquiridos ao longo de suas experiências em prol de símbolos que compunha a cidadania.¹⁶⁰ O que significava para um homem negro, com seus 29 anos de idade, fazer parte de um sindicato, ser eleitor nos pleitos para representantes do governo, em 1918? Qual era a carga simbólica que estes signos agregavam a sua figura? Estas foram escolhas que Mano Eloy fez nesses 14 anos de vida na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁵⁷ Exceto algumas categorias como os mendigos e os praças militares.

¹⁵⁸ MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. FUNARTE, 1983.

¹⁵⁹ DOU 06/10/1918. p. 54 Ver: <<https://www.jusbrasil.com.br/>> consultado em 21/10/2016.

¹⁶⁰ Ver: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. São Paulo: Claro Enigma, 2012

Em diferentes momentos o nome Mano Eloy é mencionado em periódicos como representante da Sociedade de Resistência junto às organizações operárias e aos governos, sobretudo no período posterior a 1930. Infelizmente os livros depositados no acervo da Sociedade de Resistência não possuem linearidade. No que se refere aos cargos ocupados por Mano Eloy encontra-se um único livro de “Atas de Assembléias de Reunião da Diretoria” que vai de 13 de novembro de 1946 a 23 de junho de 1950 no qual Mano Eloy assina como presidente da instituição.¹⁶¹

Sua participação na Sociedade de Resistência faz parte da memória das festas da região portuária. Segundo Rubem Confete no natal, a Resistência fazia uma festa que fechava a rua do Livramento, onde ficava sua sede, e incorporava os moradores, oferecendo lhes presentes.¹⁶² Dona Leda lembra que as festas da Resistência eram eventos suntuosos, nas quais as mulheres do morro da Serrinha se vestiam de casacos de pele e os homens com seus ternos chegavam a sede do sindicato em carros alugados.¹⁶³

¹⁶¹ Livro de Atas de Reuniões de Diretoria do Sindicato da Resistência (1946-1950). Acervo do Sindicato dos Trabalhadores Avulsos em Capatazias e Arrumadores no Comércio Armazenador no Município do Rio de Janeiro. A diretoria era composta por: presidente - Eloy Anthero Dias; primeiro secretário - Chrisanto Ramos Filho; segundo secretário - Waldemar Vianna da Silva. No livro há registros de reuniões periódicas nas quais se relata aspectos da gestão dos serviços prestados, novas negociações entre o sindicato e patronato, relação entre os demais sindicatos na região, indicação de novos associados, discussão de penalidades e expulsão daqueles identificados em atitudes que não “condiziam com o serviço”. Atos relacionados à caixa de acidentes podem ser encontrados em Diários Oficiais da União que englobam o período de sua gestão. DOU – 03/03/1947 p 85; 03/03/1947 p 86; DOU 31/12/1948 p. 36; DOU 01/03/1950 p 4; DOU 31/12/1948 p. 36; DOU – 03/03/1947 p.86. Ver: <<https://www.jusbrasil.com.br/>> consultado em 21/10/2016.

¹⁶² CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora. 11/05/ 2017

¹⁶³ DIAS, Ledahir Nascimento. Entrevista concedida a autora. 01/06/2017

Figura 3 - Mano Eloy em confraternização na sede da Resistência



Fonte: Acervo Pessoal Rachel Valença

Na imagem de uma das festas na sede da Resistência, nota-se Mano Eloy em lugar central à mesa. Na foto, o perfil racial dos presentes é notório – são homens negros, trabalhadores, bem vestidos no lugar sede de sua organização. A família, possivelmente, estava presente como pode-se notar pelos meninos que estão à frente do grupo e da mulher no canto direito da imagem. A mulher possivelmente apareceu por acaso, pois, aparentemente a cena proposta pela imagem era retratar os trabalhadores do sindicato e seus filhos, todos meninos, por sinal.

1.5. A Resistência: solidariedades e tensões raciais

Em 1918, a Resistência tem destaque nos jornais por encabeçar mais um movimento grevista. Os trabalhadores cruzaram os braços com o objetivo de pressionar o patronato a aceitar a nova tabela de preços dos serviços. Eles utilizavam esta prática desde sua fundação para fazer valer os interesses da categoria. Porém, o destaque dado pelo jornal *A Razão*¹⁶⁴, foi sobre as formas que o sindicato lidava com os trabalhadores em greve.

¹⁶⁴ Jornal carioca de publicação irregular, em geral semestral, fundado em 16 de dezembro de 1916 pelo comendador Luís José de Matos e extinto em dezembro de 1974. Durante o Estado Novo, o jornal foi fechado, só voltando a circular em 8 de dezembro de 1948. Nessa época, a direção estava a cargo de

O Commercio de Café e a Resistência

A Resistencia dos Trabalhadores em Trapiche e Café paga o salário dos grevistas [sic]

O dia de sábado, na sede da Resistencia dos Trabalhadores foi de grande movimento.

E' que, aliás, do meio dias às cinco horas da tarde, procedeu a directoria ao pagamento do salário que teriam percebido seus sócios se não estivessem em greve.

As cinco horas foram suspensos tais pagamentos, constatando-se que a importância despendida orçava em “cinco contos, seiscentos e quarenta e cinco mil réis”.

[...]

Hoje, serão feitos os últimos pagamentos ao pessoal.

Causou bom efeito, nas rodas operarias, o facto de terem sido também contemplados alguns trabalhadores livres que aderiram á Resistencia e que não foram, ainda pela sociedade colocados em outros serviços.¹⁶⁵

O enfoque dado pelo jornalista estava na prática do Sindicato em fazer os pagamentos dos trabalhadores em greve. Contemplando, inclusive, os “trabalhadores livres”, ou seja, os não sindicalizados, com o encaminhamento a outros serviços. Era uma face da organização logística e financeira do sindicato quanto à categoria para pressionar o patronato e garantir os interesses do grupo de sindicalizados. Paralisar os trabalhos, mesmo que de um setor em específico para muitas categorias seria um caminho para o descontentamento pela possível perda de contratos de serviços, prejuízos que podiam pressionar a categoria, mas tudo indica que o sindicato possuía não só o monopólio dos serviços, como a estabilidade financeira de garantir o equilíbrio das relações entre sindicato/trabalhadores e sindicato/patronato. Mais à frente na mesma matéria há aspectos da relação entre o sindicato e as “firmas” de comércio:

Mais uma adesão

Sábado, mais uma firma do comércio de café comunicou á Resistencia dos Trabalhadores que está pronta a manter relações com a Sociedade e aceitar a nova tabela.

Não o fazendo desde já por se achar sob ameaça de “boycottage” do Centro de Café.

A Resistencia agradeceu e recomendou a referida firma a todos os trabalhadores, exigindo-lhes, porém, segredo com referência ao nome dos aludidos, negociantes, afim de lhes não causarem involuntariamente prejuízos.¹⁶⁶

Nunes de Oliveira. Aparecia também com destaque em suas páginas Antônio do Nascimento Cottas, genro do antigo proprietário. Anos depois passou a assinar editoriais Antônio Cristóvão Monteiro, casado possivelmente com a neta de Luís José de Matos. A Razão passou então a publicar matérias fazendo a apologia ora de seu fundador, ora de algum comerciante português enriquecido no comércio exportador. Ver: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/razao-a-rio-de-janeiro> Consultado em 28/03/2019

¹⁶⁵ A Razão, 12/08/1918. p.06

¹⁶⁶Ibidem.

A greve em questão foi feita para pressionar as firmas de comércio de café a aceitarem a tabela de preços apresentada pela Resistência para seus serviços. Não podemos perder de vista que o embate tinha no lado oposto a categoria ligada ao café. A adesão da “firma do comercio de café” indica as pressões feitas pela Companhia de Café, instituição que os organizava quanto categoria, mas que por outro lado, pelo menos para a referida firma, colocando-se na balança, acabou por “confiar”, na organização da Resistência em manter o trabalho e o sigilo. Demonstra o prestígio que a Resistência possuía no cumprimento e seus acordos de prestação de serviços e a percepção das vulnerabilidades do patronato. Afinal, qual firma poderia arcar com os prejuízos do não cumprimento de seus contratos comerciais?

Embora apresente um panorama no qual o sindicato é retratado com o domínio das relações entre as categorias envolvidas no movimento grevista, um episódio em particular, envolvendo Mano Eloy indica que as tensões faziam parte desse cenário.

Contra as ordens do chefe de Policia

No largo de Santa Rita um grupo de trabalhadores discutiam e, subitamente, um deles, “livre”, gritou que tinha levado uma bofetada. A polícia, que é numerosa no local, acorreu. Encontrou, apenas o que se dizia agredido. E o agressor? Não foi visto.¹⁶⁷

Nota-se as escolhas das palavras do jornalista ao identificar o grupo, eram “trabalhadores” em discussão. Salientando que no grupo haveria uma aparente oposição entre os sindicalizados e os livres. Inclusive, o jornalista ao narrar o que se passou tende a construir um discurso que questiona se o trabalhador “livre”¹⁶⁸ teria levado a bofetada, em um posicionamento em favor dos trabalhadores do sindicato.

Em cena, havia um grupo de trabalhadores que foram colocados em oposição como sindicalizados e “livres”, ambos controlados por uma numerosa polícia. O controle policial na região do Largo de Santa Rita não era um “privilégio” despendido aos sindicalizados, mas como se pode observar no desenvolvimento do caso, o pertencer ao sindicato garantia certa diferenciação.

¹⁶⁷ A Razão, 12/08/1918, p.06

¹⁶⁸ Um trabalhador que não era associado a nenhum sindicato.

Entretanto o caixeiro de uma das casas de café, Laurindo Faustino, morador á rua Santa Christina, disse a um policial que o agressor era Eloy Anthero Dias, que se vinha aproximando.

Preso Eloy, protestou, alegando que nem vira o facto e que a acusação lhe era feita pelo simples facto de ser grevista.

Não havia testemunhas.

A polícia porém arranhou-as entre pessoas interessadas em fazer mal aos trabalhadores da Resistencia.

O dr. Raul Magalhães, delegado do distrito teve escrúpulos em lavrar o flagrante.

Mas o dr. Osorio de Almeida Filho, 2.o delegado auxiliar, determinou que o flagrante fosse lavrado e capitulado o delicto nos artigos 303 (ofensas físicas) e 205 (desviar operários do trabalho) do Código Penal.

A diretoria da sociedade de Resistencia que tem declarado e “provado” que seus sócios manterão a mais absoluta calma no primeiro momento deixou Eloy Anthero Dias, entregue a si próprio.

Mais tarde porém, muitos companheiros que presenciaram os acontecimentos afirmaram na sede social que Eloy Anthero Dias estava sendo perseguido e, por isso, foi a Resistencia livrar o companheiro prestando fiança pelo mesmo.

O dr. Aureliano Leal¹⁶⁹ que ordenou a seus subalternos não servissem de instrumento de compressão contra grevistas que ordeiros e pacíficos estão exercendo um direito, necessita de reiterar suas ordens a respeito.¹⁷⁰

No primeiro estatuto da Sociedade de Resistência, talvez inspirado pelo da UOE, existe a intenção de prestar auxílio mútuo, e a percepção dos possíveis embates trabalhistas que poderiam enfrentar, uma vez que em seu item “f” aparece a ideia de “fundar uma caixa para auxiliar e defender os seus associados em caso de greve ou quando se virem coagidos em sua liberdade, em defesa da classe”. O fato de apresentarem nos seus estatutos a criação de caixa de ajuda para tais causas sinalizam as possíveis tensões que as relações de trabalho na região assumiam e, no ano seguinte, a necessidade de ampliar essa garantia para os casos em que seus associados necessitassem de prestação de “defesa gratuita e obrigatória, no caso de prisão, perseguição injusta e abusos de que seus associados possam ser vítimas.”¹⁷¹

Embora o escritor do relato tivesse um posicionamento que tendia para a defesa dos trabalhadores sindicalizados, seu relato deixa transparecer que as relações eram bem mais complexas. Mano Eloy, o acusado de agressão, teria sido vítima de uma falsidade.

¹⁶⁹ Jurista baiano, nomeado chefe de polícia do Distrito Federal de 1912 a 1918, pelo Presidente da República Venceslau Brás.

¹⁷⁰ A Razão, 12/08/1918. p.06

¹⁷¹AN. 1º Ofício de Títulos e Documentos. Livro A-1. Registro da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. 06 de julho de 1906. Havia ainda itens relacionados à criação de jornais, bibliotecas, aulas de instrução, bem como auxílios para o caso de doenças ou para funerais.

No entanto, diante dos estatutos que garantiam o auxílio aos sindicalizados nos casos de perseguição “em caso de greve”, chama atenção o relato de que Mano Eloy teria sido “entregue a si próprio”.

Foi, somente depois que “muitos companheiros que presenciaram os acontecimentos afirmaram na sede social que Eloy Anthero Dias estava sendo perseguido e, por isso, foi a Resistencia livrar o companheiro prestando fiança pelo mesmo.” O relato possuiu aspectos que vão desde as tensões entre trabalhadores sindicalizados e “livres”, perseguição policial e, possíveis clivagens dentro do Sindicato. Será que a aparente demora em prestar o auxílio a um trabalhador, em momento de greve, não teria a ver com a suspeita do descumprimento do pedido de calma feito pela diretoria aos seus trabalhadores? O Estatuto salienta que o uso do benefício da defesa gratuita era para “perseguições injustas e abusos”. A acusação de “desviar operários do trabalho” parece ter sido o suficiente para que Mano Eloy não tivesse o direito a sua “defesa gratuita obrigatória” atendida de imediato.

1.6. Parentesco e raça

Embora conste no Estatuto da Sociedade de Resistência, de 1906, em um de seus itens a intenção de ampliar seus quadros e ultrapassar as diferenças através da “união de todos os trabalhadores, sem distinção de nacionalidade, cor e religião”¹⁷², na associação, como assinalou Olívia Galvão, havia a predominância de brasileiros, negros. Em uma amostragem de 1904 ficha com fotos, a autora chega aos percentuais de “19,2% dos associados são brancos e 72,4% não-brancos (15,6% pardos e 56,8% pretos)”¹⁷³, no Sindicato da Resistência. Sua pesquisa contemplou ainda a nacionalidade, os bairros de moradia e a origem territorial dos associados brasileiros. Reproduzi aqui a tabela desenvolvida por Olívia Galvão, vejamos os números que a autora chegou:

¹⁷² AN. 1º Offício de Títulos e Documentos. Livro A-1. Registro da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. 06 de julho de 1906.

¹⁷³ GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. *A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos: um estudo de caso entre os arrumadores do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS. 1994. p. 22.

Tabela 1 - Associados Brasileiros, por cor e Unidades da Federação (Estado) e Regiões:

<i>REGIÃO/ESTADO</i>	<i>Branco</i>	<i>Pardo</i>	<i>Preto</i>	<i>S/Foto</i>	TOTAL
NORTE (13)					
Acre	1	—	—	—	1
Amazonas	—	—	—	1	1
Pará	3	4	3	1	11
SUL (8)					
Paraná	1	—	—	—	1
Rio Grande do Sul	2	—	2	1	5
Santa Catarina	—	—	2	1	2
CENTRO-OESTE (3)					
Goiás	—	—	1	—	1
Matogrosso ^[sic]	—	—	2	—	2
SUDESTE (1.403)					
Espírito Santo	10	10	38	1	59
Minas Gerais	19	39	168	20	216
Rio de Janeiro	153	140	679	92	1.064
São Paulo	7	3	20	4	34
NORDESTE (377)					
Alagoas	18	24	22	6	70
Bahia	15	27	60	10	112
Ceará	7	3	2	1	13
Maranhão	—	1	—	4	5
Paraíba	15	5	2	3	25
Pernambuco	21	15	22	7	65
Piauí	1	1	—	—	2
Rio Grande do Norte	7	4	4	2	17
Sergipe	16	15	34	3	68
Sem Informação	2	5	18	3	28
TOTAL	298	296	1.078	160	1.832

Fonte: Apud: GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. Op. Cit. p.22

Segundo a tabela produzida por Olívia Galvão, os trabalhadores da Sociedade de Resistência do período de 1910 a 1940 eram predominantemente negros, com um

quantitativo de 1.832 fichas, e com uma concentração de 1.403 trabalhadores oriundos da região Sudeste, sendo 1.064 originários do Rio de Janeiro. Diante da análise dos dados, Olívia Galvão levanta a hipótese de que o acesso ao trabalho foi o que delineou o perfil racial dos trabalhadores desse Sindicato. Segundo as fotos contidas nas fichas, a recorrência de sobrenomes e a origem geográfica, afirma que no Sindicato da Resistência as relações de solidariedades e parentesco era o que prevalecia e garantia o perfil étnico predominantemente negro para a associação.

Os dados coletados por Olívia Galvão assinalam que os trabalhadores negros não só eram predominantes na Sociedade de Resistência como se fortaleciam a partir de suas redes de solidariedades e de alguma forma controlavam o acesso de quem poderia fazer parte da associação. O que garantiu o desenvolvimento de uma classe trabalhadora com perfil étnico marcadamente negro.

A prática assumida tanto na UOE quanto na Sociedade de Resistência, oferece indicação de novos associados por algum membro mais antigo, assegurava o controle de quem entrava nesses sindicatos.¹⁷⁴ Isso acabou por garantir em seus quadros a predominância de negros, uma vez que, como assinalou Ingrid Sarti,¹⁷⁵ as indicações eram baseadas em laços de parentesco, fazendo com que estes sindicatos tivessem o aspecto de uma espécie de “grande família”, elemento importante para o controle e a manutenção dos negros. Sem falar que havia ainda a hereditariedade da sindicalização, ou seja, os familiares diretos, homens, herdavam a titularidade de seus pais e avôs em caso de falecimento ou aposentadoria. Se por um lado essa prática garantiu a predominância dos negros aos trabalhos no porto, por outro gerou descontentamentos para aqueles que não tiveram acesso às redes de parentescos e sociabilidades que garantiam à filiação aos sindicatos.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Essas indicações eram feitas em assembleias nas quais havia a aprovação dos presentes para o ingresso temporário de novos membros feitos por trabalhadores que compunham o quadro desses sindicatos.

¹⁷⁵ SARTI, Ingrid. *O Porto Vermelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

¹⁷⁶ Não podemos perder de vista que havia conflitos entre os sindicatos e grupos que tinham interesses em manter a maior oferta de mão de obra possível e assim garantir baixos salários e oferta constante de trabalhadores em época de greve. Assim estes grupos de trabalhadores que não faziam parte da “grande família portuária”, me utilizando aqui das palavras de Erika Bastos, acabavam sendo colocados neste campo de disputas. Exemplo desta questão foi divulgada nos jornais, ver: CRUZ, M^a Cecília Velasco, *Tradições Negras na Formação de um Sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café*. Rio de Janeiro, 1905-1930. *Afro-Ásia*, 24 (2000), 243-290. e ARANTES, Erika Bastos. Op. Cit. 2010

Maria Cecília Velasco Cruz identifica a predominância de trabalhadores negros na Sociedade de Resistência, também através de suas fichas. Para a autora, os laços de trabalho forjados antes da criação dos sindicatos portuários remontam as “tradições negras” advindas das relações das tropas de trabalhadores ao ganho nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. A manutenção do sistema de trabalho teria garantido que a região pudesse ser considerada como “um verdadeiro reduto negro” e assegurou a predominância de negros nos quadros do Sociedade de Resistência.¹⁷⁷

Cruz analisa as transformações na organização do trabalho no porto na transição do século XIX para o XX. Ela defende que, já na metade do século XIX, os trabalhadores podiam ser considerados como uma “fração de classe específica e claramente delineada na força de trabalho empregada no sistema portuário”.¹⁷⁸ Havia, em dado momento, certo movimento das tropas¹⁷⁹, que ofereciam trabalho em diferentes locais de aproximação e fixação junto às casas de café e trapiches.

[...] um processo que teve uma racionalidade clara. Para quem não tem vínculos empregatícios nem relações predeterminadas, apropriar-se de um território abre a possibilidade de demarcar fronteiras, estabelecer uma reserva de mercado, introduzir a noção de “nós” e “eles”, sair do anonimato, criar identidades, estabelecer redes de relações e se tornar, enfim, conhecido do ‘outro’.¹⁸⁰

Utilizando-se do cruzamento de fontes, tais como os registros de sócios da antiga União dos Operários Estivadores e Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café e os registros coevos da Casa de Detenção, a autora delineou o perfil social e étnico dos trabalhadores no porto do Rio de Janeiro. Diante da análise dos documentos, ela afirma que a transformação social da classe trabalhadora urbana, com a chegada de estrangeiros ao Brasil, não teria atingido substancialmente a região do porto do Rio de Janeiro.

[...] os brasileiros e os pretos e pardos predominavam na força de trabalho portuária, e isso tanto em terra como no mar. A Resistência era um verdadeiro reduto negro, indicando nitidamente que os escravos e os homens livres de cor seguraram com unhas e dentes os seus postos de trabalho, apesar de terem sofrido por muitos anos a concorrência dos imigrantes.¹⁸¹

¹⁷⁷ CRUZ, M^a Cecília Velasco. *Tradições Negras na Formação de um Sindicato...* 2000. p. 263

¹⁷⁸ Ibidem

¹⁷⁹ Tropas era como os grupos de trabalhadores organizados para desenvolvimento de determinada tarefa no porto eram chamados.

¹⁸⁰ CRUZ, M^a Cecília Velasco. *Tradições Negras na Formação de um Sindicato...* 2000. p. 267.

¹⁸¹ Idem. p. 270

Diferente das fábricas que se caracterizavam por espaços e horas rígidas para execução do trabalho, o porto contava com dinâmica própria, que emprestava certa fluidez a estes espaços e horários, pois o trabalho era feito no modelo de empreitada. Para Erika Bastos Arantes, a falta de rigidez em relação ao trabalho “moldava a vida daqueles homens em vários níveis: desde o acesso à moradia ao confronto diário com a polícia republicana.”¹⁸² O enfoque nas relações de trabalho e sindicais, segundo Arantes, não dá conta da dimensão do universo forjado pelos trabalhadores e para tanto sugere a análise da região portuária e seus arredores como espaços de circulação e convivência de trabalhadores na região.

No porto e fora dele, pretos e brancos, nacionais e imigrantes, estivadores, arrumadores, foguistas e carvoeiros estavam sempre se esbarrando no dia-a-dia das ruas próximas ao cais do porto, nos botequins, nos cortiços e nas horas de descanso ou lazer. Esses momentos de folga e diversão devem ser entendidos como um espaço de comunicação, de troca e de criação de laços, para além daqueles construídos durante a execução do trabalho ou da organização institucional.¹⁸³

As experiências cotidianas portuárias estavam perpassadas pelo trabalho. Ainda que houvesse diferentes laços de sociabilidades que ampliavam as possibilidades de acesso ao trabalho, muitas tensões e disputas eram forjadas nas lidas cotidianas. As relações portuárias foram marcadas por conflitos raciais, entre nacionais e estrangeiros.¹⁸⁴

Um exemplo emblemático sobre os conflitos entre nacionais e estrangeiros marcado pelo caráter racial na Sociedade de Resistência foi o resultado da eleição para a diretoria do ano de 1908, na qual a chapa vencedora foi composta por um grupo de portugueses. Na reunião de posse houve o questionamento de um grupo de brasileiros que indicavam a ilegalidade dos eleitos uma vez que, a associação havia alterado, no ano anterior, algumas prerrogativas de organização alinhados com a lei que criou os sindicatos profissionais que estabelecia que só pudesse fazer parte da administração dos sindicatos, brasileiros ou estrangeiros naturalizados com mais de cinco anos de

¹⁸² ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro: Cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Dissertação (mestrado) UNICAMP – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2005. p.16

¹⁸³Ibidem

¹⁸⁴ Para maiores desdobramentos sobre as relações entre nacionais e estrangeiros ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora Unicamp. 2001

residência fixa no Brasil e cumpridores de todos os direitos civis. Segundo aqueles que questionaram a validade da eleição, o pleito foi feito sem que se cumprisse todo o protocolo de divulgação para chamamento da classe para a eleição além de ferir os artigos da lei ao eleger portugueses. O resultado da insatisfação com esse resultado foi a morte de um dos membros, alguns feridos e a depredação da sede da Sociedade de Resistência.¹⁸⁵

Esse episódio foi citado por alguns pesquisadores como exemplo de como os conflitos raciais, na região portuária limitavam a consciência de classe e impediam a construção de solidariedades, outros desconsideraram o conteúdo racial presente nas relações entre trabalhadores no porto.¹⁸⁶

Acredito que o próprio episódio demonstra a consciência de classe perpassada pelo caráter racial. Foi claramente um episódio que assinalava que nacionais e estrangeiros estariam em lados opostos, mas que havia uma compreensão sobre a importância do controle dos espaços de poder no sindicato. Marcando a consciência da classe trabalhadora predominantemente negra da Sociedade de Resistência.

1.7. Memória coletiva e história dos negros no pós-abolição

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto que faz parte da memória coletiva.¹⁸⁷ Por muito que se deva à memória coletiva, o exercício de evocar a lembrança de certos momentos, no entanto, irradia do indivíduo. Os deslocamentos dos sujeitos em direção ao pertencimento do grupo evocam lembranças que dão sentido à ação e significados ao passado e aos objetos retidos por sua memória, “dentro de um tesouro comum.”¹⁸⁸ Assim, a memória coletiva de práticas que remontam a um arcabouço de experiências de “memórias do cativo,”¹⁸⁹ fazem parte do, repertório no qual Mano Eloy construiu suas identidades, ou seja, o “tesouro comum” partilhado com suas redes de sociabilidades.

¹⁸⁵ Para maiores detalhes sobre o episódio ver: CHALHOU, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim...* 2001. P.158-159 ou ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro...* 2010. p.25-26.

¹⁸⁶ Para saber mais sobre, ver: ALBUQUERQUE, Marília B. M. *Trabalho e conflito no porto do Rio de Janeiro, 1904-1920*. Tese de mestrado. UFRJ, 1983 e FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979

¹⁸⁷ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006

¹⁸⁸ BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p.411

¹⁸⁹ RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. *Op. Cit.* 2005

A memória coletiva pode ser compreendida a partir de práticas que giram em torno de determinadas organizações. Sejam organizações formais, institucionalizadas, como a Sociedade de Resistência, seja como às práticas jongueiras. As experiências coletivas que fundamentam a memória de determinados grupos sociais são caminhos de construção de pertencimento e identidades. Assim as identidades coletivas estão intimamente ligadas às experiências dos grupos sociais, uma vez que as memórias transformam-se em história, e aqueles indivíduos que as partilham sentem-se parte do grupo. A memória produz significados às existências individuais ou coletivas construídas através das experiências partilhadas entre os indivíduos e os grupos sociais.

Como homem nascido um ano depois da lei de abolição do escravismo no Brasil, Mano Eloy esteve muito próximo das experiências do cativo. Esse fator acrescenta a ele uma proximidade com certo arcabouço de memórias. Talvez seja a segunda geração de pessoas livres na sua família, e o primeiro a nascer no pós-abolição, suas experiências estiveram muito próximas desse panorama construído com as experiências das gerações imediatamente após a abolição.¹⁹⁰

Na tentativa de alçar os caminhos no qual Mano Eloy percorreu do seu deslocamento em direção à Capital à construção desse homem que esteve ligado as diferentes agências negras no pós-abolição, há construções de memórias individuais e coletivas que no processo dialético tornaram-se história. Chama atenção que Mano Eloy seja reconhecido por Rubem Confete como referência da “herança africana na região portuária” ao lado de personalidade como: Dom Obá II, André Rebouças e Hilário Jovino.¹⁹¹ Isso faz parte dos lugares de sociabilidades que Mano Eloy se fixou e, possivelmente, pelas memórias que foram construídas em torno de suas experiências nesses espaços.

Os indivíduos e/ou grupos formados por negros no pós-abolição partilham um “tesouro comum”, referente à memória de suas práticas. Ao ressignificar o trabalho com a fundação de sindicatos que preservam o perfil racial, os lares do tempo do cativo, como os jongos, as macumbas e os batuques criam discursos sobre si que são eternizados como marcos de resistências políticas e culturais: como símbolos da liberdade transformadora de toda uma expressividade enraizada nas memórias coletivas.

¹⁹⁰ Considera-se que seus pais possivelmente tenham sido Ventre Livre.

¹⁹¹ CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora 11/05/2017.

No caso da Sociedade de Resistência e a fundação da escola de samba Império Serrano¹⁹², entre a lembrança daqueles que viveram diretamente os acontecimentos e aqueles que adquiriram a “memória por tabela”, a memória é transmitida às gerações na evocação de um passado de luta e vitória.¹⁹³ A memória coletiva e a memória individual se entrelaçam. A evocação de uma memória coletiva por parte dos indivíduos contribui para o sentimento identitário e, por conseguinte, de pertencimento. Por isso, além da função de atestar uma história real, ela confere ao grupo uma origem identitária. Desta forma, os embates entre aquilo que foi alçado pela memória e aquilo que se pode comprovar, no ofício do historiador, há um caráter simbólico que constrói narrativas de autorrepresentação partilhadas pelo grupo.

No que se referem ao jongo, as memórias estão perpassadas pelo aspecto mágico, preservadas pelas práticas herdadas do cativo. Em uma época em que crianças não podiam frequentar o jongo, Dona Leda guarda memórias de momentos testemunhados e escondidos ou de histórias que lhe foi transmitida no cotidiano de sua casa.¹⁹⁴ Dentre suas memórias, há a relação com a religiosidade, segundo suas lembranças, Mano Eloy era frequentador da Casa de Dona Marta, mãe de Santo e jogueira respeitada na região do morro da Serrinha. Certa vez, quando Dona Leda e seus amigos estavam “espiando” por entre as cercas o que se passava na casa de Dona Marta, pode ver a chegada da polícia. Era uma época em que as visitas policiais aos espaços de religiosidades de matriz africana, como era o caso do terreiro de Dona Marta, eram frequentes. Mano Eloy que estava presente levantou-se e foi resolver a situação com a autoridade policial em questão, que se retirou e deixou o evento do terreiro de Dona Marta prosseguir sem maiores abalos. Essa foi uma das lembranças que foram alçadas como formas de identificar o circular de Mano Eloy nas redes de sociabilidades jogueiras e religiosas do morro da Serrinha. O que inclusive, era um caráter reconhecido pela memória sobre Mano Eloy, que era macumbeiro¹⁹⁵ e um respeitado jogueiro Cumba, daqueles que em meio de uma roda não só era um mestre

¹⁹² Incentivados por Mano Eloy um grupo de trabalhadores do Sindicato da Resistência fundou, em 1947, o Grêmio Recreativo Império Serrano construiu sua história pautado nas prerrogativas de luta e resistência, possivelmente herdadas das experiências no sindicato. Veremos mais a frente alguns fatores que comprovam essa afirmação.

¹⁹³ LE GOFF, Jacques. Memórias. In. *História e Memória*. Campinas: Editora UNICAMP: 1994. p. 477.

¹⁹⁴ DIAS, Ledahir Nascimento. Entrevista concedida a autora. 01/06/2017

¹⁹⁵ Teve sua fama como macumbeiro ampliada quando na década de 1930 quando gravou o primeiro disco com título de Macumba no Brasil, cantando pontos de macumba. Devido ao nosso recorte, não aprofundaremos nesta pesquisa a questão da religiosidade e sua relação com o jongo, deixaremos para trabalhos futuros.

em desatar um ponto como o de lançar demandas.¹⁹⁶ Robert Slenes encontra a relação entre Makumba e Kumba no Kikongo,¹⁹⁷ o que aqui no Brasil, entre os escravizados os jongueiros Cumbas eram aqueles que tinham como função de abrir “linhas de comunicação entre suas várias comunidades e também com espíritos territoriais e ancestrais brasileiros.”¹⁹⁸

A definição encontrada por Slenes sobre a função dos jongueiros Cumbas, a identidade atribuída nas memórias que foram construídas sobre Mano Eloy, vai ao encontro do depoimento de Rubem Confete quando reflete sobre a influência exercida por Eloy: “Então ele tinha uma circulação que não era comum aos negros da época, era uma circulação de líder mesmo. Ele tinha esse poder de liderança.”¹⁹⁹ Quem sabe esse não seria o poder identificado por Sr. Mazinho? Um poder que foi sendo construído entre as experiências ressignificadas do “tempo do cativo” diante das contingências do pós-abolição, o que teria transformado o menino Eloy baleiro das ruas de Santana no Mano Eloy, homem multifacetado que circulou como líder em diferentes espaços de sociabilidades negras no Rio de Janeiro do pós-abolição.

¹⁹⁶ No jongo essa expressão se refere a briga entre jongueiros, onde um participante realiza uma magia direcionada a outro jongueiro presente na roda, deixando-o enfeitado, ou “amarrado”. Esse termo também é utilizado na umbanda com sentido de guerra ou disputa no plano espiritual.

¹⁹⁷ Língua centro ocidental africana.

¹⁹⁸ SLENES, Robert. “*Eu venho de muito longe, eu venho cavando*”: jongueiros cumba na senzala centro-africana. Memória do Jongo. S.d.p. 110 -156.

¹⁹⁹ CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora. 11/05/ 2017.

CAPÍTULO II - “O CARNAVAL POR QUEM FEZ”²⁰⁰ – SAMBA, CARNAVAL E ASSOCIATIVISMO NEGRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Samba, quando vens aos meus ouvidos
 Embriaga os meus sentidos
 Trazes inspiração
 A dolência que possuis na estrutura
 É uma sedução
 Vai alegrar o coração daquela criatura
 Que com certeza está sofrendo de paixão

Samba, soprado por muitos ares
 Atravessastes os sete mares
 Com evolução
 O teu ritmo que te torna ainda mais ardente
 Quando vem da alma de nossa gente”²⁰¹

Pedindo emprestada a inspiração poética do samba de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola da epígrafe, neste capítulo busco “a gente” e os espaços que fizeram parte do movimento social em torno do carnaval no Rio de Janeiro.²⁰² O samba, como descrito no trecho da música, foi “soprado por muitos ares”. Com muitas influências diferentes, ganhou grande repercussão, seduzindo muitos e abrindo brechas sociais para tantos outros.

Mano Eloy foi testemunha, protagonista e um dos pioneiros desse movimento complexo de se fazer presente social, cultural e politicamente, através das manifestações carnavalescas. Pode-se identificar, em sua trajetória, a participação no desenvolvimento de festas, associações e no ritmo que se tornaria hegemônico no carnaval carioca: o samba. Dessa forma, alguns eventos de sua trajetória auxiliam na análise de questões que giram em torno da produção e do desenvolvimento cultural de negros pobres no pós-abolição, em direção à conquista de espaços de autorrepresentação.

Não entrarei nas discussões sobre o ritmo, seu surgimento, quem ou qual grupo teria dado origem ao samba. Considero a existência de diferentes grupos sociais na

²⁰⁰ Título de uma matéria feita com alguns sambistas para o Jornal do Brasil. Ver: Jornal do Brasil. 20/02/1971. p. 02.

²⁰¹ OLIVEIRA, Silas. Apoteose ao Samba. Rio de Janeiro. Ver: <https://www.lettras.com.br/silas-de-oliveira/apoteose-ao-samba> Consultado em 11/09/2018

²⁰² Para saber mais sobre Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola ver: <http://dicionariompb.com.br/silas-de-oliveira> e <http://dicionariompb.com.br/mano-decio-da-viola>. Último acesso em 05/07/2016.

geografia da capital que compuseram a cultura ligada ao desenvolvimento do samba e do carnaval popular, como instrumentos para a negociação de suas realidades sociais, no Rio de Janeiro da Primeira República. Darei ênfase ao carnaval de rua dos subúrbios, sobretudo das regiões de Madureira e Engenho de Dentro, por terem sido citadas de maneira recorrente, em periódicos da época, como centros do carnaval suburbano da Primeira República, espaços carnavalescos que fazem parte da trajetória de Mano Eloy e, foram negligenciados como espaços que compõem a formação cultural da cidade do Rio de Janeiro.

2.1 Das batucadas ao samba: sociabilidades entrecruzadas

Segundo Jota Efegê, pouco tempo depois de sua chegada à capital, Mano Eloy teria frequentado “as rodas de samba dos morros da Favela e de Santo Antônio, realizadas em lugares secretos, pois, sendo proibidas, estavam sempre sob perseguição policial.”²⁰³ Motivado por perseguições ou por escolha, em ambas as opções ele frequentava diferentes espaços no centro e no subúrbio do Rio de Janeiro.²⁰⁴

Nesse contexto, torna-se importante considerar a possível escolha de determinados lugares pelas relações de sociabilidades compartilhadas e/ou pelas práticas culturais produzidas na região. Um exemplo dessa possível relação de sociabilidade compartilhada pode ser encontrada na entrevista de Carlos Cachaça, feita pelo Museu de Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 1992.²⁰⁵

E – Carlos, deixa consignado aqui quem é que levou o samba para a Mangueira.

C – O Eloy. Eloy Anthero Dias.

E – Em que ano?

²⁰³ JOTA EFEGÊ. *Figuras e Coisas da Música popular brasileira*; apresentação de Carlos Drummond de Andrade e Ary Vasconcelos. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Funart, 2007. Volume I. p.176. Décadas após a publicação do artigo de Efegê, que teve como base uma entrevista com Mano Eloy, Ary dos Vasconcelos publicou aspectos da mesma. Ver: VASCONCELOS, Ary. *A Nova Música da República Velha*. Rio de Janeiro, edição do autor: 1985.

²⁰⁴ Sobre o subúrbio ver: ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013. & _____, Maurício de Almeida. “Da Habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução” (artigo). In: *Revista Rio de Janeiro*, nº 10, maio-agosto. Rio de Janeiro, 2003.

²⁰⁵ Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, sambista do Morro da Mangueira, tocou pandeiro no conjunto musical de Eloy. Ver: <http://dicionariompb.com.br/carlos-cachaca/biografia>. Essa entrevista foi amplamente utilizada por pesquisadores sobre o tema. Ver: CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba....* 1996; FERNANDES, Nelson da Nobrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001; SANTO, Spirito. Op. Cit. 2016.

C – Isso foi em 1900..., entre 1915 e 1916. Na Mangueira não havia samba, havia é macumba, né? E de forma que quando acabava a macumba, virava samba, né? E quem levava o samba para o Buraco Quente era o Eloy.

E – Fala do Eloy. Quem era o Eloy?

C – Eloy Anthero Dias era grande estivador. Mas era frequentador de samba. De forma que foi presidente da Império Serrano, foi presidente do Deixa Malhar, do Estácio²⁰⁶. E de forma que era ele que dirigia, né? A maior parte, a parte mais influente do samba era dirigida por Eloy Anthero Dias, na época.”²⁰⁷

O episódio narrado por Carlos teve lugar na casa de Benedita de Oliveira, a tia Fé, conhecida Mãe de Santo da região. Pelas festas realizadas, sua casa era um dos concorridos pontos de encontro da população negra. Segundo Carlos Cachaça, antes de ter ouvido o que identificou como o samba tocado por Eloy, na Mangueira só havia batuque, jongo e macumba, ou seja, uma produção de ritmos e práticas culturais que de alguma forma teria o levado a perceber o ritmo tocado por Mano Eloy como algo diferente.²⁰⁸

Chama atenção a surpresa de Carlos Cachaça ao ouvir pela primeira vez o ritmo tocado por Mano Eloy. Se o samba foi enfaticamente defendido como originário da Praça Onze, nas casas das tias baianas, o que surpreende é no morro da Mangueira, relativamente perto daquela região, não haver nada parecido, nos anos de 1915 ou 1916, com o ritmo tocado por Mano Eloy. Tal constatação motiva o questionamento sobre que ritmos eram esses tocados na Praça Onze e em que diferiam do ritmo tocado por Eloy, Spirito Santo assinala aspectos sobre esse assunto:

Talvez porque aquilo que se irradiava da Cidade Nova para a Mangueira não era ainda, definitivamente, Samba, e sim rancho carnavalesco: é o que se pode deduzir da lógica dos fatos, principalmente se destacarmos o emblemático detalhe de a reunião na qual Elói cantou seu seminal partido alto ter ocorrido, exatamente, na sede de um rancho, o Pérolas do Egito.²⁰⁹

²⁰⁶ Parece um equívoco do depoente. Segundo o Dicionário da Música Popular Cravo Albin, Eloy teria sido presidente da escola de samba Deixa Malhar da região da Tijuca e não no Bairro Estácio.

²⁰⁷ CASTRO, Carlos Moreira de (Carlos Cachaça). Depoimentos para posteridade. MIS. Rio de Janeiro. 26-02-1992.

²⁰⁸ CASTRO, Carlos Moreira de (Carlos Cachaça). Depoimentos para posteridade. MIS. Rio de Janeiro. 26-02-1992.

²⁰⁹ SANTO, Sprito. *Do Samba ao Funck do Jorjão*. Rio de Janeiro, 2016, p.332 Autor chama atenção sobre a forma como a bibliografia constrói um Eloy incompatível para a época do samba tocado em Mangueira. Ainda que os conceitos de juventude sejam outros, era um jovem de cerca de 22 anos de idade que teria tocado seu partido alto. Possivelmente seria frequentador dos redutos do samba, no

Spirito Santo identifica ritmos diferentes na produção musical negra irradiados pelos morros do Rio de Janeiro. Elucida que, na década de 1910, os ranchos eram pontos de encontros, de misturas e ritmos que deram origem ao que foi entendido como samba.²¹⁰ Levanta a possibilidade de Mano Eloy ser um prodígio, no entanto, assinala a possibilidade da narrativa de Carlos Cachça conter algo de exagero em atribuir características a Mano Eloy que são posteriores a esse episódio.

Embora não se possa negar que Mano Eloy esteve presente e participou diretamente na formação de ritmos que deram origem ao que entendemos como samba. Faz-se necessário perceber que nas primeiras décadas do século XX, mesmo entre aqueles que estiveram diretamente ligados a produção musical da época havia controvérsias sobre como classificar os ritmos.

Na entrevista de Carlos Cachça, deparamo-nos com os pontos que levaram à conhecida discussão entre Donga, autor do que foi considerado pela historiografia oficial como o primeiro samba gravado, e Ismael Silva, sambista da época que afirmava que “Pelo Telefone”, título do referido samba, era um maxixe.²¹¹ Tal discussão nos adverte que em se tratando do ritmo, a discussão é bem mais complexa.

No caso do ritmo tocado no morro da Mangueira, Carlos, assim como Ismael, destaca que “havia [diferenças entre os ritmos]. ‘Pelo Telefone’, por exemplo, era um samba, mas o samba de terreiro era diferente.”²¹² Então podemos dizer que o primeiro samba ouvido por ele, no morro da Mangueira, seria algo próximo a esse samba de terreiro? Pensamos que a questão do ritmo é bastante complexa e desvia-se do nosso tema. Destacamos, porém, que de alguma forma Mano Eloy teria sido um dos pioneiros na execução dos ritmos que dariam forma ao que conhecemos como samba. Conforme afirmou Edison Carneiro, era um mediador do mundo do samba, um frequentador das

entanto bibliografia emprega qualidades que ainda estariam para ser construídas ao longo da vida desse jovem.

²¹⁰ Na entrevista ao Museu da Imagem e do Som, Carlos Cachça data o episódio entre 1915 e 1916, como no momento da entrevista este já estava com idade avançada alguns autores questionam essa datação. Trabalhar com a ideia de que o episódio tenha transcorrido, possivelmente, em torno dos primeiros 6 anos da década de 1910.

²¹¹ ‘Pelo Telefone’ foi o nome dado ao samba de Donga, gravado em 1916, que teria entrado para a história musical como o primeiro a ser descrito como samba. No entanto, há controvérsias a esse respeito. Ver: VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira*, Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1964.

²¹² CASTRO, Carlos Moreira de (Carlos Cachça). Depoimentos para posteridade. MIS. Rio de Janeiro. 26-02-1992.

batucadas da Tia Ciata, das batucadas da casa de Tia Fé e de tantas tias suburbanas que abriram suas portas e que foram silenciadas pela história.²¹³

Carlos Cachaça afirma que o ritmo tocado por Mano Eloy, primeiro na casa da tia Fé e depois para os integrantes do Rancho Pérolas do Egito, era o “partido alto”, ritmo de improvisação pelo qual Eloy era respeitado. Em depoimento, Carlos reafirma sua presença nos terreiros do morro da Mangueira e sua influência como sambista, inclusive nos “festejos da Penha”.²¹⁴

Nessa época, o samba começava a aparecer em Mangueira, trazido quase sempre pelo “moleque” Eloy – Eloy Antero Dias. Ele morava na famosa estação de Dona Clara, reduto dos maiores valentes, macumbeiros e batuqueiros. Ele chegava aqui sempre acompanhado de Pedro Moleque, Pedro Lambança e outros. O terreiro preferido deles era o da Tia Fé. Eloy era pai de santo respeitado. Nos terreiros tinha a festa do santo. Quando terminava, entrava o samba. A música que predominava em todos os lugares aqui era de autoria de Eloy e foi, por muito tempo, a coqueluche de vários carnavais e festejos da Penha.²¹⁵

A festa religiosa que girava em torno da Igreja da Penha²¹⁶, a qual Carlos Cachaça se refere, ficou conhecida por apresentar uma pulsante face popular. Diferentes barracas eram instaladas no Largo da Penha, no mês de outubro, para a venda de lembranças da festa, comidas e bebidas. Era um espaço conhecido por agregar a população negra de diferentes regiões, que viam na festa da Penha um lugar de promoção e divulgação dos compositores da época. Era a “avant-première do carnaval carioca.”²¹⁷ Diferente dos romeiros que chegavam cedo aos eventos ligados à religiosidade, o grupo popular de “negra tradição”, que frequentava a festa, era apontado como desordeiro, de acordo com o publicado no *Jornal do Commercio*:

[...] começava a chegar o pessoal duvidoso; e ao mesmo tempo em que num canto se formavam os cordões terríveis, ameaçadores, selvagens, em outro canto reuniam-se os sambas, não menos terríveis, muito mais selvagens.

[...]

Na ala esquerda das barracas, súbito ouviu-se a detonação de uma arma de fogo. O povo e uma turba de policiais precipitaram-se para o local do conflito [...] Era a barraca nº 1, em cuja entrada se lia em

²¹³ CARNEIRO, Edison. *Folgedos tradicionais*. Rio de Janeiro. Funarte, 1982.

²¹⁵ SILVA, Marília T. Barbosa da. OLIVEIRA, Arthur filho. *Fala Mangueira*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1980, p. 28.

²¹⁶ A festa da Penha era realizada desde os tempos coloniais e teve seu apogeu nos fins do século XIX e início do XX.

²¹⁷ Ver SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o Carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

grossas letras de vermelhão: FLOR DA SAÚDE. Era, pois, certo que a FLOR DA SAÚDE não podia desmentir sua negra tradição. (grifos meus)²¹⁸

Segundo Rachel Soihet, um grande contingente da população negra que frequentava a festa da Penha se aglomerava nas barracas onde aconteciam as rodas de samba. Havia barracas que se identificavam por nomes sugestivos, como: “Reino da África, Flor da Cidade Nova” e a já mencionada “Flor da Saúde”, remetendo-se à geografia negra da cidade.²¹⁹ “Não resta dúvida de que esta festa foi um ímã que concentrou e potencializou a cultura dos pioneiros e pioneiras do mundo do samba carioca.”²²⁰

Não podemos perder de vista, no entanto, que o samba como gênero musical foi inserindo-se em um processo que o tornou hegemônico e até mesmo um sinônimo de carnaval no Brasil. Aproveitando-se das circunstâncias apresentadas pelo contexto, o samba foi colocando-se no carnaval, em um movimento de construção de um lugar social para os sambistas. Uma identidade que estaria ligada indissociavelmente ao carnaval carioca.

Ademais, seja ressaltado o papel das mulheres no apoio e na produção cultural da cidade. Nas biografias dos pioneiros da fundação das escolas de samba no Rio de Janeiro, como Paulo da Portela, Silas de Oliveira, Cartola e Carlos Cachça,²²¹ podemos identificar a relação das agremiações com as festividades religiosas e os lazeres locais. As festas religiosas seriam espaços que figuras conhecidas ligadas ao samba identificavam como lugares de seus encontros musicais.

As afirmações de Carlos Cachça apontam para algumas questões sobre a presença de Mano Eloy em espaços aparentemente díspares, como o da religiosidade e o do samba, mas que se apresentam de maneira justaposta. No espaço onde se produzia religiosidade, produziam-se outras práticas culturais intimamente ligadas à bagagem cultural da diáspora africana.

²¹⁸ Jornal do Commercio, 22/10/1907.

²¹⁹ Ibidem

²²⁰ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001. p 39

²²¹ SILVA, Marília T. Barbosa da. OLIVEIRA, Arthur filho. *Fala Mangueira*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1980. ; & _____. Silas de Oliveira, *Do jongo ao samba enredo*. Rio de Janeiro, Funarte. 1981 & _____. *Cartola - Os tempos idos*. Coleção MPB. Rio de Janeiro: MEC/ Funarte, 1997, 3ª Edição; & _____. SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela, traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, S/D.

Roberto Moura ao descrever as festas na casa de Tia Ciata, importante espaço de produção cultural negra na Primeira República, assinala que diferentes manifestações culturais e musicais eram produzidas em um mesmo evento.²²² Aparentemente, as características descritas por Moura sobre as festas na casa de Tia Ciata pode ser uma espécie de modelo de sociabilidade negra que era praticada em outras casas. Na casa que se desenvolveu o episódio descrito por Carlos, aconteceu uma macumba que ao final deu lugar a outra forma de sociabilidade e, era também, a sede do Rancho Pérolas do Egito, “um dos primeiros grupos carnavalescos da Mangueira a conseguir licença oficial da polícia para desfilar na Praça Onze”.²²³

Ao desenvolver pesquisa sobre as associações carnavalescas tendo como enfoque grupos que portavam referências ao continente africano, Eric Brasil deparou-se com o “Clube Liga Africana”. Sediado na Rua Barão de São Felix 174, o clube teria funcionado nas décadas de 1910 e 1920. No entrecruzamento de fontes pode identificar que o Clube Liga Africana funcionava no mesmo endereço do famoso terreiro de João Alabá de Omolu, importante referência religiosa da comunidade negra. Inclusive, os pedidos de licença eram assinados em nome de João Martins que, posteriormente, foi identificado pelo autor como sendo João Alabá.²²⁴

A identificação de diferentes práticas culturais produzidas por negros, sejam religiosas ou profanas, fazem parte das experiências na produção de práticas e estratégias que eram próprias das comunidades negras no pós-abolição. Embora a licença para a reunião e funcionamento tenha sido destinada ao clube, o “[..] pedaço de papel, assinado pelo Chefe de Polícia, tornava a casa de número 174 da Rua Barão de São Félix um espaço legalizado para a reunião de pessoas, desde que se mantivessem

²²² Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, baiana de Santo Amaro da Purificação foi uma cozinheira e mãe de santo brasileira, considerada por muitos como uma das figuras influentes para o surgimento do samba carioca. Ver: MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. FUNARTE, 1983 ; LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo, Selo Negro, 2004.

²²³ NETO, Lira. *Uma História do Samba: As origens*. São Paulo: Cia das Letras, 2017. A Praça Onze de Junho, antes largo do Rocio pequeno, recebeu esse nome após a Guerra do Paraguai. Na tradição oral a história do samba e das escolas de samba tiveram seu desenvolvimento devido aos vários encontros descritos pela tradição oral e fundação da Primeira Escola de Samba nas imediações da Praça Onze e bem como os primeiros desfiles

²²⁴ Ver: POSSIDÔNIO, *Entre ngangas e manipansos: a religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro de fins do Oitocentos (1870-1900)*. 1. ed. Salvador: Sagga Editora, 2018. GAMA, Elizabeth Castelano. História e memória do candomblé no Rio de Janeiro: novas perspectivas de análise. *Revista Brasileira de História das Religiões*. v. 3, n. 9, 2011; CONDURU, Roberto, Das casas às roças: comunidades de candomblé no Rio de Janeiro desde o fim do século XIX, *Topoi*, v. 11, n. 21, p. 178–203, 2010.

dentro do padrão de ordem aceito e tolerado pela polícia.”²²⁵ Assim, Eric Brasil conclui que em um mesmo espaço eram produzidas manifestações culturais diferentes como uma forma de buscar brechas na lei que perseguia as práticas religiosas de matriz africana.

A mobilização negra em torno da conquista da licença representava a manutenção de um direito de organização e liberdade religiosa, que estava garantida pela constituição, mas era negada pelos artifícios racistas do cotidiano carioca. As tensões permaneceriam; as suspeitas e vigilância policial sobre a casa de João Alabá continuariam preocupando os que participavam do seu candomblé. A licença em nome da Liga Africana possibilitava uma nova argumentação em defesa da autonomia de suas práticas.²²⁶

A identificação dos lugares e de alguns indivíduos da rede de sociabilidades de Eloy leva-nos a questionar a centralidade da população de baianos na produção cultural urbana, na virada do século XX. Assim como em Thiago Gomes, considero que para além da casa da tia Ciata e da Pequena África, houve a ação de grupos de diferentes regiões na produção sociocultural do Rio de Janeiro do início do século.²²⁷ A partir da constatação da existência de tais espaços, o autor questiona o papel das tias baianas como agentes centrais para a consolidação de teias de relação que estariam no cerne da produção cultural urbana no Rio de Janeiro.²²⁸ A ação das mulheres baianas não pode ser negado, mas o ponto ao qual o autor se refere é o fato de esta prática não ter sido exclusiva das tias baianas. Para Gomes, nem todas as tias, provavelmente, eram baianas. Tia Fé da Mangueira pode ser considerada como um exemplo dessa questão. Era conhecida por estar sempre vestida com a indumentária de baiana, no entanto, segundo alguns, ela era mineira e, para outros, baiana.

Diante dos contínuos processos migratórios para o Rio de Janeiro, seria bem provável que essas “baianas” pudessem ser cariocas, mineiras ou fluminenses.²²⁹ Nada

²²⁵ BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos...* 2016

²²⁶ Idem. p.167

²²⁷ Ver: GOMES, Thiago de Melo. “Para além da casa da Tia Ciata: Outras experiências no universo cultural carioca, 1830-1930”. *Afro-Ásia*. (2003), Págs. 175-198.

²²⁸ Roberto Moura ressaltou o papel das mulheres baianas como referências centrais no estabelecimento de teias de relações na cidade. Ver: MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal Cultura. 1995.

²²⁹ Em sua pesquisa sobre Partido Alto, Nei Lopes fez um vasto levantamento dos processos migratório advindos da região do Vale do Paraíba, Posteriormente, Martha Abreu, tendo como base a bibliografia disponível, depoimentos de velhos sambistas contidos no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e a produção em andamento do projeto “Matrizes do Samba Carioca” produzido pelo Centro Cultura Cartola, faz um interessante mapeamento das origens dos sambistas das escolas de samba e, por conseguinte, dos morros da Mangueira, Salgueiro e Serrinha. Ver: LOPES, Nei. *O Negro no Rio de Janeiro e sua Tradição Musical. Partido-Alto, Calangos, Chulas e outras e Cantorias*. Rio de Janeiro, Pallas, 1992. _____. *Partido Alto: Samba e Bamba*. Rio de Janeiro, Pallas, 2005 e ABREU,

garante que a venda de alimentos nas ruas feita por mulheres e o papel das relações estabelecidas por elas nas ruas da cidade tenham sido prerrogativas somente do grupo de baianas.

[...] nota-se a presença de tias cariocas, mineiras e fluminenses, tão influentes em suas comunidades quanto tia Ciata, Amélia e Sadata o foram para as suas próprias: a Tia Ester de Osvaldo Cruz, com seu bloco carnavalesco e suas relações com “artistas de rádio” e “políticos em evidência”, que inclusive frequentavam suas festas familiares; as tias mangueirenses, como a mineira Tia Fé ou Tia Tomásia, jongueiras e mães de santo que estiveram presentes no processo de fundação da Mangueira; a jongueira e religiosa Valenciana Maria Rezadeira, que trouxe para a Capital Federal práticas aprendidas na fazenda onde nasceu.²³⁰

Consideramos que diferentes grupos e ritmos circulavam pela cidade, formando o que passamos a conhecer como cultura popular urbana, que teve com o samba um dos símbolos de ascensão e lugar de reivindicação de determinada parcela social no pós-abolição. Ao analisarmos a relação de Mano Eloy com o samba, estamos compreendendo o samba (ou os sambas) como manifestação histórica de sociabilidades ou lugar social desenvolvido por grupos de negros que vai além do ritmo.

Ao dizer samba não se está falando, pois, somente de um tipo de música – a própria ideia de música, aliás, não é universal; música é um fato social total para além da “arte de combinar sons de maneira agradável (Rousseau) [...]. A base material do samba são os grupos negros urbanos cariocas em interação (trocas e fricções) com outros, inclusive grupos rurais (Estado do Rio e Minas) recém-imigrados. Samba é veículo musical de sociabilidade – trabalhos, festas, rituais, linguagem, hábitos – desses grupos. Há, pois, samba gênero musical – sambas, talvez fosse melhor dizer – e samba forma histórica de sociabilidade ou lugar social.²³¹

Importante destacar que ao fazer referência ao ritmo como samba e posteriormente como partido alto, assim como fazer referência a Mano Eloy como sambista são construções feitas por Carlos Cachça. A memória no processo de construção entre as vivências e o que ficou acabou por se utilizar de termos que não eram hegemônicos à época. As experiências de Carlos Cachça em testemunhar um momento que marcou sua memória musical foi reproduzida, acrescida de termos e

Martha; AGOSTINI, Camilla; Mattos, Hebe. Robert Slenes entre o passado e o presente: Esperanças e recordações sobre diáspora africana e cultura negra no Rio de Janeiro In RIBEIRO, Gladys [e tal.] (orgs). *Escravidão e Cultura afro-brasileira: Temas e problemas em torno da obra de Robert Slenes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2016

²³⁰ GOMES, Thiago de Melo. Op., cit., 2003. p. 197.

²³¹ RUFINO, Joel dos Santos. *Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004, p.151.

construções cunhadas posteriores ao fato. O samba nas primeiras décadas de República era, assim como Rufino afirma, mais uma prática social que se irradiava de espaços de sociabilidades culturais de música negra do que um ritmo propriamente dito.

Dos lazeres nas casas das famílias à promoção de associações voltadas para as festas, os grupos se agregaram e tomaram para si o compromisso de se fazer presente na geografia da cidade. O carnaval era um dos momentos que a organização dos lazeres locais transpunha para além dos espaços das sedes das sociedades dançantes, com a participação em desfiles nas ruas do subúrbio, e fora dele, e com a promoção de bailes que atraíam pessoas de diferentes lugares. Temos na divulgação das festas ligadas ao carnaval, feita através dos periódicos, uma forma de identificar a movimentação dos grupos para se fazerem presentes, bem como, de construção de certa identidade positivada para si e para a região.

2.2 – O carnaval dos subúrbios e o associativismo negro

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela estratificação social do espaço urbano, gerada pelos projetos de modernização da cidade. Muitos que não tinham condições financeiras para se manter na região central da capital foram se direcionando para as áreas periféricas da cidade. Houve o incremento do deslocamento, no início do século XX, em direção às áreas rurais que posteriormente seriam conhecidas como subúrbio carioca.²³²

Com objetivo de explicar o grau de estratificação social do espaço metropolitano do Rio de Janeiro, Maurício de Abreu em seu “Evolução Urbana do Rio de Janeiro” nos traz um panorama de transformações físicas e demográficas dessa cidade. Na divisão que contempla os de 1906 a 1920, Abreu classifica as freguesias do território metropolitano em: Urbanas e Suburbanas. Sendo as Freguesias Urbanas: Candelária, São José, Santa Rita, Sacramento, Glória, Santana, Santo Antônio, Espírito Santo, Engenho Velho, Lagoa, São Cristóvão Engenho Novo, Gávea, Santa Teresa, Copacabana, Gamboa, Andaraí, Tijuca, Méier; E as Freguesias Suburbanas: Irajá,

²³² Sobre o subúrbio do Rio de Janeiro, ver: ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006, 4ª Ed. e MATTOSO, Rafael. *A estética do subúrbio: contribuições ao estudo do processo histórico de construção dos subúrbios cariocas (1870-1930)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz, Ilha do Governador, Paqueta e outras ilhas.

Figura 04 - Freguesias da Cidade do Rio de Janeiro em 1900



Fonte: CARVALHO, Raquel Conceição et al.

Segundo Abreu, a região que foi sendo delineada como subúrbio do Rio de Janeiro, teve considerável crescimento ao longo dos anos. Dessa forma ele nos mostra em números:

Tabela 2 - População Residente e Taxa de Crescimento Demográfico —Freguesias da Cidade do Rio de Janeiro (1906—1920)

Freguesias	População ¹ 1906	População ² 1920	Crescimento (1906—1920) %
Freguesias Urbanas	619.648	790.823	28
Candelária	4.454	3.962	— 11
São José	44.878	27.714	— 38
Santa Rita	45.929	38.164	— 17

Sacramento	24.612	27.370	11
Glória	59.102	68.330	16
Santana	79.315	40.632	— 49
Santo Antonio	42.009	49.325	17
Espírito Santo	59.117	77.798	32
Engenho Velho	91.494	48.948	— 46
Lagoa	47.992	57.558	20
São Cristóvão	45.098	59.332	32
Engenho Novo	62.898	41.727	— 34
Gávea	12.750	15.270	20
Santa Teresa		8.326	
Copacabana		22.761	
Gamboa		50.699	
Andaraí		84.171	
Tijuca		11.484	
Méier		57.252	
Freguesias Suburbanas	185.687	356.776	92
Irajá	27.410	99.586	263
Jacarepaguá	17.265	19.751	14
Inhaúma	68.557	131.886	92
Guaratiba	17.928	23.609	32
Campo Grande	31.248	52.405	68
Santa Cruz	15.380	16.506	7
Ilha do Governador	5.616	8.785	56
Paquetá	2.283	2.916	28
Outras Ilhas		1.332	
Total Geral	805.335	1.147.599	42

Fonte: Apud: AREU, Maurício de Almeida. Op. Cit. 2013 p.80

Ao comparar o desenvolvimento demográfico dos anos de 1906 com o de 1920, Abreu identifica o processo de queda do crescimento nas freguesias urbanas e o aumento do crescimento das freguesias suburbanas, com destaque às freguesias de Irajá,

Inhaúma e Campo Grande.²³³ Esse crescimento não gerou uma inversão demográfica entre as regiões, porém nos informa sobre o desenvolvimento de novos núcleos em regiões fora do centro da cidade. No espaço de tempo entre 1906 e 1920 tivemos um crescimento da migração para os subúrbios, construindo núcleos econômicos, políticos e culturais nessas regiões.

Segundo Maurício de Abreu o crescimento demográfico em direção ao subúrbio foi impulsionado por fatores que iam além das reformas de embelezamento da região central do início do século XX.²³⁴ Ressalta a ampliação da estrutura portuária como um fator que impulsionou a industrialização que se instalou na região. Embora a localização próxima ao porto fosse interessante para a indústria “a existência de terrenos mais baratos nas áreas servidas pela ferrovia levou muitas fábricas a optar pela localização suburbana.”²³⁵ O impulso migratório para o subúrbio foi motivado também pela ampliação da malha ferroviária, que passou a se estender, desde o fim do século XIX, para essas regiões.²³⁶

Figura 05 - Estações Ferroviárias da cidade do Rio de Janeiro no século XIX



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

²³³ ABREU, Maurício A. Op., cit, 2013 p. 80.

²³⁴ BELCHIMOL, Jaime. Op. Cit. 1992

²³⁵ ABREU, Maurício. Op.cit. 2013 p.80

²³⁶ A Estrada de Ferro Central do Brasil foi inaugurada no ano de 1858 e ligava a freguesia de Santana a Queimados. No mesmo ano foram abertas as estações de Engenho Novo, Cascadura e Maxambomba. No ano seguinte, as estações de São Cristóvão e Sapopemba. Em décadas posteriores, foram inauguradas outras estações, como a de Madureira, em 1890.

A linha férrea foi um dos fatores que independente da remodelação e embelezamento da área central do Rio de Janeiro, impulsionou o desenvolvimento dessas regiões suburbanas desde o século XIX. Na segunda década do século XX tem-se uma malha que alcança a área metropolitana com ramais que alcançam regiões mais remotas do Estado e, no que se refere ao subúrbio ampliando-se as possibilidades de crescimento da região.

Figura 6 - Recorte do mapa da Linha do Centro e da Linha Auxiliar, da EFCB, em 1928



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

Ao analisar as formas de aquisição e direito às terras nas áreas rurais do Rio de Janeiro, tendo como base a freguesia de Irajá, Rita de Cássia R. da Silva afirma que a instalação da linha férrea e as reformas urbanas foram marcos importantes do incremento da ocupação da região que se tornaria o subúrbio. No entanto, segundo a autora, a historiografia que analisa a ocupação dessas regiões desconsiderou o período entre 1858, da instalação da linha férrea, e o início das reformas urbanas, no começo do século XX, o que chamou de “vácuo histórico”. Sua hipótese baseia-se na constatação de que “o processo de urbanização e integração das áreas rurais à região central do Rio de Janeiro não foi linear nem homogêneo, como muitas vezes parece”²³⁷, considerando que a ocupação da região tenha sido feita em um processo que aliou os interesses estatais e aos dos antigos donos da fazenda.

²³⁷ SILVA, Rita de Cássia R. da. *Senhores e Possuidores: a construção da propriedade da terra na freguesia de Irajá (Rio de Janeiro, século XIX)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013. p.5

Por isso não podemos centrar a ocupação do subúrbio somente nos já citados marcos históricos de busca de modelos de modernidade, mas também não podemos negá-los como fatores que impulsionaram os deslocamentos. O caminho seria considerar que os marcos estatais estiveram aliados aos interesses particulares. Note-se que a fixação na região se deu em diferentes períodos, em maior ou menor intensidade, diante das contingências do contexto em questão, devido à ação dos fazendeiros que começaram a desmembrar suas fazendas, pela fixação de algumas indústrias e especulação imobiliária na região.²³⁸

Nesse panorama de transformações das primeiras décadas do século XX, ocorrem movimentos de deslocamento dos grupos de pessoas negras e pobres, que acabaram por se fixar nas regiões do subúrbio, levando suas práticas culturais na bagagem. Aqueles que migraram de outros estados, instalando-se diretamente na região, ou aqueles que chegaram ao centro da Capital e, posteriormente, vieram a se instalar no subúrbio aliaram suas experiências na composição de práticas culturais próprias, ligadas ao lazer, à religiosidade e às formas de se relacionar com o mundo.

A presença de atividades culturais nas casas das famílias locais, assim como a apresentação de blocos, sociedades, ranchos, clubes carnavalescos que tiveram origem em associações de trabalhadores, de vizinhos, de famílias moradoras do subúrbio, fundamenta a importância de ter em perspectiva a contribuição de maneira mais ampliada dos grupos vindos dessas regiões para a composição da cultura urbana negra, na cidade do Rio de Janeiro. Isso rompe com uma historiografia cristalizada que, durante muito tempo, considerou o desenvolvimento cultural que deu origem ao carnaval no Rio de Janeiro um monopólio de um grupo de baianos localizados na região conhecida como a Pequena África.²³⁹

Eric Brasil produziu um banco de dados cujo corpus documental, que se encontra no Arquivo Nacional, apresenta os pedidos de licença feitos pelas sociedades carnavalescas à polícia, entre os anos de 1900 e 1918.²⁴⁰ O banco de dados é composto

²³⁸FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio* - Rio de Janeiro 1858/1945. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

²³⁹ Pequena África foi o nome dado por Heitor dos Prazeres para a região compreendida pela zona portuária do Rio de Janeiro, Gamboa, Saúde locais habitados por escravizados alforriados e que de 1850 até 1920. Roberto Moura em seu livro sobre a Tia Ciata é quem sugere a ideia de certo monopólio baiano na produção cultural urbana negra, no Rio de Janeiro. Para saber mais, ver; MOURA, Roberto. Op. Cit. 1995.

²⁴⁰ BANCO DE DADOS ASSOCIAÇÕES CARNAVALESCAS E DANÇANTES CARIOCAS, c. 1900-1920, por Eric Brasil. Gentilmente cedido pelo autor.

por 1178 itens, envolvendo alguns relatórios sobre o policiamento em dias de carnaval e diferentes sociedades, nem todas ligadas a festa carnavalesca.

As licenças era mecanismos de controle feito pelas autoridades, para autorização de reuniões, festas, manifestações públicas ou qualquer tipo de lazer. No período imperial quem controlava as licenças era o Conselho de Estado, no período republicano era a polícia, na figura do chefe de polícia que as assinava deferimento ou indeferindo do pedido de licença. Eric Brasil assinala que a “obrigatoriedade expõe a constante necessidade das autoridades republicanas de manter a ordem e o controle sobre os grupos populares: era preciso saber onde ficava a sede, quem eram os diretores e responsáveis pelos membros do grupo.”²⁴¹

No banco de dados, produzido por Eric Brasil, pode-se observar nos grupos que fizeram os pedidos de licença a concentração geográfica na região central do Rio de Janeiro, inclusive a de maior índice populacional na Primeira República.²⁴² No entanto, se olharmos os dados com mais vagar, podemos perceber outros espaços da geografia cultural no Rio de Janeiro. Lugares como Engenho de Dentro, Madureira, Dona Clara, Campo Grande, Guaratiba, Ilha do Governador e outros entram em cena, ajudando a compreender a amplitude do deslocamento feito pela população em direção ao subúrbio, assim como sua mobilização na organização de associações que as representassem.

Os deslocamentos populacionais para as freguesias suburbanas podem ter, de alguma forma, gerado impacto na quantidade dos pedidos de licença feitos por sociedades dançantes da região para desfilarem, fazerem bailes ou outros encontros dançantes no carnaval. Conseguimos identificar, pelo menos, 189 pedidos de licença entre os anos de 1900 e 1918 nessas freguesias, o equivalente à cerca de 16% do total dos pedidos desse período. Essa análise foi realizada considerando-se somente aquelas sociedades que identificaram seus bairros por seus nomes, quando localizadas em ruas conhecidas da região ou mesmo pela identificação do bairro ao lado do nome da rua, não sendo necessariamente todas elas identificadas como carnavalescas.²⁴³

²⁴¹ BRASIL, Eric. Op. Cit. 2016. pp. 31-32

²⁴² Segundo dados coletados por Maurício de Abreu nas Freguesias Urbanas, o índice demográfico para os anos de 1906 e 1920, respectivamente, eram de 619.648 e 790.823, e nas Freguesias suburbanas, para os mesmos anos, a população era de 185.687 e 356.776. Ver: ABREU, Maurício A. Op., cit, 2013

²⁴³ Essa metodologia de análise foi adotada considerando-se as transformações nos nomes das ruas ao longo do tempo. Acreditamos que para alguns casos algumas ruas tiveram seus nomes mudados, assim como encontramos mais de uma rua com o mesmo nome, em bairros diferentes, impedindo uma análise mais precisa. Dessa forma, acreditamos que essa é uma estimativa superficial que nos ajuda a ilustrar

Para além da questão dos números, é importante dizer que esse banco de dados não corresponde à totalidade das sociedades existentes. Muitas associações não pediam licença, outras ficaram perdidas no tempo com o desaparecimento dos documentos, o que quero destacar, no entanto é que tais pedidos de licença feitos pelas sociedades suburbanas indicam a existência de outros espaços na geografia cultural da cidade e sinalizam a organização e a aproximação ao repertório oficial. Elaborar a documentação para o pedido de licença era um movimento de aproximação às instâncias oficiais que pressupunha a adoção de determinado discurso em direção à legitimação do grupo.²⁴⁴

Eric Brasil, quando analisa as estratégias das associações dançantes da Primeira República para se fazer presente no cenário da época, destaca o uso de práticas e símbolos adotados por esses grupos para se colocarem de maneira positiva diante das instituições que as legitimariam.²⁴⁵ Eram utilizados determinados discursos, produzidos para conseguirem a licença na polícia, para o funcionamento e para os desfiles, destacando a profissão dos membros das agremiações e a presença de moças e famílias, assim como a anexação de estatutos que ressaltariam as normas de condutas exigidas para os sócios e frequentadores das associações. Ao levarem a ideia de que o grupo e suas práticas estariam voltados para valores dignos de figurarem nos ambientes públicos, as associações negras estavam fazendo-se presentes na geografia cultural da cidade e reivindicando o reconhecimento positivo de seu grupo.

Tais estratégias não eram prerrogativas somente das associações negras, faziam parte de certo repertório adotado por diferentes formas associativas, no entanto para os grupos de trabalhadores pobres eram construções que indicam percepção do seu lugar social e sobre os caminhos que podiam percorrer para a sua autolegitimação. Nas associações negras a autolegitimação ganhava sentidos que passavam pela adoção da luta contra o racismo ao contrapor-se a toda a uma construção vigente que relegava aos negros imagens de desorganização, incapacidade para o trabalho e marginalidade. Eram negros e negras que estavam construindo discursos de si como pessoas respeitadas, modernas, trabalhadoras, organizados em nome do lazer e diversão.

algumas questões que iremos abordar mais à frente. Importante lembrar que algumas sociedades se mantiveram funcionando ao longo dos anos, assim podemos encontrar pedidos de licença em anos diferentes para a mesma associação.

²⁴⁴ BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Rio de Janeiro: Tese (Doutorado) – UFF/ ICHF, 2016.

²⁴⁵ Ibidem

Não se pode perder de vista que a documentação em que se baseia o banco de dados produzido por Eric Brasil apresenta-se com possíveis lacunas diante dos percalços do tempo. Contudo, percebemos uma maior concentração dos pedidos de licença feitos pelas sociedades suburbanas entre os anos de 1912, 1913 e 1914, totalizando 151 deles. Essa concentração talvez esteja ligada ao contexto de fixação nos subúrbios e mesmo ao aumento do interesse desses grupos de se colocarem de maneira oficial nas ruas locais ou para fora dos bairros de suas sedes.²⁴⁶

Entendo as experiências dos grupos compostos em sua maioria por negros e pobres ligados às associações carnavalescas no Rio de Janeiro como inseridas na teoria de associativismo negro proposta por Petrônio Domingues. O autor faz uma reflexão sobre as associações da Primeira República, questionando a transposição dos modelos analíticos sobre associativismo negro de São Paulo para o Rio de Janeiro.²⁴⁷ Sugere uma ampliação do conceito, ao considerar que as associações poderiam estar inseridas em “uma noção dinâmica, envolvendo um processo contraditório e conflitivo que combina resistência, assimilação e (re)apropriação de ações coletivas e formas organizativas para a defesa dos interesses específicos do grupo.”²⁴⁸ Uma vez que:

Em comum, esses distintos agrupamentos construíram projetos por meio dos quais as pessoas se sentiam parte de um mesmo grupo e se identificavam mutuamente; forjaram solidariedades fluidas e contingenciais, (re)inventaram tradições que alimentavam suas práticas sociais, estabeleceram diálogos entre si e com as agências do Estado e da sociedade civil, enfrentaram contradições em diferentes circunstâncias históricas sem, contudo, deixarem de proclamar os interesses sociopolíticos e direitos civis dos “homens de cor” na esfera pública.²⁴⁹

²⁴⁶ Talvez os números pudessem ser outros se a documentação estivesse toda preservada, mas o que chama atenção não é somente o número de associações que pediram licença, mas o fato delas existirem além do circuito da região central, elaborarem um repertório discursivo que diz muito mais sobre a percepção que possuíam do contexto e os acessos às informações que tiveram.

²⁴⁷ Com base no argumento da negociação, as formas de associativismo desenvolvidas pelos libertos e seus descendentes foram mecanismos para construção de discursos que definem pautas de barganha. No entanto, as formas de organização destas associações no Brasil foram, durante muito tempo, consideradas a partir da leitura de duas teorias básicas: da “linha de Cor”, de Arthur Ramos, e/ ou das tipologias de Costa Pinto. Diante de tais modelos, foi construída a ideia de que no Rio de Janeiro houve uma organização de cor limitada em detrimento às organizações de São Paulo. Ver: RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956. COSTA PINTO, L. A. *O negro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1953.

²⁴⁸ DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista de História*. São Paulo, v.34, n° 67, p. 251-281, 2014. p.251.

²⁴⁹DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista de História*. São Paulo, v.34, n° 67, p. 251-281, 2014. p. 271.

Domingues aponta para diferentes exemplos de experiências plurais e fluidas que compunham o cenário das associações negras no Rio de Janeiro da Primeira República.²⁵⁰ Portanto se contrapõe ao salto historiográfico que considera o surgimento das primeiras associações de cor no advento do Movimento Negro no Rio de Janeiro, na década de 1930. Dessa forma, percebo as mobilizações de associações, aparentemente voltadas para o lúdico, na Primeira República, como possuidoras de projetos e discursos reivindicatórios.

Assim como Eric Brasil, ao ponderar sobre as experiências de mobilizações negras na Primeira República por meio das sociedades dançantes no Rio de Janeiro. Entendo que estas sociedades podem ser analisadas através do associativismo negro, mesmo que não tenham levantado bandeira explícita sobre sua composição majoritariamente negra, ao defender questões que estariam na agenda das reivindicações da população negra, em direção à conquista de cidadania.²⁵¹

Organizações que se dedicavam ao lazer podem ser consideradas com base em suas estratégias, compreendidas como caminhos encontrados pelos grupos sociais para reivindicação, positividade e representação de si e de suas práticas, em uma sociedade excludente. A luta por cidadania se daria através da representação positiva do grupo que fazia parte dessas associações, assim como dos locais de suas sedes. O carnaval, com a promoção de batalhas de confetes, bailes ou desfiles, seria o momento de mostrar seu grau de organização e beleza, na culminância das estratégias e trabalhos em direção ao reconhecimento positivo dos membros do grupo.

2.3 “Estando Mano Eloy com seu lindo terno azul”²⁵²

No bairro de Engenheiro Leal²⁵³, em 1925, promovia-se uma batalha de confete em homenagem ao Jornal do Brasil, na qual os foliões anunciaram um samba intitulado

²⁵⁰São estas as associações de cor identificadas pelo autor na Primeira República: Liga dos Homens de Cor, da Guarda Negra, da Associação Beneficente D. Isabel, a Redemptora; da Sociedade Estrela da Redempção, do Clube Republicano dos Homens de Cor, da Confederação Brasileira dos Homens de Cor, do Centro Cívico Monteiro Lopes, da Associação dos Homens de Cor, sem falar no Grêmio Literário Treze de Maio, da Caixa Beneficente José do Patrocínio, do Grêmio dos Homens de Cor e do Centro Patriótico Treze de Maio.

²⁵¹ Sua pesquisa tem como perspectiva a transnacionalidade, propondo-se a analisar as experiências negras que se utilizaram das associações para o carnaval para potencializar suas reivindicações por cidadania no período pós-abolição das cidades do Rio de Janeiro e de Port-of-Spain, Trinidad . Ver: BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos...* Op. Cit. 2016.

²⁵² Verso do samba “Inteligente”. Ver: Jornal do Brasil 25/01/1925. Página.12. Essa fonte foi também utilizada por Sormani da Silva em: SILVA, Sormani. Escola de Samba Deixa Malhar: Batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947. Niterói. 2018.

“Inteligente”. Segundo Carlos Cachça, era de Engenheiro Leal que vinha a turma de Mano Eloy para tocar no Buraco Quente.²⁵⁴ Em uma relação entre a memória de Carlos Cachça e o evento em questão, destacamos o samba “Inteligente” produzido pelos sambistas da região:

Inteligente

Por Deus juro que não posso
 Mais sofrer
 Por tua causa mulher do meu
 Bem quer
 As tuas mágoas são minha desventura
 Vou depor aos pés de Deus
 Vou baixar a sepultura

II

Momo no Cattete, onde mora o
 Presidente
 Lá é Zona “ckike” também mora boa
 Gente
 Como não sou trouxa também
 Posso me misturar
 Vou bancando o inteligente até
 A coisa melhorar

III

Por Deus juro, etc. etc.
 Tomei o trem na Central prá
 Soltar na Piedade
 Vou parar em Dona Clara saber
 Logo das novidades
 Tomo o trem em D. Clara desen
 Barco [sic] em Piedade
 Encontrei Mano Tavares, disse o
 Samba é na cidade

IV

Estando Mano Eloy
Com seu lindo terno Azul (grifo do nosso)
 Nos embarcamos no bonde de
 Itapiru
 E ao mesmo tempo encontro Mano

²⁵³ Engenheiro Leal é um bairro de classe média e média-baixa da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Faz limite com os bairros de Cascadura, Madureira e Cavalcante. O bairro se situa aos pés do Morro do Dendê. Sua história foi construída junto com os bairros vizinhos Cascadura e Madureira - eram terras do Engenho da Portela. A origem do bairro está ligada à implantação da Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil, depois Linha Auxiliar, em 1892.

²⁵⁴ SILVA, Marília T. Barbosa da. OLIVEIRA, Arthur filho. *Fala Mangueira*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1980, p. 28.

Chanju
 Elle disse vou pro samba na
 Casa da Dudu

V

Mana Dudu de bom parecer
 Da brincadeira pra quem quiser
 Ir lá ver
 Damas e cavalleiros sempre têm
 A escolher
 Depois da contra-dança temos
 Damas ao ‘buffer’²⁵⁵

A matéria do jornal não cita a autoria do referido samba, no entanto indica personagens e locais que, em 1925, estavam consolidados como lugares de reunião de pessoas ligadas ao samba e ao carnaval. Mais uma vez, a perseguição está presente ao se colocar no samba a “inteligência” de circular em espaços distantes dos espaços considerados “ckiques”. Com muito bom humor, a letra do samba coloca algumas alternativas aos espaços ditos “ckiques” e, neste caminho, traça um breve panorama da relação entre os espaços do subúrbio e da cidade.

No caminho da linha férrea e dos bondes do subúrbio, os personagens aparecem descritos como “Manos, Manas” e os membros do grupo que fizeram a homenagem ao jornal, de “Lords”²⁵⁶ – em referência, muito provavelmente, ao reconhecimento de certo status de respeitabilidade no espaço cultural que frequentavam, ligados ao mundo do samba. Nei Lopes, em seu “Novo Dicionário Banto do Brasil define o termo “Mano” como tratamento respeitoso, entre os antigos sambistas cariocas: “‘Mano Eloy’, ‘Mano Décio’ etc. Possivelmente do umbundo omanu, homem com influência, do espanhol ‘Hermano’”.²⁵⁷

Mano Eloy, morador de Dona Clara, na região de Madureira, foi apresentado em seu “lindo terno azul”, ressaltando a forma como se apresentava ao se deslocar pelo

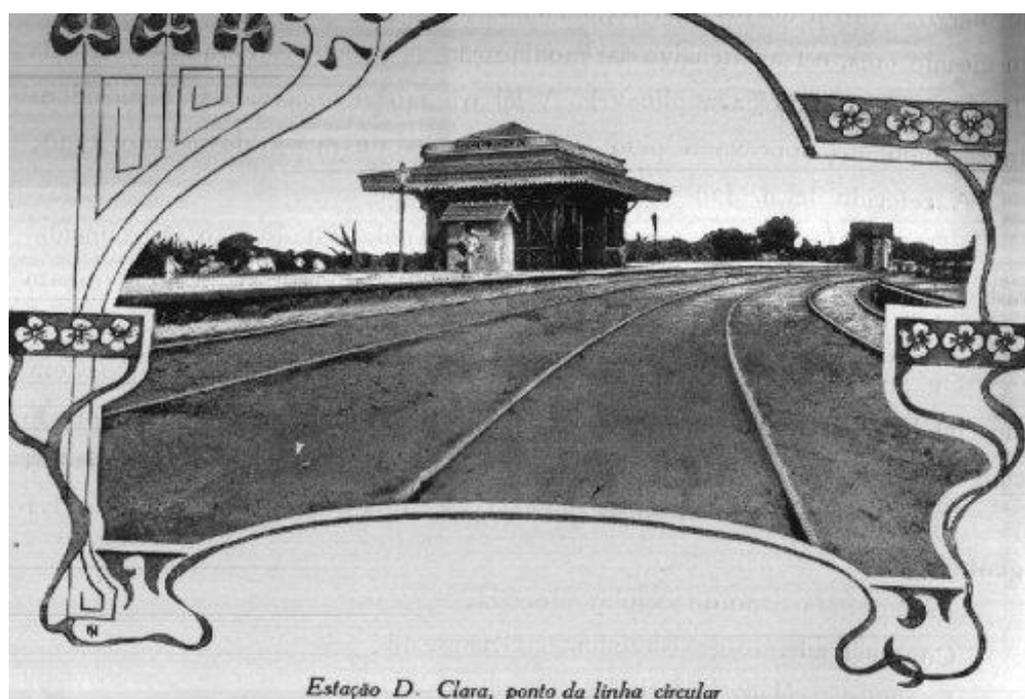
²⁵⁵ Jornal do Brasil 25/01/1925, página 12. Apud SILVA, Sormani. Escola de Samba Deixa Malhar: Batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947. Niterói. 2018. p 22.

²⁵⁶ Eduardo Granja Coutinho afirma que essas denominações “Assinalavam os associados presentes, que se tratavam – e eram tratados pela crônica – por pseudônimos, usualmente precedidos do nobiliárquico lorde, cuja finalidade era a de esconder a identidade de figuras graves e importantes dadas à orgia (lorde Alisa, lorde Sogra, lorde Sapato, lorde Careca, lorde Maior Potoca, lorde Ai, o Meu Cacete!).” Ver: COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 56

²⁵⁷ LOPES, Nei. *Novo dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003, p.140.

subúrbio, em direção às regiões centrais. Nesse momento descrito pelo samba, Mano Eloy, que havia uma década estava na Mangueira apresentando o “samba” à região, aparecia como um “cicerone” dos espaços de produção de samba na cidade. No ano de 1925, como destaca Sormani Silva, “estávamos no auge dos concursos de samba e das rodas de samba, ligando o subúrbio com a cidade.”²⁵⁸

Figura 07 – Estação ferroviária de Dona Clara



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

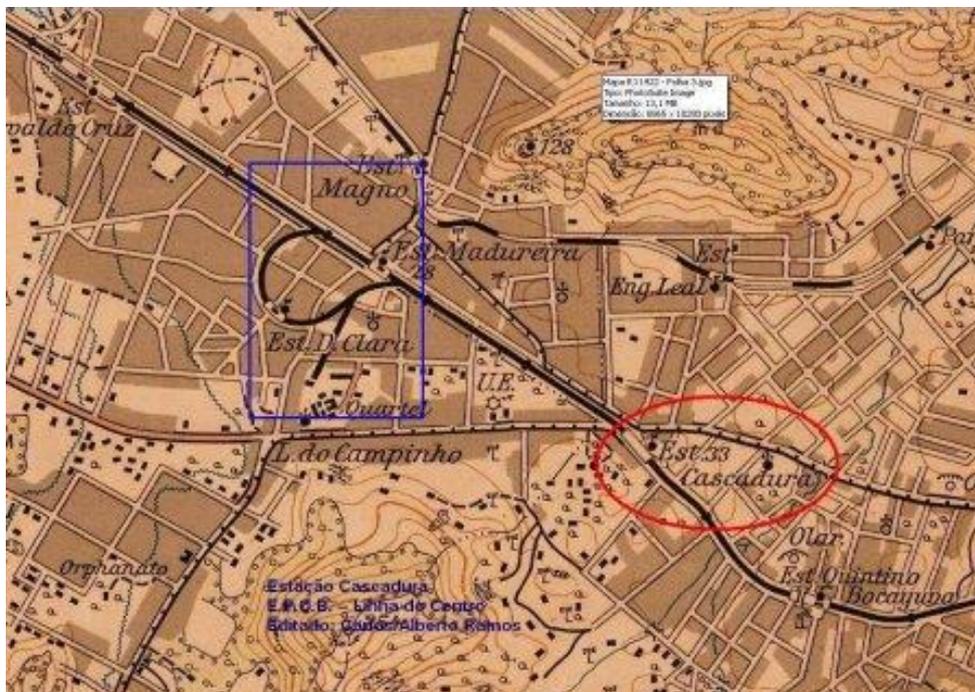
Piedade, Dona Clara e Engenheiro Leal eram espaços que, de alguma forma, reivindicavam sua divulgação, seu lugar de promoção do samba e do carnaval. Quando Mano Tavares, na letra do samba, diz que “o samba é na cidade”, talvez estivesse indicando certa diferenciação entre a atenção dada aos espaços e à produção cultural do subúrbio em relação aos espaços e à produção cultural da região central do Rio de Janeiro. Na Figura 6²⁵⁹ pode-se perceber a distância geográfica de Dona Clara, local de moradia de Mano Eloy e, onde o trem fazia a curva, para a Estação Central Dom Pedro II. Uma distância geográfica com a região central, mas que assinala na letra da música a proximidade dos espaços suburbanos, seja geograficamente, seja culturalmente como

²⁵⁸ SILVA, Sormani. Op.cit., 2014. p. 24.

²⁵⁹ Na página 62 dessa tese.

espaços de sociabilidades compartilhadas nos quais circulavam Manos e Manas que se faziam presentes na promoção cultural urbana e/ou suburbana do Rio de Janeiro.

Figura 08- Mapa das Estações de Madureira de 1908



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

Além das questões suscitadas pela letra do samba, a proposta do grupo de Engenheiro Leal de homenagear o *Jornal do Brasil* chama atenção. Uma batalha de confete com direito a préstito de blocos locais.

Breve
Homenagem ao ‘Jornal do Brasil’

Realizar-se-a no próximo domingo, 1º de Fevereiro, uma magnífica batalha de confetti e lança perfume, promovida pelos moradores e negociantes do populoso bairro de Engenheiro Leal e patrocinada pelo valoroso campeão do subúrbio o Argentino F. C.

Duas bandas de musica exccutarão as mais lindas musicas [sic] em dois artísticos coretos que serão armados na rua Francisco Valle e serão convidados a comparecer os sympathicos blocos: Felismina, Minha Nêga, Tetéas, Você não póde, Elles te dão, Felisberta, Minha Branca, e outros[sic].²⁶⁰

Essa era uma estratégia do grupo a fim de ganhar espaço de divulgação para a produção cultural local, uma vez que os jornais da época exerciam papel importante na divulgação das produções culturais populares, sobretudo do nascente samba e seus

²⁶⁰ Jornal do Brasil 25/01/1925, p. 12

espaços. Assim o grupo de moradores, comerciantes e membros das associações locais reuniram-se em um movimento que chamava atenção para a promoção da festa local.

Maria Clementina Pereira da Cunha assinala o movimento dos diferentes grupos carnavalescos de participarem de concursos promovidos pelos jornais na Primeira República.²⁶¹ Com isso, adotava-se eficaz “pedagogia” que pretendia aproximar modelos de brincar o carnaval, uma vez que para fazer parte do concurso era preciso atender as normas e a estética proposta pelo regulamento. Esse movimento de adaptação a um modelo estético de brincar o carnaval fazia parte da percepção dos grupos carnavalescos sobre a sua exclusão e/ou caminhos de inserção positivada. Adotava-se aquilo que criava legitimidade para outros grupos como forma de ganhar semelhante *status*. Era mais uma forma de utilização do lazer dentro de uma agenda que ao mesmo tempo, desconstruía estereótipos negativos atribuídos aos pobres e negros e, evidenciava o agenciamento das imagens que queriam para si.

A aproximação com os periódicos que promoviam o carnaval do Rio de Janeiro foi uma estratégia utilizada ao longo da Primeira República. O que não podemos perder de vista é que essa relação, como assinala Maria Clementina, estava longe de ser de uma só via, havia interesses dos populares - como já assinalamos, e, dos periódicos, seja por ação de um jornalista, de um grupo ou de uma prerrogativa do próprio jornal, que gradativamente foram dando espaço para a cobertura do carnaval, no Rio de Janeiro.²⁶²

Em uma década, os episódios narrados por Carlos Cachça e o de Engenheiro Leal indicam os processos de construção da identidade de Mano Eloy, suas sociabilidades e influência. De possível pioneiro do samba, em Mangueira, à referência de respeitabilidade no subúrbio e nas regiões centrais em 1925, pode-se perceber os significados históricos de ações que, evidenciam como o lazer foi instrumento de agenciamento de sociabilidades entre indivíduos e grupos em suas contingências.

Ao se utilizarem da estratégia de aproximação com o jornal, através da homenagem com a batalha de confete, o grupo de Engenheiro Leal extrapola a ideia do uso dos espaços e da produção cultural somente para o lazer, para sociabilidades que se utilizam do lazer para forjar espaços irradiadores de estratégias para o diálogo entre os agentes internos e externos ao grupo. O diálogo com a gentes legitimadores de suas

²⁶¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecoss da Folia....* Op. Cit. 2001. p.208

²⁶² Idem

práticas culturais foi um caminho encontrado pelos grupos de pobres e negros para se fazerem presentes na geografia cultural do Rio de Janeiro da Primeira República.

A busca por aproximação e diálogo com agentes externos aos grupos pode ser observada como forma de chamar positivamente a atenção para seus espaços – os subúrbios – um movimento de agenciamento de suas questões em direção à positivação e divulgação de sua imagem. Isso acabou por fazer parte de uma “fecunda e complexa movimentação protagonizada por trabalhadores, mulheres, negros, setores de classes médias e populares no campo da participação política, que alcançou formatos variados”²⁶³, na luta antirracista.

2.4 Ecos do subúrbio: o carnaval suburbano no periodismo²⁶⁴

O evento de Engenheiro Leal estava inserido em um quadro estabelecido na relação entre os jornais e o carnaval das associações das regiões centrais ou do subúrbio. Esse movimento feito pelas associações foi se desenvolvendo ao longo do tempo e tornando-se uma estratégia importante para a divulgação e a reivindicação de seu espaço social, político e cultural. Portanto, cabe aqui uma pequena análise sobre algumas questões do processo de aproximação entre os periódicos que se dedicavam a cobertura do carnaval e as sociedades carnavalescas do subúrbio do Rio de Janeiro, na Primeira República.

O diálogo com periódicos ganhou cada vez mais espaço na virada do XIX para o XX. Uma vez que, alguns jornais foram dedicando atenção à divulgação das manifestações culturais ligadas ao carnaval de rua. Com isso, apareceram sujeitos que estavam ligados aos periódicos da época e que, de alguma maneira, especializaram-se em comentar e promover a festa momesca – eram os cronistas de carnaval. A

²⁶³ DOMINGUES, Petrônio. Op., cit., 2014. p. 251.

²⁶⁴ O termo “Ecos Noturnos” foi utilizado pelo cronista Francisco Guimaraes, o Vagalume, em sua coluna em 1904, no Jornal A Tribuna, em uma contraposição com a coluna Ecos desse mesmo jornal que se dedicava à cobertura política da época. Ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. No ritmo do Vagalume: culturas negras, associativismo dançante e nacionalidade na produção de Francisco Guimarães (1904-1933). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 35, n° 69, p.13-33, 2015. Maria Clementina Pereira da Cunha chamou atenção para o uso constante da palavra “Ecos” nos periódicos na Primeira República quando noticiavam questões relacionadas ao carnaval. Inclusive esse foi o título de sua grandiosa pesquisa de história social da cultura carnavalesca, no Rio de Janeiro da Primeira República. Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da Folia: Uma história social do Carnaval Carioca entre 18880 e 1920*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

aproximação entre grupos ligados ao carnaval com os periódicos que faziam esse tipo de cobertura e, por conseguinte, com esses cronistas era uma estratégia que pode ser analisada como a ação de divulgar ou reforçar o lugar de suas práticas culturais.

Segundo Leonardo Pereira a aproximação feita pelos cronistas aos lazeres promovidos pelas associações dançantes e carnavalescas dos trabalhadores pobres, negros e mestiços, foram inspiradas pelas crônicas de Francisco Guimarães. Vagalume, como ele era conhecido, foi um homem negro que, segundo Pereira, pode aliar a sorte, o acolhimento e o talento que o levaria a ser reconhecido como “um dos mais populares cronista e dramaturgo do Rio de Janeiro”, na Primeira República. Sua história se assemelha a de muitos negros no pós-abolição, uma vez que teve que “buscar caminhos de sobrevivência e afirmação profissional.”²⁶⁵ Segundo o autor, sua produção esteve intimamente ligada a “linguagem dos trabalhadores negros e mestiços da cidade.”²⁶⁶

Por meio de um jornalismo “participativo”, Vagalume impulsionou, o interesse pelas festas promovidas pelas associações de trabalhadores pobres. Inaugurando “um modelo de cobertura das atividades desses clubes que seria imitado depois por várias outras folhas, tornando-se um padrão entre os grandes jornais da cidade.”²⁶⁷ Vagalume com suas crônicas deu atenção a uma pulsante geografia cultural e carnavalesca desenvolvida em diferentes espaços da cidade do Rio de Janeiro. Indo além dos espaços consagrados desenvolvidos nas regiões centrais da cidade.

“Mais do que tratar das práticas e experiências próprias aos trabalhadores negros e mestiços, Francisco Guimarães ajudou, porém, a forjar para elas novos sentidos, capazes de transformá-las na base de simbolismos socialmente mais amplos.”²⁶⁸

Eduardo Granja Coutinho, em sua pesquisa sobre os cronistas de carnaval, sugere que, assumindo o papel de mediadores, os “jornalistas foliões eram agentes que, ao mesmo tempo em que afirmam e legitimam a cultura de um grupo popular economicamente subalterno, tratam de depurá-la de seus aspectos ‘selvagens’, não assimiláveis pela visão de mundo oficial.”²⁶⁹ Não podemos desconsiderar, no entanto, que essa mediação passava pelo crescente interesse comercial, por parte dos periódicos, em atrair o público popular e aumentar suas vendas.

²⁶⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op, Cit. 2015, p.13

²⁶⁶ Ibidem

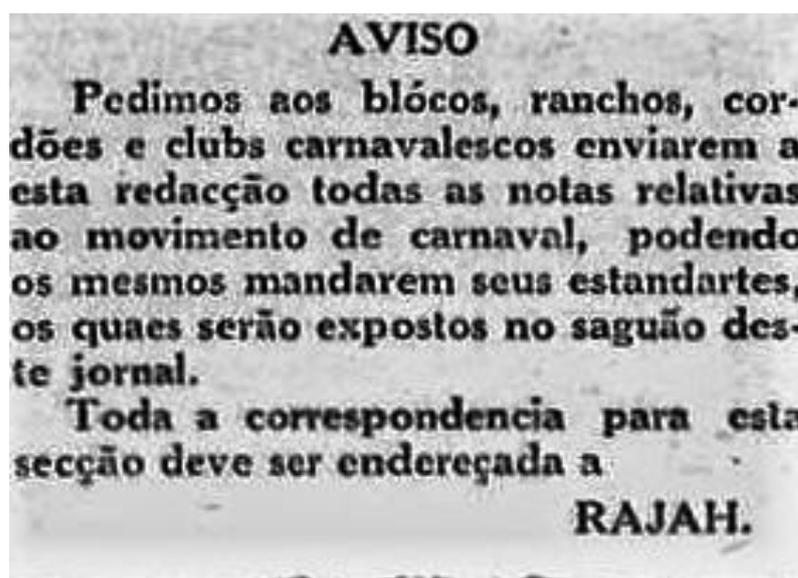
²⁶⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op, Cit. 2015, p.23

²⁶⁸ Idem. p. 25

²⁶⁹ COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p.89.

A divulgação das movimentações para o carnaval e a festa em si eram uma forma de os periódicos e cronistas se promoverem também. Havia uma relação que não se dava em uma única via, existiam diferentes interesses envolvidos que foram aproveitados por ambas as partes interessadas. Em nota, o cronista do jornal *A Razão*, que assinava como Rajah²⁷⁰ assinala alguns pontos dessa relação:²⁷¹

Figura 09 - Aviso



Fonte: A Razão, 17/01/1921. Página 05

O “Aviso” que era na verdade um pedido de envio de informes sobre os preparativos para o carnaval, indica que havia o interesse dos jornais em estabelecer a relação com as associações carnavalescas. A cobertura do carnaval não dependia somente do interesse dos jornais de buscarem as notícias e as publicarem, havia um incentivo a um movimento de promoção que era feito por duas vias. Uma vez que ao mesmo tempo em que ofereciam espaço para divulgação dos eventos das associações, colocavam a sede do periódico como espaço de exposição de seus estandartes, o que chamaria atenção não somente para os estandartes ali expostos, mas também para a sede

²⁷⁰ Não consegui encontrar informações sobre a identidade do dito cronista. O fato, inclusive, me pareceu positivo para considerarmos que nem todos os cronistas que se dedicaram a cobertura carnavalesca tiveram grande notoriedade, no entanto foram participantes diretos das relações estabelecidas entre agremiações e periódicos.

²⁷¹ Com sede na rua da Quitanda 65, o jornal carioca *A Razão* teve sua primeira publicação em dezembro de 1916 onde se declara como um veículo em busca da moralidade diante do panorama que assolava a sociedade brasileira.

do jornal. Essa era uma prática que remontava a relação de alguns periódicos com o carnaval promovido pelas Grande Sociedades²⁷², desde 1900 como assinala por Maria Clementina Pereira da Cunha, no entanto, chamo atenção para a reprodução dessa prática para outras modalidades de brincar o carnaval e para o crescente envolvimento de alguns periódicos em incentivar a diversidade de práticas carnavalescas presentes na cidade.

Ao escreverem na primeira pessoa e utilizarem constantemente seus nomes ou codinomes ao longo do texto, os cronistas estavam de alguma forma estabelecendo um estreitamento das relações com o público e sugerindo sua aproximação com as sociedades visitadas. Assim davam espaço e identificavam lugares e pessoas em suas práticas culturais, atraíam o público interessado no exotismo das manifestações populares e aqueles praticantes que se viam nas palavras dos jornais. O tipo de escrita, alegre e jocosa, o uso de imagens satíricas, eram estratégias para chamar a atenção do público. Vejamos um exemplo desse movimento, através do jornal *A Razão* que foi dedicado aos preparativos para o carnaval de 1921:

Figura 10 – Deixar de Idéias



Fonte: A Razão, 17/01/1921. Página 05

²⁷² As grandes sociedades carnavalescas surgiram no século XIX numa tentativa da elite do Rio de Janeiro de fazer um carnaval de rua que pudesse se assemelhar dos carnavais europeus, em uma alternativa ao tão criticado entrudo e suas brincadeiras consideradas pouco civilizadas. Com fantasias luxuosas e a utilização de carros, era o corso. O desfile das grandes sociedades se manteve em lugar de destaque na agenda carnavalesca da cidade do Rio de Janeiro no século XX, sendo elas o clube dos Fenianos, dos Democráticos e Tenentes do Diabo.

A imagem faz parte da divulgação do bloco Savioleta, com sede em Madureira.²⁷³ Na apresentação do bloco, temos não somente a enumeração de seus integrantes, mas também a presença do cronista como folião. Depois da exposição dos integrantes do bloco, há a menção da promessa da escrita de um samba em homenagem ao cronista que estaria divulgando o bloco – Rajah. Esse mesmo cronista seria, talvez, retratado na charge como aquele que deixaria de “ideias”, assumindo não conseguir mais nada em Petrópolis, por isso, estaria se dirigindo ao “Mafuá do Engenho de Dentro.”²⁷⁴ As ideias mencionadas pelo cronista poderiam ser os conhecidos carros de ideias utilizados nos desfiles carnavalescos das Grandes Sociedades. O que colocaria em contraposição os lugares e as formas de brincar o carnaval, uma vez que nas “ideias” de Petrópolis já não teria mais espaço o que o teria feito se dirigir ao Mafuá de Engenho de Dentro, bairro do subúrbio carioca, que, talvez, pudesse oferecer outras formas de entretenimento, com seu pulsante carnaval de rua e diferentes associações carnavalescas.

É notória a importância dos cronistas de carnaval e o interesse de alguns periódicos em aproximarem-se do discurso popular. No entanto, é necessário relativizar tais ações. Se por um lado tínhamos nos cronistas sujeitos especializados na arte da escrita, que apresentavam as associações de maneira a gerar interesse ao público, por outro, tínhamos o interesse, por parte desses grupos, de serem apresentados, buscando se expor à sociedade de maneira próxima a esse discurso.

Segundo Nelson da Nóbrega Fernandes, a observação sobre a forma como as Grandes Sociedades ganhavam publicidade teria motivado outras modalidades recreativas carnavalescas a serem, nos periódicos e nos cronistas que faziam cobertura a cobertura carnavalesca, caminhos para sua divulgação e legitimação, os quais foram sendo largamente utilizados pelos promotores do carnaval do Rio de Janeiro.

Alguns jornais acabaram exercendo papel de divulgadores e promotores de campeonatos entre as diferentes associações carnavalescas. Além da divulgação das práticas de carnaval das Grandes Sociedades, esses repórteres passaram a promover os

²⁷³ O Bloco Savioleta não foi encontrado no Banco de Dados das Associações Dançantes e Carnavalescas Cariocas Eric Brasil. Nos periódicos encontramos somente algumas referências sobre ter sua sede no bairro de Madureira.

²⁷⁴ Segundo o Nei Lopes, Mafuá seria feira ou parque de diversões. Ver LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003

cordões, ranchos e blocos. Em contraposição ao carnaval das Grandes Sociedades com seus espaços, bailes e desfiles voltados para a elite carioca, alguns periódicos divulgavam eventos promovidos por grupos sociais menos abastados e, geralmente, compostos por maioria de indivíduos negros.²⁷⁵

O subúrbio aparecia nos periódicos como espaço separado da cidade, em colunas próprias, dedicadas à divulgação de questões locais.²⁷⁶ O jornal *A Imprensa*, por exemplo, possuía uma coluna com essa finalidade, a “Ecos do Subúrbio”, que durante o ano divulgava os problemas e as notícias da região.²⁷⁷ Entre as queixas sobre a precariedade da iluminação e do policiamento, encontramos a divulgação de diferentes festas promovidas pelas sociedades dançantes suburbanas, sobretudo em época de carnaval. Essa coluna pode nos ajudar a entender a amplitude da geografia cultural urbana negra, no Rio de Janeiro.

Segundo o que foi noticiado em 1908, nos dias dedicados a Momo, as sociedades suburbanas faziam desfiles em suas regiões. Possivelmente algumas das agremiações estivessem voltadas somente para o lazer local enquanto outras participassem também do carnaval em diferentes regiões. Na coluna Ecos do Subúrbio de dezembro de 1908, o periódico divulga as ações locais para as festas de Ano Novo, indicando o movimento das sociedades dançantes suburbanas de se organizarem para o carnaval.

-Em Madureira, alegre estação suburbana, também vão festejar o carnaval, interna e externamente, os clubes dos Teimosos e Democráticos de Madureira.

[...]

-Em D. Clara, Rio das Pedras, Deodoro, Realengo, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, diversas sociedades e grupos já estão em ensaios

²⁷⁵Sobre os componentes das associações dançantes ligadas ao carnaval, ver a tese de Eric Brasil que identificou discursos para obtenção de licenças e as fotografias das associações carnavalescas da Primeira República, destacando que estas práticas faziam parte de certo repertório para a legitimação de suas práticas e um caminho de obtenção de cidadania. BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Rio de Janeiro: Tese (Doutorado) – UFF/ ICHF, 2016.

²⁷⁶ Ver exemplos de jornais que fizeram esse tipo de coluna. Como *A vida nos subúrbios*, do O Malho. *Echos do Subúrbio*, Gazeta Suburbana; *Notas Suburbanas ou Vida Suburbana*, Revista da Semana; *Pelos Subúrbios ou Chronicas suburbanas*, Correio da Manhã.

²⁷⁷O jornal *A Imprensa* foi fundado em outubro de 1898 e funcionou até 1914. Na sua primeira edição quem assina como redator chefe é Ruy Barbosa, em um texto que faz um panorama político brasileiro desde o período Monárquico à República, exaltando a necessidade da aprovação da reforma da Constituição assumindo-se longe de posicionamentos partidários com o lema: “Nada fora da ordem. Tudo pela Lei”. *A Imprensa*, 05/10/1898. pp.1-2

do carnaval, igualmente, os Paladinos de Ramos, outra estimada sociedade carnavalesca suburbana.

-Em Maxabomba e Guaratiba alguns rapazes vão festejar a entrada do Ano Novo e bem assim o futuro carnaval. Os subúrbios estão na ponta. Viva 1908 e 1909.²⁷⁸

A nota ressalta as atividades das associações durante o carnaval. O subúrbio aparecia no jornal como espaço separado, mas a festa, aparentemente, não se limitava às regiões. Havia a identificação das sociedades por suas localidades, seus nomes, e de maneira geral remetia aos bairros de sua sede, como os Teimosos de Madureira, os Democráticos de Madureira e os Paladinos de Ramos.

A participação no carnaval “interno e externo,”²⁷⁹ levando os nomes de suas sedes, ou seja, levantando a bandeira da sua identidade local, fazia parte do movimento de tomada do espaço geográfico, social, cultural e político das ruas, do bairro e da cidade. Geralmente quando o jornal fazia menção ao carnaval interno ou externo, referia-se aos eventos promovidos nas sedes das sociedades e aos préstitos dedicados a Momo. Os desfiles eram feitos nas regiões de suas sedes, podendo haver também o deslocamento para outras áreas em visitas a coretos ou a sedes de outras sociedades.

Havia a promoção de concursos entre as sociedades carnavalescas no centro e nos subúrbios do Rio de Janeiro. Lugares como Engenho de Dentro e Madureira eram citados nos periódicos da época por serem espaços de promoção dos préstitos suburbanos. Foi promovido pelo jornal *A Imprensa*,²⁸⁰ no final de 1908, um concurso cujo objetivo era eleger a sociedade dançante ou carnavalesca mais popular e chiques dos subúrbios.²⁸¹

Concurso suburbano de ‘A Imprensa’

No intuito de bem patentear o público o decidido interesse que nos inspiram o progresso material e cultura artística da grande massa que compõe a população suburbana, cujo favor tanto nos lisongeira [sic], resolvemos abrir um concurso que, pela sua alta significação artística, não servirá só para pôr em evidência esta ou aquela sociedade, como também para estimular com galardão duma victoria àqueles cujos esforços são tão inteligentemente aproveitados pela Arte, que marca

²⁷⁸ *A Imprensa*, 05/12/1908, página 05

²⁷⁹ Utilizamos a terminologia dos periódicos que aparentemente se referia a comemorações na sede das associações, a festas internas e em comemorações que ganhavam as ruas, as externas.

²⁸⁰ O jornal fazia diferentes concursos, como o de melhor cavalheiro mediante eleição; a criança que seria premiada com fantasias de carnaval mediante acúmulo de cupons, o operário mais simpático e popular do subúrbio.

²⁸¹ Concursos carnavalescos promovidos por jornais eram práticas que remontam os anos iniciais da Primeira República. Para maiores detalhes ver: CUNHA, Maria Clementina. Op. Cit. 2001

sempre o triunfo das sociedades que se exibem em carnavalescos
préstitos trimphaes.[sic]²⁸²

O jornal destaca que o objetivo da promoção do concurso entre as sociedades suburbanas seria o seu interesse no “progresso material” da região. Estaria o jornal afirmando que, a divulgação e a promoção do carnaval dos subúrbios seriam um caminho para o desenvolvimento material local? Que o concurso era uma forma de chamar atenção para o desenvolvimento artístico e cultural da grande massa que compõe a população suburbana?

O concurso era feito mediante o preenchimento de cupons, que eram publicados diariamente no jornal que o promovia, e transcorria do início de dezembro a 31 do mesmo mês. Os cupons eram preenchidos, recortados e levados ou enviados para a sede, na Rua da Assembleia.

Figura 11 – Cupom do concurso

Fonte - A Imprensa, 01/12/1908. Página 05

Como o concurso em questão foi feito antes do carnaval de 1909, as sociedades que poderiam figurar como candidatas eram aquelas que desfilaram no carnaval de 1908, já conhecidas do público. Note-se que no cupom para esse concurso não cabiam sugestões por parte dos organizadores de sociedades candidatas, ficando a critério do

²⁸² A Imprensa, 13/12/1908. O Jornal do Brasil em 1909 também fez um concurso voltado ao subúrbio. Ver: Jornal do Brasil, 07/02/1909. A Gazeta de Notícias também era promotora de concursos entre as sociedades que não eram centrados nos subúrbios, mas encontramos algumas agremiações suburbanas na lista de votadas. Ver: Gazeta de Notícias, 27/03/1909. Correio da Manhã em janeiro de 1909.

votante. Sendo um concurso promovido por jornal, o que pressupunha que seria voltado para o público leitor, o preenchimento do cupom era feito de maneira manuscrita. Havia ainda espaços para a identificação da localidade, possivelmente do votante, e para a assinatura do eleitor. Somente uma regra foi divulgada: a que limitava as sociedades candidatas a terem suas sedes em lugares específicos do subúrbio, “cujas sedes [estivessem] dentro da zona suburbana, compreendida entre S. Francisco, Bonsucesso, Rio das Pedras e Inhaúma.”²⁸³

Durante o mês de dezembro eram divulgados resultados prévios do concurso. Foi somente no dia 01 de janeiro que o jornal publicou a apuração final, revelando a lista das sociedades que foram votadas. Em um mês de divulgação do concurso suburbano, houve um total de dois mil e noventa votos em vinte e uma sociedades suburbanas. A quantidade total de votos do concurso indica não somente que tais concursos eram formas para a promoção das vendas dos periódicos, como também um indício da popularidade do carnaval e das sociedades da região.

Figura 12 - Apuração

Apuração total dos votos chegados até hoje :	
	Votos
Pingas Carnavalescos.....	753
Destemidos do Meyer.....	321
Pepinos Carnavalescos.....	306
Club D. Carnavalesco Des- temidos do Encantado.....	294
Fentanos do Meyer.....	186
Club dos Pindabybas.....	161
Filhos das Campinas (Dr. Frontin).....	95
Sociedade Dansante F.Terra Nova.....	49
Teimosos de Madureira.....	49
Pára de Satanaz.....	32
Congresso dos Democraticos do Encantado.....	30
Grupo das Ferolas.....	25
Congresso Familiar do En- cantado.....	23
Grupo do Levanta.....	20
Club Flôr dos Massarandu- bas.....	20
Gremio das Orchidéas.....	7
Club 24 de Maio.....	4
S. Dansante Estrella do Oriente.....	4
Ave do Paraiso.....	3
Grupo Up to date.....	2
Irmãos da Opa.....	1

Fonte -A Imprensa, 01/12/1908. Página 05

Ressalte-se que o concurso em questão era voltado a eleger a sociedade mais chique dos subúrbios. O que nos leva a pressupor que nessa lista estivessem os grupos

²⁸³ A Imprensa, 13/12/1908.

que se destacavam pelos investimentos financeiros ou criativos em um determinado modelo de carnaval em seus desfiles. Possivelmente as sociedades que fizeram parte da lista de votadas no concurso faziam parte daquelas frequentadas por certa elite suburbana, ou de grupos que queriam ser identificados como tal. Embora tenha sido comum às sociedades promoverem festa durante todo o ano destinadas a levantar fundos para o carnaval.²⁸⁴

Havia a valorização entre as pequenas sociedades suburbanas da adoção de um repertório que se aproximasse das práticas chiques das Grandes Sociedades. O concurso também chama nossa atenção sobre o que estariam excluindo. Ao se buscar a mais chique do subúrbio, lança-se a ideia de que havia as não chiques. A questão sinaliza para possíveis clivagens internas e/ou externas existentes, não somente entre grandes e pequenas sociedades, entre centro e subúrbio, mas entre grupos que aparentemente estariam próximos socialmente no subúrbio. Em uma nota sobre o carnaval do subúrbio, o jornal *Gazeta de Notícias* enumera as sociedades que iriam desfilar em 1908.

O Carnaval nos subúrbios

Está muito animado o Carnaval nos subúrbios. Cerca de 10 sociedades se preparam com fantásticos préstitos para percorrer as ruas arrancando aplausos dos moradores dos subúrbios.

No Meyer, os Fenianos e os Destemidos; no Engenho de Dentro, os Pingas Carnavalescos e os Pepinos; em Cascadura, o Bloco dos Democráticos; em Madureira, os Democráticos de Madureira e muitas outras. (grifos meus)

Fora o grande número de pequenos grupos e cordões que existem.²⁸⁵

Ao final, o cronista, não deixa de mencionar os “numerosos pequenos grupos e cordões que existem”²⁸⁶ no subúrbio. Para esses grupos, contudo, coube somente a admissão de suas existências, sem nomes, sem identidades. Chama atenção que as sociedades carnavalescas que foram nomeadas possuíssem referências aos nomes das Grandes Sociedades, Os Fenianos e o Democráticos. Evidenciando que a adoção de características das Grandes Sociedades era práticas comuns entres as diferentes sociedades carnavalescas. Era a adoção de estratégias de legitimação para a construção de imagens positivadas de si, que passava pela reprodução de nomes, características estéticas e discursos. Um dos recursos utilizados era inserir nos estatutos e nos pedidos de licença a identificação profissional dos grupos que estariam a cargo da administração

²⁸⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. Op. Cit. 2001

²⁸⁵ Idem

²⁸⁶ *Gazeta de Notícias*, 1908. Página 07

das sociedades. Isso fazia parte de uma retórica para conseguir as licenças e/ou poderia ser o indício de que elas eram frequentadas, em grande parte, pela categoria profissional de seus administradores. A identificação profissional dos grupos nos estatutos pode ser um indício de que a administração, ou seja, o poder de decisão, estava centrada nesse grupo, o que geraria hierarquias internas e certa elitização de grupos dentro das sociedades.

Estabeleceram, por exemplo, cargos de diretoria – presidente e vice, secretários, tesoureiros e fiscais -, de modo totalmente calcado na estrutura das Grandes Sociedades; estipulando o valor das mensalidades e joias para associados, e de forma semelhante estabeleceram as diferentes categorias de funcionamento à entidade.²⁸⁷

Grupos de trabalhadores da estrada de ferro, portuários, comerciantes, funcionários públicos, militares e tantas outras categorias de profissionais figuraram nos estatutos e pedidos de licença das sociedades. A aproximação entre grupos que estavam na mesma categoria de trabalho, aliada aos valores das mensalidades, gerava diferenças sociais, sobretudo entre grandes e pequenas sociedades. Essa era uma forma de excluir as presenças indesejáveis ao grupo que detinha o poder de decisão, mas que possivelmente era praticada também entre grupos econômica e socialmente próximos.

Leonardo Pereira, ao estudar o Prazer das Morenas, em Bangu, identifica a adoção de um modelo que fosse mais palatável ao público letrado, para conquistar o apoio da imprensa, que passaria a divulgar a sociedade e seus eventos. Era uma estratégia de posituação a fim de conseguir cada vez mais apoio social e econômico para si. Os clubes dançantes, para o autor, eram espaços que, desde o seu surgimento, constituíam-se “como um meio de afirmação das distinções étnicas e sociais existentes no bairro.”²⁸⁸ Fazer parte de uma sociedade recreativa era um recurso de distinção social, de construção de identidade positivada, lugar de autorrepresentação. Inclusive, essa era uma prática aparentemente conhecida e incentivada, como podemos perceber na nota- denúncia publicada no *Jornal Suburbano*:²⁸⁹

²⁸⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da Folia: Uma história social do Carnaval Carioca entre 18880 e 1920*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p.158.

²⁸⁸ PEREIRA, Leonardo A. Miranda. “O Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República.” In: *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p287.

²⁸⁹ O *Jornal Suburbano* estava sediado na Rua Carolina Machado, em Madureira, tendo seu primeiro número em junho de 1908. Em seu editorial de abertura se coloca como preocupado com o progresso do subúrbio.

Algumas verdades

É com imenso pesar que vamos tratar do melindroso assunto, sem contudo, fazermos referências diretas, esperançosos que os que reúnem em si os meios de obviar o mal a que nos propomos apontar, isso o farão em benefício próprio ao menos.

[...]

Ultimamente está acontecendo isso nas sociedades localizadas nos subúrbios onde os indivíduos são admitidos somente com a recomendação da respectiva importância à mensalidade que pagam, sem o devido escrúpulo, e onde levam, muitas vezes, mulheres de vida alegre [...].

É sabido e notório que onde se reúnem indivíduos diferentes e desconhecidos, a liberdade deve ser limitada a bem da ordem, e nunca ampla, porque elas abusarão.²⁹⁰

A crítica sobre a forma de acesso às sociedades denota que estas eram espaços que se pressupunham certos valores morais dos seus membros. Isso servia como forma de distinção social e, dependendo da associação, de certa hierarquização social. O concurso que elegeria a associação mais chique do subúrbio pode ser um meio de identificar as clivagens entre formas associativas e os graus de distinção que elas podiam agregar à identidade de seus membros.

A sociedade que venceu o concurso suburbano de 1908 foi a Pingas Carnavalescos, agremiação com sede na rua Engenho de Dentro, 23. O Pingas era uma das conhecidas sociedades carnavalescas da região, sendo talvez uma das mais antigas, com sua fundação em 1886. Conhecida por promover desfiles que chamavam a atenção do público local e dos jornais, participava, inclusive, de desfiles fora de sua região, indicando como os espaços do carnaval popular de rua eram compostos por uma geografia transposta em nome do rei Momo.²⁹¹

No ano de 1909, o jornal *A Imprensa* ampliou a promoção do carnaval com dois concursos suburbanos diferentes.²⁹² O primeiro, com a pergunta “Qual o préstito mais original?”, e o segundo, com “Qual a melhor sociedade carnavalesca de Madureira?”. A primeira pergunta pretendia verificar se a sociedade mais original estaria na mesma linha do concurso anterior, o de 1908. A segunda pergunta coloca em cena mais um centro de desenvolvimento suburbano e suas sociedades locais: Madureira.

²⁹⁰ Jornal Suburbano, 1910, p. 01.

²⁹¹ Para saber mais sobre Os Pingas Carnavalescos, ver: SERFATY, Elaina Reiola Cirilo. *A honra dos outros: padrões de moralidade em um crime de amor nos Pingas Carnavalescos (1920-1921)*. Monografia. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2013.

²⁹² O jornal *A Imprensa* promoveu concurso também nos anos de 1910, no entanto este não possuía enfoque no subúrbio ou em uma região específica, passou a dedicar-se a perguntas mais amplas sobre qual era o grupo mais apreciado. Ver. *A Imprensa*, janeiro de 1910.

Segundo o jornal, diante do esforço dos clubes, que “de tal forma alcançaram tão brilhante êxito,”²⁹³ o bairro de Madureira e as sociedades seriam promotoras de um carnaval esplendoroso. Iniciando-se em 25 de fevereiro, ou seja, logo após o carnaval daquele ano, o concurso se encerraria no dia 31 de março, sendo o cupom publicado durante esse tempo.

Figura 13 – Resultado da apuração

Eis os resultados das diversas apurações:	
1ª às 7 horas da noite	
Democraticos.....	370
Fenianos.....	148
Tenentes.....	50
DE MADUREIRA	
Democraticos.....	459
Teimosos.....	23
2ª--A's 10 1/2 DA NOITE	
Democraticos.....	999
Fenianos.....	90
Tenentes.....	45
DE MADUREIRA	
Democraticos.....	241
Teimosos.....	19
3ª--A' MEIA NOITE	
Democraticos.....	205
Fenianos.....	7
DE MADUREIRA	
Democraticos.....	707
RESULTADO FINAL	
Democraticos.....	4.715
Fenianos.....	3.232
Tenentes.....	1.345
DE MADUREIRA	
Club Democraticos de Ma-	
adureira.....	2.418
Teimosos de Madureira	914

Fonte - A Imprensa, 25/02/1909. Página 02

Assim como o concurso anterior, a cédula de votação seguia o mesmo modelo, no qual havia a pergunta impressa e a resposta caberia ao votante escrever, recortar e levar ou enviar à sede do jornal, na rua da Assembleia. Na publicação do resultado desse concurso, foram arrolados somente três sociedades para o primeiro pleito e duas para o segundo. Desse concurso para o anterior, o jornal pode ter mudado seu critério para publicação, colocando somente aquelas que seriam premiadas, ou os votos podem ter sido centrados somente nessas sociedades apresentadas. Não há indício do critério adotado pelo jornal.

²⁹³ A Imprensa, 25/02/1909, p. 02

Nesse concurso, não estavam mais elegendo a “Sociedade mais Chic dos Subúrbios”. Contudo, assim como aquelas do primeiro, as sociedades que figuraram no concurso de 1909 eram as que adotaram o modelo de organizar préstimos com carros alegóricos.²⁹⁴

A forma como o resultado foi publicado, separando as sociedades em grupos, aparentemente por causa de seus tamanhos e características, e neste caso pela região, era a maneira com que os demais periódicos organizavam seus concursos. No concurso promovido pelo Correio da Manhã, em 1909, por exemplo, não houve o enfoque às sociedades do subúrbio; a eleição estava relacionada à pergunta “Qual dos nossos clubes está mais bem aparelhado para a vitória nos préstimos do Carnaval, em 1909?”²⁹⁵, abrindo espaço para a candidatura daquelas que estivessem interessadas em participar, independente de sua região.²⁹⁶ No entanto, havia um critério que hierarquizava os grupos em três categorias: os de “Primeira Linha” (Clubes dos Democráticos, Fenianos e Tenentes)²⁹⁷, os de “Segunda Linha” (com os demais clubes da capital e dos subúrbios) e os de “Terceira Linha” (que seria composta pelos clubes de Niterói).

Conforme a classificação do concurso, publicada no jornal, Os Pingas e os Democráticos de Madureira estariam no grupo de clubes de Segunda Linha. Nessa mesma categoria o Clube dos Democráticos de Madureira alcançou a primeira colocação, seguido da Sociedade Pingas Carnavalescos,²⁹⁸ demonstrando que as ações das duas sociedades suburbanas tinham um alcance que ia além de suas regiões. A partir de um concurso inicialmente de caráter local, chamaram atenção para suas experiências, alcançando espaço de representação no subúrbio e fora dele.

A Sociedade Pingas Carnavalescos e o Clube Democráticos de Madureira foram duas associações suburbanas que se utilizaram do carnaval e do lazer como estratégias para posituação da imagem de seus membros. A adoção de certo repertório estético nas suas apresentações, em préstimos carnavalescos, bailes, almoços, e na evolução performática de seus membros, era uma forma de construção identitária que se aproximava dos modelos considerados e aceitos como civilizados.

²⁹⁴ Ver: Revista da Semana, 03/1909.

²⁹⁵ Correio da Manhã, 01/1909.

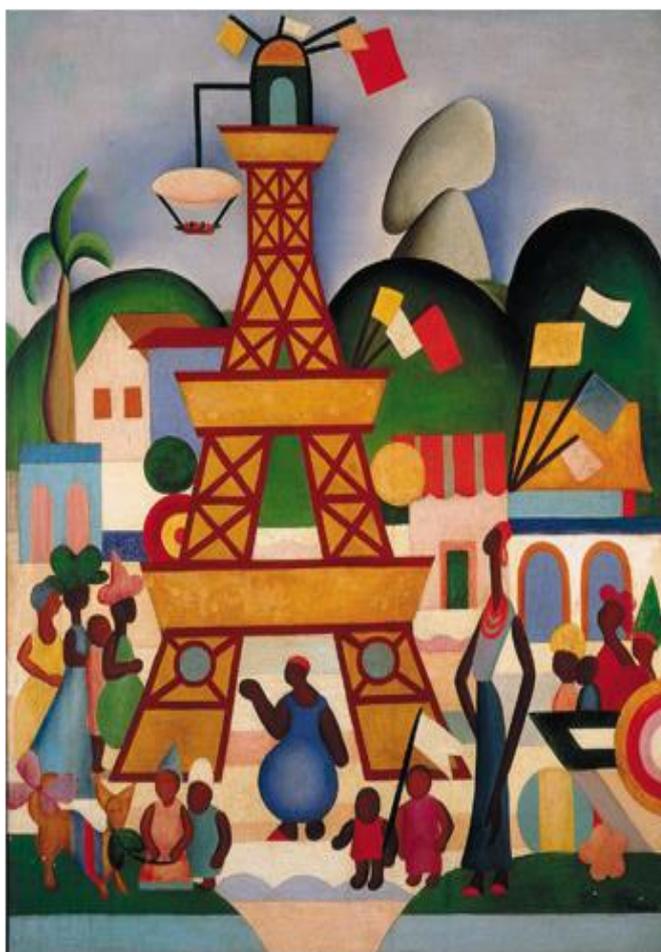
²⁹⁶ No Concurso do Correio da Manhã, as candidatas deveriam enviar a “sinopse” do desfile para ser divulgada pelo jornal. Acredito que esse seria um critério para a candidatura. Ver: Correio da Manhã, 02/1909.

²⁹⁷ Estas eram consideradas as Grandes Sociedades do Carnaval Carioca.

²⁹⁸ Correio da Manhã, 19/02/1909, p.03

Assim como as sociedades suburbanas exerciam certa atração, essas regiões acabavam por chamar atenção não somente por seu aspecto de insalubridade, propalados pelos jornais, mas por suas festas. Um exemplo dessa atração exercida pela região e suas práticas foi a passagem do grupo de artistas modernistas que, em viagem de reconhecimento ao Brasil, chegou a Madureira. Após sua visita à capital carioca, Tarsila do Amaral, que fazia parte do grupo de modernistas em busca de inspirações brasileiras para sua arte, pinta um quadro intitulado “Carnaval de Madureira”.²⁹⁹

Figura 14 – O Carnaval de Madureira, 1924



Fonte – Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky

Nelson da Nóbrega Fernandes afirma que o carnaval de Madureira entrou na rota de “descoberta” do modelo de Brasil idealizado pelos modernistas. “O carnaval deste

²⁹⁹ AMARAL, Tarsila. 1924. Acervo da Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo, Brasil.

bairro já revelava um Brasil que os modernistas ansiavam por descobrir, razão pela qual Tarsila foi conduzida até aquele subúrbio no carnaval daquele ano.³⁰⁰

O quadro da série Pau-Brasil, exposta em 1926 em Paris, retrata o carnaval na região de Madureira, assim como a população que o frequentava. Na obra de Tarsila, as pessoas que frequentavam o coreto eram negras e pareciam estar em uma cena cotidiana frequentada por crianças e mulheres. Outro ponto importante é a Torre Eiffel como alegoria central do bairro carioca. Intérpretes da obra da pintora afirmam que a torre no centro representaria a autora deslocada em seu país após seu regresso do exterior.

A obra, ademais disso, estaria representando uma prática local de construção de coretos suntuosos para a comemoração do carnaval na localidade. Esse, possivelmente, teria sido um dos aspectos que chamaram a atenção de Tarsila para a região. No ano de 1924, foi publicada a foto da alegoria intitulada “A Torre Eiffel de Madureira”, no local onde seria o centro da festa da região. A alegoria foi construída em uma das principais vias de Madureira, a Rua Carolina Machado, lugar do suntuoso coreto anual de carnaval do bairro.

Figura 15 – Coreto de Madureira



Fonte - O Careta, 15/03/1924. Página 37

³⁰⁰ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001, p.35.

A Torre Eiffel de Madureira foi construída em homenagem a Santos Dumont, apresentando um dirigível no topo da alegoria, aludindo a seu famoso voo em torno da torre de Paris. Quando a obra de Tarsila foi divulgada, seus críticos associaram a Torre Eiffel ao estado de espírito da pintora, que acabara de chegar de uma temporada na França. Segundo eles, a obra expressa a solidão vivenciada longe das terras brasileiras. Diante da foto do coreto, no entanto, considero que a obra é o retrato do carnaval de Madureira, que diz muito mais sobre as práticas culturais do bairro, do que sobre as questões pessoais de Tarsila do Amaral. Note-se que a predominância de crianças no local, conforme registrado na fotografia a seguir, foi um dos destaques da obra pintada por Tarsila.

A promoção do carnaval centralizado em determinados espaços do bairro com a construção de coretos foi uma prática incentivada e divulgada por alguns periódicos interessados na divulgação das festas. Consistiu em uma ação dos comerciantes, artistas e moradores locais, provavelmente utilizada para incrementar o comércio, mas que, por conseguinte, também produzia para a festa e a região uma imagem positiva. Em nota sobre o carnaval do subúrbio, de 1909, o jornal *A Imprensa*, mais uma vez, chama a atenção para as mobilizações locais e o desenvolvimento do carnaval, agora ressaltando a ação dos comerciantes e da população de diferentes espaços da malha suburbana na produção dos coretos.

Nos Subúrbios

Aos festejos carnavalescos concorrerão todas as simpáticas sociedades e clubes suburbanos que se prepararam para as lutas no próximo domingo. Vai ser um sucesso deslumbrante o Carnaval suburbano em 1909. O comércio e os habitantes da zona suburbana estão em preparos nas ornamentações das fachadas de suas casas.

[...]

Nas primeiras estações comerciantes organizaram subscrições e com o produto desta mandaram construir coretos suburbanos.

O Engenho Novo, Meyer, Engenho de Dentro, Encantado, Piedade, Cascadura, Madureira, Deodoro, Bangú, Santa Cruz, Maxabomba, Guaratiba, Bonsucesso, Inhaúma e outras localidades suburbanas já possuem lindos e modernos coretos, onde excelentes bandas de musica executarão lindas polcas, valsas e quadrilhas [sic].³⁰¹

³⁰¹ A Imprensa, 20/02/1909

Nota-se que havia o investimento por parte das associações, dos comerciantes e dos moradores no carnaval das ruas suburbanas. O que em si já compõe um quadro importante na geografia da cidade, que por sinal era divulgado nos periódicos. Sem querer comparar a proporção alcançada pelo carnaval da região central do Rio de Janeiro, mas chama a atenção que essa geografia suburbana pareça não fazer parte desse carnaval.

Os coretos eram obras artísticas arquitetônicas, cujos temas chamavam grande atenção, se não bastasse o seu tamanho. A Torre Eiffel de 1924 não foi o primeiro coreto de grandes proporções produzido pelos comerciantes de Madureira. Em 1922, outro coreto de Madureira destacou-se pelo trabalho artístico e pela grandiosidade do projeto, indicando que esse era um investimento recorrente na localidade.

Figura 16 - Ecos de Madureira



Fonte: O Malho, 11/031922. Página 22

Identificar as agências dos grupos ligados às associações dançantes em bairros apartados das regiões centrais, como os subúrbios com seus desfiles de blocos, ranchos e cordões, é considerar que o carnaval ia além das regiões centrais. “Lugares como Tijuca, São Cristóvão, Catete, Botafogo e Madureira tinham os seus carnavais, e até mesmo locais menos falados, como o Engenho de Dentro, serviram de palco de situações decisivas para a história do carnaval carioca.”³⁰² Promover sua manifestação cultural e sua região eram experiências que a população pobre e negra tinha em seu horizonte para a sua positividade. Dessa forma, a aproximação com agentes externos e a adoção de certos símbolos ou valores discursivos estariam entre as estratégias adotadas por tais grupos.

2.5 Redes externas e protagonismos

Aproximar-se dos periódicos, “cair nas graças dos cronistas”, era uma estratégia utilizada pelos grupos ligados ao carnaval. Em 1929, no jornal *A Manhã*³⁰³, encontramos mais um episódio em que Mano Eloy³⁰⁴ aparece ligado às agências engendradas pelo carnaval do subúrbio, em direção à autorrepresentação. Nesse ano estaria fundando, junto a um grupo, um bloco carnavalesco que seria o resultado da fusão entre os blocos Cachopa do Minho e Flor da Infância, assumindo o nome do primeiro bloco.³⁰⁵ Segundo Rubem Confete o Cachopa era uma gafieira fundada por Mano Eloy

Olha ele fundou a Cachopa, lá na Estrada do Portela [...] Ele fundou uma outra aqui no centro da cidade, que eu não sei, não lembro qual foi. Mas tinha sim, era mais uma dele. Porque era convívio social. Nós todos tínhamos que colocar nossos ternos e as moças todas de vestidos. Os rapazes sentavam de um lado e as moças do outro. E bate papo. Daqui a pouco íamos dançar. E assim aconteciam casamentos. Ele (Mano

³⁰² FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001, p.35.

³⁰³ *A Manhã*, 07/02/1929

³⁰⁴ Mano Eloy teria participado também das associações dançantes: Filhos da Campina, Cordão dos Velhos e Flor de Romã. Ver respectivamente: diário de carioca, 07/01/1934 e 16/02/1936 e *A Manhã*, 09/07/1949

³⁰⁵ O Bloco Flor da Infância, com sede em Engenho de Dentro teria sido fundado em 1928, “tendo à sua frente as figuras folionas de Raul Cabral, Anthero Dias e João Andrade”. Já sobre o Cachopa do Minho, não encontramos dados sobre sua fundação ou pedidos de licença no Banco de Dados Associações Carnavalescas e Dançantes Carioca Eric Brasil.

Eloy) colaborou com isso. Ele teve sempre essa ideia do convívio social, da sociabilidade, de colocar as pessoas, os negros juntos, a criação das famílias. Ele sempre teve estas ideias.³⁰⁶

Após a adoção do nome Cachopa, a sociedade dançante se propunha a fazer um grande evento com participação restrita a imprensa.

[...] foi fundada a presente Sociedade [...] tendo à frente uma diretoria composta de elementos como Edgar Leal, João de Andrade e Eloy Anthero Dias.

Esses directores têm o grande prazer de communicar a sua installação e esplendido [sic] salão, talvez o mairo [sic] e melhor situado dos subúrbios, visto como se encontra na mais movimentada Praça de Madureira em frente ao tradicional coreto que se arma nesse subúrbio que causa mofa e põe no chinelo o bairro mais aristocrático. Nessa futura capital dos subúrbios esperam do “Cachopa do Minho” serem do próximo anno em deante [sic], as detentoras da Victoria de todas as pugnans carnavalescas. E para glorificar tão auspicioso acontecimento, será levado a efeito um monumentalissimo balle à fantasia [sic] sábado, 9 do corrente, só haverá convite para a imprensa.³⁰⁷

Na nota do jornal, pode-se observar que a aproximação com os periódicos se deu em uma iniciativa que partiu do grupo que estaria fundando o bloco.³⁰⁸ Inclusive, foram os fundadores que, em uma estratégia de divulgação, enviaram um texto de apresentação da agremiação, junto com o convite para o baile à fantasia, aberto somente para a imprensa e promovido pelo bloco.

Além do visível movimento de aproximação com os periódicos, o grupo fundador do bloco Cachopa do Minho assume o papel de redigir a apresentação de “sua sociedade”, em uma mostra clara do seu protagonismo. Assim ressaltou sua região, Madureira, como o lugar que, por sua tradição, além de “colocar no chinelo os bairros aristocráticos”, seria a “futura capital dos subúrbios.”³⁰⁹ Há, nesse movimento, a reivindicação de lugar de fala, ao se apresentarem ao jornal e à sociedade com texto redigido por eles, assim como a valorização de suas práticas culturais e de seu espaço de representação na geografia da cidade do Rio de Janeiro.

³⁰⁶ CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora. Rio de Janeiro, 11/05/2017.

³⁰⁷ A Manhã, 07/02/1929, página 06

³⁰⁸ A fusão dos blocos que deram origem ao Bloco Cachopa do Minho foi divulgada em outros periódicos, como Correio da Manhã e Jornal do Brasil, tendo inclusive divulgado o mesmo texto citado acima pelo A Manhã.

³⁰⁹ Interessante destacar que, ainda hoje, o bairro de Madureira é reverenciado em sambas e pelos moradores da região como a “capital do subúrbio”, por seu vasto comércio popular e por suas diferentes manifestações culturais, como o jongo, samba, afoxé, charme etc.

Quando, em 1929, os fundadores do bloco Cachopa do Minho destacaram, em sua apresentação, a tradição da região de Madureira, entendo que o processo cultural da região não estava começando ali, na divulgação feita pelo jornal. Considero, inclusive, que essa tradição da região pode ser bem anterior a essa divulgação do bloco.

Houve, durante muito tempo, certo consenso nas produções que se dedicaram a estudar o carnaval carioca acerca da valorização de espaços nas regiões centrais ou ligadas à Pequena África. Esse movimento tratou como produção menor os festejos promovidos pelas regiões mais afastadas, como as do subúrbio. Diante da amplitude de notícias relacionadas ao carnaval suburbano encontrados nos periódicos coevos, pode-se compreender que esse movimento de valorização de determinados espaços geográficos em detrimento aos subúrbios cariocas foi mais uma construção posterior do que um movimento que se dava entre os contemporâneos. Acredito que havia diferentes clivagens entre as formas de brincar o carnaval na Capital do Rio de Janeiro, no entanto, ao longo do tempo, desenvolveu-se diferentes espaços de produção carnavalesca na geografia da cidade. Um pulsar carnavalesco que chamava atenção para pobres e negros suburbanos, no Rio de Janeiro.

Os cronistas de carnaval e os periódicos que se dedicavam a cobertura da festa carnavalescas foram instrumentos importantes para a promoção e a divulgação das práticas culturais das sociedades de negros e pobres no Rio de Janeiro. No entanto, não podemos perder de vista que esse movimento não se deu em via única; havia diferentes interesses envolvidos. A aproximação dos grupos ligados aos festejos de Momo fez parte das experiências de que os populares lançaram mão, em diferentes períodos da história, para fugirem das perseguições às suas práticas culturais, reivindicando seu lugar social e buscando cidadania.

Saliento que o associativismo negro da Primeira República, com suas diferentes estratégias, foi uma das formas de que os grupos ligados ao carnaval se utilizaram para se fazer presentes. Essa prática continuou a ser utilizada e, possivelmente, pode ter adquirido força com a fundação das escolas de samba no final da década de 1920, levando, nas décadas seguintes, essas organizações, que classificamos como associativas negras, a se tornarem o modelo de carnaval hegemônico no Brasil. Não estou, aqui, entendendo esse tipo de estratégia como uma evolução, mas como

experiências construídas nos primeiros anos do pós-abolição, as quais foram mantidas e/ou ressignificadas diante das contingências colocadas pelo contexto.³¹⁰

³¹⁰ Ver: SOIHET, Rachel. Op. Cit., 2017 e CUNHA, Maria Clementina Pereira da. Op. Cit., 2001

CAPÍTULO III - ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS EM TORNO DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA

Durante todos esses anos, fosse como membro ou como presidente, nunca deixei de sambar, pois isso foi a minha vida.

[...]

Digo isso porque desde que entrei na Vai Como Pode (a atual Portela) que tudo era feito com muita seriedade e a mesma coisa acontecia na Balaiada e Prazer da Serrinha (que depois se uniram e formaram a Império Serrano)³¹¹

A epígrafe que abre este capítulo é uma das poucas entrevistas na qual Mano Eloy fala de sua trajetória como sambista. Sabe-se que a fundação de diferentes blocos e escolas de samba lhe foi atribuída, mas nem sempre consegue-se comprovar através de documentos escritos a sua participação. Essa faz parte da memória de sua história que, como ele mesmo afirma, fosse como membro ou como presidente, confunde-se com sua vida, com sua própria identidade. Diante da declaração de amor de Mano Eloy ao samba e ao carnaval, é possível identificar, nas ações em que ele esteve envolvido, as experiências sociopolíticas de inserção da população negra através das escolas de samba. A proposta para este capítulo consiste em analisar algumas ações que tiveram agências dos sambistas e suas escolas de samba na negociação de espaços sociais – tendo em algumas atuações de Mano Eloy os fios condutores para a compreensão das agências negras para a reivindicação de espaço de autorrepresentação no Rio de Janeiro.

No que se refere à temporalidade, considero o fim da década de 1920, tendo em vista o período no qual o modelo de brincar o carnaval com as escolas de samba despontaram no cenário carnavalesco da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa estende-se para as duas décadas seguintes, 1930 e 1940, devido às transformações políticas em busca de práticas que representassem a nacionalidade brasileira, assim como o desenvolvimento e a consolidação de diferentes agências que colocaram as escolas sambas como expressões hegemônicas do carnaval carioca.

A década de 1930 e de 1940, com o golpe que levou Getúlio Vargas à presidência do Brasil e as políticas públicas com enfoque cultural foram ao encontro das agências negras irradiadas pelos grupos ligados às escolas de samba. A busca do governo em fortalecimento do sentimento nacional através do delineamento de um

³¹¹Jornal do Brasil. *O carnaval por quem fez*. 20/02/1971 p. 02. Esta é uma matéria do Caderno B com o título com entrevistas e fotos de Clementina de Jesus, João da Baiana, Julio Silva, Dônga e Mano Eloy.

perfil de povo brasileiro que seria alçado por suas práticas culturais ganhou força com o regime estadonovista de 1937 a 1945.³¹² Não podemos perder de vista que a ideia da nacionalidade, o debate sobre o que se entendia como povo brasileiro foi uma preocupação dos intelectuais ao longo da história brasileira, contudo, o Estado Novo ampliou e institucionalizou o debate.³¹³ Segundo Mônica Pimenta Velloso a relação entre os intelectuais e o Estado se modifica na medida que estes, antes encastelado em uma “torre de marfim” são inseridos na “arena política” com a incumbência “de ser o representante da consciência nacional”.³¹⁴

No projeto cultural do Estado Novo, a radiodifusão foi amplamente utilizada como instrumento de propaganda do governo. Com forte tom doutrinário a programação radiofônica desenvolvida pelo Estado tinha como objetivo, além da exaltação dos feitos estatais, o de educar a população, segundo Velloso, a música foi um dos meios utilizados pelo Estado com essa finalidade.³¹⁵ Diante do contexto de políticas públicas com ênfase cultural, o samba e as escolas de samba foram ganhando cada vez mais espaço público. Embora, o samba e as escolas de samba tenham surgido e se expandido entre os populares muito antes das ações do Estado Vargasista, essa relação foi um importante instrumento para os sambistas, na negociação material ou simbólica irradiadas pela publicidade de suas manifestações culturais pela via estatal.³¹⁶

Segundo Mano Eloy, as escolas de samba, mesmo em seus primórdios, promoviam suas ações com muita seriedade, o que nos leva a considerar o caráter consciente com que os grupos sociais administravam a inserção de suas escolas de samba no cenário cultural carioca. As agências dos membros das escolas de samba no Rio de Janeiro fizeram delas espaços privilegiados para atuação sociopolítica. Extrapolaram sua função primeira de promover o lazer para o carnaval, em direção ao desenvolvimento e à visibilidade dos membros das escolas de samba e das comunidades a elas ligadas.

³¹² PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999

³¹³ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*. V. 26, N 68(2018): Dezembro.

³¹⁴ Idem. p. 60

³¹⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*. V. 26, N 68(2018): Dezembro. p.60

³¹⁶ Ver: PANDOLFI, Dulce (org). *Op. Cit.* 1999

Tendo em perspectiva discursos construídos em torno da figura de Mano Eloy, analisarei a ação dos sambistas ao reivindicarem ao poder público a legitimação do carnaval das escolas de samba. Com base em notícias de jornais que compreendem o recorte temporal considerarei exemplos de ações diretas dos grupos ligados às agremiações, no diálogo com diferentes instituições e eventos políticos sociais que indicam parte de suas estratégias associativas. Por fim, utilizarei os regimentos e estatutos do GRES Império Serrano, última escola de samba a qual Mano Eloy esteve ligado, em uma análise direta dos possíveis projetos que fizeram parte de repertório de expectativas e reivindicações irradiados pelas escolas de samba cariocas.

3.1- Escola de samba: legitimação e autorrepresentação

As primeiras associações carnavalescas que receberam o nome de escolas de samba foram fundadas no final da década de 1920, ligadas ao movimento das populações negras, em sua maioria, dos morros da cidade do Rio de Janeiro. Da época da fundação das escolas de samba, conhecidas como as pioneiras – a Deixa Falar, do morro de São Carlos, a Mangueira, do morro da Mangueira e a Vai Como Pode, de Osvaldo Cruz – até se tornarem manifestações hegemônicas do carnaval carioca, houve um longo percurso permeado de estratégias.

A importância do período de 1930 a 1945 será evidenciada na consolidação de instituições culturais que legitimaram a participação popular no cenário político e cultural brasileiro. A relação entre as escolas de samba, nesse contexto de aproximação do Estado Vargasista com as classes populares, foi permeada por tensões, contradições e apropriações para ambos os lados da equação, uma vez que cada qual tinha em suas agendas interesses que, de certa forma, acabaram por convergir, mesmo que momentaneamente. Para Soihet essa relação se deu porque:

O carnaval, a maior das festas populares, é objeto de inúmeras atenções. Nele destacam-se as escolas de samba, ponto alto dessa manifestação, num Estado que, embora estabelecesse a hegemonia burguesa sobre o conjunto da sociedade, precisava legitimá-la, o que se faria através da parte majoritária desse conjunto, indistintamente chamada de ‘povo’.³¹⁷

³¹⁷ SOIHET, Rachel *A subversão pelo riso* – Estudos sobre o carnaval da Belle Époque ao tempo de Vargas, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 114.

Desde os primórdios da festa, a participação de populares, no Brasil e no Rio de Janeiro, é identificada por folcloristas e demais pesquisadores. Mesmo diante das ações do Estado para controlar o que consideravam excessos cometidos nessa grande festa, não estiveram passivos às suas ações, forjando formas próprias de brincar o carnaval.³¹⁸ No entanto, ao analisarem o processo de oficialização das escolas de samba, alguns pesquisadores, como Queiroz, em determinado momento de suas pesquisas consideraram que a ascensão das escolas de samba foi feita mediante a cooptação dos sambistas aos valores que estavam na pauta de controle das expressões culturais do Estado.³¹⁹ Considerou a oficialização das escolas de samba como um movimento feito por iniciativa do então interventor do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto.³²⁰ Acredito que tal perspectiva desconsidera as agências dos sambistas na percepção do panorama político, ao lançarem mão da negociação direta com as instâncias do Estado para se aproveitarem das possibilidades apresentadas pelo momento político. Fernandes chama atenção para a supervalorização do papel de Pedro Ernesto na oficialização do carnaval das escolas de samba em detrimento das conquistas feitas pelos sambistas, uma vez que:

[...] a oficialização não foi uma iniciativa exclusiva de Pedro Ernesto. Se para ele isto significava evidentemente um maior controle político sobre as escolas de samba, é inquestionável que para os sambistas tal processo avançava na consolidação das garantias políticas do exercício de seu direito de expressão, algo que nunca pode ser encarado como pouca coisa em termos jurídicos e políticos, sobretudo, para aqueles que fizeram a sua conquista.³²¹

Foi premente a adoção de práticas para a construção da imagem positivada das escolas de samba e de seus grupos, predominantemente composto de negros e pobres. Não podemos perder de vista que a imagem dos negros na sociedade brasileira estava permeada de estereótipos negativos que associavam suas práticas culturais aos barbarismos herdados da época de escravidão.³²² Termos utilizados para desqualificar as práticas culturais produzidas pelos negros, levando ao acirramento de estereótipos racistas que foram construídos nos anos logo após a assinatura da lei que abolia a

³¹⁸ Ver: CUNHA Maria Clementina Pereira da. *Ecoss da Folia: Uma história Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 & BRASIL, Eric. *Corte em Festa: Experiências negras em carnavais do Rio de Janeiro (1879-1888)*. Curitiba: Editora Prisma, 2016.

³¹⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Escolas de Samba do Rio de Janeiro, ou a domesticação da massa urbana. Ciência e cultura*, 36 (6): pp. 892, 909, 1984. & QUEIROZ, Maria Isaura Pereira da. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

³²⁰ Ver: CPDOC. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-ernesto-batista>

³²¹ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001. p. 88.

³²² FERNANDES, Florestan. Op. Cit. 1964. FURTADO, Celso. Op. Cit. 2000.

escravatura, e que se manteve até datas mais recentes, como podemos ver em uma nota publicada no jornal *A Manhã*:

As escolas de samba nasceram da falsa interpretação de um fenômeno popular. Samba não é música nacional, nem será nunca. É o vestígio ruidoso das senzalas anteriores a 89 [sic]. Servirá, quando muito para tema de estudos sociopsicológicos e nunca para objeto de cátedras universitárias.

[...]

O samba é um fenômeno local de certos morros cariocas. Será quando muito um mau sintoma como a urticária.³²³

A fonte, produzida em 1943, utiliza como argumento para desqualificar as agremiações e o ritmo a aproximação entre a senzala e o morro. Cinco décadas após o fim do regime escravista e quase duas décadas após a fundação das primeiras escolas de samba, identifica os sambistas como ex-escravizados e incapazes de produzir fenômenos culturais que representassem a nacionalidade. Levanta, por tanto, os possíveis embates presentes entre as práticas culturais irradiadas por pessoas negras moradoras dos morros e os diferentes segmentos sociais. A fonte deixa transparecer que o caminho para a legitimação das escolas de samba como modelos de carnaval de rua, do Rio de Janeiro, foi permeado de negociações e conflitos que fizeram parte das experiências da população negra no pós-abolição.

3.2 A escola de samba tira “o negro do local da informalidade”³²⁴

A vida pública de Mano Eloy esteve profundamente ligada às ações para desenvolvimento do carnaval das escolas de samba. Sua identidade como sambista e dirigente de associações carnavalescas ganhou força com as escolas de samba. Em ocasião de sua morte em 10 de março 1971, coube ao *Jornal do Brasil* um relato em homenagem a Mano Eloy, nele pode-se perceber as diferentes faces das identidades desse homem negro, ao longo de sua trajetória e toda a comoção no enterro.

³²³ *A Manhã*, 27/05/1943. O artigo foi escrito por Berilo Neves. Para maiores detalhes sobre esse personagem ver: LEMOS, Aline de Castro. *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. (Dissertação), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2014.

³²⁴ Percepção atribuída a Mano Eloy por Rubem Confete, como veremos mais à frente.

Figura 17 – Mano Eloy

Fonte: Jornal do Brasil, 12/03/1971 página 07

Ontem à tarde, de Madureira a Inhaúma, o subúrbio assistiu a um desfile de sambistas tristes, todos de cabeça baixa, muitas chorando. Levavam o velho Mano Elói para ser enterrado. Sobre o caixão, a bandeira do Império Serrano, a última escola que ele fundou. Depois da Vizinha Faladeira, da Deixa Malhar, do Papagaio Falador, Balaiada e do Prazer da Serrinha, que já não existem.

[...]

Terreiro de escola e de macumba. Mano Elói foi o primeiro cantor a gravar músicas de umbanda com aquela voz profunda que o consolara de jamais ter sido compositor, “na minha época não era qualquer um que podia fazer sua musiquinha.” Estivador aposentado gostava de contar, com orgulho, que havia fundado o Sindicato da Estiva e dos Arrumadores, chegando a ser presidente.

Dirigia a União Geral das Escolas de Samba, a Federação Brasileira das Escolas de Samba e o próprio Império Serrano, foi Cidadão do Samba do carnaval carioca, um dos primeiros a ter o título. Sambista respeitado em qualquer roda, era querido em qualquer lugar. Todos os anos, no domingo de carnaval, o bloco de sujos do Império, sai pelas ruas de Madureira. Da última vez, eles pararam na casinha do velho para uma homenagem. Enrolado na bandeira, ele chorou de um jeito que ninguém nunca tinha visto.

- Ele estava se despedindo e a gente não sabia.³²⁵

Na homenagem feita pelo Jornal do Brasil, percebe-se os diferentes espaços de influência pelos quais Mano Eloy transitou, marcando sua trajetória. No entanto,

³²⁵ Jornal do Brasil, 12/03/1971 página 07

algumas questões precisam ser problematizadas. Uma delas refere-se à sua inserção no mundo das escolas de samba.

O jornal faz referência à sua relação na fundação de algumas das principais escolas de samba, no Rio de Janeiro. Mano Eloy teria fundado pelo menos seis escolas de samba: a Vizinha Faladeira, fundada em 1932,³²⁶ no bairro de Santo Cristo, a Deixa Malhar, fundada por volta de 1933, no Largo do Vintém, região da Tijuca, a Papagaio Falador³²⁷ e, no morro da Serrinha, em Vaz Lobo, as escolas de samba Balaiada, Prazer da Serrinha e Império Serrano, as duas primeiras fundadas na década de 1930 e a última em 1947. O “Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira” aponta ainda sua participação na fundação da Vai como Pode – fundada na década de 1920, no bairro de Osvaldo Cruz, e que, posteriormente, ficou conhecida como Portela – e naquela que foi considerada a primeira escola de samba do Rio de Janeiro, a Deixa Falar.³²⁸

O que posso assinalar, diante de indícios de sua vultosa participação nas escolas de samba, é que talvez fazer parte com cargos, ou não, nas agremiações o caracterize como agente colaborador, ainda que não haja comprovação documental. Embora tenha havido a valorização da produção de pedidos de autorizações para o funcionamento de associações carnavalescas e dançantes no geral, nem todas as pessoas envolvidas com a fundação e o desenvolvimento das agremiações eram arroladas em tais pedidos. As autorizações para funcionamento estavam mais ligadas a um repertório que girava em torno da garantia de funcionamento das associações do que a produção documental para registro de fundadores. Sabe-se, no entanto, que Mano Eloy esteve diretamente ligado às movimentações que levaram à fundação da Vai Como Pode, da Deixa Malhar, da Prazer da Serrinha e do Império Serrano.³²⁹ Em entrevista poucos meses antes de sua morte, Mano Eloy indica as nuances dessa questão. Seu depoimento sobre a o assunto ajuda a entender como essa relação podia ser:

³²⁶ Segundo o site Galeria do Samba a escola de samba Vizinha Faladeira teria participado dos carnavais desde a década de 1920 sendo registrada somente em dezembro de 1932.

<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas/vizinha-faladeira/12/>

³²⁷ Não encontramos nenhuma agremiação com este nome, sendo este, no entanto o nome de um samba famoso de Buci Moreira . A agremiação que encontramos nos jornais da década de 1930 com nome parecido foi a Academia Técnica Carnavalesca Papagaio Linguarudo, situada na Rua Costa. Sobre Buci Moreira, ver: <http://www.dicionariompb.com.br/buci-moreira> ; sobre a agremiação carnavalesca, ver <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

³²⁸ <http://www.dicionariompb.com.br/escola-de-samba-deixa-falar/dados-artisticos>

³²⁹ Na década de 1930 foi presidente da Unidos de Parada de Lucas. Ver acervo da hemeroteca <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> .

Mano Elói

- Estou doente, mas não deixei de ser carnavalesco. Em 1920 comecei a participar dos ensaios da Portela, que ainda era um bloco. Depois passei para a Escola de Samba Deixa malhar. Em 1936 fui para o Império Serrano³³⁰ onde fiquei como presidente de 1947 até 1950, quando fomos tetracampeões.

Durante todos esses anos, fosse como membro ou como presidente, nunca deixei de sambar, pois isso foi a minha vida. A única coisa que nunca fiz foi compor porque na minha época não era qualquer um que podia fazer musiquinha.

[...]

Meu entusiasmo pelo carnaval começou ainda com os ranchos. Em 1920 comecei com o negócio de escola de samba. Era um bloquinho, a Portela. Depois as coisas foram melhorando o povo passou a gostar de samba e todo mundo se empolgou.

[...]

Digo isso porque desde que entrei na Vai Como Pode (a atual Portela) que tudo era feito com muita seriedade e a mesma coisa acontecia na Balaiada e Prazer da Serrinha (que depois se uniram e formaram a Império Serrano).³³¹

Mano Eloy afirma que seu entusiasmo com o carnaval teria começado através dos ranchos. Possivelmente por aqueles da região portuária, local no qual passava boa parte de seu tempo, pois ali, durante muitos anos, foi o seu lugar de trabalho. A região portuária ficou famosa por abrigar diferentes espaços de sociabilidades negras, inclusive as sociedades dançantes que se organizavam como ranchos de carnaval. Essa região abrigava as sedes das sociedades como A Jardineira, Reis de Ouro, Kananga do Japão e outras. Pelas sociabilidades estabelecidas através do trabalho, o Recreio das Flores³³², fundado e organizado pelos trabalhadores do porto, era o espaço em que possivelmente poderíamos encontrar Mano Eloy, ainda nesses seus primeiros anos de carnaval na cidade. Roberto Moura afirma, inclusive, que o Recreio das Flores era o rancho da Sociedade de Resistência, como podemos ver a seguir:

Como sindicato negro, a Resistência teria seu rancho, o Recreio das Flores, na Saúde, que tinha Antoniquinho como manda-chuva, um dos primeiros a desfilar pelo largo. Marinho da Costa Jumbaba, neto de Tia Ciata, era seu mestre-sala, e a lembrança de seus feéricos desfiles fica na memória de seu irmão mais moço, Santana: “A Avenida ficava... O Recreio quando apontava na praça Mauá, já sabiam que era o Recreio, não precisava nem a iluminação da Avenida, era carbureto” Lili, sua irmã, uma adorável senhora, também se lembrava: “O Recreio trazia aqueles holofotes, que ele era estivador e tinha licença

³³⁰ Aqui, possivelmente estava se referindo a outras agremiações existentes no morro da Serrinha, porque o GRES Império Serrano foi fundado no ano de 1947.

³³¹ Jornal do Brasil, 20/02/1971, p. 02

³³² AN – GIF 6C 367; Ou no BANCO DE DADOS ASSOCIAÇÕES CARNAVALESCAS E DANÇANTES CARIOCAS, c. 1900-1920, por Eric Brasil.

de trazer. O Recreio das Flores era do cais do porto, podia outro vir bom, mas o Recreio tinha que ganhar. Não era fácil...”³³³

Importante destacar que o fato de ser frequentador de ranchos de carnaval não quer dizer que Mano Eloy se reservasse exclusivamente para uma só manifestação carnavalesca existente na cidade. Em se tratando dos festejos de momo, havia muito mais convergências entre os grupos, como podemos identificar no depoimento de Mano Eloy, quando afirma que frequentava ranchos e blocos que deram origem às escolas de samba. Maria Clementina Pereira da Cunha ao analisar as formas de brincar o carnaval no início do século XX, sugere que, as diferenças foram entendidas e experimentadas de formas diversas pelos sujeitos do carnaval de rua da época, em uma multiplicidade de formas, uma vez que:

Naquela circunstância, ademais, a questão relacionava-se com as estratégias e possibilidades com que negros e pobres em geral testavam as novas regras sociais após a abolição e a República, e com a forma como seus “outros – encastelados na imprensa, nos carros de idéias das Grandes Sociedades ou nos postos de direção política – tentaram controlar e moldar sua incomoda presença.”³³⁴

Como já mencionei, existe certa dificuldade em encontrar documentos da época da fundação das escolas de samba, por isso não tive acesso a fontes materiais que poderiam atestar a presença de Mano Eloy com algum cargo dentro das referidas escolas de samba, porém os depoimentos de seus contemporâneos são caminhos que indicam que sua presença se deu de maneira diferenciada. Essa é uma das passagens da trajetória de Mano Eloy perpassada pelas construções identitárias pautadas entre a memória e o verossímil.³³⁵ Embora não haja documentos escritos que atestem sua ação direta em todas as associações carnavalescas que lhe foi atribuída, seu circular em espaços de promoção cultural do carnaval está baseado no que é verossímil às identidades produzidas ao longo de sua trajetória. Como carnavalesco, segundo ele mesmo dizia, como membro fundador ou da diretoria, ele foi de maneira direta ou indireta figura presente nas movimentações que levaram à fundação das escolas de samba e

³³³ MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural Divisão de Editoração, 1995 2ª Edição revista pelo autor, p.71

³³⁴ CUNHA Maria Clementina Pereira da. *Ecossistema da Folia: Uma história Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 157

³³⁵ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

associações que as organizariam.³³⁶ Ao se referir à ação de Mano Eloy nas escolas de samba, Rubem Confete afirma que havia a consciência de que as escolas de samba eram uma forma de os negros se colocarem de maneira positiva diante da sociedade, uma vez que:

[...]ele (Mano Eloy) foi o grande [pai da produção] de escola de samba do Rio de Janeiro. Ele pensava certo. Ele achava que samba dava sociabilidade e também tirava o negro do local da informalidade. O camarada tinha direito de ir a delegacia e dizer assim “olha, eu tenho uma escola de samba no lugar tal”. Aí a polícia não ia mais lá, deixava ele sossegado, tinha um registro. Era assim que funcionava.³³⁷

Talvez essa seja a percepção que a memória de Confete construiu sobre as ações de Mano Eloy, embora tenha feito parte das práticas das sociedades carnavalescas, desde a Primeira República e que se mantiveram em épocas posteriores. O que quero dizer é, que, a memória de Confete possui verossimilhança diante dos repertórios adotados por Mano Eloy através das sociedades carnavalescas que esteve envolvido, como vimos na apresentação e na organização do evento, restrito a imprensa, promovido pelo Bloco Cachopa do Minho e, veremos mais à frente sobre a forma que se colocou através das escolas de samba.³³⁸

A solicitação de registro das sociedades carnavalescas à polícia era um movimento que “tirava o negro do local da informalidade”. Assim, de acordo com a percepção do jornalista sobre a ação de Mano Eloy, a informalidade do negro poderia ser transposta através de suas práticas culturais. Para Sérgio Cabral,³³⁹ o trabalho de Mano Eloy no mundo do samba foi fundamental para a concepção de “negritude carioca”. O fato de não ser mais perseguido, de ter um registro para suas práticas culturais, era um caminho de autorrepresentação que transpunha as atividades para o carnaval, porque lhe conferia, sobretudo, sociabilidades, redes de apoio e discursos de si de maneira positivada e/ou cidadania. Era um caminho na luta antirracista ao criarem todo um repertório estético e discursivo que pressupunha inserção cultural, social e política através das sociedades carnavalescas da Primeira República e com as escolas de samba, como afirma Confete.

³³⁶ União Geral das Escolas de Samba (UGES) e a Federação das Escolas de Samba (FES)

³³⁷ CONFETE, Rubem. LABHOI- UFF (ainda em tratamento). 2015.

³³⁸ GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia da Letras, 2007

³³⁹ CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

Além disso, as escolas de samba “tiravam o negro do local da informalidade”, ou seja, eram um espaço no qual o negro podia se colocar como agente social. A informalidade, palavra escolhida por Confete para explicar as ações de Mano Eloy, indica nuances de sua percepção sobre a exclusão dos negros na sociedade e as vertentes pelas quais as escolas de samba podiam ser compreendidas. Diante da exclusão social da população negra no pós-abolição, fazer parte de um grupo, de uma sociedade, era uma forma de positivação de suas imagens perante a sociedade. Aquele que era informal estaria apartado daquilo que era considerado como legal, positivo na sociedade. Portanto, pertencer a uma sociedade carnavalesca consistia em uma estratégia para se contrapor aos estereótipos que viam o negro como incapaz de se organizar, familiar e socialmente.³⁴⁰

3.3 Escolas de samba como promotoras de ações sociais

Uma das dificuldades para estudar o processo que deu início às escolas de samba é o fato de, por diferentes motivos, terem sido extintas e/ou não terem mantido os documentos de fundação. As publicações em periódicos, são fontes importantes para o estudo, pois, como já mencionei, eles exerceram papel de grande relevância na divulgação das práticas carnavalescas da cidade. Desta forma, será através dos periódicos que analisarei a ação de Mano Eloy com as escolas de samba.

A Deixa Malhar foi a primeira na qual Mano Eloy aparece efetivamente exercendo papel de liderança. Segundo entrevista concedida ao *Jornal do Brasil* por Mano Eloy, a agremiação localizada na Chácara do Vintém, na região da Tijuca, teria sido fundada em 1934.³⁴¹ No entanto, há indícios de que a Deixa Malhar estivesse no cenário carnavalesco da cidade antes do que lembrava a memória de Mano Eloy.

As escolas de samba arregimentam forças
Uma reunião na redação d “O PAIZ”,

³⁴⁰ Estes estereótipos foram construídos diante de debates que trabalharam com a ideia de que o negro, por herança da escravidão se colocaria na sociedade pós abolição como sujeitos anômicos, incapazes de se organizarem ou terem motivações para o trabalho, Ver: FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2000. p. 142 & IANNI, Octavio. *Raças e Classes no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

³⁴¹ Ver: SILVA, Sormani. *Escola de Samba Deixa Malhar, batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947*. Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2014. p29.

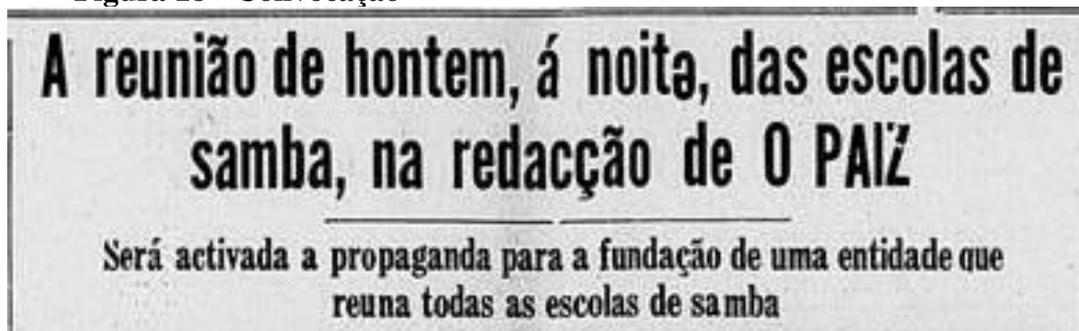
Na próxima terça-feira, dia 19 será realizada na redacção de “O PAIZ” uma grande reunião[sic] para tratar dos interesses desses conjuntos typicos [sic] para o próximo[sic] carnaval.

Essa reunião nos foi solicitada pelo Dr. Flávio Paula Costa presidente do Deixa Malhar, da Chácara do vintém e representante do Verde e Amarello [sic], no morro do Salgueiro.³⁴²

A fonte é de dezembro de 1933, talvez a Deixa Malhar pudesse ter sido fundada no final de 1933, ou depois do carnaval daquele ano. Neste caso, a memória de carnavalesco de Mano Eloy pudesse ter feito alguma relação com o carnaval. Se fundada após o carnaval de 1933, a Deixa Malhar viria a público com seu desfile somente em 1934. Embora não tenha resposta para essas hipóteses, o que não podemos perder de vista é que a Deixa Malhar figurava no cenário das sociedades carnavalescas com direito a espaço nos jornais no início da década de 1930.

No dia 20 de dezembro de 1933, dia seguinte à reunião convocada pelo presidente da Deixa Malhar a qual a fonte se refere, houve a divulgação do que foi decidido na reunião. Teriam manifestado a intenção de fundar uma instituição com membros das escolas de samba voltada para a organização das agremiações e seus desfiles. Possivelmente essas foram as primeiras movimentações em direção à fundação da União das Escolas de Samba (UES), datada do ano seguinte, 1934.³⁴³ Eis a manchete da matéria de *O Paiz*:

Figura 18 - Convocação



Fonte: O Paiz, 20/12/1933

As divulgações da agremiação da Chácara do Vintém, ainda em 1933, não se referiam apenas à preparação de seu próximo carnaval. Observa-se, diante do contexto, que ela já possuía papel ativo no “mundo do carnaval das escolas de samba”. A questão da exatidão de sua fundação perde a relevância diante da sua presença na região, ao

³⁴² O Paiz, 16/12/ 1933

³⁴³ Analisaremos mais a frente algumas questões sobre a União das Escolas de Samba. Ver. CABRAL. Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. & FERNANDES. Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001.

promover os lazeres locais, sua participação no carnaval de rua e nas reuniões para organização de uma instituição representativa das escolas de samba. Mais à frente a Deixa Malhar é novamente mencionada

ESCOLA E SAMBA DEIXA MALHAR
A PASSEATA DE SABBADO PARA FESTEJAR O GRITO DE
CARNAVAL NA RUA.

No próximo sabbado, a escola de samba Deixa Malhar realizará uma passeata para comemorar o grito de carnaval na rua. Essa sociedade cumprimentará o Recreio das Flores, Fenianos e o Paiz.³⁴⁴

Dessa vez, a agremiação estava envolvida nos eventos que antecipavam o carnaval ao convocar os foliões para seu “grito de carnaval”, com uma “passeata” que visitaria sociedades tradicionais, inclusive o Rancho Recreio das Flores, aquele da Sociedade de Resistência. Na nota de divulgação do evento, podemos identificar o caráter fluido em que, na prática, as associações carnavalescas se relacionavam. Homenagens através de visitas às sedes de outras agremiações ou aos jornais eram demonstração da importância dada às relações entre agrupamentos mais jovens aos mais antigos, essas eram formas de referendar e divulgar às suas existências. Era uma prática que salienta como as agremiações não se colocavam de maneira estanque das demais, compondo um diálogo que era praticado com a promoção de diferentes eventos ao longo do ano.³⁴⁵

Interessante destacar que ainda na década de 1930 havia certa fluidez, pelo menos no que se refere às nomenclaturas, na identificação das modalidades carnavalescas. Talvez uma questão de identificação que gerasse terminologias nem sempre compreendidas pelos periódicos, mas que em certa medida indica como as escolas de samba, bem como outras associações voltadas para o carnaval, ainda estariam em um processo de consolidação de suas identidades públicas.³⁴⁶ Isso, contudo, não sugere que tais escolas não tivessem conquistado atenção e espaço de divulgação.

Quando Mano Eloy e alguns pesquisadores sobre carnaval se referem às escolas de samba em seus primórdios como blocos, geram a ideia de que houve um processo em

³⁴⁴ O Paiz, 20/12/1933

³⁴⁵ Esse tipo de relação foi praticada desde a Primeira República. Ver: CUNHA Maria Clementina Pereira da. Op. Cit. 2001

³⁴⁶ Questão identificada por Cunha para as primeiras décadas do Século XX, Ver: CUNHA Maria Clementina Pereira da. *Ecos da Folia: Uma história Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

que os antigos blocos se transformaram nas escolas de samba.³⁴⁷ Essa perspectiva analisa a questão como uma espécie de evolução do bloco, como manifestação ainda não tão definida no cenário do carnaval, e a escolas de samba como projetos finais dessa evolução.³⁴⁸ Contudo, entendo as indicações de Mano Eloy ao utilizar de diferentes nomenclaturas para identificar as escolas de samba como as múltiplas formas de brincar o carnaval carioca, ainda na década de 1930.

Houve um processo de agregação de símbolos e práticas que caracterizaram certo modelo que viria a ser identificado como escola de samba, o que, por sinal, acontece até hoje. Porém é preciso considerar que nem todos os blocos se tornaram escolas de samba. Exemplo disso é a Deixa Falar, considerada a pioneira das escolas de samba, mas que optou por se colocar no carnaval como rancho, e alguns blocos que continuaram como blocos.³⁴⁹

Note-se que ainda em 1934, quando já havia desfiles de escolas de samba, ano inclusive da fundação da União Geral das Escolas de Samba, instituição que organizaria as escolas, estas ainda se identificavam como blocos, diante do controle de licenças para seus desfiles.³⁵⁰ Em matéria sobre o carnaval de 1934, o jornal *O Paiz*, antes de divulgar os principais eventos que envolveriam as escolas de samba naquele ano, explica o que seriam as escolas de samba.

Para quantos não sabem o que são as “escolas de samba” cabe aqui um detalhe explicativo. A prefeitura e a Polícia não concedem licença para fazer carnaval externo se não aos clubs, ranchos e blocos. As escolas de samba tiram as suas licenças como se fossem blocos, mas

³⁴⁷ Sergio Cabral ao discutir a fundação das duas escolas tidas como as pioneiras no carnaval do Rio de Janeiro faz um jogo de palavras entre escolas de samba e bloco quando se refere a fundação da Deixa Falar que era um bloco que se tornou rancho, e a Estação Primeira um bloco que se tornou escola. CABRAL, Sergio. Op cit. 1996

³⁴⁸ Essa é uma questão apontada por Maria Clementina Pereira da Cunha sobre a pesquisa de Eneida, que considerou as formas de brincar o carnaval de rua em uma espécie de processo evolutivo, que teria nas escolas de samba sua forma mais acabada da linha evolutiva. Ver : CUNHA Maria Clementina Pereira da. *Ecos da Folia: Uma história Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. E MORAIS, Maria Eneida de. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958

³⁴⁹ Marília Barbosa e Ligia Santos no livro sobre Paulo da Portela, são contundentes ao afirmar que a Deixa Falar nunca foi Escola de samba, ficando inclusive desclassificada no primeiro desfile de escolas de samba promovido por Zé Espinguela, em Engenho Novo, em 1929, e tendo desfilado nos dois anos seguintes nos concursos de Ranchos. Ver: SILVA, Marília T. B.; SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1989.

³⁵⁰ Zé Espinguela, o primeiro realizador de um concurso entre escolas de samba, no dia 20 de fevereiro de 1929, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. Ver: Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro. p 92 & <http://dicionariompb.com.br/ze-espinguela>

têm personalidade muito distintas [sic] e característicos particularmente distintos.[sic]

São escolas de samba todos os conjuntos dos morros, como por exemplo, o aplaudido “Deixa Malhar”, do Salgueiro; o “Unidos da Tijuca”; o “Paulo da Portela”; o “Mangueira” o “Serrinha” etc.³⁵¹

Para identificar o tipo de agremiação, o cronista do periódico destaca como característica principal a região de onde provinha, uma vez que para ele as escolas de samba eram “todos os conjuntos dos morros”, indicando a percepção de certa geografia característica do movimento de formação das escolas de samba.³⁵² A questão da identificação aparece novamente no Jornal do Brasil, na divulgação de um evento organizado pela agremiação.

B.C Familiar Deixa Malhar:

O “GRUDE” DANÇANTE NO PRÓXIMO DOMINGO

No próximo domingo. B.C Familiar “Deixa Malhar”, conhecida “escola de samba” da “Chácara do Vintém”, realiza uma grande festa nos salões do clube Fenianos, da Praça da Bandeira sito á rua Cristovão, 210.

A festa terá início ás 14 horas e terminará ás 02 horas.

As 18 horas será suspensa a festa para o “grude” que constará de um valente “rabo de boi com agrião”³⁵³

A Deixa Malhar, em nota de divulgação de seu “grude dançante”, em 1934, figurava como “Bloco Carnavalesco Familiar Deixa Malhar” e mais a frente como “escola de samba”, localizada na Chácara do Vintém, que ofereceria o baile na sede do conhecido Clube dos Fenianos, na Praça da Bandeira. O fato demonstra como a nomenclatura podia variar na identificação de uma mesma forma de organização. Identificada como bloco ou como escola de samba, chama atenção que a associação da Chácara do Vintém estivesse desenvolvendo movimentos de aproximação com outras associações e grupos de diferentes pontos da cidade.³⁵⁴

Outra questão suscitada pela divulgação do evento supracitado é o destaque para o caráter familiar do Bloco Carnavalesco Deixa Malhar, remontando as estratégias empregadas pelas sociedades dançantes da Primeira República para a sua legitimação, bem como a de seus frequentadores. As escolas de samba eram espaços de legitimação, reivindicação de lugar social e, como Confete afirmou, “lugares de sociabilidades”.

³⁵¹ Diário da Noite, 02/03/1934

³⁵² Cabe destacar, no entanto, que havia escolas de samba que não foram fundadas em morros, como por exemplo a Vai como Pode, a Unidos de Osvaldo Cruz e outras.

³⁵³ Jornal do Brasil, 17/05/1934. Apud . SILVA, Sormani. Op cit. 2014 p. 30

³⁵⁴ Segundo o jornalista e radialista Rubem Confete a Deixa Malhar era uma gafeira. Salientando que o mesmo espaço podia abrigar diferentes formas de lazeres e sociabilidades. Ver: CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora. Rio de Janeiro, 11/05/2017. 17:50

Diferentes eventos eram promovidos como visitas a espaços de outras sociedades dançantes, bailes, passeios e passeatas. Desta forma, havia a ampliação das redes de sociabilidades para fora do espaço da própria agremiação.

Um dos eventos do calendário do Rio de Janeiro que figuravam na agenda das associações era o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. Este era o momento de promoção de lazer das escolas de samba e seus membros. Com liderança de Mano Eloy, em 1941, encontramos uma nota que mostra a programação para homenagear o padroeiro da cidade, organizada pela escola de samba Deixa Malhar:

Figura 19 - Programação da festa de São Sebastião

**ESCOLA DE SAMBA
DEIXA MALHAR
AS GRANDES FESTAS DE AMANHÃ
EM HOMENAGEM A SÃO SEBASTIÃO**

Na Escola de Samba Deixa Malhar, onde o folião Eloy Anthero Diar é comandante-chefe, as coisas amanhã estarão de alto lá com charuto! Trata-se de render homenagens a São Sebastião, o milagroso padroeiro da cidade.

O programa organizado para amanhã, na Escola de Samba mais querida dos cariocas, é o seguinte: Missa, às 9.30 horas na igreja de N. S. do Loreto, em Jacarépaguá, em devoção ao

Santo Martyr. Depois passeio ao Recreio dos Bandeirantes e volta à Tijuca.

Às 14 horas, de regresso à sede, na rua Delgado de Carvalho n. 97, será servida a mais fantástica feijoada completa dos últimos tempos! E, para fazer a digestão, como chave de ouro, seguir-se-á uma tarde dançante até às 19 horas.

Será esse o dia de São Sebastião na "Deixa Malhar".

Fonte: *O Imparcial*, 19/01/1941, p.12

Optei em colocar a fonte na íntegra para termos a noção da amplitude do evento organizado pela Deixa Malhar. Havia toda uma programação que se iniciaria pela manhã e se estenderia para todo o dia, com encerramento em uma “tarde dançante”, na sede da escola de samba. A escola de samba fez o dia do padroeiro da cidade um dia de lazeres e aparições públicas. Nota-se que o início das “homenagens a São Sebastião” se dá em um missa em devoção ao santo católico em uma igreja no bairro de Jacarepaguá e segue em um passeio no bairro do Recreio do Bandeirantes. É a escola de samba saindo

de sua sede, do seu bairro, em um movimento em se fazer presentes, atrair divulgação e, por conseguinte, legitimar-se enquanto grupo fora da agenda festiva para o carnaval e, fora dos espaços carnavalescos. Era o espaço público do sagrado e do passeio que estavam sendo alçados pela homenagem ao padroeiro da cidade.

A prática de adoção de certo repertório discursivo de apresentação para destacar o caráter organizado das escolas de samba no momento de encontros externos agregava-se à adoção do simbólico, que era acionado pela imagem, com a valorização de regras de comportamento e vestimentas. As fotografias dos eventos são formas de identificarmos o repertório simbólico dos quais os grupos lançavam mão na construção dos discursos de autorrepresentação. No evento em homenagem a São Sebastião produziu-se uma fotografia que foi publicada pelo jornal *Imparcial*.

Figura 20 – A Deixa Malhar na festa de São Sebastião



Fonte: O Imparcial, 21/01/1941, p.12 ³⁵⁵

³⁵⁵ Essa imagem também foi utilizada por Sormani da Silva ao dedicar pesquisa sobre a Escola de Samba Deixa Malhar. Ver: SILVA, Sormani. Op. cit., 2014

A imagem apresenta os membros da Deixa Malhar após um passeio de barco. Infelizmente a qualidade da foto nos impede de observar com clareza a fotografia, mas é possível destacar alguns de seus aspectos gerais.³⁵⁶ Na composição de pessoas aparecem: mulheres, crianças e homens negros, possivelmente membros das mesmas famílias, como uma possível estratégia de serem identificados como grupo familiar. As mulheres e as crianças estão posicionadas à frente da foto em espaço de destaque. A expressão corporal também é uma característica performática que indica seriedade, todos com seus corpos cobertos, bem vestidos e em postura de discrição. Mesmo que a associação da qual fazem parte esteja ligada ao lazer, não vemos sorrisos ou poses mais relaxadas – o que parece ser uma estratégia para gerar a ideia de distinção e seriedade para o grupo. Este era um possível repertório performático adotado para legitimar o grupo e o espaço, associando-o à distinção de suas posturas e composição familiar.

Posar para foto pode ser compreendido como um ato político, um ato de divulgação da imagem que se quer associada aos grupos em questão. Pode-se observar o cuidado que as escolas de samba despendiam nessa direção, ao analisarmos as imagens em que os membros das agremiações eram retratados nos jornais da época. Ao analisar fotografias de sociedades carnavalescas publicadas em periódicos na Primeira República, Eric Brasil identificou uma performance que era praticada nas imagens. Era um recurso para afastar imagens estereotipadas muito propaladas pela própria imprensa que os retratavam com roupas rasgadas, descalços, como aspectos físicos semelhantes a símios e com falas com erros de português. Assim, concluiu que era uma performance que fazia parte de um:

“[...] esforço por parte dos membros das sociedades, apesar da evidente direção dos fotógrafos, em demonstrar que possuíam qualidades para serem parte da sociedade moderna carioca. Tais qualidades seriam expressas através das roupas, da postura, e da própria aproximação com jornalistas, intelectuais e políticos.”³⁵⁷

A título de comparação, observa-se outra imagem, sobre outro grupo que também ofereceu atividades em homenagem a São Sebastião naquele ano. Verifica-se, por exemplo, que a associação era composta de pessoas brancas; não há presença de crianças, somente mulheres e homens. Estão todos fantasiados e com expressões

³⁵⁶ Pelo porte físico, é possível, que Mano Eloy esteja à frente no canto esquerdo com seu conhecido terno branco.

³⁵⁷ BRASIL, Eric. Carnavais Atlânticos Op. Cit. 2016. p.61

corporais relaxadas. Quase todos aparecem sorrindo. As mulheres e os homens não estão arrumados em posições demarcadas, como na fotografia da Deixa Malhar.

Figura 21 – Baile da Manicures



Fonte: O Imparcial, 21/01/1941

A diferença na forma de se posicionar em momentos de fotografia entre os dois grupos pode estar relacionada às formas de compreensão das associações sobre o seu papel social. Cada associação poderia entender e expressar suas ações internas e externas com símbolos e significados diferentes. O que significa dizer que as associações de lazer de pessoas negras assumiam funções e alcances diferentes daquelas compostas predominantemente por pessoas brancas, uma vez que:

Posar para o fotógrafo, se fazer representar numa maneira austera, comportada, transmitia uma mensagem para o observador. Buscando reforçar uma imagem de posição social e idoneidade moral [...].

A soma da pose com os objetos explicitam uma performance pública dessas associações, buscando representar sua ascensão social e a respeitabilidade que constituiriam tais grupos e indivíduos. Também

evidencia o conhecimento e o domínio dos códigos vigentes daquela sociedade no que se refere a ascensão social e modernidade.³⁵⁸

Não tenho a pretensão de esgotar o debate a partir de duas imagens. Meu objetivo é perceber que a prática da performance na produção de imagens pode ter sido adotada pelas escolas de samba, ou pela Deixa Malhar, no agenciamento de sua representação nos espaços públicos. Considero, por tanto, as imagens acima como evidências de práticas que faziam parte das sociedades negra para se colocarem de maneira positivada, ação própria do grupo racial excluído por sua cor.

Assim, as sociedades negras que tiveram como modelo as escolas de samba podem ser compreendidas como espaços de sociabilidades que extrapolavam o lazer, demandando ações reivindicatórias – mesmo que para isto se fizesse necessária a construção de um lugar de fala que desconstruísse os estereótipos atribuídos aos negros, em favor de imagens de organização e distinção social que foram sendo construídas ao longo do tempo.

Além das sociabilidades forjadas pelos eventos de lazer, havia projetos de desenvolvimento material para a comunidade na qual a escola de samba mantinha sua sede. A causa social, que sempre esteve em pauta, era assumida na busca de parceiros para o desenvolvimento de seus projetos assistenciais e outras formas de lazer. As agremiações em suas ações se colocavam de maneira direta como agentes promotores do desenvolvimento local.

No período em que estive na Deixa Malhar, Mano Eloy envolveu-se em algumas ações junto à União Geral das Escolas de Samba que almejavam o desenvolvimento de atividades para a comunidade.³⁵⁹ Em 1941, em uma iniciativa que partiu da UGES, participou do Programa da Juventude Brasileira que teve apoio do governo e tinha como objetivo, fazer das escolas de samba lugares de desenvolvimento de esportes e escotismo para a juventude. O lançamento do projeto aconteceu em uma reunião entre os membros das escolas de samba na quadra da Deixa Malhar. Mano Eloy, nessa época, era presidente da agremiação e da UGES.³⁶⁰ O jornal *O Imparcial* enviou

³⁵⁸ BRASIL, Eric. Carnavais Atlânticos Op. Cit. 2016. p.64

³⁵⁹ Fundada com o nome de União das Escola de Samba (UES), em 1935, a instituição mudou o nome, em 1939, para União Geral das Escolas de Samba.

³⁶⁰ Ver: *O Imparcial*, 21/03/1941

sua equipe à sede da Deixa Malhar para averiguar as notícias sobre o projeto.³⁶¹ Ao chegar, foram recebidos por Mano Eloy, que os apresentou aos membros das outras escolas de samba que estavam no evento. Na sessão “Palestra com os Presidentes” divulgam entrevista com um diretor da escola de samba “Não é o que Dizem”. Vejamos trechos do que foi divulgado:

I - Qual a sua impressão, indagamos, do movimento que está sendo animado pelo Anthero, Flavio Costa, enfim, pelos membros da União?

D - Estou bastante animado com as inovações [sic] expostas na lei básica da União. A letra “a”, do seu art. 2, define todas as aspirações dos “unionistas”. O que empolga todavia é a parte relativa ao desporto e à instalação do departamento concernente do escotismo.

Conheço o pensamento dos meus colegas, [sic] principalmente do Anthero e Flávio, que pretendem modificar inteiramente a feição do nosso ambiente, tornando-o mais útil ao convívio social, e que eles estão animados da matéria e fomentar o escotismo entre a meninada do arraial sambista, afim de que seja aprimorado o seu caracter [sic] e aptidões pysics. [sic]

E a iniciativa será realizada de forma monumental, porque as Escolas estão propmicias [sic] a cooperar com a nossa mentora. E terminamos:

- “A família do samba é verde e amarella, meu amigo!”³⁶²

Infelizmente não encontrei mais notícias sobre a implementação do projeto. Porém sua proposta, partindo dos sambistas, já é um indício da percepção sobre as escolas de samba como espaços para além do lazer e/ou espaços de luta contra a exclusão. Pelo o que foi noticiado no jornal *O Imparcial*, o projeto foi uma ação proposta pela UGES, com liderança de Mano Eloy e Flávio Costa, de criar nas escolas de samba espaços sociais para a juventude, “tornando-os mais úteis ao convívio social”.³⁶³ O entrevistado ressalta que o projeto estava associado à mudança no artigo 2 do estatuto da UGES, que definiria as aspirações dos “unionistas”³⁶⁴, indicando que neste ponto em particular havia a intenção de criação de atividades que atendessem as demandas dos diferentes segmentos de associados.³⁶⁵

³⁶¹ O *Imparcial* foi um jornal diário que 1935 a 1942 dirigido por José Soares Maciel Filho. O *Imparcial* se colocava em oposição ao governo varguista, no entanto em 1937 diante do clima de terror instaurado por uma suposta ameaça comunista propagandeada pelo Estado, o jornal mudou de tom passando a apoiar o governo de Getúlio Vargas e o Estado Novo. Ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imparcial-o> consultado em 31/01/2019

³⁶² O *Imparcial*, 21/03/1941

³⁶³ Foi um dos presidentes da Deixa Malhar, esteve à frente da fundação União das Escolas de Samba, sendo o primeiro presidente da Instituição.

³⁶⁴ Membros da União Geral das Escolas de Samba

³⁶⁵ Infelizmente não tivemos acesso aos estatutos da instituição.

No ano seguinte as escolas de samba estiveram envolvidas em outra ação de desenvolvimento de projeto social voltado para as crianças junto ao Juizado de Menores, organizando um evento no campo do América Futebol Clube. A proposta era que a renda arrecadada com o evento fosse doada para o Juizado de Menores para ser destinada aos órfãos ou alguma obra educacional. Na cobertura jornalística foi produzida uma imagem.

Figura 22 – Junto ao Juizado de Menores



Fonte: Gazeta de Notícias, 28/01/1942

Na imagem, em posição de destaque, aparece Mano Eloy com seu clássico terno branco, em primeiro plano, em frete ao representante do Juizado de Menores. Segundo o periódico eram os “mentores das escolas de samba” que se faziam presentes em apoio a ação da instituição. A imagem do grupo que se apresentou a sala do Juizado de Menores demonstra o cuidado que os representantes das escolas de samba destinavam autorrepresentação, como parte da performance de se fazer presente de maneira positivada, estão todos vestidos com ternos em posturas distintas e sérias. São em sua

maioria, homens negros que estava diante de uma instituição do Estado se colocando em nome de suas sociedades carnavalescas e, por conseguinte de suas comunidades. Posicionando-se como agentes políticos em prol de ações em nome de um grupo social, referido pelo jornal como “pobres”. Mais à frente o jornal informa os desdobramentos da visita dos “mentores das escolas de samba”:

Uma grande comissão das Escolas de Samba esteve em visita ao Juiz de Menores, para lhe comunicar que este ano no grande festival que se vai realizar no dia 08 de fevereiro, com um desfile das escolas, e, conseqüentemente, eleição da Rainha do Samba de 1942, a renda será dedicada às crianças pobres ou qualquer outro fim que o meritíssimo Juiz de Menores determinar.
[...]

O que desejam os diretores [sic] das Escolas de Samba é que esse seu gesto seja encarado pela confiança e simpatia que nos morros está tendo a obra patriótica do Juizo [sic] de Menores, amparando desde a mãe pobre, até os seus filhos, com o internato nos estabelecimentos oficiais e particulares, além de outros recursos de assistência social.³⁶⁶

O festival que se realizaria no Campo do América Futebol Club estava dentro das agendas que antecipariam os desfiles oficiais do carnaval. No evento haveria a escolha da Rainha do Samba de 1942 e a premiação em dinheiro para as cinco primeiras escolas de samba colocadas no campeonato. A matéria feita pela *Gazeta de Notícias* sobre a visita da comissão das escolas de samba ao representante do Juizado de Menores mostra que a iniciativa de arrecadar fundos e doá-los à instituição partiu das escolas de samba. E que a visita em questão tinha o cunho de informar sobre a doação que fariam em um “gesto de confiança e simpatia” às ações da instituição nos morros.

A ação das escolas de samba em fazer a doação ao Juizado de Menores pode ser tanto em reconhecimento ao trabalho da instituição, como para chamar atenção às necessidades dos morros. Interessante é perceber que a relação feita entre as escolas de samba e os morros é constante nas matérias em geral. Nesse caso não posso atestar se a alusão ao morro foi feita pelos membros da comissão ou pelos jornalistas que escreveram a matéria. Sabe-se, no entanto, que havia a predominância de escolas de samba fundadas em morros, mas não todas. Contudo, chama atenção o grupo social ao qual a comissão poderia estar dispensando certa preocupação quanto às efetividades das ações do Juizado de Menores. A festa foi amplamente promovida na imprensa. Na

³⁶⁶ *Gazeta de Notícias*, 28/01/1942. Essa imagem também foi utilizada por Sormani da Silva. Ver: SILVA, Sormani. Op. Cit., 2014

véspera do evento, um grupo de representantes das escolas de samba fez uma visita ao jornal *Gazeta de Notícias*.

Figura 23 – Visita aos Jornais



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 07/03/1942

Mano Eloy esteve presente a mais esse acontecimento, agora como representante da escola de samba Deixa Malhar. Sua presença em diferentes momentos para a promoção das escolas de samba, seus eventos e projetos foram marcas do seu engajamento na construção de espaços para “tirar o negro do lugar da informalidade”. Nas imagens da visita ao jornal observa-se os membros das escolas de samba Deixa Malhar e Cada Ano Sai Melhor e a Ala Recreio da Mocidade. Mano Eloy aparece na imagem de cima como o segundo da direita para esquerda, com seu já conhecido terno branco.

Conforme é possível perceber, a escola de samba Deixa Malhar foi uma associação com papel representativo no pós-abolição carioca. No entanto, sua ação

como promotora de sociabilidades negras no cenário carioca foi abreviada por um ato não explicado do Estado de fechar a agremiação em 1943. Segundo Sormani da Silva³⁶⁷, o episódio atenta para a controvérsia sobre a relação pacífica entre escolas de samba e o Estado Novo.

Figura 24- Nota de Fechamento da Deixa Falar



Fonte: A Noite, 21 /05/1943

A escola foi fechada em uma ação que teve o chefe de polícia do 15º distrito como autor da determinação. A pequena nota, uma das poucas que identifiquei sobre o ocorrido com a Deixa Malhar, não aponta qualquer questão explicativa para o seu fechamento. Não encontrei qualquer protesto ou comentário a respeito feito pelos integrantes da Deixa Malhar, as demais escolas de samba ou mesmo da UGES.

Em entrevista concedida a Sormani da Silva, Rubens Batista Vianna, o Rubens da Vila, compositor da Deixa Malhar, afirma que em seus tempos de sambista de escola de samba a censura e a repressão estavam presentes. Segundo Rubens, o motivo para o fechamento da Deixa Malhar estava no seu enredo de 1943, que tinha como temática a crítica às nações que compunham o eixo Itália, Alemanha e Japão. Sobre o desfile da Deixa Malhar desse ano, temos somente a imagem subsequente:

³⁶⁷ SILVA, Sormani. Op.cit. 2014

Figura 25 – Último desfile da Deixa Malhar



Fonte: A Gazeta de Notícias, 11/02/ 1943 p.08

A nota que segue como legenda da imagem revela que o carnaval daquele ano teria sido organizado pela Liga da Defesa Nacional.³⁶⁸ A proposta seria ter como tema dos desfiles o patriotismo, o qual funcionaria como veículo de protesto contra o nazi-

³⁶⁸ A Liga de Defesa Nacional foi fundada em 1916 no Rio de Janeiro por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon, sob a presidência de Rui Barbosa, que era favorável ao apoio brasileiro aos Aliados na Primeira Guerra Mundial. A guerra ajudava a popularizar a ideia do serviço militar obrigatório e reforçava a importância das Forças Armadas. Por defender a ideia do "cidadão-soldado" e do serviço militar como escola de cidadania, a Liga recebeu desde o início o apoio do Exército. Encontra-se em funcionamento até aos nossos dias, sendo as suas atividades públicas mais destacadas a entrega da Ordem do Mérito Cívico da Liga da Defesa Nacional entregue aos brasileiros que mais se destacaram aos serviços cívicos e patrióticos ao país, a exemplo disto as festividades por todo país abertura e encerramento da Semana da Pátria, a guarda do Fogo Simbólico da Pátria (a chama) que se encontra nos monumentos nacionais oficiais, e é acendida obrigatoriamente em uma Pira antes de todos os Desfiles Cívicos Oficiais de 7 de Setembro em todo território brasileiro, a promoção da Corrida do Fogo Simbólico da Pátria, que se realiza desde 1938.

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDeDefesaNacional>

fascismo. Ressalte-se que o desfile da Deixa Malhar a colocou em quarto lugar naquele carnaval, tendo direito, inclusive à premiação, conforme registrado na nota a seguir:

Figura 26 – Fecha vencendo

Entrega de prêmios às escolas de samba

Na próxima segunda-feira, 15 do corrente, às 18 horas, na sede da Liga da Defesa Nacional, à avenida Augusto Severo, 4, terá lugar a solenidade de entrega dos prêmios às Escolas de Samba classificadas no desfile do Carnaval.

Os prêmios serão entregues pelo general João Marcelino Ferreira e Silva, vice-presidente da Comissão Executiva da Liga, e as Escolas classificadas em primeiro, segundo, terceiro, quarto lugares são, respectivamente, Portela, Estação Primeira, Azul e Branco, Deixa Malhar e Corações Unidos.

A primeira classificada receberá um prêmio no valor de Cr\$ 500,00, a segunda de Cr\$ 200,00 e as demais de Cr\$ 100,00, cada uma.

Leia "A NOITE Ilustrada"

Fonte: A Noite, 12/03/1943

O depoimento de Rubens da Vila e as poucas notas sobre o fechamento da Deixa Malhar indicam, como observou Sormani da Silva, que ainda em 1943, sob ação do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, a relação entre Estado e escolas de samba não eram tão harmoniosas. É no mínimo controverso que somente a quarta colocada daquele desfile tenha sido fechada por causa da temática de seu enredo, uma vez que todas as agremiações tinham como enredos a questão da guerra e o enfoque do posicionamento contra o nazi-fascismo. Talvez o enredo sozinho não tenha sido o

motivo para o fechamento da Deixa Malhar, mas o fato em si sugere que possivelmente este foi um episódio revelador das cisões na tão propalada harmonia entre escolas de samba e o Estado.³⁶⁹

Acredito que a relação entre as escolas de samba e Estado Novo ocorreu muito mais dentro de movimentos de negociações e conflitos que teriam levado ao desenvolvimento e permanência de algumas agremiações no carnaval e, em outros casos, à sua descontinuação ou ao seu esquecimento. Em sua análise sobre o fechamento da escola de samba Deixa Malhar Sormani Silva salienta que:

Desta forma a questão do “fechamento” surge como um tabu na história social do samba. Para além dos fatos existe a questão de uma memória coletiva em construção. Assim aspecto principal não é apenas saber por que tais agremiações se legitimaram como símbolo de nossa identidade nacional, mas como isso foi construído. Quem ficou fora do enredo? Está em tela o conflito em relação a uma perspectiva conciliadora derivada provavelmente de uma busca de uma memória nacional homogênea, que ascendeu no mesmo contexto de legitimação das Escolas de Samba.³⁷⁰

Dos diversos periódicos da época, encontrei somente três relatos sobre fechamento da escola de samba,³⁷¹ o que pode caracterizar uma espécie de silêncio praticado no período e que se estendeu para a história das escolas de samba no Rio de Janeiro. Chama muito a atenção que, após cerca de uma década de atividades no carnaval carioca, não tenhamos encontrado outras menções ou explicações a respeito do seu fechamento. Lembrando que em 1943 a União Geral das Escolas de Samba já existia e a Deixa Malhar teria sido uma das agremiações de liderança na criação desta associação.

³⁶⁹ Nélson da Nobrega Fernandes em sua pesquisa que ressalta o protagonismo das escolas de samba não identifica nenhum tipo de perseguição as agremiações. Sobre o desfile deste ano afirma que: “Apesar de já se viver em plena ditadura, não encontramos qualquer registro de intervenção na vida das escolas de samba, e nem mesmo a Portela, que apresentou o enredo Democracia no Samba”, sofreu qualquer constrangimento digno de nota por ter desenvolvido um tema que poderia ser tomado como uma provocação ao regime político vigente” Ver: FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Op. Cit. 2010 p. 108

³⁷⁰ SILVA, Sormani. *Escola de samba Deixa Malhar: O cotidiano dos sambistas durante o Estado Novo e suas memórias subterrâneas*. Anais do XI Encontro Regional Sudeste de História Oral: Dimensões do público: Comunidades de sentido e narrativas políticas. Niterói: UFF. 2015. p.6

³⁷¹ O jornal A Noite e o A Manhã.

Dentre os poucos relatos sobre o fechamento da Deixa Malhar, um em particular dedicou atenção a discorrer sobre suas impressões em relação às escolas de samba: foi uma nota escrita por Berilo Neves no jornal *A Manhã*. Nela, o cronista resalta diferentes aspectos de um pensamento que passava longe da grande aceitação das escolas de samba como manifestações culturais que representariam a nacionalidade brasileira.³⁷² É uma nota extensa, cuja citação se justifica pelo seu caráter reprodutor de estereótipos sobre a população negra no pós-abolição e pela produção cultural desenvolvida a partir das escolas de samba.

A Polícia resolveu fechar a Escola de Samba “Deixa Malhar”. Não se conhecem os motivos da providência, mas o simples título da “escola” estava a exigir remédio pronto e enérgico.

[..]

O fato de termos tido, à frente de importantes repartições culturais, sujeito afeiçãoados ao Morro da Mangueira e outras eminências bulhentas da cidade foi que levou o samba ao galarim – fraudando outras músicas muito mais dignas de se estimuladas pelo poder público. Durante muitos anos, era ponto obrigatório dos programas de recepção a viajantes ilustres o leva-los a lugares escusos, onde viam pretos desocupados a desnalgarem-se em coréias pretensamente artísticas. Essa mania (que devia ter levado os autores à cadeia ou ao hospício) valeu-nos vários artigos de contra-propaganda do Brasil, nos quais nos apontavam como ao país mais africanizado da América. Os exemplos não bastariam a curar-nos dessa tolice ridícula: fundamos escolas de samba, onde gastamos dinheiro que poderia ser empregado em tratamento de nossos escolares enfermos ou na fundação de verdadeiros centros de cultura. Que representa o Samba na escala dos valores musicais do mundo? Que é ele, como índice das tendências psicológicas ou artísticas do povo brasileiro? Alguém o cultiva fora de certos morros cariocas onde se fixou como erva daninha e tenacíssima? O Samba, o Chapéu de palha e cafezinho de tostão eram os companheiros habituais da malandragem erradia da nossa metrópole. O Brasil de hoje não admite desocupados, nem fábrica de toadas afro-analfabe. Estamos em período de guerra, em que não se pode perder tempo com tolices dispendiosas. E’ excelente o ensejo para se rever o “processo de Samba” e liquidar., de vez, com a mania de erigir esse ritmo bárbaro em música, representativa do Brasil.³⁷³

Em uma retórica permeada pelo racismo Berilo Neves faz a relação do samba como um ritmo oriundo das senzalas e por isso uma manifestação que não seria capaz de representar a nacionalidade. Os membros das escolas de samba são assinalados como

³⁷² Quem assina a nota é o jornalista Berilo Neves, que tinha uma coluna permanente no jornal *A Manhã*. Berilo Neves, natural de Parnaíba chegou ao Rio de Janeiro no início dos anos 1930, onde foi cronista e crítico literário do *Jornal do Comércio*. Na mesma época publicou três livros de contos de ficção científica que fizeram grande sucesso. Ver: LEMOS, Aline de Castro. *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. (Dissertação), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

³⁷³ *A Manhã*, 27/05/1943. Mais a frente iremos analisar outras questões contidas nessa mesma fonte. Por agora o enfoque é sobre o fechamento da Escola de Samba Deixa Malhar.

peças desocupadas, as quais produziram algo exótico que chamou a atenção dos estrangeiros, mas que passa longe de muitas manifestações dignas, segundo ele, de serem representantes da nacionalidade. Também associa os negros moradores dos morros e integrantes das escolas de samba à malandragem.

O autor da coluna saudou positivamente o fechamento da escola de samba Deixa Malhar. Sua posição em relação ao samba e às escolas de samba é o indício de que o processo de inserção destas produções culturais não foi tão harmônico e unânime na sociedade. Estereótipos da “malandragem” e do “afro-analfabetismo” são, para ele, características das populações negras que levaram à criação de um ritmo sem valor, que não representaria a brasilidade. Note-se que esta fala foi produzida na década de 1940, ainda considerando a legitimidade das práticas culturais advindas dos negros encaradas como mostras de barbarismo. Era a produção cultural dos negros e pobres e por isso indigna de sair do espaço do morro e de ser representante “das tendências psicológicas ou artísticas do povo brasileiro”. O autor ainda aproveita para propor que se reveja o “processo do samba”, isto é, além de considerar tal produção indigna para representar a brasilidade – mesmo cerca de três décadas depois da primeira gravação oficial do ritmo e duas depois da fundação da primeira escola de samba –, entende que esse movimento não seria legítimo e por isso passível de ser liquidado como produção cultural.

Depois desse desfecho, a Deixa Malhar aparece relacionada à figura de Mano Eloy, como uma breve fase em sua trajetória, desconsiderando toda a ação irradiada pela agremiação em favor da história do samba, do carnaval das escolas de samba e de parte da história das agências negras dos morros da cidade, em direção à autorrepresentação e ao desenvolvimento social. Um silêncio que não foi quebrado por Mano Eloy durante as várias oportunidades em que esteve em evidência nos meios de comunicação. Um silêncio que pode ter sido adotado por estratégia, para evitar perseguições à sua figura, mas que sugere as circunstâncias que levaram ao fechamento da Deixa Malhar como provavelmente violentas e cerceadoras pautadas no racismo.

3.4 “E a Nossa União Consagrou”³⁷⁴: Império Serrano, projeto e cidadania em um estudo de caso³⁷⁵

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano (GRESIS), fundado em 1947, foi a última agremiação na qual Mano Eloy teve participação efetiva. Situada no morro da Serrinha, na região de Vaz Lobo, era bem próxima do bairro de sua moradia. Segundo seu filho,³⁷⁶ Mano Eloy frequentava o morro para jogar cartas, para participar das rodas de Jongo e porque uma de suas filhas namorava um dos moradores da Serrinha, João Gradim,³⁷⁷ com quem veio a se casar. João era trabalhador do porto e membro de uma das famílias tradicionais da região, a família Oliveira, em cujas casas eram promovidas diferentes reuniões com samba e jongo, constituindo lugares de lazeres locais, frequentados por Mano Eloy.

Em torno da fundação do Império Serrano há a história que remonta a articulação dos insatisfeitos da Escola de Samba Prazer da Serrinha e de outros blocos da região. Diante de insatisfações com a direção da Prazer da Serrinha, as famílias locais abriram as portas de suas casas, onde as reuniões para a fundação do Império Serrano e a sua sede tiveram lugar. Segundo Luiz Fernando Vianna, esse processo aconteceu:

Pouco depois do carnaval, em 23 de março, os descontentes reuniram-se na casa da Eulália Oliveira, na Rua da Balaiada, no alto da Serrinha, e criaram o Império Serrano, absorvendo ainda integrantes da Unidos da Congonha e da Unidos da Tamarineira, também do morro.³⁷⁸

A Escola de Samba Prazer da Serrinha figurava entre as agremiações mais antigas do Rio de Janeiro, participando de desfiles desde a década de 1930.³⁷⁹ De acordo

³⁷⁴ Verso de um dos sambas do Império Serrano. OLIVEIRA, Antenor Rodrigues de. *Sem título*. 1947.

³⁷⁵ Essa sessão terá com base pesquisa anterior realizada para a dissertação de mestrado. Ver: BARBOSA, Alessandra.T.S.P. *Nasceu lá na Serra uma linda flor*: Memórias sobre a fundação do Império Serrano (1947-1952) Dissertação (Mestrado em História Social) – UERJ- FFP. São Gonçalo, 2012

³⁷⁶ Entrevistas de 2011 e 2016. Ver; BARBOSA, Alessandra.T.S.P. Op. cit. 2012

³⁷⁷ João Gradim fazia parte de uma das famílias tradicionais do morro, os Oliveiras. Conhecida por sua ação no desenvolvimento local tendo na primeira geração o senhor Francisco Zacarias, seu pai, conseguido, através de seus relações políticas, a primeira bica do morro. Os Oliveiras eram conhecidos também serem promotores dos lazeres locais, como o jongo, samba. Ver: VALENÇA, Rachel e VALENÇA, Suetônio. Op. Cit., 2017

³⁷⁸ VIANA, Luiz Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004, p.76.

³⁷⁹ Segundo Valença e Valença a Escola de Samba Prazer da Serrinha teria sido fundada no final da década de 1920. O primeiro desfile de escolas de samba patrocinado por jornais foi em 1932, feito pelo Mundo Sportivo. Depois desse periódico outros assumiram a organização. A primeira menção da Prazer

com Sérgio Cabral, Mano Eloy teria sido um dos fundadores dessa agremiação também.³⁸⁰ A Prazer da Serrinha era frequentada por moradores do morro e do seu entorno e Mano Eloy possuía relações diretas com seus membros diretores. O morro da Serrinha era conhecido por exercer certa atração sobre os sambistas.

O morro da Serrinha, em Vaz Lôbo, já foi um ponto importante na geografia carnavalesca da cidade. Houve certa época em que no mês de outubro já se ouviam os primeiros trinados do apito que comandava os ensaios frequentados religiosamente pelas môças e rapazes da vizinhança.³⁸¹

No entanto, segundo a narrativa local, o presidente da Prazer da Serrinha, Alfredo Costa, era um dirigente arbitrário, o que teria levado a uma série de desentendimentos com os membros da agremiação. Com os carnavais de 1946 e 1947, os descontentamentos chegaram a um ponto insustentável, gerando a cisão que levaria à fundação do Império Serrano.

O episódio que faz parte da narrativa que justifica a fundação do Império Serrano teria acontecido no Carnaval de 1946. Por causa dos desentendimentos com a Ala dos Compositores, Alfredo Costa decidiu, no momento do desfile, substituir o samba a "Conferência de São Francisco",³⁸² de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola, pelo samba "Alto da Colina", de Albano, que era considerado um samba de terreiro, sem qualquer ligação com o tema do desfile, revoltando componentes e compositores. Foi atribuído à mudança do samba o infeliz resultado de décimo primeiro lugar da Prazer da Serrinha no campeonato das escolas de samba.³⁸³ Eulália do Nascimento,³⁸⁴ ao narrar os acontecimentos do desfile de 1946, reforça o discurso local a esse respeito:

O Império Serrano aqui surgiu por procedência de aborrecimentos, todos nós aqui éramos Serrinha, todos nós aqui saímos na Serrinha, no Prazer da Serrinha. Nós fizemos um carnaval Conferência da Paz, muito bom o carnaval, e nós tínhamos até plena certeza que podíamos não ser os campeões,

da Serrinha nesses desfiles foi no carnaval de 1934. Ver: VALENÇA, Rachel Teixeira. VALENÇA, Suetônio Soares. *Serra, Serrinha, Serrano: O Império do Samba*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 2017.

³⁸⁰ CABRAL, Sérgio. Op. cit., 1996. p.61

³⁸¹ REVISTA O CRUZEIRO, 17/02/1968, p.43

³⁸² Este samba ficou conhecido também como "A Conferência da Paz".

³⁸³ VALENÇA e VALENÇA. Op. cit., 2017

³⁸⁴ Eulália era membro da família Oliveira. Adotou o sobrenome *Nascimento* de seu marido, para que não haja confusões sobre sua ligação familiar, será referida da mesma forma como ficou conhecida na região: como Tia Eulália.

mas nós íamos ser classificados em algum lugar, vínhamos em algum lugar no desfile, quando chegou o momento [...] chegamos lá, era na Praça Onze, era na Praça Onze que era antigamente, a Serrinha chegou entusiasmada, os rapazes vestidos de alferes aquelas roupas bonitas, as meninas, nós todos esperando o samba que era da Conferência da Paz, o seu Alfredo Costa canta o samba de terreiro que não era o samba, era um samba da quadra, um samba comum.³⁸⁵

Sobre o desfile da Prazer da Serrinha naquele ano, Haroldo Costa afirma:

Bem, o vexame foi total. A comissão julgadora, que era presidida por Elói Antero Dias, o Mano Elói, nem deu confiança à Prazer da Serrinha, mandou que ela passasse sem parar, o que já equivalia à desclassificação. O desencanto foi geral, broncas mil, ânimo abatido e desconsolo total.³⁸⁶

Mesmo com as contrariedades provenientes do carnaval de 1946, a escola de samba da Serrinha conseguiu reunir alguns componentes e participar do concurso de 1947. Entretanto, com o quantitativo de pessoas dedicadas à elaboração e à confecção do desfile desfalcado, a escola de samba ficou no sétimo lugar do campeonato, o que foi considerado como resultado inferior ao que acreditavam que podiam alcançar se houvesse harmonia na escola.

Os constantes embates com a direção da Prazer da Serrinha aliados aos resultados ruins deixaram “feridas que já não eram mais cicatrizáveis”.³⁸⁷ Então os descontentes se reuniram e, em 23 de abril de 1947, fundaram uma nova escola de samba no morro da Serrinha, o Grêmio Recreativo Esportivo Escola de Samba Império Serrano (GRESIS).

Mano Eloy, que era frequentador da região, esteve envolvido na fundação da nova escola de samba. Segundo Valença e Valença, Mano Eloy teria doado a bateria da extinta escola de samba Deixa Malhar para o Império Serrano.³⁸⁸ Sormani da Silva, porém, em sua pesquisa sobre a Deixa Malhar, questiona essa afirmação, pois acredita que, como a agremiação da Chácara do Vintém teria sido extinta anos antes da fundação do Império Serrano, seria mais provável Mano Eloy ter doado os instrumentos da bateria para outra agremiação existente na localidade naquele período.³⁸⁹ Em

³⁸⁵ TIA EULÁLIA: *O Império do Divino* (documentário). Direção de Erick Oliveira. Rio de Janeiro: Plano Geral Filmes, 2007. DVD. Apud. BARBOSA, Alessandra T. S. P. Op. cit.

³⁸⁶ Revista o Cruzeiro, 17/02/1968, p.44

³⁸⁷ VIANNA, Luiz Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

³⁸⁸ VALENÇA e VALENÇA. Op. Cit., 2017

³⁸⁹ SILVA, Sormani da. Op Cit. 2014

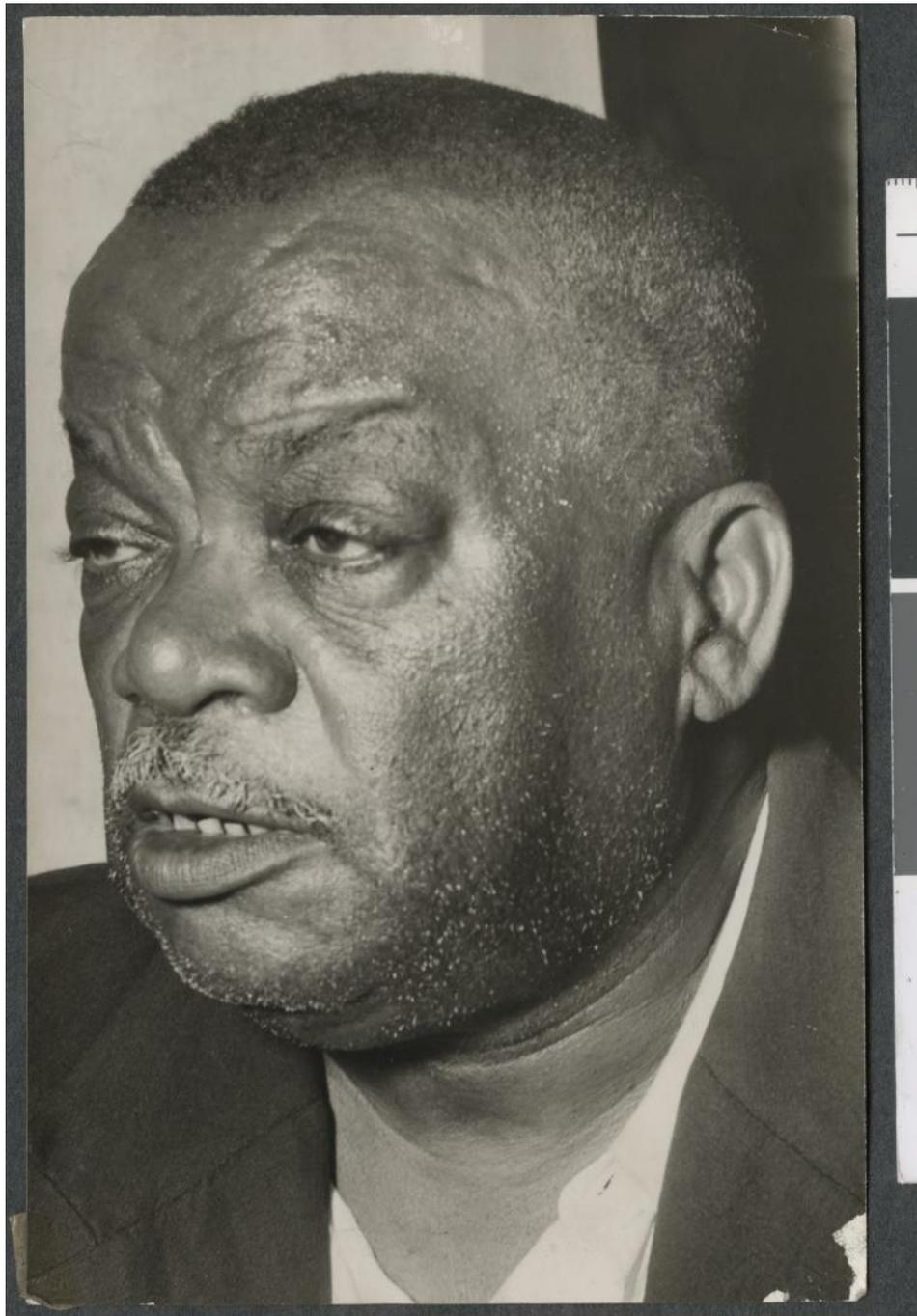
depoimento, Rachel Valença afirma que em um primeiro momento ela acreditou que o suporte oferecido por Mano Eloy teria sido somente o material, pela doação da bateria e a ligação com o Sociedade de Resistência, contudo, hoje percebe que Mano Eloy contribuiu com sua experiência. Na época da fundação do Império Serrano, Mano Eloy contava com seus 58 anos de idade,³⁹⁰ possuía experiência adquirida com a escola de samba Deixa Malhar e na administração da UES, possivelmente, foi um conselheiro para os jovens fundadores, sendo inclusive presidente da Sociedade de Resistência local de trabalho da maioria dos fundadores do Império Serrano.

Sua participação foi além do aconselhamento no momento de fundação e a possível doação da primeira bateria para a escola de samba. Anos depois da fundação do Império Serrano, há indícios de que sua participação era ativa. Sua imagem foi vinculada constantemente à agremiação do morro da Serrinha. Em um pequeno acervo presente no Arquivo Nacional encontram-se fotografias do jornal Correio da Manhã que retratam um Mano Eloy por volta dos seus 67 anos de idade, nas dependências do Império Serrano. Não encontrei essas imagens vinculadas a qualquer notícia produzida pelo jornal sobre a escola de samba, mas cabe aqui o registro da presença de Mano Eloy como membro ativo da escola de samba.³⁹¹

³⁹⁰ Baseando-se no episódio narrado por Carlos Cachaca sobre Mano Eloy tocando samba na Mangueira, ele teria cerca de 40 anos no mundo do samba e administrou pelo menos uma escola de samba, a Deixa Malhar, a UES, sem falar que nessa época era presidente do Sindicato da Resistência

³⁹¹ No verso de cada fotografia há o carimbo do jornal e a indicação de que a imagem foi produzida na sede do Império Serrano.

Figura 27 - Mano Eloy na sede do Império 1



Fonte: AN. Correio da Manhã, 1956.

Figura 28 - Mano Eloy na sede do Império 2



Fonte:AN. Correio da Manhã, 1956.

Figura 29 - Mano Eloy na sede do Império 3



Fonte: AN. Correio da Manhã, 1956

Outras imagens, em momentos mais descontraídos foram produzidas ao longo do tempo. Indícios de que a participação de Mano Eloy junto ao Império Serrano foi além de produtor, ao oferecer apoio financeiro e conselhos aos jovens fundadores.

Figura 30 - Com o Jornalista Fábio Melo na imagem de São Jorge



Fonte: ARV, S/D

Figura 31 - Presidente de Honra do Império Serrano.



Fonte: ARV, S/D

Figura 32 – No Império



Fonte: O Cruzeiro 1978. p.43

3.4.1 - A Resistência Imperial

A história da doação da bateria foi mais uma das que giram em torno do Império Serrano e de Mano Eloy, assim como o episódio a seguir, muito propalado pelos membros da escola de samba e dos trabalhadores ligados à Sociedade de Resistência. Questionado sobre as pessoas que estiveram envolvidas na fundação do GRESIS, Sr. Mazinho, o então presidente da Velha Guarda, em 2011, relata:

Convidaram também uma pessoa que era presidente do sindicato dos arrumadores para fazer parte da fundação do Império, pois estava faltando grana. E essa pessoa é esse moço aqui (aponta para o desenho de Eloy Anthero Dias, patrono do Império Serrano, existente na beira do palco). Eloy Anthero Dias era presidente lá do sindicato dos arrumadores, então ele ajudou a fundar o Império e todos aqueles que queriam trabalhar no Cais do Porto tinham que assinar e dar 50 mil réis, o dinheiro da época: “Quer trabalhar? Quer? Nós estamos fundando essa escola e você vai ter que dar 50 mil réis” (risos). Fazia aquela chantagenzinha, né? E o Império veio com aquela força! É por isso que dizem que a origem do Império é o Cais do Porto. O Império nasceu rico, com dinheiro, mas de trabalhador, não foi de banqueiro! Ficou até um apelido quando eles esnobavam. Na sexta-feira, quando está todo mundo solto, quando chegava o pessoal do Cais do Porto na Central do Brasil, era aquela euforia: “Chegou o Império rico! Chegou o Império rico!”. Era chopada para tudo o que é lado, mulher bonita e nego todo cheio de dinheiro, nego tudo cheiroso, está me entendendo? Assim veio o Império.³⁹²

O Império Serrano teve profunda relação com os trabalhadores do porto do Rio de Janeiro, pela ação de Mano Eloy, que na época de fundação de escola de samba, era presidente do Sindicato da Resistência do Trabalhadores Arrumadores em Trapiche e Café – A Sociedade de Resistência. Na memória imperiana e portuária essa relação entrou para a história das relações de sociabilidade e trabalho desses grupos.

Senhor Mazinho, quando se lembra dessa história,³⁹³ diz considerá-la uma espécie de “chantagenzinha”, mas tal episódio pode conter pistas sobre as formas em que o trabalho e o lazer, na época, podiam funcionar segundo uma lógica mais elástica e complexa. Não posso atestar se aqueles que se recusavam a fazer a doação ao Império Serrano eram impedidos de trabalhar ou se sofriam algum tipo de assédio moral. O que chama atenção é que, na memória dos trabalhadores do porto e dos imperianos, tais

³⁹² BARBOSA, Alessandra.T.S.P. Op Cit. 2012

³⁹³ Não por ter sido trabalhador do porto, mas por conta de seu convívio nos primeiros anos de Império Serrano.

práticas são contadas em tom de anedota. Não demonstrando surpresa ou indignação de ter havido uma prática que aparentemente forçava os trabalhadores a assumirem gastos com a escola de samba, para que fossem aceitos no trabalho, a “chantagenzinha” é lembrada, também, como ponto fundamental para o sucesso da escola de samba. Os trabalhadores tinham como contrapartida, por sua doação fortemente sugerida, o livre acesso às festas organizadas pela escola de samba.

Ao analisar, em pesquisa anterior, os processos de identidade irradiados pelo Império Serrano, chamei atenção para a construção do discurso legendário sobre a fundação da nova escola de samba no morro da Serrinha. A história da fundação da nova escola passaria por um processo de embate de memória,³⁹⁴ que produziu um discurso no qual o passado, o retrógrado, representado pela arbitrariedade da escola de samba Prazer da Serrinha, entraria em disputa com o movimento em direção à liberdade, à democracia, representado pela fundação do Império Serrano.

A ruptura com um modelo de carnaval, representado pela antiga escola de samba é o marco que norteia a evocação do discurso local. Dos fundadores aos membros anônimos da agremiação, a história da fundação da escola é lembrada como um processo vencedor. A exaltação da fundação e dos carnavais em que venceu o campeonato *das* escolas de samba no Rio de Janeiro fazem parte da narrativa legendária.³⁹⁵

Constatei que na memória da fundação do Império Serrano há a referência constante da conquista de um novo espaço de lazer que teria se desenvolvido a partir dos espaços promovidos pelas famílias locais. As agências das famílias locais, que se organizavam em redes informais para a promoção de lazer e ajuda mútua, ganharam proporção, no que considerarei como rede institucionalizada, com a fundação da nova escola que não teria dono.³⁹⁶ Assim, sugeri a ideia de que a fundação da nova escola no morro da Serrinha, com moldes democráticos, assumiria caráter de institucionalização dos lazes e das reivindicações locais. O discurso de liberdade e democracia fez do Império Serrano espaço de reivindicação e autorrepresentação local que ganhou

³⁹⁴ PORTELLI, Alessandro. *O Massacre de Civittella Val diChiana* (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In. FERREIRA, Marieta e Moraes e AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 103-130

³⁹⁵ BARBOSA, Alessandra T.S.P. Op cit. 2012

³⁹⁶ Inclusive uma das bandeiras levantas até hoje sobre a liberdade, democracia e independência da agremiação.

visibilidade por chamar atenção externa para a comunidade. Dona Vilma Machado,³⁹⁷ quando inquerida sobre como funcionava essa questão da democracia na escola de samba, afirma:

Os que tomavam conta podiam dar opinião, todos. (grifo nosso) Tinha reunião também para dar opinião, “Vamos fazer esse carnaval assim”. Era bonito e todo mundo saia, juntavam e faziam o carnaval. Todos podiam, podiam falar. O pessoal da Serrinha ajudava muito para fazer esses enredos. Para escolher o enredo era tudo aqui, depois que foram arranjar um lugar e ai foram aumentando os carros, os carros eram todos pequenos e bonitos, a gente saía do largo que tinha ali e fazia. Fazíamos os carros todos ali. Depois cobríamos e botávamos aquelas lonas e ainda ganhávamos em primeiro lugar. Até três anos a seguir o Império ganhou em primeiro lugar...³⁹⁸

Considerar as agências das famílias do morro da Serrinha como informais ou institucionais não quer dizer que uma anulasse a outra, mas que em dado momento as reivindicações locais tiveram práticas e locais específicos. Entendendo que a fundação do Império Serrano não se colocaria como um processo evolutivo das ações e das reivindicações locais, mas como uma estratégia que poderia atingir patamares que as ações familiares informais talvez não alcançassem. A propósito disso considero que:

Não se pode perder de vista que o processo de institucionalização da rede familiar do Morro da Serrinha não anula as relações anteriores à fundação da agremiação, pois se percebe o caráter fluídico e multidimensional que as redes familiares podem assumir. Pode-se encontrar em um mesmo espaço a convivência de dois tipos de rede, a informal e a institucional, mas o que se ressalta é o fato de esta rede informal, no Morro da Serrinha, ter encontrado uma forma de ampliação de sua ação através da fundação de uma escola de samba.³⁹⁹

3.4.2 – O projeto

No primeiro estatuto do Império Serrano, percebe-se que a agremiação indicava alguns interesses dos moradores da região, além de ter sido criada com o objetivo de ser um espaço de lazer e de representação do carnaval local. Segundo pesquisa anterior identifiquei que a rede de famílias, através do estatuto da escola de samba, formalizou parte dos seus objetivos. “Através do Império Serrano, a rede familiar expunha seu dinamismo na busca de seus interesses. O Império Serrano foi fundado como “Grêmio

³⁹⁷ MACHADO, Vilma dos Santos. Apud BARBOSA, Alessandra T.S.P. Op.cit. Dona Vilma Machado foi uma das primeiras Porta Bandeira do Império, ocupando, inclusive esse posto na Velha Guarda, além de ser uma das cantoras da Velha Guarda Show da escola.

³⁹⁸ MACHADO, Vilma dos Santos. Entrevista concedida a Alessandra Tavares de S. P. Barbosa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2010. 1º CD (40:17 min). Anexo A, p.119-120.

³⁹⁹ BARBOSA, Alessandra T.S.P. Op. cit.

Recreativo Esportivo Escola de Samba,”⁴⁰⁰ explicitando em seu nome as possíveis funções que a agremiação teria interesse em desenvolver na região.

O primeiro estatuto do Império Serrano foi aprovado em comissão assinada por Sebastião Oliveira, Silas de Oliveira e João Gradim.⁴⁰¹ Em um documento composto por 18 artigos, o estatuto da nova escola descrevia as subdivisões administrativas da agremiação e as “finalidades” da associação.

Na parte das finalidades, encontra-se a mescla de projetos de desenvolvimento e a busca pela moralização de seus quadros. A questão do desenvolvimento encontra-se logo no início do estatuto, com os artigos 2º e 3º. O artigo 2º destaca a intenção de oferecer “maior assistência moral e social” para a organização de suas festas e programas beneficentes. O artigo 3º refere-se à fundação de centros na sede da escola de samba, ou fora dela, voltados para a instrução das primeiras letras, esporte e recreação.

O delineamento das finalidades da nova escola de samba com sede no morro demonstra como esses modelos de associativismo assumiam papéis diferenciados em suas comunidades. Os compromissos com as festas e com o desenvolvimento de atividades instrutivas eram caminhos de socialização e formas de atenderem as demandas deixadas pelas lacunas das políticas públicas. Os grupos ligados às escolas de samba se utilizavam das agremiações como meio de reivindicação e espaço de autorrepresentação e de agenciamento de projetos próprios, como se pode comprovar nos artigos subsequentes do Império Serrano:

Art. 2º - Dar maior assistência moral, social e financeira à Escola de Samba, na organização e execução dos seus programas de festas recreativas, carnavalescas e de beneficência social.

Art. 3º - Fundar na sede da “E. de Samba” ou em lugares adequados, centros de instrução primária, esportiva e recreativa.

Art. 4º A “E. de Samba” só poderá aceitar para o seu quadro social, elementos cuja á conduta: seja de bom antecedente, perante às autoridades; ou seus proponentes.

Art.5º Os sócios contribuintes pagarão: á jóia de vinte e cinco cruzeiros; (Cr\$ 25,00); e cinco cruzeiros mensais (Cr\$ 5,00); e os sócios Fundadores pagarão, cinquenta [sic] cruzeiros (Cr\$

⁴⁰⁰Estatuto o Império Serrano. 1948. Apud. VASCONCELLOS, Francisco. *Império Serrano: Primeiro Decênio: 1947- 1956*. Ensaios de Carnaval nº 2, Rio de Janeiro, 1991, p.43. Infelizmente o primeiro estatuto, assim com vários documentos relacionados aos primeiros anos do Império Serrano se perderam diante das agruras do tempo.

⁴⁰¹ VASCONCELLOS. Francisco. Op. cit. 1991

50,00) e dez cruzeiros (Cr\$ 10,00) mensais e ainda poderão passar á sócios beneméritos todos aqueles que bom serviço prestar ao Grêmio; e sendo apresentado em Assembléia Geral.⁴⁰²

A questão moral aparece novamente no artigo 4º, como um indicativo das permanências de práticas das associações da Primeira República. Fazia-se necessário apresentar para as autoridades que as fiscalizava um quadro de associados de boa conduta. Importante perceber que, ainda em 1947, a preocupação moral estava presente nas finalidades da escola de samba para a triagem de seus associados, apontando, inclusive, para a intenção de se fazer consulta às autoridades e aos proponentes sobre a moralidade do candidato. Não tenho indícios de que esta prática vigorou, mas note-se que esse artigo se assemelha ao sistema de ingresso de sócios para a Sociedade de Resistência, no qual se fazia necessária a indicação de um membro interno que atestava a idoneidade do candidato a ser aprovada em Assembleia.⁴⁰³ A adoção ou intenção de adoção dessa prática foi, provavelmente, inspirada pela experiência dos fundadores,⁴⁰⁴ que eram, em sua maioria, membros da Resistência.

Além das questões de atividades desenvolvidas pela escola de samba e da moralidade de seus membros, encontramos no artigo 5º das finalidades os valores a serem pagos para se fazer sócio da agremiação. Aparentemente, aqueles que figuraram no quadro de fundadores deveriam investir em cotas iniciais e mensais mais elevadas, o equivalente ao dobro das cotas dos demais membros. Era sem dúvida o indício do comprometimento assumido com o projeto. Isso, contudo, poderia gerar a “elitização” do grupo que assumiria papel de organização e decisão direta dentro da escola de samba. Naturalmente que ser sócio de uma associação a princípio destinada ao lazer não era uma prerrogativa para todos, principalmente se considerado o investimento financeiro a ser feito. Por outro lado, o caráter moral, sempre presente nos estatutos, pode ser sinal de que fazer parte dos quadros de uma associação poderia gerar certa distinção social cujo investimento valeria a pena.

⁴⁰² Estatuto do GRES Império Serrano, 1948. Apud VASCONCELLOS, Francisco. Op. cit., 1991. p.43-45.

⁴⁰³ Ver: CRUZ, Mª Cecília Velasco e. *Virando o Jogo: Estivadores e Carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. Tese de Doutorado: USP, São Paulo, 1998. & ARANTES, Erika Bastos. *O Porto negro: Cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Dissertação (mestrado) UNICAMP – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP.2010. p. 16

⁴⁰⁴ Foram 32 fundadores, sendo 2 cortados por não integralização de suas cotas de associados.

No mesmo artigo, está a possibilidade de “todos aqueles que bom serviço prestarem ao Grêmio” tornarem-se sócios beneméritos. Não está claro, porém, quais serviços poderiam ser considerados bons. Sabe-se que alguns daqueles fundadores tornaram-se ilustres homenageados ao serem lembrados por suas agências e outros nem tanto assim, principalmente se levarmos em conta a ação das mulheres do morro da Serrinha que participaram ativamente na fundação e organização da escola de samba, mas que não entraram na lista de fundadores.⁴⁰⁵ Elas somente foram mencionadas como partícipes do movimento que levou essa nova agremiação à posição de destaque no cenário carioca. Mano Eloy, a propósito, foi homenageado com o título de presidente de honra e teve seu nome dado à quadra da escola de samba.⁴⁰⁶

Sobre a organização, o Artigo 6º assinala que todas as pessoas “sem distinção de cor” poderiam se candidatar para fazer parte dos quadros sociais do GRESIS. No entanto, a cor como composição dos seus membros estava presente, mais à frente, no Artigo 15º do mesmo estatuto, como item de informação para se fazer sócio. Não há indícios de que a algum candidato tenha seu acesso negado ao quadro de sócios por sua cor, mas o fato de se afirmar primeiro que não haveria distinção de cor para se candidatar ao quadro de associados e depois de inseri-la como item de informação dos candidatos pode ser uma contradição que possua implícita a importância desse dado para a associação. Vejamos:

Art. 15º Disposições Gerais

Do sócio contribuinte constará: nome, nacionalidade, **cor**, filiação, estado civil, idade, profissão, onde trabalha, residência, número da carteira profissional, número da carteira de identidade, número do certificado militar, número do Título de eleitor, zona em que vota, assinatura do sócio proposto, e do sócio proponente. (Grifo nosso)

Verifica-se que além de dados como nome, idade, filiação e estado civil, há a intenção de identificar a cor de seus associados e definir bem a ideia de formação e de ocupação. Parece haver o pensamento de que aqueles que se candidatariam a sócios teriam não só trabalho, ocupação, como profissões estabelecidas – talvez fosse uma herança do trabalhismo Varguista? Ou quem sabe uma estratégia em compor o discurso

⁴⁰⁵ Tia Eulália que cedeu seu terreno para sede da escola de samba, e as casas das mulheres que foram sedes das reuniões para se decidir os rumos da nova escola, as tantas tias que costuravam e adereçavam as fantasias dos membros da escola.

⁴⁰⁶ Quadra Elói Antero Dias. Na década de 1960 por causa de forte temporal a antiga sede na Rua da Balaçada, no morro da Serrinha, desabou. Depois de muitos ensaios em locais improvisados a prefeitura doou o local onde funcionava o mercado municipal, no centro de Madureira, sendo sua sede até hoje.

aceito, prática utilizada pelas sociedades carnavalescas desde o início da Primeira República. Outra questão relevante é a identificação do título de eleitor e da zona eleitoral, ou seja, esperava-se que seus candidatos tivessem profissão, trabalho fixo e fossem eleitores. Vasconcellos afirma que a identificação do “número do título de eleitor e da zona de votação do postulante deixa claro o entrosamento da Escola com os currais políticos e sindicais do antigo Distrito Federal.”⁴⁰⁷

Mais à frente, no mesmo estatuto, com o título de “Penalidade”, são expostas as prerrogativas que poderiam gerar a eliminação do associado. Estas ligadas à moralidade e à questão ideológica.

Capítulo III

PENALIDADE:

Art. 8º - Todos os associados que faltarem com o conceito moral; internamente; ou externamente a sua organização infringirão concerteza [sic], o artigo de eliminação [sic].

Art. 9º - Da mesma forma [sic] se procederá contra todo e qualquer sócio contribuinte, que acatar, pregar ou frequentar lugares onde se propale ideologia adversa [sic] ao regime constitucional.⁴⁰⁸

Foram estabelecidas somente duas penalidades. Estas indicam a intenção, ao menos na teoria, de controle sobre a vida dos associados fora da escola de samba. Consta no artigo 9º que haveria punição ao sócio que “frequentasse lugares onde se propalasse ideologia adversa ao regime constitucional”, demonstrando a tentativa de alinhamento com o governo vigente. O que seria, no entanto, essa ideologia adversa ao governo?

Segundo Rubem Confete, a fundação do Império Serrano teria sido bem aceita por Getúlio Vargas, como uma forma de conter o avanço do comunismo representado por Paulo da Portela.⁴⁰⁹ Teria sido esse regimento inspirado nos resquícios do Estado Novo e na possível relação de Mano Eloy com Getúlio Vargas? Observemos as palavras de Confete sobre o assunto:

E ele (Mano Eloy) também foi incentivado a fundar essa escola pelo Getúlio Vargas, que ele era amigo de Getúlio. E o Getúlio

⁴⁰⁷ VASCONCELOS. Op. cit., 1991 p.42

⁴⁰⁸ Estatuto do GRES Império Serrano, 1948. Apud VASCONCELLOS, Francisco. Op cit., 1991, p.44.

⁴⁰⁹ Paulo Benjamim de Oliveira, uma das personalidades da Escola de Samba Portela situada na região de Madureira. Interessante é que em 1947 o presidente do Brasil era Eurico Gaspar Dutra que assumiu o mandato de 1946 até 1951.

tinha horror ao partido comunista e o Paulo da Portela era do partido comunista.⁴¹⁰

Talvez a fundação do GRESIS tenha tido certa simpatia por parte de Getúlio Vargas, que teria contato com Mano Eloy pela Sociedade de Resistência e por sua participação em eventos culturais patrocinados pelo governo. Paulo da Portela, em 1947, ano de fundação do Império Serrano, não fazia parte dos quadros da escola de samba Portela, situada em Oswaldo Cruz, bairro próximo à região em que se localizava a escola da Serrinha. Contudo, era muito conhecido e respeitado entre os sambistas, participando ativamente como representante do samba e aproximando-se de outras agremiações. Sua simpatia ao comunismo era conhecida, mas as possíveis rivalidades entre Eloy e Paulo, podem ter sido originárias dos tempos em que o primeiro era dirigente da UGES, e o segundo fazia carreira como representante dos sambistas no exterior.⁴¹¹ Nobrega acredita que tanto Sérgio Cabral quanto Marília Barboza evitaram o aprofundamento do assunto, talvez, devido ao posicionamento “politicamente correto” de não apontar as clivagens do mundo do samba.⁴¹² No entanto, o mesmo autor assinala que: “nenhuma grande queixa de Paulo da Portela foi registrada contra Mano Elói e os sambistas que aprovaram a cassação de seu mandato no conselho fiscal da UGES.”⁴¹³

Seguindo com a análise do primeiro regimento interno, observa-se que existia ainda a intenção de fazer da agremiação um modelo assistencial. Através da criação de órgãos como o Departamento Social Recreativo e o Departamento de Assistência Social havia a intenção de se proporcionar assistência médica, jurídica e funerária. O fato de listar os serviços que se pretendia oferecer indica que estes não chegavam, ou chegavam com muita dificuldade, à comunidade. Havia a intenção de ampliar a ação da agremiação, atendendo a questões mais complexas e diversificadas. Para a execução

⁴¹⁰CONFETE, Rubem. LABHOI/UFF. 2015.

⁴¹¹ Em 1937, alguns sambistas e outros artistas formaram um grupo chamado Embaixada do Samba, para realizar uma série de apresentações em Montevideú. O empresário responsável pela primeira apresentação de sambistas no exterior foi José da Rocha Soutello, que na época exercia a presidência da Federação das Pequenas Sociedades, que congregava os ranchos. Do grupo, além de Paulo da Portela e Heitor dos Prazeres, faziam parte artistas que não eram sambistas, como a cantora Marília Batista, a concertista de violão Ivone Rabelo, o maestro Júlio de Souza e o grupo Turunas Cariocas..Ver: FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001 & Marília T. Barbosa da, e SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela, traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Editora Funarte, S/D.

⁴¹²CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba*. Op. Cit. 1996. Marília Barboza. Paulo da Portella Apud. Silva, Marília Trindade Barboza da e MACIEL, Lygia dos Santos. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979. p.112

⁴¹³ FERNANDES, Nelson da. Op. Cit.,2001 p. 111.

desse projeto, seria preciso contratar ou criar parcerias com indivíduos ou grupos fora da comunidade.

Art. 21º - São órgãos técnicos, imediatamente subordinados à Presidência da Diretoria:

- a) o Departamento Social-Recreativo, ao qual ficam afetadas as atividades sociais e recreativas;
- b) o Departamento de Assistência Social, ao qual ficam afetadas de auxílio-funerário.
- c) todas as atividades de amparo e benefício aos associados com as seguintes divisões:
gabinete médico
gabinete odontológico
gabinete jurídico⁴¹⁴

Mais adiante, no mesmo Regimento, encontra-se o item de criação do Departamento Cultural, com divisões específicas para o desenvolvimento musical, artístico, literário e educacional. Interessante perceber que às escolas de samba, embora sejam lidas como associações de lazer, ou seja, culturais, tenham em seus estatutos um Departamento Cultural para a promoção de aspectos de determinada cultura, que para seus membros, eram importantes oferecer para seus associados. Esse item em particular indica parte de um projeto que vai além da assistência direta para o desenvolvimento dos membros da associação, pois está ligado à valorização de certo tipo de desenvolvimento intelectualizado. Poderia ser com objetivo de oferecer instrumentos de distinção e ascensão social através da cultura formal, demonstrando clareza na identificação das nuances da exclusão social.

- d) o Departamento Cultural, ao qual ficarão subordinadas todas as atividades culturais, com as seguintes divisões:
I – Divisão Musical e Artística
II – Divisão Literária
III – Divisão Educacional⁴¹⁵

A análise do estatuto e do regimento interno do GRESIS ajuda a compreender os sentidos que as associações, aparentemente voltadas para o lazer, podiam assumir. Oferecendo lazer, assistência social e educacional, distinção social e moral, as escolas de samba, na condição de associações, adotavam, ao mesmo tempo, tanto o papel de

⁴¹⁴ Regimento Interno do GRES Império Serrano. 1947. Apud. VASCONCELLOS, Francisco. *Império Serrano: Primeiro Decênio: 1947- 1956. Ensaio de Carnaval. n° 2.* Rio de Janeiro, 1991, p.47.

⁴¹⁵ VASCONCELLOS, Francisco. Op. Cit., 1991

promover formas para o desenvolvimento de seus membros, como para a reivindicação de cidadania - É a politização do lazer!

3.4.3 – A politização do lazer: Associativismos e Movimento negro

Compreendidas como base de construção para argumentos de negociação, as formas de associativismo desenvolvidas pelos negros no pós-abolição foram mecanismos essenciais dos discursos que definiam pautas de barganha. Contudo, as organizações das associações negras no Brasil foram, durante muito tempo, consideradas a partir da leitura de duas teorias básicas: da “linha de Cor”, de Arthur Ramos, e/ ou da tipologia de Costa Pinto.

Arthur Ramos, em “O Negro na Civilização Brasileira”,⁴¹⁶ apresenta um quadro da relação do negro com suas reivindicações, baseado na ideia da existência do desequilíbrio quantitativo demográfico de negros e brancos como fator para o desenvolvimento associativo. Para o autor, existiria em determinadas regiões, como São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, por apresentarem predominância de população branca, maior opressão sobre a população minoritária negra, que chamou de “minoridade oprimida”. A princípio, haveria a existência de formas associativas negras nestes locais, mas nas regiões do nordeste e em algumas do sudeste, como Rio de Janeiro e Espírito Santo, os negros teriam sido assimilados, pois como não havia desequilíbrio entre negros e brancos, e muitas vezes a população de brancos era maior, não haveria opressão. Diante desse quadro, Ramos justificou a presença de associações de cor nas primeiras regiões em detrimento das segundas como necessidades impostas pela relação de exclusão dos direitos de cidadania no Pós-abolição.

Costa Pinto, em sua obra “O negro no Rio de Janeiro”⁴¹⁷, contrapõe-se a Arthur Ramos ao identificar tipos de associativismo de negros no Rio de Janeiro. Ressalte-se que defende uma tipologia que diferencia a natureza das reivindicações dessas associações como as “tradicionais” e as de “novo tipo”. Segundo o autor, situadas entre o fim abolicionismo e a terceira década do século XX, as associações do tipo tradicional estavam voltadas para o aspecto religioso ou recreativo: eram os

⁴¹⁶ RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971.

⁴¹⁷ COSTA PINTO, L. A. *O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

Ranchos, as Escolas de Samba, as Congadas e as Capoeiras Angola. Já as associações de novo tipo teriam se desenvolvido ligadas às transformações sociais pós 1930 e assumido caráter reivindicatório – o papel de “grupos de pressão.”⁴¹⁸

Assim como as sociedades carnavalescas da Primeira República, compreendo as escolas de samba através da perspectiva do associativismo negro. No entanto, contestando Arthur Ramos e Costa Pinto, tendo como base o aporte de Petrônio Domingues ao propor a problematização das teorias de ambos.⁴¹⁹ Revela que para o Rio de Janeiro, por exemplo, a “linha de cor” e as tipologias de Costa Pinto não explicam a existência de distintos agrupamentos com seus projetos, chamando atenção para a complexidade das associações, bem como para o caráter heterogêneo de sua formação e reivindicações.

Compreendidas como formas de associativismo negro, as escolas de samba, fundadas por grupos predominantemente negros dos morros, desenvolveram estratégias para a sua inserção enquanto prática cultural nas festas carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro. Esse foi um processo lento e gradual – vindo de longe, que sofreu resistência de outros grupos sociais e que teve nas agências determinadas pessoas que viram nessa forma de lazer o caminho para a inserção da população negra e pobre no pós-abolição.

Organizar e se apresentar publicamente, defendendo a prática cultural produzida por seu grupo, era uma forma de se fazer presente nas ruas, de reivindicar seu lugar social. Assim, no sentido de reivindicação de espaço social, as escolas de samba construíram discursos de positivação da identidade do grupo. Foi um caminho de contraporem-se às imagens distorcidas feitas acerca da população negra no pós-abolição. Assumir o papel de construção de discursos e símbolos de autorrepresentação consistia em estratégias de empoderamento identitário, que teve como via as sociabilidades estabelecidas pelas escolas de samba.

Com a análise dos primeiros documentos do GRESIS, podemos perceber algumas nuances dos projetos dos grupos que trabalharam ativamente na fundação e no desenvolvimento das escolas de sambas como espaços culturais, com alcances políticos

⁴¹⁸ Exemplos deste tipo novo de associativismo, segundo Costa Pinto seria o Teatro Experimental do Negro (TEN) de 1944.

⁴¹⁹ DOMINGUES, Petrônio. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo. Junho de 2014. V34, nº 67, p. 251-281.

e sociais importantes para a população negra do pós-abolição. Assim, não só explicitam as expectativas de seus fundadores e associados com as agremiações, mas também nos levam a compreender sua percepção sobre as escolas de samba como espaços de construção e reivindicação de cidadania para a população negra no Rio de Janeiro.

As escolas de samba podem ser consideradas como movimento negro, organizado em torno do lazer. O lazer, como vimos, foi utilizado pelas agremiações como instrumento político de reivindicação de pautas por cidadania, por inserção social. As escolas de samba eram sociedades que reuniam ações coletivas a fim de demandar suas inserções políticas às autoridades. Desta forma, podemos considerá-las como formas de movimento negro que desempenhavam o papel empoderador da população negra no pós-abolição. Tais escolas assumiam, assim, a função de agentes de suas contingências e espaços de reivindicação, fossem de direitos civis, sociais e/ou políticos, para o grupo de pessoas ligadas a elas. E mesmo que não se identificassem como associações de negros, a predominância destes em seus quadros, verificada em registros fotográficos e nas expressões que a imprensa identificava os integrantes das agremiações, leva à compreensão das escolas de samba como movimento negro.

Diferentes estratégias foram utilizadas pelas pessoas negras para sua inserção social no período pós-abolição, no entanto, nem sempre, os sujeitos construía discursos sobre si ou sobre seus grupos de forma racializada. Isto não quer dizer que aproximações, negociações e agenciamentos feitos pelas pessoas negras não envolvesse a perspectiva da cor. É importante considerar que nas experiências negras no pós-abolição, o silenciamento da cor⁴²⁰ pode ter sido uma estratégia diante da exclusão caracterizada pelo racismo.

Em direção a negociação de espaço social, o silenciamento da cor para o agenciamento das demandas de pessoas negras, pode ter sido um caminho consciente que determinados grupos produziram nos anos seguintes após a assinatura da lei de abolição da escravatura e que persistiu como estratégia posterior, uma vez que o racismo continuou e continua promovendo a exclusão social pela cor da pele. A própria lógica da exclusão social feita pela cor, já é um motivo para os grupos formados por pessoas negras não construírem discursos ressaltando esta característica de seus integrantes, mas aquilo que se colocaria como “positivo” naquela sociedade.

⁴²⁰ MATTOS, Hebe . *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

Com base em análises de processos crimes de homens e mulheres nos anos após 1888, Flávio Gomes chama atenção para o uso da cor como marca “indelével” que reforçava associações a criminalidade. Atribuía-se um suposto perfil, herança da escravidão, que conferia atributos negativos, ditos científicos, que justificavam a perseguição e a exclusão da população negra, uma vez que, com a assinatura da lei: “Eliminava-se o escravo, mas inventava-se o negro/preto como uma marca social negativa. Libertava-se o trabalhador e instituía-se legalmente a ideia de ‘vadiagem’ para controlá-lo.”⁴²¹

Tendo em vista esse panorama de perseguição e exclusão, as relações forjadas pela população liberta e seus descendentes se apresentavam de maneira multifacetada e permeada de expectativas de ordem materiais, civis, políticas e sociais que não chegavam a eles por via de serviços públicos, ou seja, através dos tão esperados direitos garantidos aos cidadãos. Assim, muitos indivíduos e grupos constituíram estratégias para fugirem das perseguições e reivindicarem sua inserção social. Compuseram e/ou resignificaram diferentes formas de associações ligadas ao trabalho, a religiosidade e aos lazeres que apresentavam predominância de pessoas negras e estratégias conscientes para a promoção e desenvolvimento em diferentes setores sociais.

A inserção das escolas de samba se deu, pois, de maneira lenta e em decorrência das agências dos grupos predominantemente formados por negros pobres moradores dos morros do Rio de Janeiro, que viram nelas um caminho de inclusão cultural e política na sociedade. Como veremos mais a frente, colocar-se positivamente era um caminho de construção de identidade que, neste caso, estava associado à defesa de um modelo de carnaval organizado e que pudesse gerar legitimação e abertura para dialogarem com diferentes instâncias sociais.

⁴²¹ GOMES, Flávio.

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/abolicao_a_igualdade_que_nao_veio_6.html

CAPÍTULO IV - CIDADANIA, IDENTIDADES RACIAIS E AGÊNCIAS DAS ESCOLAS DE SAMBA NO CARNAVAL DA DÉCADA DE 1930

Há 30 anos que Eloy Anthero Dias, Cidadão – Samba de 1936, faz samba – essa música que encanta e embala. Durante este tempo, inúmeros sambas fez ele, inclusive Miserê, Não vou lá no candomblé, Moro na roça, e B com A. Estes tiveram retumbantes sucessos.⁴²²

A pequena biografia publicada pelo jornal *A Rua* fez parte da divulgação do concurso que elegeu Eloy Anthero Dias como primeiro Cidadão Samba. Foi o início da prática da tomada simbólica das ruas da cidade do Rio de Janeiro por personagens que representavam o modelo de carnaval protagonizado pelas escolas de samba. O perfil de um homem que teria se dedicado por 30 dos seus 47 anos à produção do samba seria um dos fatores destacados pelo periódico para Mano Eloy ser o eleito a incorporar o personagem que representaria o samba, as escolas de samba, os morros e o subúrbio carioca no carnaval de 1936.⁴²³

A criação e a promoção de concursos para eleger personalidades do carnaval carioca no final da década de 1930 delinearam discursos que demonstram como se davam as relações entre os sambistas e as escolas de samba com os agentes externos a elas. São fontes que ajudam a pensar sobre as estratégias adotadas pelas escolas de samba na construção de sua autorrepresentação e na caracterização de seus membros.

Tendo como perspectiva os concursos para “Cidadão”, analisarei o papel assumido pelas escolas de samba no cenário do carnaval das ruas do Rio de Janeiro, identificando os perfis delineados pelos jornais coevos para os personagens, assim como aqueles que foram assumidos pelos sambistas das escolas de samba, como estratégias no agenciamento da imagem que adotariam para si.

⁴²² Apud SILVA, Marília Trindade Barboza da e MACIEL, Lygia dos Santos. Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979.p.90

⁴²³ A idade de Mano Eloy na época desse episódio foi calculada como se ele tivesse 43 anos. Tendo como base em seu registro civil e óbito afirmamos que este tinha 47 anos. Ver; Anexos A e B. Sérgio Cabral, em seu livro sobre escolas de samba, afirmou os 43 anos de Mano Eloy. Ver: CABRAL, Sérgio. As Escolas de Samba... Op. Cit., 1996

4.1 Concursos para Cidadão

Como já mencionamos em capítulo anterior, a cobertura de carnaval por parte dos periódicos transpunha a mera divulgação de eventos. Estes, por meio de seus cronistas, foram estabelecendo diferentes relações com as agremiações carnavalescas e seus integrantes, assumindo muitas vezes a forma de foliões/testemunhas do cotidiano carnavalesco na cidade.⁴²⁴ Era a “rapaziada alegre”, descrita por Tinhorão, transformada em “jornalistas de ocasião” na tentativa de refletir na escrita a euforia do carnaval. Com isso, construiu-se uma nova forma de “escrevinhação”. Na contramão do estilo literário europeu dominante à época, criava-se uma “das mais curiosas formas de linguagem cômica surgidas em cinco séculos de evolução da literatura ocidental”, a crônica carnavalesca.⁴²⁵

Na primeira metade do século XX, identifica-se o recurso, por parte de alguns periódicos, de se aproximar de segmentos populares e aumentar as suas vendas através de concursos que elegiam a melhor agremiação carnavalesca e personalidades a ela relacionadas. Com isso, os agrupamentos ganhavam espaço de divulgação e prêmios que lhes conferiam destaque e prestígio no cenário carnavalesco carioca. Essa prática manteve-se na década de 1930 com o acréscimo de construções de discursos que justificavam, de maneira jocosa, a presença de determinadas personalidades na festa.⁴²⁶ Alguns chamam a atenção pela composição de discursos que se assemelhavam às reivindicações de segmentos sociais e modelos de brincar o carnaval, permeados, no entanto, por construções de identidades forjadas na relação entre os cronistas e as agremiações carnavalescas.

O Cidadão Samba fez parte do movimento de criação de símbolos e personalidades carnavalescas, que marcaram a década de 1930. A divulgação, o desenvolvimento, as festas para recepcionar os personagens e os grupos que estariam representando eram descritos como na chamada da matéria a seguir:

⁴²⁴ Ver: COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006

⁴²⁵ Tinhorão, José Ramos. *A Imprensa Carnavalesca no Brasil*. São Paulo: Hedra, 2000. p.11. Como mencionamos anteriormente o cronista Vagalume o precursor da Crônica Carnavalesca, amplamente adotada pelos demais cronistas que viram a se dedicar a cobertura carnavalesca na cidade do Rio de Janeiro. Ver: PEREIRA, Leonardo A. Miranda. *No Ritmo de Vagalume...Op. Cit.*, 2015

⁴²⁶ Guardadas as proporções, se mantém até os dias atuais como o Estandarte de Ouro, criado em 1972 pelo jornal “O Globo”, premia personalidades e segmentos que se destacaram nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, o Tamborim de Ouro, organizado em parceria com o jornal “O Dia” e a rádio FM o Dia com o objetivo de premiar os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro utilizando-se de alegria, ousadia, emoção, etc.

Symbolos da alegria carnavalesca

Rei Momo, o Único e irresistível – Rainha Moma, a Deusa da tentação e da “fuzarca” – Cidadão Samba, a alma do morro, expressão máxima de brasilidade – Cidadão Momo, o representante da democracia – Zé Pereira, o “ante-passado” que ressuscitou para maior alegria do Carnaval carioca.⁴²⁷

Amplamente divulgados pelos periódicos, eram símbolos que estariam, assim como o Rei Momo, representando a alegria própria do carnaval.⁴²⁸ Contudo, caracterizavam possíveis disputas entre os grupos sociais e formas de brincar o carnaval na cidade do Rio de Janeiro daquela década. Os concursos como Cidadão Momo, em 1935, feito pelo Cordão dos Laranjas,⁴²⁹ de Rainha Moma, criado pelo Cordão da Bola Preta⁴³⁰, em 1936, de Cidadão Samba, pela União das Escolas de Samba em 1936, e o Zé Pereira⁴³¹, símbolo dos carnavais do século XIX e do início do XX, resgatado pelo

⁴²⁷ A Nação, 27 de fevereiro de 1936 p11

⁴²⁸ Em uma busca nominal no banco de dados da hemeroteca digital da década de 1930-1939, para Rainha Moma foram encontradas 79 menções em 21 periódicos, Cidadão Momo com 326 citações em 23 periódicos, Cidadão Samba com 80 citações em 13 periódicos e o Zé Pereira como é um nome “comum”, tanto o “Zé” quanto o “Pereira” apareceram em milhares de notícias que não estavam relacionadas ao personagens em questão, foi somente através da busca nominal pelo Cordão dos Escovas que encontramos a divulgação sobre o Zé Pereira nas ruas da década de 1930.

⁴²⁹ Os Cordões eram formas populares de brincar os carnavais das ruas no Rio de Janeiro Eneida remonta o surgimento dos Cordões aos antigos Cucumbis, em uma perspectiva que os considera em um processo evolutivo que iria dos Cucumbis aos Cordões e desses aos Ranchos. Os cordões fizeram parte de uma modalidade carnavalesca das ruas cariocas que ganharam proporção devido a quantidade de pessoas que brincavam o carnaval neles, como pelas disputas de estandartes patrocinados pelos jornais da época. A rivalidade, no entanto, não estava somente no campo da arte e do capricho das exposições de estandartes e alegorias, há muitos relatos de brigas e mortes no encontro entre cordões rivais. Segundo Maria Clementina Pereira da Cunha, a despeito do esforço de criticar e conter os arroubos populares em nome de modelos “civilizados” de brincar o carnaval das ruas, no início do século XX era permeado de misturas das mais variadas. Segundo Cunha os cordões e ranchos conviviam e apresentavam diferenciações quanto aos instrumentos adotados, ritmos e o gênero predominante que os frequentavam. Ver: Eneida. *História do Carnaval Carioca*. Editora Civilização Brasileira S. A.: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia. 1958. Especificamente no capítulo intitulado “O Cordão” p.121- 131 e CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 131-134; Para saber sobre os Cucumbis, ver: BRASIL, Eric. *Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, carnaval e abolição* (Rio de Janeiro, década de 1880). *Afro-Ásia*, n. 49, p. 273–312, 2014.

⁴³⁰ O Cordão foi começou suas atividades em 1918 na Rua da Glória nº 88, e foi fundado por Álvaro Gomes de Oliveira (Caveirinha), Francisco Brício Filho (Chico Brício), Eugênio Ferreira, João Torres e os três irmãos Oliveira Roxo, Jair, Joel e Arquimedes Guimarães entre outros. Suas origens remontam a uma dissidência do Clube dos Democráticos. Sobre a história do Cordão da Bola Preta, ver: SILVA, Juliana Faria. *Cordão da Bola Preta, 95 anos de folia: ação coletiva e massificação de um bloco singular no carnaval do Rio de Janeiro*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Sociologia, 2014.

⁴³¹ Maria Clementina Pereira da Cunha identifica as primeiras aparições da figura do Zé Pereira ainda nos teatros ligeiros das últimas décadas do século XIX, tendo ganho posteriormente uma face foliona, e as ruas do carnaval. Para saber mais sobre o Zé Pereira, ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do Senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século*. in: CUNHA, Maria Clementina P. (Org.). *Carnavais e outras frestas*. Ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 371-417.

Cordão dos Escovas⁴³² para representar seu modelo de carnaval, são exemplos que marcaram a perspectiva de diferentes grupos, em busca de representação na festa carnavalesca das da cidade.

Em artigo para *O Jornal*, intitulado “Pra contrariar o Chefe, K. Veirinha⁴³³ fundou o Bola Preta”⁴³⁴, Jota Efegê assinala o movimento feito por grupos ligados ao carnaval para “reviver” os Cordões, porém com outras roupagens. Segundo Efegê, em uma reunião entre amigos, teria surgido a ideia de se colocarem contrários à declaração do chefe de polícia em cercear a presença dos Cordões nas ruas carnavalescas do Rio de Janeiro em 1918.⁴³⁵ “Nascia, desse modo, em meio a uma reunião boêmia, que acontecia normalmente, todas as tardes, o já hoje tradicional Cordão da Bola Preta, conhecido em todo o Brasil e também no estrangeiro.”⁴³⁶ E, das dissidências do Cordão da Bola Preta, fundaram-se o Cordão dos Laranjas e, posteriormente, o Cordão dos Escovas, compostos por cronistas de carnaval e escritores, como o teatrólogo João Canali, entre outros. Era o que Jota Efegê chamou de:

Brincadeira evocativa

Num tempo em que a sátira e humorismo marcaram o Carnaval carioca, a brincadeira dos Escovas – secundando as dos seus coirmãos da Bola Preta (criador da Rainha Moma) e dos Laranjas (criador do Cidadão Samba) – logrou grande êxito. Os que assistiram ao exótico cortejo tinham um espetáculo que os divertia e lhes trazia grata evocação dos velhos carnavais. Não voltava, exatamente, os tradicionais Zé-Pereiras [...]. Tinha-se, no entanto, rediviva, a sua característica em composição e barulheria.⁴³⁷

De maneira jocosa, tais personagens da década de 1930 se colocavam no cenário carnavalesco das ruas da cidade, representando grupos que, possivelmente, não se sentiam retratados pelo símbolo vigente – O Rei Momo. A retórica de divulgação das

⁴³² Agremiação fundada de uma dissidência do Cordão dos Laranjas. Ver Gazeta de Notícias, 14/12/1935. Em “Figura e Coisas do Carnaval Carioca”, Jota Efegê, em crônica intitulada “Escovas ressuscitaram o falecido Zê-Pereira”, faz um relato sobre o resgate e/ou criação do Zê Pereira em um discurso de retomada das ruas pelas folias populares de outrora.

⁴³³ Pseudônimo de Álvares Gomes de Oliveira.

⁴³⁴ Publicado em: *O Jornal*. 27/01/1963; Ver: JOTA EFEGÊ. Figuras e Coisas da Música Popular Brasileira; apresentação de Carlos Drummond de Andrade e Ary Vasconcelos. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Funart, 2007. p. 18-20

⁴³⁵ O Chefe de Polícia em questão era Aurelino Leal, que exerceu o cargo de 1912-1917. Ficou conhecido por sua ação cerceadora às práticas populares nas ruas do Rio de Janeiro. O relato de Jota Efegê se refere às ameaças de Aurelino Leal caçar licenças de Cordões de grupos que perturbassem a ordem, bem como a proibição da criação de novos cordões na cidade. Sobre o episódio que teria dado origem ao Cordão da Bola Preta. JOTA EFEGÊ. Op. Cit. 2007. p.18-20.

⁴³⁶ Idem p. 18

⁴³⁷ JOTA EFEGÊ. Op. Cit. 2007. p. 130-131

personalidades carnavalescas girava em torno da contraposição ao Rei Momo, que se pressupunha um elemento trazido das culturas externas ao Brasil e, ou por isso, um representante das elites.

No caso da Rainha Moma, que apresentava um binômio relacionado ao casamento com o Rei Momo, seu marido era apresentado como “inamistoso”⁴³⁸ ou ela como “a divorciada esposa”⁴³⁹. A respeito do Cidadão Momo e do Cidadão Samba, como veremos mais à frente, foram construídos discursos com base na retórica da deposição à monarquia e na instituição da “República da Pandengolândia” – representada pelo samba do morro e pelas escolas de samba. No entanto, a contraposição, e mesmo a ideia de tomada de poder, se concentrava na perspectiva simbólica, uma vez que os personagens carnavalescos conviveram no espaço das ruas cariocas. O que chama a atenção é a adoção por parte dos grupos sociais, com suas formas de brincar o carnaval, de personagens próprios para se autorrepresentarem nas ruas carnavalescas.

A criação de personagens ampliava o alcance da festa, uma vez que havia a organização de eventos grandiosos, largamente divulgados nos jornais, para a coroação ou a tomada das ruas por parte de cada personagem.⁴⁴⁰ Por outro lado, assinalava também o uso de práticas reivindicatórias através do carnaval. A eleição da festa carnavalesca, como cenário de lutas materiais e simbólicas, foi uma constante no repertório dos populares no período republicano. Seja na Primeira República ou no período varguista, o repertório de reivindicações em busca de cidadania estava presente na festa⁴⁴¹ – como folia e/ou “subversão”⁴⁴² –, aproveitando-se do panorama político para colocarem em prática projetos próprios.

A década de 1930 foi marcada pela concentração dos esforços dos grupos de sambistas ligados às recém-criadas escolas de samba no Rio de Janeiro. Com suas agências organizadas através da União das Escolas de Samba (UES), fundada em 1934, protagonizaram a oficialização dos desfiles das suas agremiações, com a garantia da sua entrada no calendário turístico do carnaval carioca e o direito às subvenções do Estado. Assim, a criação dos concursos para Cidadão Momo e Cidadão Samba fez parte da

⁴³⁸ Diário de Notícias, 28/01/1936. p.5

⁴³⁹ Idem, 6/01/1936 p.6

⁴⁴⁰ Diário Carioca, 27/02/1935 p. 4; Diário da Noite, 23/02/1935 p 01; Diário Carioca, 28/02/ 1935. p.08

⁴⁴¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Op. Cit. 2001.

⁴⁴² SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso: Estudos Sobre o Carnaval Carioca da Belle Epoque ao Tempo de Vargas*. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

conjuntura de consolidação dos interesses das escolas de samba, aglutinados na UES, na promoção de suas práticas carnavalescas.

4.2 “A gentalha das ruas” e o “mulato frajola” nos concursos para Cidadão

Em 1935, foi criado, pelo Cordão dos Laranjas⁴⁴³, o Cidadão Momo: um personagem que construía um lugar de representatividade através de binômios que relacionavam figuras do carnaval à palavra cidadania.⁴⁴⁴ Através da divulgação feita por periódicos que apoiaram o concurso, pode-se acompanhar o seu desenrolar. O *Diário Carioca*, de 1935, nos mostra o tom que foi assumido à divulgação do Cidadão Momo:

Entre manifestações de intenso regozijo popular S. Ex. o Cidadão Momo – Ditador revolucionário do Carnaval carioca, desfilará, hoje às 21 horas, pela avenida Rio Branco, seguido de enorme massa coral das escolas de samba da cidade e de todos os Ranchos e bloco filiados a Federação das Pequenas Sociedades.⁴⁴⁵ (grifos meus)

A notícia sugere a adesão dos grupos que brincavam o carnaval de rua na década de 1930, com exceção das Grandes Sociedades.⁴⁴⁶ A matéria em tom humorístico teve o espaço de uma página inteira, com direito à fotografia e entrevistas. Desde o seu título, a questão presente é a da deposição da Majestade, o Momo, representante das elites, e a tomada das ruas pelo povo sob a liderança do “ditador revolucionário do Carnaval” – o Cidadão Momo.

O *Diário Carioca* foi um jornal com forte delineamento político, posicionando-se em diferentes momentos de nossa história em favor ou em oposição aos governos vigentes.⁴⁴⁷ Talvez, a escolha de palavras feita pelos cronistas pode refletir o contexto

⁴⁴³ O Cordão dos Laranjas foi fundado em 28 de dezembro de 1934. Em 1935 aparecem as primeiras notícias sobre o Cordão que, segundo seu manifesto, tinha como objetivo, apresentar um “centro de alegria elegante” (sua sede) e festejar a laranja fruta brasileira. Seus integrantes faziam parte de um grupo de dissidentes do Cordão da Bola Preta, aparentemente esse cordão fazia parte de um movimento de reviver os carnavais de outrora, no entanto, ressignificando as práticas. Para maiores informações sobre o Cordão dos Laranjas ver: *Diário Carioca*, 10/01/1935

⁴⁴⁴ Segundo levantamento feito através do site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁴⁴⁵ *Diário Carioca*, 28/02/1935. p.08

⁴⁴⁶ Na década de 1930 as Grandes Sociedades já haviam perdido força no carnaval das ruas, algumas se reservavam aos seus espaços internos. Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira da. Op. Cit. 2001

⁴⁴⁷ O *Diário Carioca* foi fundado em 1928 por José Eduardo Macedo Soares, tinha como objetivo fazer oposição ao governo de Washington Luís. Apoiou a tomada do poder em 1930 pela Aliança Liberal, na figura de Getúlio Vargas, no entanto meses depois coloca-se em forte oposição às medidas do governo e em favor ao movimento Constitucionalista. De 1934 a 1945 o jornal posicionou-se em favor ao governo.

mundial, da década de 1930, com a ascensão do fascismo na Itália. Nota-se a forma que os personagens são identificados, como se estivessem em uma relação de oposição entre uma monarquia que não representa a população e a figura de um ditador popular que assumiria o poder nos braços do povo, em uma leitura próxima da ascensão do poder na Itália.

Identifica-se a revolução no carnaval liderada por um ditador, em um jogo de palavras que remetem a um caminho que vai de uma monarquia a uma ditadura revolucionária carnavalesca, liderada por um cidadão que representaria o que consideravam como popular. Percebe-se a adoção de um repertório discursivo feito pelos cronistas⁴⁴⁸ do *Diário Carioca*, que, inclusive, foi adotado por outros periódicos ao longo da divulgação dos eventos relacionados ao Cidadão Momo. Além de identificarem Cidadão Momo e Rei Momo como personagens em oposição, apresentam as possíveis clivagens sociais presentes nas ruas carnavalescas cariocas. Em uma página, após a ampla divulgação do Cidadão Momo, K. Fioto, na mesma edição do *Diário Carioca*, acentua alguns aspectos das relações do carnaval das ruas do Rio de Janeiro.⁴⁴⁹

Alguns carnavalescos de espírito liberal, contrariados com a indumentaria e o aparato com que se vinha, todos os anos, recebendo, nesta cidade um sujeito gordo e suarento que ostentava indevidamente o título de Rei Momo, deliberaram destrona-lo, hoje nomeando para exercer as duas funções um interventor civil e mulato, habitante respeitável de um morro dos subúrbios, nascido em noite de farra ao som de cuícas e tamborins. (grifos meus)

[...]

Nesse caso, porém da revolta dos foliões contra o tal “Rei”, estou francamente com os rapazes do morro isto é, com aqueles que não admitem reinados de espécie alguma sejam eles de legitimo sangue azul (há tinturas para tudo) ou simples profissionais do bom-humor que ostentam cetros e coroas e tantos mil reis por dia.

Ver: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiros. Fundação Getúlio Vargas.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-carioca> Consultado em 13 de outubro de 2018. Para mais detalhes sobre o desenvolvimento da imprensa no Brasil, ver: SODRÉ, Nelson Weneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

⁴⁴⁸ Os Cronistas do Diário Carioca não assinam as colunas, assim não podemos identificar com precisão quem iniciou o jogo de palavras. Eduardo Granja Coutinho identificou como cronistas do Diário Carioca: Curinga: Eugênio Costa; Jota Efegê: João Ferreira Gomes; Júlio Silva; K Chinha; K Rapeta: Arlindo Cardoso; Marrom: Luís Correia de Barros; Peru dos Pés Frios: Mauro de Almeida; Ver: COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 127-128

⁴⁴⁹ Essa foi a única assinatura de cronistas identificada no Diário Carioca que fizeram a cobertura do Cidadão Momo. K Fioto era outro pseudônimo de Arlindo Cardoso. Ver: A Manhã, 28 de fevereiro de 1926. p.9 Eduardo Granja identificou o pseudônimo K Rapeta para Arlindo Cardoso. Op cit. 127-128

Fico com os revolucionários principalmente porque eles defendem o único aspecto interessante dessa festa extraordinária: o seu caráter genuinamente popular, a facilidade que ela oferece ao pobre de gozar três dias de entusiasmo esquecendo os tormentos, as desventuras e as decepções que o assaltam durante os trezentos e sessenta e dois dias restantes.

O carnaval dos ricos não se perde na multidão alucinante que enche as ruas. Quem tem dinheiro não vem se aturdir entre o povaréu que não pôde pagar o absurdo das mesas dos cassinos luxuosos.⁴⁵⁰ (grifos meus)

K. Fioto, pseudônimo de Arlindo Cardoso, era mais um “da série K”⁴⁵¹. Uma característica adotada pelos cronistas de carnaval era o uso de “cognomes”, que eram forjados no cotidiano das festas carnavalescas e utilizados tanto “nas redações dos jornais quanto os folguedos de Momo era o mesmo.”⁴⁵² Segundo Eduardo Granja Coutinho, a “identidade entre o cronista e o folião se revelava já em seu próprio nome, ou melhor, em seu cognome”⁴⁵³, pelo qual o cronista era conhecido.

A adesão de K. Fioto à festa tinha como ponto de crítica certos aspectos do carnaval que excluía os pobres, moradores dos morros e sambistas – o mulato. O que considerava como popular, segundo sua perspectiva, não estava representado nos modelos de brincar o carnaval interpretados pelo Rei Momo e todo o aparato irradiado por este personagem. Ao demonstrar aspectos do seu desagrado com as formas como a festa era conduzida, K. Fioto faz ainda a relação entre os grupos sociais representados pelo Rei Momo e aqueles que se aproximariam do Cidadão Momo.

É o pobre, que vem para a rua porque só na rua pode encontrar um pouco de liberdade e de prazer a preço razoável, não vae á Praça Mauá receber um sujeito gordo vestido de Rei e precedido de batedores da Inspetoria do Trafego, como se fosse um monarca de verdade, cercado de “bobos” e ordenanças bisonhos.

Momo, cidadão livre... (e independente de qualquer ônus) tem que ser mesmo assim: mulato, frajola, sambando e bebendo; pegando as “cabrochas” pela cintura e mergulhando os dedos no pixaim esticado á força de “cosméticos”.

O carioca que ama a folia sem protocolos e solenidades inoportunas, vae receber, hoje, com as honras do estilo, o seu chefe inconfundível.

Em compensação, até quarta-feira, ninguém tem cozinheira...⁴⁵⁴

⁴⁵⁰ Diário carioca, 28 de fevereiro de 1935 p.9

⁴⁵¹ Termo utilizado por Eduardo Granja Coutinho. COUTINHO, Eduardo Granja. Op. Cit., 2006 p. 128

⁴⁵² COUTINHO, Eduardo Granja. Op. Cit. 2006 p.128

⁴⁵³ Ibidem

⁴⁵⁴ Diário Carioca, 28/02/1935 p.8

K. Fioto assinala a exclusão econômica que cerceava a “liberdade” e o “prazer” do pobre. Ainda que seu discurso se referisse à festa carnavalesca em específico, constrói uma imagem que poderia refletir aspectos da exclusão no cotidiano desse povo pobre que circulava pelas ruas cariocas na década de 1930. E o faz a partir de uma analogia que naturaliza um personagem tratado como monarca, com direito a circular com batedores da Inspetoria de Tráfego, para separá-lo do contato direto com esse povo, predominantemente negro, que ganhava às ruas em época de carnaval.

K. Fioto delinea o perfil do que considerava o representante dos pobres, frequentadores do carnaval das ruas do Rio de Janeiro de 1935 – o mulato. Esse “Momo, cidadão livre” é negro, sambista e apresentado através de estereótipos que remetem à folia carnavalesca com seus excessos carnais. Contudo, ao mesmo tempo, faz parte de construções pejorativas sobre as mulheres e homens negros, no pós-abolição. A mulher com seus cabelos de “pixaim”, porém alisados, era a cozinheira que se lançaria aos prazeres do carnaval e não cumpriria com seus deveres de empregada doméstica. O homem, como o sambista que se lança ao alcoolismo.

Maria Clementina Pereira da Cunha afirma que, no período do carnaval, não havia um calendário específico para os trabalhadores, entretanto, era prática costumeira a suspensão, informal, dos dias de trabalho.⁴⁵⁵ Alguns autores como Da Matta e Maria Isaura P. de Queiroz entenderam a festa como uma espécie de situação de informalidade total, cujas práticas alcançavam a suspensão temporária das hierarquias sociais.⁴⁵⁶ Talvez, aspectos da ideia de suspensão das hierarquias e formalidades estivessem expressos na visão de K. Fioto, mas não podemos perder de vista que a relação entre a cor e os excessos carnavalescos fazia parte da visão que o cronista tinha sobre os pobres que participavam dos carnavais de rua da cidade do Rio de Janeiro. Se por um lado há um repertório discursivo que exalta a criação de um personagem carnavalesco que estivesse próximo aos pobres, por outro, reafirma estereótipos racistas sobre os descendentes de africanos na década de 1930.

⁴⁵⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras F(R)estas*. Ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 371–408.

⁴⁵⁶ DA MATTA Roberto, *Carnavais malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro, 3a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981. Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Carnaval brasileiro*. O vivido e o mito, São Paulo, Brasiliense, 1992.

A figura do “mulato frajola” como aproximação da massa de pobres nas ruas carnavalescas pode ser um reflexo dos debates suscitados pelos intelectuais da década de 1930. Diretamente ligada à construção da nacionalidade, a questão racial era perpassada pela ideia da mestiçagem, uma vez que, no “interior ou na cidade, a mistura foi o motor a partir do qual se inventaram ‘unidades para o Brasil’ e seus padrões de autenticidade”.⁴⁵⁷

A discussão sobre a situação do Brasil, por meio de seu passado colonial, baseou teorias que buscavam entender a nacionalidade oriunda da mistura das três raças.⁴⁵⁸ Influenciados pelas produções científicas da virada do século XIX para o XX, de maneira geral, nossos intelectuais construíram discursos que iam desde a condenação do futuro da nação, devido à presença de raças consideradas inferiores,⁴⁵⁹ como o índio e o negro, àqueles que viam na mestiçagem uma alternativa “otimista” a longo prazo.⁴⁶⁰ O segundo caso, ao mesmo tempo em que parecia colocar o mestiço em um lugar acima da condenação pura e simples dispensada ao negro e ao índio, recorria à ideia da sua assimilação ao longo do tempo diante do ideal de branqueamento. Tratava-se de um processo de “diluição racial”, tendo na mestiçagem uma etapa intermediária até chegar ao perfil ideal de povo brasileiro – o branco.⁴⁶¹ Ao se propor a “rediscussão” da mestiçagem no Brasil, Kabenguele Munanga chama atenção para o caráter particular das produções desenvolvidas sobre o assunto, uma vez que:

[...] no encaminhamento da discussão ideológico-política da mestiçagem para enfrentar o problema nacional, os pensadores brasileiros na maioria, apesar de terem sido alimentados pela “ciência” ocidental de sua época, elaboraram propostas originais, diferentes das elaboradas nos Estados Unidos, na América Espanhola, nas Antilhas Francesas e no Caribe.⁴⁶²

Importante considerar que o debate não foi homogêneo, pelo contrário, tinha um caráter amplo. Todavia, o que não podemos perder de vista são as adoções e a valorização de determinados discursos. Estamos falando sobre um debate que era

⁴⁵⁷ DANTAS, Carolina Vieira. *O Brasil café com leite*. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. Tempo p. 57

⁴⁵⁸ NINA RODRIGUES, Raymundo. *Os africanos no Brasil*. São Paulo; Brasília: Companhia Editora Nacional: Editora Universidade de Brasília, 1982; ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975. VIANA, Francisco de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. São Paulo: Edições da Revista do Brasil- Monteiro Lobato, 1920.

⁴⁵⁹ Ver: NINA RODRIGUES, Raymundo. Op. Cit. 1982

⁴⁶⁰ Ver: ROMERO, Silvio. Op. Cit. 1920

⁴⁶¹ MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

⁴⁶² Idem 50-51

perpassado pela questão da construção da nacionalidade. Em outras palavras, diante de uma elite que se considerava branca, qual o ideal ou modelo de compreensão do que se queria como povo brasileiro ganharia maior aderência nas mentes dos detentores do poder?

Ainda que esses modelos de compreensão sobre os debates da mestiçagem tenham ganhado força, não se pode desconsiderar aqueles pensadores que no início da Primeira República defenderam pautas de valorização da contribuição dos negros. Um exemplo foi o caso do professor Hemetério José dos Santos, homem negro que se lançou a debates públicos em jornais em defesa da contribuição dos negros à sociedade brasileira.⁴⁶³ O professor Hemetério não estava sozinho, havia discursos que se propuseram a considerar outras perspectivas e acabaram por diversificar o debate do tema.⁴⁶⁴

A partir de uma pesquisa que se utilizou dos debates entre os intelectuais das revistas *Garnier* e *Kosmos*, Carolina Dantas faz um passeio sobre o que se produziu a respeito do assunto nas primeiras décadas do século XX. A autora retoma a historicidade do debate, considerando o tipo de produção intelectual que investiu na identidade nacional mestiça, na Primeira República. Além disso, assinala a preocupação dos intelectuais, da virada do século XX, a respeito do papel dos “descendentes de africanos e da mestiçagem nos destinos da nação”.⁴⁶⁵ Segundo a autora, era inegável a fascinação das elites com a moda francesa na chamada Belle Époque brasileira; entretanto, não se pode considerar que as produções brasileiras anteriores a 1930 fossem meras imitações das estrangeiras, pois isso seria simplificar o pensamento intelectual brasileiro, sem falar em desconsiderar suas experiências nas relações internas.

O pensamento intelectual brasileiro, assinalado por Dantas, apresentava um perfil próprio e estava embebido pelas questões internas do nosso país, uma vez que tinha que considerar a “seleção, dentro de um universo bem variado, do que seria brasileiro, as disputas em torno da centralização e da descentralização do poder, as

⁴⁶³ SILVA, Luara dos Santos. “*Etymologias preto*”: Hemetério José dos Santos e as questões raciais do seu tempo (1888-1920). Dissertação de mestrado. CEFET/RJ, 2015.

⁴⁶⁴ DANTAS, Carolina Vianna. *Monteiro Lopes* (1867-1910), um —líder da raça negra na capital da república. *Afro-Ásia*, n. 41, p. 167–209, 2010.

⁴⁶⁵ DANTAS, Carolina Vieira. *O Brasil café com leite*. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. *Tempo*, n.26. p. 57

teorias raciais, o passado escravista e o futuro da nação republicana”⁴⁶⁶, para a compreensão de como esse povo “não branco” estaria inserido na formação da nacionalidade.

Embora a teoria das três raças tenha sido assumida como a originalidade positiva na formação do povo brasileiro, não foi interpretada de forma homogênea. Segundo Dantas, diante da variedade de manifestações culturais, eram grandes também as possibilidades “de escolha sobre o que valorizar e condenar.”⁴⁶⁷ Desta forma, ao assumir a figura da mestiçagem como modelo de nacionalidade, houve a escolha do que se queria valorizar diante da amplitude de possibilidades do que seria não ser branco. Assim, as tradições populares e as suas correspondentes mestiçagens em diferentes áreas do país dariam fruto ao

mameluco, o caboclo ou o sertanejo, um tipo nacional de ‘alma mestiça’, sem que sua cor fosse mencionada; seja no caso das expressões culturais urbanas e da afirmação de uma mestiçagem na qual a presença negra era mais forte, originando o mestiço ‘não branco’, o que buscavam era a unidade nacional.⁴⁶⁸

Gilberto Freyre, com o seu “Casa Grande & Senzala”, publicado em 1933⁴⁶⁹, foi um marco na mudança da perspectiva sobre a mestiçagem no Brasil. O debate que antes estava centrado na questão biológica para a compreensão dos impactos da mestiçagem na formação da nacionalidade, em Freyre, a abordagem centrou-se nos aspectos culturais. Embora a relação racial com caráter harmônico, no que ficou conhecido como “democracia racial”, tenha no autor o seu maior difusor, as origens do debate foram anteriores à sua obra. Não se pode negar que a repercussão da obra e as palestras de divulgação de suas teorias tenham impulsionado a adesão ao ideal da mestiçagem, como forma de se entender a composição do povo brasileiro, porém essa, como vimos, não foi uma preocupação surgida na década de 1930 e muito menos no seio do Estado Novo. Embora o programa de governo tenha institucionalizado, em certa medida, a busca pelo nacional e, por conseguinte, tenha adotado certo perfil do que seria o povo brasileiro, este já encontrou um panorama de discussão sobre a mestiçagem no Brasil.

⁴⁶⁶ Idem p59

⁴⁶⁷ Ibidem

⁴⁶⁸ DANTAS, Carolina Vieira. *O Brasil café com leite*. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. Tempo, n.26. p. 57

⁴⁶⁹ Publicado em dezembro de 1933, no Rio de Janeiro, pela editora Maia & Schimidt. Ver histórico das edições anteriores em: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 20ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora/INLMEC, 1980.

De acordo com Schwarcz, o discurso oficial, a partir de 1930, extrapolou o debate intelectual na medida em que assume o papel na construção da imagem do mestiço como nacional. Segundo a autora, houve um processo de “desafricanização” de “vários elementos culturais, simbolicamente clareados”⁴⁷⁰, como a feijoada, a capoeira, o samba⁴⁷¹ e, por conseguinte, aqueles que estariam diretamente ligados aos aspectos desse tipo de produção cultural.

O “mulato frajola”, personificado na figura de Cidadão Momo do carnaval carioca de 1935, era reflexo daquilo que se queria valorizar das massas que tomavam as ruas no período da festa. A retórica da contraposição do Rei Momo, com suas características que não atendiam aos modelos de nacionalidade brasileira, colocava em cena todo um discurso racial que valorizava a mestiçagem, mas ao mesmo tempo reafirmava modelos racistas. Isso se dava tanto pela recorrência de estereótipos – como a do mulato do morro a beber e a sambar com os braços em volta das mulatas, e estas como cozinheiras a negligenciar o serviço doméstico devido ao seu encantamento com o carnaval –, quanto por um processo que branqueava, “desafricanizava” e/ou uniformizava as práticas culturais de matriz africana, no que seria palatável à sociedade. Assumia-se a criação e a divulgação de modelos de fora para dentro do que seriam os brincantes nas ruas carnavalescas.

Em outro momento da divulgação dos eventos para tomada das ruas, houve a publicação de uma carta endereçada ao Rei Momo. Ela foi atribuída a Silvío Caldas, o Cidadão Momo daquele ano, apresentando aspectos sobre os símbolos que seriam eleitos na contraposição da imagem carnavalesca das ruas cariocas.

Rei Momo (Onde estiver) – Teus atos serão invalidades com a minha ascensão á curul [sic] ditatorial da Folia, por vontade soberana do Povo.

[...]

Chegou a hora das reivindicações da Cuíca, do Pandeiro, do Tamborim e do Ganzá. Teus olhos azuis, cabelos louros, tez nívea e rosada nunca foram símbolos da nossa nacionalidade. ‘Para felicidade geral da Nação e sossego do Povo’, retira-te porque a gente da minha terra quer que eu fique.

Cidadão Momo.⁴⁷²

⁴⁷⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012. P.58

⁴⁷¹ Sobre a desafricanização do Samba ver: LOPES, Nei. A Desafricanização do Samba. *Carta Capital* [Carta Educação]. 30 de agosto de 2013. Visto em 31/05/2018.

<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/medio/a-desaficanizacao-do-samba/> Consultado em 18/08/2018

⁴⁷² Diário Carioca, 28/02/1935 p.8

Não há indícios sobre a veracidade da escrita da carta por Silvio Caldas – o Cidadão Momo daquele ano. Todavia, o seu conteúdo está alinhado com o discurso de tomada das ruas. Remetendo-se à ideia de representatividade, agora os aspectos físicos destacados são do Rei Momo, identificados como distantes do ideal de nacionalidade, tendo em vista o povo brasileiro. Os instrumentos musicais utilizados para tocar samba, próprios de uma cultura produzida pelos negros na diáspora⁴⁷³, são colocados em contraposição aos aspectos físicos do Rei Momo, como próprios dos fenótipos europeus.

Em uma análise sobre os conteúdos e as formas como os jornalistas de carnaval apresentavam suas colunas, Eduardo Granja Coutinho assinala que “o termo crônica não se refere apenas ao gênero jornalístico”⁴⁷⁴, mas a um conjunto de textos que iam desde notas informativas e textos com opiniões até uma “categoria de textos que utilizavam uma linguagem carnavalesca – linguajar dos foliões –, com paródias, trocadilhos, jogos de palavras, gírias, chistes e expressões populares.”⁴⁷⁵ Portanto, é possível perceber na crônica em questão a intenção de informar sobre o concurso através de um tom de brincadeira. O que não podemos perder de vista é que, mesmo elaborada por um indivíduo, que não necessariamente fazia parte dos movimentos divulgados⁴⁷⁶, os conteúdos eram perpassados por interesses e expectativas daqueles que desenvolviam diretamente a festa carnavalesca. Diante dessa perspectiva, entendo as crônicas carnavalescas como produtos da relação entre o estilo e a retórica jornalística e as visões de mundo dos carnavalescos, uma vez que esses tinham acesso às sedes dos periódicos e aos cronistas que faziam a cobertura de carnaval. Por isso, considero que as publicações carnavalescas dos jornais coevos podem ser entendidas como um diálogo entre a perspectiva dos cronistas e os interesses dos carnavalescos, os quais, como vimos, muitas vezes tomavam para si o papel de redigir os textos de apresentação de suas

⁴⁷³ Para saber sobre a produção de uma cultural diaspórica que deu origem a ritmos e instrumentos, ver: SANTO, Spirito. *Do Samba ao Funk do Jorjão*. Rio de Janeiro, 2016.

⁴⁷⁴ COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo: imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p.44

⁴⁷⁵ Ibid. p.45

⁴⁷⁶ Os cronistas de carnaval faziam parte de uma categoria de jornalistas que frequentavam, participavam ativamente, não somente para a divulgação, mas na elaboração de determinadas manifestações carnavalescas da cidade, alguns eram ativos frequentadores ou fundadores de Ranchos, Cordões, Escolas de Samba etc. Ver: COUTINHO, Eduardo Granja. No Ritmo do Vagalume.... Op. Cit., 2015 e TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit., 2000

associações.⁴⁷⁷ Outra coisa importante assinalar é que essa não era uma relação hierarquizada ou de dependência, a partir da qual os cronistas se colocavam distante dos carnavalescos. Pelo contrário, para se ter acesso aos espaços das associações carnavalescas era necessário ter aproximação com as pessoas ligadas às agremiações. Tendo em vista a compreensão da relação entre cronistas e carnavalescos, seguimos com a análise da divulgação do Cidadão Momo:

A dinastia momística está por poucas horas... O mulato ‘bamba’, diplomado na universidade do samba, oficializada por todos os morros, chega hoje, às 21 horas, com a macacada toda para botar o homem da coroa de latão dourado p’ra fora. O cidadão desembarcará dum trem da E.F.C.B. sem aparatos luxuosos. Vem a “locossé”. Nada de indumentarias luxuosas, nada de mantos com estelinhas. Vem com sua camisinha de malandro, o chapéu de palha na dextra [sic], pronto para desacatar.⁴⁷⁸

Na construção da imagem do personagem para contrapor-se ao Rei Momo havia o destaque à cor, ao espaço geográfico, à questão econômica, ao estilo musical e à certa estética atribuída aos sambistas e às escolas de samba. O aspecto da cor era perpassado pelo ideal de mestiçagem ao adotar o termo “mulato”. O cronista, na sua escolha de palavras, identificava o Cidadão Momo por características que faziam parte do que se queria, naquele contexto, valorizar na população negra, que estaria ligada às escolas de samba. Além de “mulato”, era “bamba” sua relação com o samba e se dava através dos espaços dos morros. Sua vestimenta, possivelmente escolhida pelos idealizadores do evento, era composta por “sua camisinha de malandro” – aproximando os sambistas das escolas de samba a certa visão de malandragem. Construía-se a relação entre a cor – a do “mulato”, com suas vestimentas “de malandro” –, o samba e o espaço dos morros. No ano seguinte, em 1936, na segunda edição do concurso, o jornal *Diário da Noite* publicou a caricatura do personagem. A imagem é bem próxima ao discurso que delineava o perfil do Cidadão Momo e dos sambistas no ano anterior.

⁴⁷⁷ O termo carnavalesco faz referência a como Mano Eloy se entendia quanto indivíduo que participava das escolas de samba, blocos e ranchos. Ver: Capítulo 3 dessa tese.

⁴⁷⁸ *Diário Carioca*, 28/02/1935. p.08

Figura 33 – Cidadão Momo



Fonte: Diário da Noite, 20/02/1936, p. 1.

Alardeando a chegada triunfal do Cidadão Momo, o tom jocoso da matéria seguia a linha do primeiro evento. O acréscimo estava por parte da imagem do personagem e os símbolos que este apresentava. Sentado no trono, que possivelmente teria sido tomado do Rei Momo, com seus instrumentos de sambista apoiados como acessórios, o Cidadão Momo apresenta-se em pose descontraída e vestimentas descritas nas divulgações do evento do ano anterior com “sua camisinha de malandro e o chapéu de palha”.

A imagem pode ser entendida como uma caricatura. Um estilo artístico que exagera e/ou distorce atributos físicos com objetivo de humor. Apesar das características da composição da imagem e do tom humorístico da divulgação do evento, os atributos que foram exagerados e/ distorcidos na imagem que representa o que se idealizou como o personagem Cidadão Momo chamam a atenção. Ainda que o artista tenha se utilizado somente do preto, a forma como este foi disposto acentua o tom de pele, sem dúvida para assinalar que o personagem é negro; no seu rosto foi utilizado um recurso de cor e formas que acentuam traços como tamanho dos lábios e do nariz que lembram os “black faces” estadunidenses.⁴⁷⁹

A divulgação do evento festivo da chegada do Cidadão Momo à região central do Rio de Janeiro revela possíveis estereótipos construídos pelos cronistas sobre o samba e as escolas de samba. Contudo, há a identificação de determinados sujeitos, práticas e lugares de irradiação do ritmo, assim como dos usos que se esperavam fazer dos espaços públicos em direção à inserção dos sambistas, negros e moradores de morros em época de carnaval.

A tomada simbólica das ruas remetia a questões mais amplas como: quais elementos da realidade social desses grupos excluídos por sua cor, situação econômica e geografia são alçados como elementos de reivindicação e negociação de cidadania? A retórica construída com a criação do Cidadão Momo pode ajudar na compreensão

⁴⁷⁹ Black faces eram recursos utilizados por artistas brancos nos Estados Unidos que se pintavam de preto para interpretarem personagens negros, exagerando em algumas características físicas e comportamentais, com objetivo de divertir, contribuindo para construções degradantes do ser negro naquela sociedade. No Brasil esse modelo “humorístico” racista também foi adotado no teatro e na televisão. Sobre a representação negra em partituras musicais e o uso de Blackfaces Minstrel shows ver. ABREU, Martha. *Da senzala ao Palco: Canções escravas e racismo nas Américas, 1870-1930*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007

ampliada sobre as formas de utilização do lazer como caminhos para o agenciamento de contingências de determinados grupos sociais.

Mais à frente, em matéria de divulgação dos eventos de 1935, o *Diário Carioca* assinala outros elementos para a construção do perfil dos grupos que o Cidadão Momo representaria.

Povos e Povas [sic] – Gente dos morros, gente do samba, irmãos do Candomblé!
 Raiou enfim o sol da liberdade para todos nos que constituímos a vanguarda do carnaval carioca!
 [...]

 Proclamada a República da Pandegolandia, já não andaremos como disse o poeta, tristes como sapo na lagoa, cantando pelas matas escondido!
 Podemos agora erguer a voz e fazer ouvir um samba bem choroso e jocoso ao som do pandeiro, do cavaquinho, do vilão e da cuíca!⁴⁸⁰

Com o subtítulo “Saudação a Momo”, o pequeno texto atribuído, novamente, ao Cidadão Momo daquele ano assinala outras identidades que compunham o “Povos e Povas” presentes no carnaval carioca, ou o que se queria destacar. Mais uma vez, há a relação entre “gentes dos morros” e “gentes do samba”, incluindo agora, os “irmãos do Candomblé”, em uma aproximação assinalada por Carlos Cachça, como comum no morro da Mangueira em sua mocidade. Em entrevista, já citada anteriormente, Carlos Cachça⁴⁸¹ narra um episódio no qual identifica a prática de, ao final das “macumbas” na casa de Tia Fé, fazer-se o samba.

Chama atenção, em diferentes momentos, como o texto escrito pelos cronistas do *Diário Carioca* e o atribuído a Silvio Caldas, a constância das referências do morro e do samba ao povo que se queria autorrepresentar nas ruas carnavalescas da cidade. Marcava-se a dicotomia entre os grupos que estariam ligados por cada símbolo do carnaval: O Rei Momo, para as elites, e o Cidadão Momo, para as “gentes do morro”. No caso daqueles grupos representados pelo Cidadão Momo, o brado de “liberdade”, para o que ele chamou de “vanguarda do carnaval carioca”, era se fazer ouvir. Não caberia, na “República da Pandengolandia”, que o samba e, por conseguinte, os sambistas, moradores dos morros e candomblecistas, se mantivessem “cantando pelas matas escondido[s]!”. Poderíamos dizer que era um símbolo representante da presença

⁴⁸⁰ *Diário Carioca*, 28/02/1935. p.08

⁴⁸¹ CASTRO, Carlos Moreira de (Carlos Cachça). MIS. Depoimentos para posteridade. 26-02-1992.

desses grupos nas ruas em época de carnaval, uma ressonância, talvez, de suas expectativas transpostas nas palavras do cronista? Ou tais palavras teriam sido escritas pelo Cidadão Momo daquele ano?

Possivelmente, foram os cronistas que transpuseram aspectos de suas relações e vivências no cotidiano da cobertura das festas carnavalescas na construção do perfil para a divulgação do Cidadão Momo. No entanto, a adesão das escolas de samba e de outras agremiações carnavalescas, com predominância de pobres e negros, assinala que estes não estavam alheios às construções que viam de fora. Inclusive, sua participação era fundamental para a repercussão e o sucesso do personagem; a cada agremiação, grupos ou pessoas que manifestaram apoio ao Cidadão Momo, houve amplo destaque nos jornais, demonstrando como se davam as relações entre os periódicos e os brincantes/produtores diretos da festa carnavalesca.

Mais à frente, o Cidadão Momo continua:

Não, não podíamos por mais tempo suportar tanta humilhação e baixaza, porque estávamos sentindo os nossos corações magoados, e neste caso o único balsamo, o pronto [...] alívio [...], o remédio aconselhável para a gravidade do mal, era a revolução! E fizemol-a [sic]. Fizemol-a [sic] [...] em nome dos vanguardeiros do carnaval, fizemol-a [sic] [...] em nome da chamada canalha das ruas, afim de impedir que transferissem a nossa festa maior da praça pública para os teatros [...] e hotéis, onde somente se diverte a aristocracia carnavalesca, que usa a máscara de todo ano [...], que é – a máscara da hipocrisia [...]!

Cidadão Momo!⁴⁸²

Na saudação do Cidadão Momo encontramos elementos que indicam que o carnaval de rua, no Rio de Janeiro de 1935, era permeado de clivagens e disputas. A alegoria contida na matéria do jornal ajuda a entender o quanto as práticas das ditas “canalhas das ruas” eram excluídas do cenário festivo do carnaval. A presença das camadas populares nas ruas da cidade era uma constante, à revelia de toda a campanha de cerceamento, não deixavam de se fazer presente nos carnavais.⁴⁸³ No entanto, a conquista do espaço público para suas práticas carnavalescas estava perpassada por expectativas que colocavam sambistas, negros, pobres, moradores dos morros e do subúrbio no cenário das ruas cariocas de maneira legítima. O sentido expresso na

⁴⁸² Diário Carioca, 28/02/1935. p.08.

⁴⁸³ JOÃO DO RIO. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010; MORAIS, Maria Eneida de. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

criação de personagens e na tomada simbólica das ruas era o de não serem mais “intrusos permitidos”; a ideia era conseguir o apoio social, econômico e político para seus modelos de brincar o carnaval. Para isso se utilizavam de estratégias, como a promoção de eventos e concursos, a aproximação com os periódicos e grupos políticos para promoverem suas práticas e abrirem brechas para se colocarem no cenário sociocultural da cidade.⁴⁸⁴

Em um exercício que extrapola a narrativa jocosa que envolveu a divulgação do concurso para Cidadão Momo, caberia fazer um contraponto entre as expectativas salientadas nos jogos de palavras e no delineamento do perfil dos sambistas, com possíveis reivindicações que estivessem no cotidiano desses “Povos e Povas – Gente dos morros, gente do samba, irmãos do Candomblé!”

A questão que se coloca é: até que ponto as narrativas dos cronistas podem ser consideradas como reflexo das expectativas dos grupos ligados ao carnaval das escolas de samba? Assim como, até que ponto as retóricas dos cronistas de carnaval refletiam o que os idealizadores do concurso esperavam?

Como já mencionamos anteriormente, a relação entre cronistas de carnaval e grupos que administravam as agremiações estava permeada por interesses. Havia a motivação por parte dos jornais de ampliar suas vendas, assim como havia interesses por parte dos grupos ligados ao carnaval de divulgarem as suas associações. Essa aproximação foi amplamente utilizada pelas agremiações de trabalhadores pobres e negros durante a Primeira República – e, em anos posteriores –, como assimilação e ressignificação das práticas das agremiações de elite.⁴⁸⁵ É importante não perder de vista o protagonismo dos representantes das agremiações na sua autopromoção, a qual se apresentava repleta de expectativas próprias que refletiam os interesses desses grupos, para além do lazer da festa carnavalesca.

Em outra matéria do *Diário Carioca* de 1935, encontra-se parte do que o idealizador do concurso considerou como proposta para a criação do Cidadão Momo no cenário carnavalesco da cidade. João Canali⁴⁸⁶, presidente e fundador do Cordão dos

⁴⁸⁴ Práticas que foram desenvolvidas por outras modalidades carnavalescas desde a Primeira República.

⁴⁸⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecossistemas da... Op Cit.* 2001

⁴⁸⁶ JOTA EFEGÊ em seus “Figuras e coisas do Carnaval Carioca” faz um pequeno perfil de João Canali e assinala a sua relação com o Carnaval e as escolas de samba: “Escritor teatral, representante de uma

Laranjas, após a repercussão do Cidadão Momo, teria sido convidado a presidir a Federação dos Grandes Clubes, no entanto, declinou a indicação para o posto, acrescentando sua visão sobre as organizações do carnaval, no Rio de Janeiro. A entrevista com os títulos “O Carnaval da Cidade encarado como uma das fontes mais preciosas da nossa propaganda turística” e “O Folk-lore [sic] Nacional e o Remoçamento [sic] da nossa festa máxima através de uma rápida palestra com o Escriitor [sic] João Canali” mostram parte de sua percepção sobre o carnaval da década de 1930.

O *Diário Carioca* me faria um grande obsequio se transmitisse, aos amigos generosos que se lembraram do meu humilde nome para presidir os destinos da Federação, que, apesar de muito me sensibilizar essa homenagem, eu preferia desistissem dessa intenção. São várias as razões que me impõem essa condúcia [sic] e a principal delas é um programa de ação que tenho traçado em torno da consagração oficial em 1936, do cidadão Momo. Não compreendo o carnaval festa essencialmente popular, divorciada dos costumes e tradições populares de nossa terra. Porque haveríamos de repetir indefinidamente uma palhaçada que atenta contra os nossos foro de cultura e inteligência, exibindo para os turistas estrangeiros que nos visitam durante a temporada carnavalesca, a figura batida de um “Rei Momo” que todo o universo festeja, quando nós possuímos no nosso folk-lore [sic] motivos indígenas cheios de pitoresco e de originalidade.⁴⁸⁷

Em sua recusa ao cargo de presidente da Federação dos Grandes Clubes, critica o programa de ação da Diretoria de Turismo, sugerindo a valorização “das tradições populares de nossa terra” como o que temos de diferencial, o pitoresco de nosso “folk-lore” como atração turística. Ao mesmo tempo em que critica a atenção dispensada aos Grandes Clubes de Carnaval, relaciona a valorização do pitoresco advindo das tradições populares aos ganhos econômicos, uma vez que as percebe como atrativos turísticos para a cidade.

importante cervejaria (a Hanseática) e sobretudo carnavalesco, muito ligado ao famosos Cordão da Bola Preta, dele se afastou e fundou um outro não menos célebre: o dos Laranjas. Depois, aproximando-se de Paulo da Portela e do Galdino, começou a frequentar as escolas que esses dois líderes dirigiam em Madureira e Bento Ribeiro, respectivamente, acabando por se tronar um apaixonado do samba. Ficou sendo um ‘sambestro’, como bem definiu Nelson de Andrade, o paedro ou militante de uma escola que noção sendo compositor, nem tendo habilidades coreográficas, é, porém, entusiasta, grande defensor do samba”. Ver: EFEGÊ, Jota. Figuras e Coisas do Carnaval Carioca. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2007. p.42 .

⁴⁸⁷ Diário Carioca, 09/05/1935. p.07

Mais à frente, na mesma entrevista, João Canali acrescenta que não tem interesse em advogar em favor dos cinco grandes clubes. Sugere que assumiria se o prefeito Pedro Ernesto tivesse a intenção de implementar, no âmbito da Diretoria Geral de Turismo, um programa que valorizasse o “folk-lore”, a cultura nacional, através da criação de uma “Confederação dos Clubs”, que unisse “Ranchos, Blocos, Escolas de Samba e pequenas sociedades de festejos internos”.⁴⁸⁸ Sua relação com as escolas de samba fica expressa em seguida:

Ora, eu desejo trabalhar não só pelas grandes como pelas pequenas sociedades. Tenho já confessei ao Diário Carioca, um verdadeiro fanatismo pela gente do morro e as suas escolas de samba, como poderia presidir uma organização que nunca cogitou senão do carnaval da terça-feira gorda, isto é, os desfiles dos clubs grandes.⁴⁸⁹

A entrevista de Canali foi muito festejada pela redação do jornal, que teceu comentários como: “o grande idealista não deseja se envolver nessa teia de intrigas e vaidades que divide a família carnavalesca”⁴⁹⁰ e “amigo dos pequeninos, repugnaria aos seus sentimentos democráticos renunciar ao convite que lhe fizeram para dirigir a União das Escolas de Samba e aceitar a presidência da Federação dos Grandes Clubs”.⁴⁹¹ Isso indicava que o espaço carnavalesco da cidade do Rio de Janeiro apresentava-se em diferentes projetos, em disputa. Era uma “família carnavalesca”, na qual circulavam pessoas de diversos meios, embora, permeada por “vaidades e intrigas”, que assinalam as possíveis disputas entre os membros da “família”.

Um exemplo da circulação de pessoas entre as diferentes formas de brincar o carnaval é a figura do próprio Canali. Envolvido com os Cordões, ele teria conhecido as escolas de samba através de amigos. E, em um período de instabilidade após os resultados do carnaval de 1935, foi convidado a presidir a União das Escolas de Samba. Possivelmente, devido à sua influência, embora não tenha participado, ou mesmo tido ação direta em nenhuma escola de samba. Ou seja, uma pessoa que poderia, devido à

⁴⁸⁸ Para saber mais sobre a trajetória política de Pedro Ernesto ver: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. Base de Dados integrada ao acervo do CPDOC/FGV. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-ernesto-batista> .Consultado em 18/10/018

⁴⁸⁹ Diário Carioca, 09/05/1935. p. 07

⁴⁹⁰ Idem

⁴⁹¹ Ibidem. Em um momento conturbado na União das Escolas de Samba, João Calani fora convidado para assumir a presidência da associação. Ver: CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba....* Op Cit. 1996

sua influência, acrescentar publicidade aos projetos das agremiações e, mesmo sendo de fora, apaziguar disputas, “intrigas e vaidades”.

Importante destacar que mais uma vez encontramos a relação entre escolas de samba e “gente do morro”. O “fanatismo pela gente do morro”, como forma de explicar a perspectiva de Canali na defesa das escolas de samba, assinala sua percepção e possivelmente dos demais indivíduos envolvidos no contexto – as escolas de samba eram sinônimos de “gentes do morro”. Ora ressaltando aspectos de certa excepcionalidade, que à revelia das condições estruturais os moradores dos morros conseguiram produzir, ora como defensores e “amigos dos pequeninos”. Ou seja, alguns agentes externos se viam como espécies de “mediadores” dos sambistas, desconsiderando que, na relação, os sambistas possuíam projetos próprios e, em certa medida, os colocavam em prática independentemente da percepção ou da construção retórica que os indivíduos “externos” faziam da sua participação. Mais à frente, discutiremos como as escolas de samba assimilaram tais discursos e construções.

A relação entre a produção do samba e as escolas de samba não era festejada por todos os periódicos, ou cronistas. Havia aqueles que não tinham aproximação com o carnaval, mas que em certa medida expunham sua visão a respeito dos grupos ligados ao samba. Em ocasião que levou ao fechamento da escola de samba Deixa Malhar, localizada no Largo da Segunda-Feira, outro cronista escreveu uma nota cumprimentando a ação da polícia neste feito e, mais uma vez, remetendo ao morro a produção do samba e das escolas de samba.

Durante muitos anos, era ponto obrigatório dos programas de recepção a viajantes ilustres o leva-los a lugares escusos, onde viam pretos desocupados a desnalgarem-se em coréias pretensamente artísticas. Essa mania (que devia ter levado os autores à cadeia ou ao hospício) valeu-nos vários artigos de contra-propaganda do Brasil, nos quais nos apontavam como ao país mais africanizado da América. Os exemplos não bastariam a curar-nos dessa tolice ridícula: fundamos escolas de samba, onde gastamos dinheiro que poderia ser empregado em tratamento de nossos escolares enfermos ou na fundação de verdadeiros centros de cultura. Que representa o Samba na escala dos valores musicais do mundo? Que é ele, como índice das tendências psicológicas ou artísticas do povo brasileiro? Alguém o cultiva fora de certos morros cariocas onde se fixou como erva daninha e tenacíssima? O Samba, o Chapéu de palha e cafezinho de tostão eram os companheiros habituais da malandragem erradia da nossa metrópole. O Brasil de hoje não

admite desocupados, nem fábrica de toadas afro-analfabe [sic].⁴⁹²

Em um salto temporal de quase uma década depois dos concursos para Cidadão, no ano de 1943, a nota de Berilo Neves assinala que a recepção do samba, das escolas de samba e dos sujeitos ligados a tais manifestações culturais não era unânime. Pode-se entender que eram momentos diferentes da consolidação do carnaval de rua, na cidade do Rio de Janeiro, mas de certa forma seu discurso nos remete a questões que vão além da aceitação ou não do samba, ou das escolas de samba no cenário de disputas da festa. Sua escrita é permeada por questões que demonstram não somente a sua opinião a respeito do tema, mas uma perspectiva que poderia ser partilhada por muitos, pois como articulista do jornal *A Manhã*, suas ideias possuíam repercussão pública.

Desconsiderando o samba enquanto ritmo digno de fazer parte dos cânones dos “valores musicais do mundo”, o autor assinala ainda o morro como o lugar de origem do ritmo, bem como das escolas de samba. Se na divulgação do Cidadão Momo tínhamos uma narrativa que exaltava os moradores dos morros como promotores da “vanguarda do carnaval carioca” representada pelo samba, em Berilo Neves o morro aparece como espaço geográfico de “pretos desocupados” que tocavam samba. Segundo o autor, o fato de o país ser considerado “o mais africanizado da América” tinha a ver com o costume de se fazer do morro e das produções culturais advindas dessas regiões de espaços turísticos. Para ele, tratava-se de uma inversão sobre o que se produzia como positivo na sociedade brasileira, levando a atribuição negativa ligada à “africanidade” para o país. O mulato malandro, saudado na divulgação do Cidadão Momo, em Berilo Neves, é símbolo que comprova a importância do cerceamento das escolas de samba e/ou qualquer produção feita pelos negros que viviam nesses morros.

Entre a narrativa de promoção do concurso para Cidadão Momo e a de Berilo Neves, a identificação dos morros como lugares de surgimentos do samba e das escolas de samba no Rio de Janeiro é onde as retóricas se encontram. No entanto, em Berilo Neves a identificação racial é insistentemente marcada de forma negativa – os

⁴⁹² *A Manhã*, 27/05/1943. Essa fonte foi parcialmente analisada no episódio do fechamento da Escola de Samba Deixa Malhar no Capítulo 3 dessa tese. Sormani da Silva também a utiliza em: SILVA, Sormani. *Escola de Samba Deixa Malhar*. Bataques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947. Niterói. 2018. Para saber mais sobre Belino Neves, ver: LEMOS, Aline de Castro. *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. (Dissertação), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2014

moradores desses espaços geográficos eram pessoas negras, que produziam samba. Autores que se dedicaram a remontar os processos de ocupação dos morros na região central aos subúrbios do Rio de Janeiro afirmam o caráter racial assinalado por Berilo Neves ao remeter a ocupação de determinadas regiões aos egressos do pós-abolição.⁴⁹³ Diante desse panorama, temos a ocupação do Morro de São Carlos, Estácio, Mangueira, Salgueiro e Serrinha e tantos outros como exemplos de ocupações que tiveram estes perfis, assim como regiões fundadoras de escolas de samba, respectivamente, Deixa Falar, Estação Primeira, Salgueiro e Prazer da Serrinha e Império Serrano.⁴⁹⁴

4.3 Cidadão Momo x Cidadão Samba: adesões e disputas das escolas de samba

A Revolta do Morro que Ameaçou a Cidade

A “Deposição” do Rei Momo e a Ascensão do poder do Mulato Pachola. Cidadão Republicano, Nascido de Madrugada, ao som da cuica [sic], do Tamborim e do Samba do Chapeo [sic] de Palha.⁴⁹⁵

A divulgação sobre a tomada simbólica das ruas feita pelos sambistas continuou com seu tom jocoso. Foi simbólica também a adesão de diferentes segmentos carnavalescos da cidade. Em notícia sobre os preparativos para o evento de recepção ao primeiro Cidadão Momo, o *Diário de Carioca* assinalou aspectos da movimentação. A nota com o título “Em Reunião os ‘conspiradores’ de Momo Republicano”⁴⁹⁶ afirmava a existência de uma “Frente única da Folia”⁴⁹⁷, sediada no Cordão dos Laranjas, na qual os grupos que desejavam fazer parte do evento de recepção ao Cidadão Momo se apresentavam. Dentre eles, destaca-se a presença de Maytaca, do Centro de Cronistas Carnavalescos⁴⁹⁸, do Clube Recreativo Vasco da Gama junto com a Banda Lusitana os Clubes Recreativos do Flamengo e o América Futebol Clube. E, prometendo ampla adesão das associações que representavam Rocha Soutello e Flávio Costa⁴⁹⁹,

⁴⁹³ BRASIL, Gerson. *Histórias das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 2000. ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013;

⁴⁹⁴ COSTA, Haroldo. *Salgueiro 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003; VALENÇA, Rachel e VALENÇA, Suetônio. *Serra, Serrinha, Serrano: O Império do Samba*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017; FABATO, Fábio et tal. *As Matriarcas da Avenida: Quatro grandes escolas que revolucionaram o maior show da Terra*. Rio de Janeiro: Nova Terra Editora e Distribuidora Ltda. 2016

⁴⁹⁵ *Diário Carioca*, 27 de fevereiro e 1935 p. 4

⁴⁹⁶ *Idem* p.8

⁴⁹⁷ *Ididem*

⁴⁹⁸ Fundado em fevereiro de 1925 o Centro de Cronistas Carnavalescos era uma entidade voltada para a organização e promoção de festas ligadas ao carnaval. Para saber mais sobre a instituição ver: COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo: imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. Mais precisamente o Capítulo 5. p.170-178

⁴⁹⁹ Primeiro presidente da UES. CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba... Op Cit.* 1996

presidentes, respectivamente, da Federação das Pequenas Sociedades e da União das Escolas de Samba. A chegada de Flávio Costa, presidente da UES, foi identificada com o destaque à sua declaração enigmática ao se deparar com os preparativos para a festa:

Chega o presidente da União das Escolas de Samba, esse mulato diplomata que trae [sic], no andar manimolente [sic], a decência[sic] do morro. Alguem [sic] lhe observa e ele atalha:
– Eu sou do samba da lata de kerozene [sic], quando a ród [sic]a está formada, em derredor do chafariz, a espera da vez...⁵⁰⁰

Em poucas palavras o presidente da União das Escolas de Samba constrói uma imagem do seu cotidiano. A roda de samba improvisada à espera da sua vez refletia uma imagem romântica sobre o ritmo e as vivências dos sambistas, mas também como ele poderia ser um recurso de “espera da vez”. A vez do sambista, dos negros, dos pobres, moradores dos morros e dos subúrbios. Segundo Cabral, Flávio Costa era “um negro de cabelo esticado e bem-falante, liderou a luta pela oficialização do desfile das escolas de samba, sem dar trégua ao diretor de Turismo da Prefeitura.”⁵⁰¹

Na bibliografia que se dedicou ao estudo do carnaval da década de 1930, os concursos para cidadão aparecem de maneira rápida, remetendo a liderança da criação do Cidadão Momo ao João Canali, pessoa ligada aos Cordões, sua homenagem ao samba e às escolas de samba parte de uma perspectiva que o coloca como um abnegado ao “dar voz” aos pequenos sambistas, negros, moradores dos morros e dos subúrbios.⁵⁰² O empenho de Canali na divulgação e na arregimentação de diferentes grupos ligados ao carnaval foi, sem dúvida, importante para o sucesso do Cidadão Momo. No entanto, a secundarização do papel do sambista e, por conseguinte, das escolas de samba em suas reivindicações foi um recurso retórico assumido na divulgação do concurso, que afirmava estereótipos. Desconsiderava, inclusive, o papel da União das Escolas de Samba, já há alguns meses como associação representante das escolas de samba, que havia, inclusive, conseguido a oficialização dos seus desfiles. É através dos jornais coevos que podemos perceber que a relação entre as escolas de samba e a criação do Cidadão Momo pode ter sido mais ativa do que se pressupôs.

A gente do morro estava descontente com um ponto do programa oficial dos festejos carnavalescos. Só se lembravam das escolas de samba para formar em plano secundário, no séquito desse Momo barrigudo, importado das regiões

⁵⁰⁰ Diário Carioca, 28/02/1935 p. 8

⁵⁰¹ CABRAL, Sérgio. Escolas de Samba.... Op Cit. 1996 p.97

⁵⁰² CABRAL, Sérgio. Escolas de Samba.... Op Cit. 1996 ; SOHIET, Rachel de. Op Cit.1998

mitológicas para governar um povo livre, nos domínios da Fuzarca...E deu-se a “melodia”...

Uma comissão de moradores do morro, desceu até o Cordão dos Laranjas e proclamou o escritor teatral João Calani, chefe do “movimento reivindicador”...

O presidente do simpático agrupamento de foliões deitou falação, pela imprensa; o morro gostou e...aderiu em peso.⁵⁰³

Com o título “A Revolta do morro que ameaçou a cidade”, a “gente do morro”, ainda que secundarizada, tinha um papel diferente no “movimento reivindicador”. O morro e as escolas de samba são palavras sinônimas, contudo, aparecem como conscientes analistas críticos de sua participação no carnaval oficial das ruas cariocas. O desejo de se colocarem de forma diferenciada nas ruas da cidade estava expresso na busca por parcerias no agenciamento de suas questões, o que teria levado ao movimento de aproximação com João Canali. O que em diferentes momentos de divulgação foi colocado como uma cruzada de salvamento feito pelo presidente do Cordão dos Laranjas aparece agora como uma relação muito mais complexa, que teria a adesão dos sambistas condicionada à aceitação do seu discurso e, por conseguinte, dos discursos desenvolvidos nos jornais. Diante disso, entendo que as associações feitas entre o morro e a cor dos sambistas, não sendo negada pelos próprios, eram uma percepção de si que estava alinhada com os discursos da imprensa carnavalesca.

Na “Constituição do Estado de Alegria Permanente”, instituída pelo Cidadão Momo de 1935, em seu tom de brincadeira, assinala partes da relação entre o Cordão dos Laranjas e a União das Escolas de Samba com o personagem.

Art.5 – Serão considerados foliões sem jaça todos aqueles ou aquelas, homens ou mulheres, maiores e menores, nacionais, que saibam tocar e cantar samba. Ou que não saibam, mas tenham dele conhecimento.

Art. 6º - Fica entregue, a partir desta data a direção interna do Carnaval carioca, ao “Cordão dos Laranjas”, o “supremo”, ficando o das ruas sob a minha direção pessoal e das Escolas de Samba, Cordões, Blocos, Ranchos e do Povo, o sublime povo... o povo por excelência... (grifos meus)

Art. 7º - Para a maior segurança e estabilidade das instituições, fica declarado o Estado de Alegria Permanente.

[...]

Ano de 1935 – 1º da verdadeira Ditadura Carnavalesca. Em 28 de fevereiro. – (a.) Cidadão Momo, presidente-ditador.⁵⁰⁴

⁵⁰³ Diário Carioca, 27/02/1935 p. 04

⁵⁰⁴ Diário da Noite, 23/02/1935 p. 01

Com oito artigos, a Constituição, atribuída ao Cidadão Momo, assinala a percepção daqueles que estavam próximos à organização sobre o simbolismo do concurso. O Cordão dos Laranjas aparece como o ponto máximo da relação, identificado como “supremo”, mas há uma divisão entre os espaços: o carnaval interno ficou a cargo do Cordão dos Laranjas e o das ruas, com as Escolas de Samba e os demais segmentos carnavalescos. Essa foi, inclusive, a fórmula adotada para a festa de recepção ao Cidadão Momo ocorrida no dia 28 de fevereiro.

A chegada do Cidadão Momo de 1935 foi muito festejada nos periódicos como uma empreitada de sucesso. Segundo o *Diário de Notícias*, o Cidadão Momo teria sido “aclamado, vivado e carregado nos braços do povo” e o seu “triunfo foi [...] altamente expressivo”⁵⁰⁵. A manchete do *Diário Carioca* do dia 1º de março dizia: “Cidadão Momo, Chegou, viu e venceu!”⁵⁰⁶

Figura 34 – Chegada do Cidadão Momo



O Cidadão desce do morro e recebe, triunfalmente, as chaves da cidade invicta. Ao lado, o Cidadão nos braços do povo

Fonte: *Diário Carioca*, 01/03/1935

⁵⁰⁵ *Diário de Notícias*, 01/03/1935 p.04

⁵⁰⁶ *Diário Carioca*, 01/03/1935. p.01

Sua chegada por volta das 21h30min na “gare” da Central do Brasil foi recebida por vários segmentos carnavalescos – segundo o *Diário Carioca*, o cortejo foi formado por cerca de 50 mil pessoas.⁵⁰⁷ Da Central do Brasil foi conduzido a um “auto-caminhão” que o levou à Praça Onze, lá o presidente da União das Escolas de Samba, Flávio Costa, entregou ao folião as chaves simbólicas da cidade. O protagonismo da UES, como representante das escolas de samba na tomada das ruas, ficou expressa na imagem em que aparece o presidente da instituição sambista entregando as chaves da cidade ao Cidadão Momo. Isso corrobora a tese de que as escolas de samba possuíam projetos próprios de autorrepresentação e assumiram o que lhes foi conveniente em todo o processo de criação, divulgação e festividades que giraram em torno do personagem que representaria seu modelo de carnaval. Somente depois de todos esses momentos de festividades nas ruas carnavalescas da cidade foi que o Cidadão Momo seguiu seu cortejo musical em direção à avenida Rio Branco e depois para a sede do Cordão dos Laranjas, na qual haveria uma festa em sua homenagem.

4.3.1 Os primeiros embates

Ainda no ano de 1935, surgiram debates sobre quem poderia ser o Cidadão Momo do ano seguinte. As primeiras notícias sobre a escolha do representante que desempenharia o papel do Momo sambista foram feitas pelo jornal *A Manhã*:

E’ o cordão dos Laranjas ao qual os diretores do U. E. S. se dirigiram, expondo a necessidade de conferir o mister de Cidadão Momo, a um representante genuíno do Samba do Morro, concordou com a sugestão.⁵⁰⁸

Os diretores da União das Escolas de Samba tomaram para si a iniciativa da escolha do representante, agora “genuinamente” advindo do morro. Uma crítica, talvez, à escolha de Silvio Caldas e/ou um movimento para aumentar a participação dos sambistas ligados às escolas de samba.

⁵⁰⁷Diário Carioca.01/03/1935. Central do Brasil é a antiga estação de trem D. Pedro II. O primeiro prédio foi construído em 1858 para inaugurar a linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, a "Estação do Campo". Com o tempo teve seu nome alterado para estação da Corte e, mais tarde, Dom Pedro II. A estação hoje se chama Central do Brasil devido à antiga ferrovia extinta em 1971 por decisão da RFFSA. A Estrada de Ferro Central do Brasil foi uma das principais ferrovias do Brasil, ligando as então províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e a então capital do país. Anteriormente à Proclamação da República, em 1889, a ferrovia denominava-se Estrada de Ferro D. Pedro II.

⁵⁰⁸ A Manhã, 15/10/1935. p.6

A União das Escolas de Samba estava passando por um período conturbado devido aos resultados dos desfiles das escolas de samba de 1935. Flávio Costa, o primeiro presidente da UES, foi deposto⁵⁰⁹ e João Canali foi convidado para assumir a presidência da associação, acumulando ainda o cargo na direção do Cordão dos Laranjas.

Depois da nota que expunha a reivindicação dos diretores da UES sobre a indicação do próximo Cidadão Momo, começaram a ventilar pelos jornais a indicação de um “genuíno representante dos morros”. Em um evento que tinha como objetivo o lançamento da pedra fundamental do terreiro da escola de samba Paz e Amor, em Bento Ribeiro, a comissão da UES, com a presença de João Canali, alguns personagens ligados às escolas de samba e cronistas carnavalescos aclamaram o Cidadão Momo de 1936.⁵¹⁰ Sobre o evento foi divulgado:

Falaram numerosos oradores, em presença de jornalistas e pessoas consagradas, sendo ao terminar aclamado para incarnar o Cidadão Momo por proposta do laranja veterano folião Paulo Gonçalves o festejado compositor e sambista Paulo da Portella que mantém o bastão do “leader” nas ródas mais selectas da gente do samba.⁵¹¹

No entanto, a indicação teria gerado a contrariedade em alguns. A forma como teria sido feita a escolha do Cidadão Momo de 1936 seria o motivo para o descontentamento. Não havia eleição para Cidadão Momo, na primeira e na segunda edição a pessoa que encarnaria o personagem foi escolhida. Contudo, nesta última, foi, possivelmente, resultado de um acordo entre os presentes na reunião entre a UES e os diretores do Cordão dos Laranjas. Sobre os descontentamentos:

Pois bem. A escolha de Paulo da Portella para o difícil mister, uma escolha justíssima, aliás, feita pelo Cordão dos Laranjas, único responsável e único realizador da grandiosa revolução carnavalesca, despertou, na Estação Primeira, da Mangueira, uma onda de descontentamento. Isso porque, mal explicada, a princípio, a questão suscitou comentários diversos.⁵¹²

⁵⁰⁹ CABRAL, Sergio. *Escolas de Samba....* Op Cit 1996 e FERNANDES, Nelson da Nobrega. *Escolas de Samba...* Op Cit, 2010

⁵¹⁰ Diário Carioca, 16 /10/ 1935 p. 8

⁵¹¹ Idem

⁵¹² A Manhã, 02/11/1935. p.06

A matéria do jornal *A Manhã* assinala o protesto dos membros da escola de samba Estação Primeira, devido a certo mal-entendido por parte dos mangueirenses. Infelizmente, não desenvolvem sobre o que exatamente motivou o protesto da Estação Primeira. O assunto podia ter sido encerrado, mas seguiram criticando a condução da questão por parte da UES, representado pela figura de Getúlio Marinho.⁵¹³ Segundo o “*A Manhã*”, este teria ameaçado com punição e eliminação dos quadros da UES a escola de samba Estação Primeira, no caso do seu não comparecimento à recepção ao Cidadão Momo – essa, possivelmente, pode ter sido a forma como os mangueirenses ensaiaram protestar.⁵¹⁴ No final, a crítica acabou por se dirigir a Getúlio Marinho e a alguns jornalistas⁵¹⁵ que estariam acirrando o mal-estar entre as agremiações, “despertando animosidades, secundando mal os esforços por outros empreendidos, ao invés [sic] de reconhecerem a necessidade de completo congraçamento de todos os benefícios do Samba”⁵¹⁶.

Como se destrói uma grande obra

Os esforços do escritor João De Canali, presidente da U. E. S., mas secundados por alguns de seus companheiros de jornada Desprestigiam, ainda, o nome da U. E. S. que desejamos ver sempre num plano elevado. Lançam, sobre o Cordão dos Laranjas, uma atmosfera de desconfiança. E, sobretudo, ao nome bem quisto e respeitado e Paulo da Portella, já aclamado o Cidadão Momo, lançam uma onda injusta de animosidades e prevenções. E tudo isso é feito sob a falsa capa de servir ao Samba.⁵¹⁷

A crítica à escolha do Cidadão Momo de 1936 assinala questões da relação entre os sambistas filiados à UES e a sua administração. Destacam possíveis clivagens dentro da União das Escolas de Samba e como as críticas eram repelidas pela associação. O jornal criticou o dirigente Getúlio Marinho, mas não mencionou se houve posicionamento contrário à sua ação dentro da UES. Será que os dirigentes teriam autonomia de impor o desligamento de suas filiadas por iniciativa própria? Havia algum tipo de consulta às demais filiadas a respeito de condutas de indivíduos e escolas de sambas que não condiziam com as políticas da UES?

⁵¹³ SOARES, Fernanda Epaminondas. “Fui o criador de macumbas em discos”: Macumba, Samba e Carnaval pela trajetória de Getúlio Marinho da Silva (Rio de Janeiro, 1895-1964). Dissertação (Mestrado). UFF, 2016.

⁵¹⁴ *Ibidem* p.06

⁵¹⁵ Esses jornalistas não foram nomeados. Ver: *A manhã*, 02 de novembro de 1935. p.06

⁵¹⁶ *A Manhã*, 02/11/1935. p.06

⁵¹⁷ *Idem*

Não encontramos em outros periódicos ou em outras edições do mesmo jornal um debate mais aprofundado sobre como ficou resolvido o caso entre o protesto da Mangueira e a ação de Getúlio Marinho. Desta feita, ficam duas questões: ou a UES não aceitava críticas à sua administração e aprovou a atitude de Getúlio Marinho em relação à escola de samba Estação Primeira, ou abafaram o caso como forma de promover a ideia de harmonia na jovem instituição, que já passava por um período de descrença devido aos embates que se seguiram ao carnaval de 1935.⁵¹⁸

Entre apoios e descontentamentos, Paulo da Portella assumiu o compromisso de ser o representante “genuíno” do samba, das escolas de samba e “das gentes” dos morros e dos subúrbios do Rio de Janeiro, incorporando a figura do Cidadão Momo de 1936. A *Gazeta de Notícias*, de janeiro desse ano, retoma o assunto sobre os possíveis descontentamentos com a indicação do Cidadão Momo.

A escolha de Paulo da Portella, ao que parece, não foi bem acolhida nos arraiais do samba, tanto assim que as respectivas “escolas” entraram logo a digladiar-se vivamente.

Desse dissídio, aliás inglório, surge-nos apoiado pelas “escolas” dissidentes o Cidadão Samba, cuja a criação se nos afigura inexpressiva e sem finalidade prática só servindo apenas para gerais confusões nesse já confuso ambiente carnavalesco.⁵¹⁹

Da primeira notícia em novembro de 1935 até a notícia de janeiro de 1936 as contrariedades das escolas de samba, em relação ao Cidadão Momo, ganharam proporção. Agora não se falava de uma escola de samba ou de um personagem específico, mas de “escolas” de samba no plural. Do movimento “dissidente” surge a criação de mais um personagem do carnaval carioca, o “Cidadão Samba”.

O posicionamento do cronista, contrário ao movimento impetrado pelas escolas de samba, fica explícito ao considerar a iniciativa de criação de outro personagem, como a obra de um “dissídio, aliás inglório”. O autor aponta ainda para um “confuso ambiente carnavalesco”, o que poderia se referir ao carnaval das ruas do Rio de Janeiro, no geral, ou ao ambiente carnavalesco liderado pelas escolas de samba. Estas são em si

⁵¹⁸ Segundo Sergio Cabral, insatisfeitas com o resultado dos desfiles oficiais as escolas de samba protestaram no dia da entrega dos troféus e ainda lideraram o movimento que teria levado a deposição do seu primeiro presidente, Flávio Costa. Ver: CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba*. Rio de Janeiro; Lumiar Editora. 1996, p. 106. Sobre os indicativos que teria havido fraudes nos resultados dos desfiles de 1935, Ver: Diário Carioca 10 /03/ 1935 p.12

⁵¹⁹ Gazeta de Notícias, 24 /01/1936

duas conclusões que apontam para um olhar repleto de juízos de valores direcionado às práticas culturais de uma massa de pobres e negros no carnaval da cidade.

A questão apontada pelo jornal está centrada na indicação de Paulo da Portela, no entanto, o mote pode ser mais complexo.⁵²⁰ Na divulgação do Cidadão Momo, o papel das escolas de samba era secundarizado; fazia-se um evento em nome das escolas de samba, no entanto, o representante não era ligado às agremiações e muito menos aos morros.

Outra questão, que pode ter gerado descontentamentos, era a forma como se dava a “eleição”, o Cordão do Laranjas aparentemente centralizava a indicação e a escolha de quem seria o Cidadão Momo. A escolha de Paulo da Portella foi feita através de uma ação da UES, com o objetivo de ter um “genuíno representante dos morros” como Cidadão Momo. Se, por um lado, a iniciativa da UES denota a intenção de assumir um papel mais ativo na escolha do representante do carnaval das escolas de samba, por outro, pode ser o ponto de acirramento de disputas, afinal Paulo da Portella era, e continua sendo, uma personalidade marcante da escola de samba de Oswaldo Cruz. Sua indicação sem um processo democrático poderia repercutir como certo favoritismo, que prejudicaria a relação com as outras escolas de samba dentro da UES e criaria desconfianças sobre os resultados dos campeonatos do carnaval das escolas de samba.

Embora a UES tenha se antecipado assinalando a importância da escolha de um indivíduo de dentro das escolas de samba para encarnar o Cidadão Samba daquele ano, a forma como se fazia a escolha acarretaria o desfavorecimento das demais escolas de samba. Ter um representante da sua escola de samba como Cidadão Momo poderia ser entendido como uma forma de ampliar a divulgação de sua agremiação. Afinal, as escolas de samba, por mais que se entendam dentro de um ambiente de camaradagem, ainda assim competiam entre si pelos títulos no carnaval.

As aspas utilizadas pelo jornal ao mencionar o nome “escola” e o fato de considerar o concurso para Cidadão Samba como feito por dissidentes, em uma criação “inexpressiva e sem finalidade”, indicam as disputas ocorridas entre as diferentes

⁵²⁰ No ano seguinte, 1937, o cidadão Samba foi Paulo da Portela. Possivelmente em uma ação para desfazer o mal-estar gerado pela criação de outro concurso depois de Paulo ter sido vencedor do concurso para Cidadão Momo.

organizações carnavalescas da época e a adesão dos cronistas a um ou a outro modelo de Cidadão.

Contudo, a “dissidência” das escolas de samba de um evento de grande repercussão no cenário do carnaval de rua da cidade aponta para as motivações das agremiações em se organizarem e serem porta-vozes de suas contingências. A criação do concurso para Cidadão Samba em seu binômio caracterizava a construção de um caminho apartado de valores externos aos interesses das escolas de samba. Agora, aquele que tomaria simbolicamente as ruas da cidade em época de carnaval não seria o Momo em forma de Rei ou em forma de cidadão, mas aquele advindo do samba. Era o levantar da bandeira da forma de brincar o carnaval nas ruas cariocas, irradiado pelo samba e produzido por pessoas negras nos morros.

A manutenção do termo “Cidadão” ressalta o alinhamento às reivindicações da população negra no panorama republicano. A busca por cidadania em uma festa tradicionalmente regida por uma monarquia salienta a reivindicação, mesmo que simbólica, do lugar social para o samba e para aqueles ligados às escolas de samba, sugerindo percepção política, crítica social e uma boa dose de irreverência, característica dos carnavalescos. Para Sormani da Silva, o concurso Cidadão Samba foi uma estratégia que colocava as escolas de samba na centralidade do carnaval carioca.

O acontecimento ecoou como novidade no meio dos sambistas, e enfatizou mais uma vez a centralidade do carnaval das Escolas de Samba. O concurso de Cidadão Samba foi criado para apresentar o carnaval das Escolas de samba. Entre 1930 e 1950 esta prática prestigiou os principais sambistas da cidade, com isso inventando uma tradição que problematizava uma visão folclórica do samba e dos sambistas.⁵²¹

Soihet afirma que a criação do concurso “Cidadão Samba” foi um movimento que estaria em acordo com os princípios republicanos, uma vez que se propunha a contrapor-se aos símbolos da monarquia representados pela figura de um Rei Momo⁵²², com a proposta de colocar no lugar do rei o cidadão e o samba em equivalência com o deus Momo. O concurso delinea o protagonismo das escolas de samba ao se utilizarem

⁵²¹ SILVA, Sormani. *Escola de Samba Deixa Malhar: Batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947*. Niterói. 2018. p.54

⁵²² SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca na Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: FGV. 1998. p. 194

do carnaval como meio de construção de imagens positivadas e pautas de reivindicações políticas para si e para seus grupos.

Entre críticas e discussões, os dois eventos tiveram lugar na cidade. O Cidadão Momo Paulo da Portella foi “empossado” por Silvio Caldas em um evento que teve o apoio do Cordão dos Laranjas e ampla divulgação do *Diário da Noite*. O Concurso para Cidadão Samba teve apoio da União das Escolas de Samba⁵²³ e do jornal *A Rua*.

Na edição de 5 de fevereiro do jornal *A Rua*, foi publicada uma vasta relação de regras para a eleição do Cidadão Samba. Agora, haveria um concurso, com regras publicadas em nome da União das Escolas de Samba. De maneira detalhada, colocavam-se os requisitos para a candidatura, as formas de eleição e o que se esperava das agremiações. Tratava-se de um indício da organização e da seriedade que as escolas de samba e a UES creditavam ao concurso.

DAS ELEIÇÕES

- 1º) – Cada escola apresentará um candidato
- 2º) – No caso de não haver dentro da escola um candidato que satisfaça as exigências desse regulamento, ficarão os seus representantes, junto a União, com o direito de votar em candidatos de sua simpatia.
- 3º) – No caso de, na reunião do Conselho Deliberativo, faltar um dos dois representantes, ficará o que comparecer com o direito de votar por seu colega.
- 4º) – A contagem de votos será feita na presença de todos os representantes e pela forma nominal.
- 5º) – Caberá a contagem de votos, à comissão, organizada para as bases desse regulamento.
- 6º) – para ter direito de voto, é preciso que a escola representada esteja quites com a União, ficando a comissão com o direito de exigir o recibo do corrente mês.⁵²⁴

Nos itens relacionados ao título “Das Eleições” apresenta-se a oportunidade de cada agremiação indicar um candidato, desde que estivesse com sua cota de associado da UES em dia. Não era uma candidatura que englobava todos os frequentadores de espaços das escolas de samba, mas aqueles que, além de associados pagantes, fossem representativos em suas agremiações. Cabendo a cada escola de samba o direito de enviar dois representantes à reunião do Conselho Deliberativo, mesmo com a ausência de um deles, estaria garantido à agremiação o seu direito ao voto. O objetivo de lisura

⁵²³ Agora sobre a presidência de Servan Heitor de Carvalho

⁵²⁴ Apud. Silva, Marília Trindade Barboza da e MACIEL, Lygia dos Santos. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979. p.90

no pleito ficou explícito pelo artigo 4º, que propunha a contagem nominal na presença de todos os representantes das escolas de samba.

Mais à frente, o regulamento estava voltado para o indivíduo que se candidataria para representar a sua escola de samba e, no caso de vitória, personificar o Cidadão Samba. Com o título “Da Representação”, o item composto por seis artigos acentuava a proposta de se relacionar o Cidadão Samba ao ritmo e a aproximação entre as escolas de samba e o morro.

DA REPRESENTAÇÃO

- 1º) – Para ser Cidadão-Samba é necessário que o candidato seja quites com a sua escola.
- 2º) – É necessário que o Cidadão-Samba seja do convívio do morro.
- 3º) – É preciso que o Cidadão-Samba prove com documentos hábeis a sua conduta.
- 4º) - O Cidadão-Samba deve saber tocar pandeiro, puxar cuíca, bater tamborim e surdo e dançar em uma roda de samba, desempenhando o seu papel.
- 5º) - É necessário que o Cidadão-Samba apresente composições suas no número exigido pela comissão.
- 6º) – O número de composições exigidas pela comissão é de três (3) composições.⁵²⁵

Elementos utilizados pelos cronistas na divulgação do Cidadão Momo são elencados nas regras para os candidatos do concurso organizado pela União das Escolas de Samba. O morro mais uma vez é diretamente relacionado ao samba e aos instrumentos para a sua execução. Havia a necessidade de comprovação não somente do convívio do candidato com o morro, como a de saber tocar os instrumentos, compor e dançar o samba. Nota-se, portanto, uma percepção crítica adotada pela associação ao tomar para si o uso das identidades atribuídas ao grupo, transformando-as em características próprias compartilhadas pelos sambistas ligados às escolas de samba. Particularizava quem poderia participar do concurso e assinalava, mais uma vez, que a relação com os agentes externos não era feita de maneira passiva. As escolas de samba, em sua associação, colocavam em curso os projetos dos seus representados, a criação do concurso e a adoção de elementos que, construídos na relação com agentes externos, são adotados e/ou silenciados na construção de sua autorrepresentação.

A publicação das regras pode ser entendida como uma estratégia política importante de positivação da UES e das suas agremiações, ao demonstrar a sua lisura e

⁵²⁵Apud. SILVA, Marília Trindade Barbosa da; MACIEL, Lygia dos Santos. *Paulo da Portela....* Op. Cit.,S/D p.90

o seu caráter organizacional. Aliar a imagem de sambistas, pobres, negros, moradores dos morros e do subúrbio à conduta, regra apresentada pelo artigo 3º, foi uma estratégia para a construção da imagem de idoneidade para a associação, as escolas de samba e seus membros.

Ao analisar a relação entre a malandragem e as gerações de sambistas baianos e os jovens compositores do Estácio, Maria Clementina Pereira da Cunha traça um perfil da relação que cada geração produziu acerca do estereótipo de malandragem. Identifica na primeira geração de sambistas um repertório “que remetia a valores respeitáveis”⁵²⁶, ainda que tenham adotado um estilo de vida que tenha lhes atribuído “a própria fama de valentes, mulhereiros, capoeiras, boêmios incorrigíveis das noites cariocas.”⁵²⁷ Entendo a publicação da lista detalhada de regras para a organização do concurso como permeada pelas experiências dos sambistas da primeira geração, aqueles mais velhos que compunham os quadros das escolas de samba, como Mano Eloy. As vivências do ser negro nos carnavais da Primeira República podem ter sido transpostas para a União das Escolas de Samba no agenciamento das construções de identidades e autorrepresentação no cenário das ruas cariocas.

No item que se refere aos “Trajes do cidadão-samba”, há o detalhamento de cada parte do vestuário, com o pormenor do uso das cores da União das Escolas de Samba em um lenço de seda, possivelmente a ser usado no pescoço⁵²⁸, como a moda adotada por homens negros, atribuído aos costumes dos malandros e muito associado aos sambistas. A associação à malandragem adotada pela União das Escolas de Samba se diferenciava daquela do Cidadão Momo na medida em que ela é assumida de dentro, ou seja, um atributo que poderia ser abandonado, foi, não só adotado, como valorizado. Havia uma valorização de atributos do que seria próprio do povo, na construção da cultura popular nacional. Este foi mais um símbolo da identidade sambista a ser ostentado pelo personagem que representaria as escolas de samba.

TRAJES DO CIDADÃO-SAMBA

Calça – de flanela creme, sendo as chamadas boca-de-sino.

Camisa – de seda branca.

⁵²⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. “Não me ponha no xadrez com esse malandrão”. Conflitos e identidades entre sambistas no Rio de Janeiro do início do século XX. *Afro-Ásia*, 38 (2008), 179-210. 209

⁵²⁷ Ibidem. p.209

⁵²⁸ O uso do lenço no pescoço foi imortalizado com a música “Lenço no Pescoço” por Wilson Batista, gravado por Silvío Caldas em 1933. O que teria dado origem a réplica de Noel Rosa com “Rapaz Folgado”, contestando o status de malandragem atribuído aos sambistas.

Lenço – com as cores da União, sendo que o lenço de seda será preso na parte da frente por um anel.

Chapéu – de palha comum, de abas curtas.⁵²⁹

Após as regras terem sido formuladas e devidamente publicadas, o pleito foi organizado na sede da União das Escolas de Samba. Com representantes de 32 escolas, foi escolhido, através de eleição, aquele que seria o símbolo das Escolas de Samba nas ruas do carnaval do Rio de Janeiro. *A Nação* deu a seguinte nota:

Foi escolhido o “Cidadão Samba”

Eloy Dias da Escola “Deixa Malhar” Classificou-se em primeiro lugar

Realizou-se na sede da União das Escolas de Samba o pleito para saber quem seria o escolhido para interpretar a personalidade do “Cidadão Samba”

Presentes os representantes das escolas filiadas, deu-se início á votação, saindo vencedor Eloy Anthero Dias, da Escola “Deixa Malhar”, com dezoito votos. Em segundo colocou-se “Cartola, da Estação Primeira”

A recepção ao “Cidadão Samba” é um lindo movimento carnavalesco de combinação do vespertino “A Rua” e a União das Escolas de Samba.⁵³⁰

Com “18 votos para Eloy e 14 do segundo lugar”⁵³¹, que ficou com Cartola, o indicado pela Estação Primeira, a União das Escolas de Samba, junto com o jornal *A Rua* protagonizaram a criação de um símbolo do carnaval que, guardadas as proporções, perdura até os dias de hoje. O concurso fez parte do projeto das escolas de samba em sua representação associativa de se valer do contexto, para a divulgação da imagem positivada para os grupos a ela ligados.

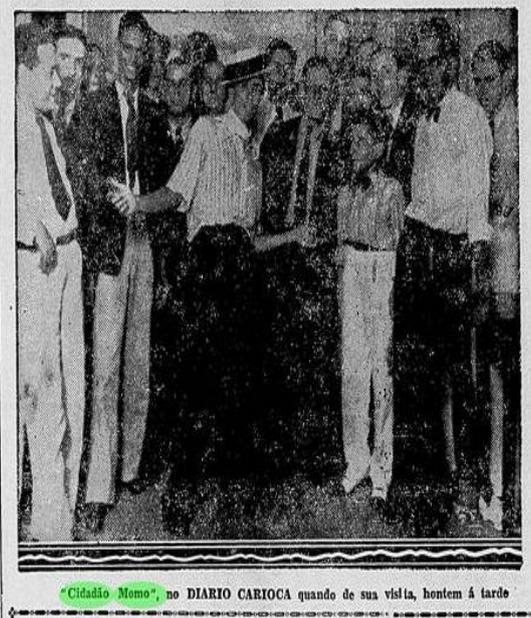
Dessa forma, Mano Eloy como o primeiro Cidadão Samba do carnaval de rua da Cidade do Rio de Janeiro, cumprindo sua agenda de divulgação, passou a visitar os jornais. Assinalava, com isso, a importância dada à relação entre os periódicos que faziam a cobertura carnavalesca da cidade. A título de comparação, destaco a imagem de Silvio Caldas e Mano Eloy nos momentos em que estiveram cumprindo suas agendas na divulgação dos personagens que encarnariam:

⁵²⁹ Apud. Silva, Marília Trindade Barboza da e MACIEL, Lygia dos Santos. Paulo da Portela.... Op. Cit. S/D. p.90

⁵³⁰ *A Nação*, 14/02/1936 p.11

⁵³¹ *Diário da Noite*, 17/02/1936 p. 05

Figura 35 – Cidadão Momo em festa
 O “mulato bamba” que vai depôr o Rei Momo, desembarcará hoje, às 21 horas, na gare da Central do Brasil



“Cidadão Momo”, no DIÁRIO CARIOCA quando de sua visita, hontem á tarde

Fonte: Diário Carioca, 28/02/1935, p.8



Fonte: Diário da Noite, 17/02/ 1936.⁵³²

⁵³² Imagem utilizada também por Sormani da Silva em sua dissertação editada em livro. Ver: SILVA, Sormani. *Escola de Samba Deixa Malhar: Batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947*. Niterói. 2018. p.55

Na segunda imagem, que tinha como legenda: “O Cidadão Samba na redação do *Diário da noite*, a postura não é mais aquela adotada na divulgação do Cidadão Momo, recheada de estereótipos e em um tom de brincadeira como nota-se na primeira imagem. Eloy Anthero Dias é apresentado junto com outros representantes que compunham o seu corpo de “generais”: “Rubens Gomes, do Prazer da Serrinha; Carlos Bastos, presidente da Escola de Samba Deixa Malhar; Boaventura Ricardo Pereira, secretário do Unidos de Cavalcanti e o nosso colega Enfiado”⁵³³. O grupo foi descrito pelo jornal como os “veteranos carnavalescos”, “a turma valente e entusiasta do Samba”, ressaltando-se suas relações com o carnaval e o samba, não mais em destaque uma contraposição divertida ao Rei Momo, como símbolo da elite. Mano Eloy é identificado ainda como a “figura de real destaque dos meios sambistas da Cidade”, assim, mais uma vez a descrição ressalta a pessoa, Eloy Anthero Dias, e sua relação com o samba.

O tom da matéria estava muito próximo da maneira pela qual os personagens se apresentavam. Nas imagens produzidas nas visitas feitas por Silvío Caldas aos jornais, notam-se o uso das roupas despojadas de seu personagem e a pose descontraída de quem faz meneios do samba. Na imagem de divulgação feita por Mano Eloy e seus companheiros, as poses e as vestimentas são mais formais. Não era o personagem que se apresentava ao jornal, era o indivíduo Eloy Anthero Dias e a sua identidade como sambista que estavam em cena. Mano Eloy aparece no centro do grupo com sua calça risca de giz e paletó abotoado, junto com seus companheiros sambistas que pareciam querer passar uma imagem em específico – a respeitabilidade –, eram homens que se apresentaram para a visita, muito bem vestidos com seus chapéus, paletós e gravatas. Talvez, uma contradição à proposta da criação do personagem símbolo da festa que tomaria o poder do Rei Momo e as ruas da cidade, em nome das escolas de samba e das “gentes dos morros”. Contudo, poderia ser a percepção de que a festa vai além do lazer.

Com direito a desfile público acompanhado de perto pelos jornais da época, o concurso e seu eleito ganhavam ainda mais notoriedade. O discurso feito pelo cronista sobre a tomada simbólica das ruas pelo Cidadão Samba, mais uma vez, estava centrado na biografia do Mano Eloy e suas contribuições ao samba e ao jongo. Vejamos como foi relatado o desfile público de Mano Eloy como Cidadão Samba de 1936:

⁵³³ Diário da Noite 17/02/1936. p. 5

Na ocasião, Elói Antero Dias foi apresentado por A Rua como conhecedor do samba, do jongo e autor de inúmeros sambas, dentre os quais Miserê, Não vou lá candomblé, Moro na roça, B com A. Ainda segundo o mesmo jornal, teria então 43 anos⁵³⁴, trinta deles dedicados à causa do samba. Como parte das festividades havidas quando da eleição de Elói, o jornal A Rua relata, em sua edição do dia 19 de fevereiro de 1936, que Mano Elói partiu em carro aberto, sambando num tablado armado sobre o veículo e tocando pandeiro, desde a Rua Aguiar, sede da escola Deixa Malhar, até a Praça Onze de Junho, onde foi recepcionado, tendo feito o trajeto pelas ruas Hadock Lobo, Machado Coelho e Mangue, sempre ovacionado pelo povo.⁵³⁵

O trajeto feito por Mano Eloy não passava pela linha férrea, lugar marcado do subúrbio e destacado pelo concurso para Cidadão Momo. Sua saída foi feita a partir da escola de samba da qual era filiado em direção à Praça Onze, ressaltando a relação das agremiações e seus espaços, suas sedes e o lugar que se consagrou como o dos desfiles oficiais das escolas de samba.

Em destaque na pequena biografia de Mano Eloy estão as suas composições – curioso é que Mano Eloy afirmava que a única coisa que ele não fazia no mundo do samba era compor. No entanto, como vimos, para se candidatar para Cidadão Samba era necessário ter pelo menos três composições. Possivelmente, quando Mano Eloy afirmava que não compunha estaria se referindo a certo modelo de composição, pois suas produções foram identificadas como jongo, partido-alto, macumba⁵³⁶ ou sambamaxixe, ritmos e temáticas que, possivelmente, não teriam o mesmo impacto no contexto de consolidação das escolas de samba na década de 1930.⁵³⁷ Outra questão que transgride as normas para se candidatar ao concurso era o fato de Mano Eloy não morar em morro, mas em Dona Clara, localidade plana da região de Madureira, no subúrbio do Rio de Janeiro. Talvez, estas questões sejam indícios de que as regras fossem mais elásticas do que aparentavam e o “ser do convívio dos morros” poderia se referir a um

⁵³⁴ Como já mencionamos, Mano Eloy teria 47 anos nessa data.

⁵³⁵ Apud SILVA, Sormani. *Escola de Samba Deixa Malhar...* Op. Cit., 2014. p.57. Ver também em: VALENÇA, Rachel e VALENÇA, Suetônio. *Serra, Serrinha, Serrano: O Império do Samba*. Rio de Janeiro: Record. 2017. p. 84

⁵³⁶ ANDRADE Mario de. *Música de Feitiçaria no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983

⁵³⁷ Para saber sobre o processo histórico do samba quanto ritmo e as suas diversidades ver: SANTO, Spirito. *Do Samba ao Funk do Jorjão*. Rio de Janeiro, 2016.

cotidiano de vivências que remetiam às experiências da circulação dos sambistas pelos redutos dos morros cariocas.

Não posso afirmar que a eleição de Mano Eloy como Cidadão Samba foi uma estratégia política diante de sua influência em diferentes espaços culturais negros da cidade. Entendo, no entanto, que o concurso fez parte de um importante momento de delineamento estratégico da inserção das escolas de samba no carnaval. Patente ficou a eleição de Mano Eloy no aparente cenário de disputas do carnaval carioca, o que pode ser o indicativo de sua influência no processo de consolidação das escolas de samba no Rio de Janeiro. Os concursos para cidadão assinalam os projetos de ocupação das ruas em época de carnaval, por pobres, negros, moradores dos morros e do subúrbio. Através da UES, o protagonismo das escolas de samba ganhou proporção na oficialização e obtenção de subsídios para seus desfiles e na criação de personagens e discursos para a valorização dos seus grupos. Um ano depois do pleito que elegeu Mano Eloy o primeiro Cidadão Samba do Rio de Janeiro, a chegada desse personagem fazia parte do “Programa Oficial Organizado pela Diretoria de Turismo e Propaganda”.

Programa Oficial Organizado pela Diretoria de Turismo e Propaganda

As 9 horas da noite – Chegada espetacular do Cidadão Samba, acompanhado de sambistas das Escolas de samba do Distrito Federal e cujo cortejo, formado na Avenida Rodrigues Alves, atravessará a praça Mauá, percorrendo a Avenida Rio Branco em volta, Avenida Marechal Floriano, rua Senador Euzébio e praça Onze de junho, onde se dissolverá. Em um coreto armado na praça Marechal Floriano o Cidadão Samba Coroará a Rainha do Samba.⁵³⁸

O cortejo do ano de 1937 faria o trajeto inverso daquele do Cidadão Momo de 1935, da Rodrigues Alves na região do Castelo passaria pela Praça Mauá em direção à Praça Onze. No coreto armado na Marechal Floriano, outra personagem criada pelas escolas de samba filiadas à UES entra em cena, a Rainha do Samba. Uma personagem feminina a ser coroada pelo Cidadão Samba, em uma indicação do papel das mulheres no mundo das escolas de samba. Chama atenção, ainda, a composição dos binômios aos personagens criados pela UES, o samba está em destaque para dizer a quem tais personagens estariam relacionados, contudo, para o personagem masculino, o binômio formado estava ligado à ideia de cidadania e, para a personagem feminina, a de realeza.

⁵³⁸ Correio da Manhã, 27/01/1937.

Aquela mesma realza apontada no início da criação dos personagens cidadãos como símbolo trazido de fora, que não representaria os carnavais das ruas do Rio de Janeiro, acentuando-se as características físicas diversas do povo brasileiro. O que representaria em um ambiente de cidadãos a presença de uma Rainha?

As agências das escolas de samba, ao se colocarem no cenário carnavalesco da cidade, levaram à outras repercussões. A partir de uma retórica própria dos cronistas, a crítica teve lugar em forma de piadas, diretamente destinadas ao diretor de propaganda, Sr. Lourival.

O SR. LOURIVAL É DO SAMBA

O diretor de Propaganda comparece mais uma vez, com cliché, às colunas dos jornais.

Agora, com a folha de serviços enriquecida, nada mais, nada menos do que com a oficialização do samba, a criação do dia do samba, a coroação da rainha do samba e proclamação do cidadão samba.

A' falta de mais que fazer o diretor de Propaganda da Prefeitura adere rasgadamente á música do morro...

Não haverá nada mais pitoresco do que o sr. Lourival sambando....

E si se levantasse a sua candidatura ao título brilhante de “Cidadão Samba”?

Alguém deixaria de votar nele? ...

Nós, não.⁵³⁹

Se, por um lado, há o destaque às conquistas das escolas de samba, por outro, desqualifica o papel da instituição ao considerar que a oficialização do programa que contemplou o samba e as escolas de samba tinha a ver com o interesse do diretor de propaganda da Diretoria de Turismo pelo ritmo ou pela “falta de mais o que fazer”. Era mais uma nota que desqualificava a ação dos sambistas, moradores dos morros representados pela UES. Em tom de brincadeira e ironia desconsideram os ganhos feitos em nome do samba e das escolas de samba por meio da instituição, em seus dois anos de existência.

Antenor dos Santos⁵⁴⁰, o presidente em exercício da União Geral das Escolas de samba⁵⁴¹ no ano de 1939, em entrevista ao *Diário Carioca*, assinala como os sambistas

⁵³⁹ O Imparcial, 3/12/1936. p.2

⁵⁴⁰ Em 1939 Antenor dos Santos foi eleito presidente da União Geral das Escolas de Samba, tendo Mano Eloy como seu vice.

se relacionavam com o concurso. Além de anunciar o “brilhantismo” com o qual as escolas de samba iriam fazer propaganda da “nossa pátria querida”⁵⁴², indica a percepção do “público” sobre as iniciativas feitas pela instituição e as escolas de samba.

– Caro amigo, as nossas iniciativas “Cidadão Samba” e outras, como é do domínio público, não só os meus companheiros diretores, como as escolas filiadas tudo estão fazendo para que essas mesmas organizações, venham assinalar mais um triunfo inigualável, em todas as camadas sociais.⁵⁴³

A entrevista de Antenor deixa marcada a consciência da agora União Geral das Escolas de Samba (UGES) sobre as iniciativas, como a do concurso para Cidadão Samba. A escolha das palavras do presidente da associação assinala a importância que as agremiações e a UGES davam à publicidade de suas ações, considerando que estavam em um caminho para “assinalar mais um triunfo inigualável, em todas as camadas sociais”. Fazer-se presente publicamente diante de todas as camadas sociais indica que esse triunfo era compreendido para além das festas carnavalescas. Representava um caminho aberto pelas escolas de samba para a criação de imagens sobre si e dos indivíduos que as compunham. Considerava-se que a promoção de concursos e eventos eram formas de fazer-se presente, ocupar o cenário público e articular-se com diferentes sujeitos sociais, para além das redes forjadas dentro dos redutos das escolas de samba. São movimentos que fazem parte do repertório de agências negras em busca de cidadania. É a politização através do lazer, transformando a forma de brincar o carnaval irradiada pelas escolas de samba em caminhos de reivindicação política.

Considerar as escolas de samba, nas décadas de 1930 e 1940 como instituições organizadas como movimento negro é uma perspectiva que ajuda a pensar o caráter de agenciamento e protagonismo negro na promoção de lazeres e formas de desenvolvimento para seus grupos. Como vimos nas descrições dos periódicos que fizeram a cobertura dos eventos irradiados pelo “cidadão momo” e “cidadão samba”, esses eram grupos formados por pessoas negras que assumiam determinadas características que lhes foram atribuídas, transformando essencializações em

⁵⁴¹ No início de 1939 a União das Escolas de Samba mudou o nome para União Geral das Escolas de Samba. Ver: CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora. 1996. p. 123

⁵⁴² Diário Carioca, 17/01/1939. p.10

⁵⁴³ *Ibidem*

movimentos de positivação de suas imagens. Outro fator que evidencia o caráter de organização das escolas de samba quanto movimento negro são as formas que estas se colocavam quanto instituições na promoção de formas de desenvolvimento para as regiões de suas sedes. Projetos como a promoção de desenvolvimento através do esporte, educação, saúde estavam na agenda das escolas de samba em busca por cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos vivenciado na historiografia brasileira a crítica e a ampliação das abordagens que envolvem as trajetórias e os processos de inserção da população de negros libertos e seus descendentes na sociedade do pós-abolição. O campo foi se delineando a partir de novas questões propostas às fontes. Novas ou já conhecidas, as fontes passaram a serem analisadas a partir das histórias e experiências dos indivíduos e dos grupos, abrindo caminho para análises mais aprofundadas, com vistas à compreensão da complexidade das relações raciais na sociedade brasileira no pós-abolição.

É diante dessa perspectiva que alguns episódios da trajetória pública de Eloy Anthero Dias que pôde ser alçada na compreensão de aspectos das experiências negras no pós-abolição. As possibilidades de vivências nos anos do imediato pós-abolição, como jovem rapaz a desbravar as ruas da Capital, são o laboratório pelo qual Mano Eloy se “diplomou”. Tornou-se um dos tantos negros que ressignificou as práticas herdadas do cativo e ajudou a compor o arcabouço cultural urbano negro no Rio de Janeiro.

Na busca pelos espaços de sociabilidades de Mano Eloy, pude perceber a amplitude da geografia cultural da cidade do Rio de Janeiro. Tendo como perspectiva o carnaval, entendi que as manifestações da cultura negra urbana na cidade iam além das regiões centrais da Capital. Havia diferentes espaços irradiadores de práticas culturais produzidas por grupos de negros, além da Pequena África. Os subúrbios foram impactados, assim como a Capital, por impulsos migratórios de diferentes regiões, sobretudo do Vale do Paraíba. Pessoas negras em busca de melhores condições de trabalho, determinaram um perfil urbano cultural com forte influência de práticas herdadas da “memória do cativo”⁵⁴⁴. O jongo, o samba, as escolas de samba, foram ressignificações feitas a partir de práticas advindas dessas memórias, na tentativa dos grupos de garantirem lugares para suas práticas culturais e de se autorrepresentarem no espaço em que ocupavam.

Através da fundação de associações carnavalescas, desde a Primeira República, pobres e negros construíram espaços de sociabilidade. Tomavam a si a construção de espaços de lazer para seus grupos, garantindo o domínio de como funcionaria e do que

⁵⁴⁴ RIOS, Ana Lugão, Mattos, Hebe. *Memórias do Cativo*.... Op. Cit., 2005

seria oferecido nesses espaços. Era o caminho de tomar a si o protagonismo dos seus lazeres e das sociabilidades que estes podiam forjar. O conceito de associativismo negro amplia a análise sobre os complexos movimentos assumidos pelas pessoas negras para se tornarem visíveis. Ao criarem sociedades, mesmo que de lazer, existia a adoção de projetos compartilhados pelos associados, que estavam relacionados às experiências negras em busca de cidadania. O associativismo foi um caminho adotado por pessoas pobres e negras que podia assumir papel de politização de suas demandas, através do lazer, sobretudo, no carnaval.

Eram organizações que se utilizavam do lazer como estratégias de reivindicação, posituação e representação de si, de suas práticas em uma sociedade permeada pelo racismo. A exclusão poderia ser transposta, mesmo que momentaneamente, através da exposição positiva dos grupos que compunham as associações de lazer. O carnaval era o momento de mostrar a imagem de si, aquela idealizada pelo grupo. Era a culminância das estratégias de algumas sociedades em direção ao reconhecimento positivo, com a promoção de batalhas de confete, bailes ou desfiles.

Fazer parte de sociedades dançantes ou carnavalescas gerava pertencimentos e identidades que eram capitaneadas na aquisição de posituação das imagens dos grupos a elas ligadas. Essas práticas, utilizadas nas décadas iniciais da Primeira República, foram adotadas pelas escolas de samba, fundadas no final da década de 1920.

A articulação promovida pelas escolas de samba permite afirmar que as experiências associativas negras no carnaval do Rio de Janeiro, nas décadas de 1930 e 1940 fizeram parte do movimento negro, uma vez que lançaram mão de todo um repertório de luta anti-racista em atenção as suas demandas. Diante da exclusão social pautada pelo racismo as escolas de samba foram agentes importantes no agenciamento e construção de lugares de fala, empoderamento e institucionalização de reivindicações para os negros através do carnaval.

Na década de 1930 e 1940, temos as escolas de samba e as associações que as representavam⁵⁴⁵, protagonizando ações políticas diretas na promoção de concursos organizados pelas agremiações como: o Cidadão Samba, e no desenvolvimento de projetos de inserção de esportes em suas quadras, promoção de desfiles para arrecadar

⁵⁴⁵ As UES, UGES e FES.

fundos para projetos de assistência social junto ao Estado, assim como em estatutos que se voltavam para o desenvolvimento social das comunidades ligadas a elas. Tais agências precisam ser entendidas como promoção de projetos negros, ou seja, movimento negro. Ainda que não levantassem bandeiras raciais explícitas, as escolas de samba foram identificadas como predominantemente formadas por pessoas negras.⁵⁴⁶

Mano Eloy esteve presente nos processos de construção das estratégias de utilização de lazer em direção à reivindicação de cidadania, ou seja, nas palavras de Confete, para “tirar o negro do local da informalidade”.⁵⁴⁷ Segundo Rachel Valença, no caso da fundação do Império Serrano, em 1947, a figura de Mano Eloy, com sua experiência, foi importante para lançar as bases, não só materiais, mas filosóficas e administrativas da escola de samba. Sua experiência no mundo do samba e na organização sindical, para Valença, foi fundamental para a construção de uma mentalidade democrática e de desenvolvimento para o Império Serrano. A contribuição de Mano Eloy teria sido além da questão material, que por sinal foi um diferencial, uma vez que a Sociedade de Resistência destinava apoio financeiro à escola de samba, mas o que Valença chama atenção é o fato de que a organização administrativa da agremiação ganhou muito com a experiência de Mano Eloy na Sociedade de Resistência e nas agremiações carnavalescas que esteve envolvido ao longo de sua vida. O Império Serrano, segundo Valença, surge como uma escola de samba de classe: dos Arrumadores, trabalhadores que se consideravam como continuidade da Companhia dos Homens Pretos.

Rachel Valença conta que no carnaval de 2006, o do Império do Divino, o carnavalesco da escola de samba a pediu fotos dos fundadores da escola para compor um carro alegórico.⁵⁴⁸ Dentre as fotos que ela selecionou estava uma de Mano Eloy. Após aquele carnaval, chegou uma carta na quadra da escola de samba da prefeitura de Engenheiro Passos, dizendo-se muito orgulhosos de ter Eloy Anthero Dias como um de seus ilustres filhos e solicitando a foto utilizada no carro alegórico, pois a cidade não tinha nenhuma imagem dele.⁵⁴⁹ Para Valença, essa foi uma das formas da escola de

⁵⁴⁶ Como foram salientados em outras linhas, os cronistas que se dedicaram a cobertura do carnaval, identificavam os membros das escolas de samba como negros e moradores dos morros, o que não foi negado pelas agremiações da época.

⁵⁴⁷ CONFETE, Rubem. Op. Cit. 2015

⁵⁴⁸ O carnavalesco do Império Serrano desse ano era Paulo Menezes.

⁵⁴⁹ VALENÇA, Rachel. Entrevista concedida a autora. 03/10/2018. Engenheiro Passos é um distrito que faz parte da Resende.

samba retribuir a Mano Eloy o reconhecimento de tudo que ele construiu pela a agremiação – levando a sua imagem a cidade em que nasceu.

O episódio da carta enviada pela prefeitura de Engenheiro Passos ao Império Serrano, assinala o apagamento das agências feitas por Mano Eloy – São os silêncios sobre sua trajetória pública. Ainda que seja mencionado algumas vezes nos espaços das escolas de samba e do trabalho do porto, as poucas referências não ultrapassam tais espaços. Ao fazer uma reflexão sobre esse silenciamento, do apagamento da participação de Mano Eloy na cultura urbana negra do Rio de Janeiro, Rachel Valença considera que:

Eu não posso dizer que ele foi calado, silenciado e esquecido, porque ele era negro, porque outros negros tiveram reconhecimento e tal. Aí eu me pergunto será exatamente pelo fato, olha ele era pai de santo, jogueiro, ele era dançarino de gafieira [...]

Esse homem foi tudo isso!

Quem sabe esse silêncio não se deve exatamente ao fato dele ter sido tanto. [...] Ele nunca fez nenhuma concessão.

[...]

Então esse silêncio não teria sido exatamente por isso? Por ele ter sido uma pessoa que não fez nenhuma concessão. Ele não abriu mão de nada.⁵⁵⁰

Para Rachel Valença, não fazer concessão seria o fato dele se colocar quanto negro em busca de espaços de autorrepresentação sem, no entanto, “abrir mão” de suas práticas culturais. Foi talvez a negociação que ele não fez, - “abrir mão” do ser negro, de suas práticas, memórias herdadas de seus ancestrais. “Ele foi tudo”, jogueiro, pai de santo, sambista, partideiro, fundador de escolas de samba e gafieiras, e líder de um sindicato que se auto declarava como herdeiro da Companhia de Homens Pretos. O silêncio sobre sua trajetória, parece estar ligado à sua postura quanto negro. Ao mesmo tempo em que conseguiu galgar espaços para suas práticas e redes de sociabilidades.

⁵⁵⁰ Idem

Após a sua morte foi relegado ao silêncio, ou a reprodução daquilo que Jota Efegê publicou na década de 1960.

Quem sabe esse poder que Sr. Mazinho atribuiu a Mano Eloy não seria uma postura diante do racismo? De entender-se quanto negro em uma sociedade racista e, por isso, existir a necessidade de galgar espaços em todas as frentes que pudesse encontrar. Seja no trabalho ou nos lazeres, o agenciamento em direção à luta contra a exclusão e a busca por cidadania parece ser a prerrogativa que este sujeito lançou mão para si e para as suas redes de sociabilidades.

REFERÊNCIAS

1. Fontes

1.1 – Documentação

1.1.1 – ACERVO PESSOAL RACHEL VALENÇA (Imagens)

- Com o Jornalista Fabio Melo na imagem de São Jorge
- Eloy Anthero Dias
- Mano Eloy em Confraternização na Sede da Resistência
- Presidente de honra do Império Serrano

1.1.2 - ARQUIVO NACIONAL – AN

1º Ofício de Títulos e Documentos. Sociedade Civil. Livro A-1- Registro da União dos Operário Estivadores, 05 de agosto de 1904.

1º Ofício de Título e Documentos. Livro A-1. Registro da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. Junho de 1905.

1º Ofício de Títulos e Documentos. Livro A-1. Registro da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. 06 de julho de 1906.

Estatuto da União dos Operário Estivadores, 1910. 1º ofício de registro de títulos e documentos, Estatutos de Sociedades Civis, Código 66, seção de guarda SDJ, vol. 27, documento nº 498.

CORREIO DA MANHÃ. Na sede do Império Serrano, 1, 2, 3. 1956.

1.1.3 - BANCO DE DADOS ASSOCIAÇÕES CARNAVALESCAS E DANÇANTES CARIOCAS , c. 1900-1920, por Eric Brasil

1.1.4 – DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - DOU <https://www.jusbrasil.com.br/>

DOU 06/08/1906 - Estatuto da União dos Operários Estivadores.

DOU 19/12/1913. p. 25.

DOU 06/10/1918. p. 54.

DOU – 03/03/1947 p 85-86.

DOU 31/12/1948 p. 36.

DOU 01/03/1950 p 4.

1.1.5 - FUNDAÇÃO JOSÉ E PAULINA NEMIROVSKY

AMARAL, Tarsila. 1924. Acervo da Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo, Brasil.

1.1.6 - MUSEU VIRTUAL JONGO DA SERRINHA

<http://museu.jongodaserrinha.org>

1.1.7 – ACERVO DA SOCIEDADE DE RESISTÊNCIA

Livro de Atas de Reuniões de Diretoria do Sindicato da Resistência (1946-1950).

Livro de Matrículas da Associação de Aposentados do Sindicato da Resistência

1.1.8 – ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS NO BRASIL

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/>

1.1.9 - O CICERONE. Guia Geral das Estradas de Ferro e da Capital Federal (rj) – 1909

1.1.10 – BLOGS

LOPES, Nei. A Desafricanização do Samba. *Carta Capital* [Carta Educação]. 30 de agosto de 2013. Visto em 31/05/2018. <http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/medio/a-desaficanizacao-do-samba/> Consultado em 18/08/2018.

1.2 – Entrevistas

BARBOSA, Cidiomar Clóvis. Entrevista concedida a autora. 19/04/2011

BARCELOS, Alcebíades. (Bide) Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1968.

CASTRO, Carlos Moreira de (Carlos Cachaça). *Depoimentos para a Posteridade* , 26/02/1992.

CONFETE, Rubem LABHOI/UFF. Entrevista ainda em tratamento, cedida por Martha Abreu. 2015

CONFETE, Rubem. Entrevista concedida a autora. 11/05/ 2017.

DIAS, Hélio Anthero. Entrevista concedida a autora. 04/05/2016.

DIAS, Ledair Nascimento. Entrevista concedida a autora. 01/06/2017.

MACHADO, Vilma dos Santos. Entrevista concedida a autora. 30/08/2010.

ROSA, Claudionor. Entrevista concedida a autora. 18/10/2016.

VALENÇA, Rachel. Entrevista concedida a autora. 03/10/2018

2 - Músicas

NEGRA, Jovelina Pérola. Rio de Janeiro. 1987

OLIVEIRA, Antenor Rodrigues de. *Sem título*. Rio de Janeiro. 1947

OLIVEIRA, Silas. *Apoteose ao Samba*. Rio de Janeiro. 1947

Vovó Teresa. *Vapor da Paraíba*. Rio de Janeiro. S/d

3 - Impressos

3.1 – Periódicos

3.1.2 - BIBLIOTECA NACIONAL – BN (Hemeroteca Digital)

A Imprensa – 1908-1910

A Manhã – 1935 - 1943

A Nação - 1936

A Razão – 1918; 1921

Correio da Manhã - 1909

Diário Carioca – 1935; 1939

Diário da Noite - 1936

Diário de Notícias – 1936

Diário do Rio de Janeiro - 1973

Gazeta de Notícias – 1908-1909; 1935-1936

Gazeta Suburbana – 1911

Jornal do Comércio - 1907

Jornal do Brasil – 1909; 1925; 1971

Jornal Suburbano - 1910

O Careta - 1924

O Globo – 1971

O Imparcial - 1936

O Malho - 1922

O Paiz - 1913

Revista O Cruzeiro - 1974

Revista da Semana – 1909 - 1910

3.2. Dicionários

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira - <http://dicionariompb.com.br>

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiros, verbete: Fundação Getúlio Vargas.
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/>

LOPES, Nei. *Novo dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

4 - Memorialistas

MORAIS, Maria Eneida. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1987.

JOÃO DO RIO. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010

JOTA EFEGÊ. *Figuras e coisas do Carnaval*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

_____. *Figuras e Coisas da Música popular brasileira*; apresentação de Carlos Drummond de Andrade e Ary Vasconcelos. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Funart, 2007. Volume I.

5 - Livros, periódicos, teses e dissertações.

ABREU, Martha. *Da senzala ao Palco: Canções escravas e racismo nas Américas, 1870-1930*. São Paulo: Editora Unicamp, 2017

_____. AGOSTINI, Camilla; MATTOS, Hebe. Robert Slenes entre o passado e o presente: Esperanças e recordações sobre diáspora africana e cultura negra no Rio de Janeiro In RIBEIRO, Gladys [e tal.] (orgs). *Escravidão e Cultura afro-brasileira: Temas e problemas em torno da obra de Robert Slenes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2016

_____. e DANTAS, Carolina Vianna. É chegada “a ocasião da negrada bumber” comemorações da Abolição, música e política na Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45: p.97-120, jan/jun 2011.

_____. GOMES, Ângela de Castro. A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia. Apresentação. *Tempo*. V. 13 nº 26.

_____. O “Crioulo Dudu”: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor (1890-1920). *Topoi* v.11, n 20, jan.jan. 2010, p.92-113.

ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

_____. “Da Habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução” (artigo). In: *Revista Rio de Janeiro*, nº10, maio-agosto. Rio de Janeiro, 2003.

ALBUQUERQUE, Marília B. M. *Trabalho e conflito no porto do Rio de Janeiro, 1904-1920*. Tese de mestrado. UFRJ, 1983

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da Dissimulação: Abolição e Cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Cia da Letras, 2009.

ANDRADE, Mario de. *Música de Feitiçaria no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983

ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do séc. XX*. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, 2005

_____. *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX*. Tese (doutorado) UFF. Niterói. 2010.

AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BARBOSA, Alessandra T.S.P. *Nasceu lá na Serra uma linda flor: Memórias sobre a fundação do Império Serrano (1947-1952)* Dissertação (Mestrado em História Social) – UERJ- FFP. São Gonçalo, 2012.

BARBOSA, Wilson do Nascimento e SANTOS, Joel Rufino dos. *Atrás do muro da noite: dinâmica de culturas afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Cultura/ Fundação Palmares, 1994

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos o Haussmann Tropical: Renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BERSTEIN, Serge. *A cultura política*. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.p.411

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. São Paulo: Claro Enigma, 2012

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996

BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920) . Rio de Janeiro: Tese (Doutorado) – UFF/ ICHF, 2016.

_____. *Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, Carnaval e Abolição (Rio de Janeiro, Década de 1880)*, *Afro-Ásia*, 2014, p 273-312

BRASIL, Gerson. *Histórias das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 2000.

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba; o que, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1974

_____. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, São Paulo, Cia das Letras, 1962.

CARNEIRO, Edison. *Folgedos tradicionais*, Rio de Janeiro. Funarte, 1982.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. Cia das Letras, 1987

CARVALHO, Raquel Conceição et tal. Evolução da paisagem da cidade do Rio de Janeiro, uma visão cartográfica: aspectos socioespaciais das freguesias a partir do século XIX. V *Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, Petrópolis – RJ: s/a

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Ed. Unicamp: 2001.

_____. *Visões de Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia das Letras, 2011

CONDURU, Roberto, Das casas às roças: comunidades de candomblé no Rio de Janeiro desde o fim do século XIX, *Topoi*, v. 11, n. 21, p. 178–203, 2010.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. *Campesinato Negro no Pós-Abolição: Migração, Estabilização e os Registros Cíveis de Nascimento*. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ (1888-1940). Dissertação (mestrado), UFRJ, 2008

COSTA, Haroldo. *Salgueiro 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003

COSTA PINTO, L. A. *O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos Da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. (org) *Carnavais e outras F(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Ed da Unicamp, CECULT, 2002

_____. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e*

outras F(R)estas. Ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002

_____. "Não me ponha no xadrez com esse malandrão". Conflitos e identidades entre sambistas no rio de janeiro do início do século XX *Afro-Ásia*, núm. 38, 2008, pp. 179-210

CRUZ, Maria Cecília Velasco. *Virando o Jogo: Estivadores e Carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. Tese de Doutorado: USP, São Paulo, 1998.

_____. *Cor, Etnicidade e Formação de Classe no Porto do Rio de Janeiro: a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café e o conflito de 1908*.

_____. *Tradições Negras na Formação de um Sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café. Rio de Janeiro, 1905-1930. Afro-Ásia*, 24 (2000), 243-290.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro, 3ª. Ed, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes (1867-1910), um —líder da raça negra na capital da república. *Afro-Ásia*, n. 41, p. 167–209, 2010.

_____. O Brasil café com leite. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. *Tempo*. nº26

DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. Rio de Janeiro: *Afro-Ásia*, 41 (2010), 133-166.

_____. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo. Junho de 2014. V34, nº 67, p. 251-281.

_____. GOMES, Flávio. (orgs) *Experiências da Emancipação: Biografias, Instituições e movimentos sociais no Pós-Abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____. GOMES, Flávio. (orgs) *Políticas da Raça*. Experiências e legados da Abolição e da Pós- Emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FABATO, Fábio et tal. *As Matriarcas da Avenida*: Quatro grandes escolas que revolucionaram o maior show da Terra. Rio de Janeiro: Nova Terra Editora e Distribuidora Ltda. 2016

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na sociedade de Classes*, São Paulo, FFLCH-USP, 1964

_____ e BASTIDE, Roger. *Branços e Negros em São Paulo*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1971 (3a edição)

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados*. Rio de Janeiro, 2001.

_____. *O rapto ideológico da categoria subúrbio - Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega; OLIVEIRA, Márcio Piñon (orgs). *150 anos de Subúrbio Carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2000.

GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. *A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos: um estudo de caso entre os arrumadores do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS. 1994.

GAMA, Elizabeth Castelano. História e memória do candomblé no Rio de Janeiro: novas perspectivas de análise. *Revista Brasileira de História das Religiões*. v. 3, n. 9, 2011

GANDRA, Edir. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: Giorgio Gráfica e Editora, 1995.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDMACHER, Marcela. *A "Greve Geral" de 1903: O Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910*. Tese de doutorado, Niterói UFF: 2009.

GOMES, Thiago de Melo. *Lenço no pescoço: o malandro no teatro de revista e na música popular "nacional", "popular" e cultura de massas nos anos 1920*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Nível: Dissertação (mestrado). Campinas. 1998.

_____. *Gente do samba: malandragem e identidade nacional no final da Primeira República*. *Topoi* 09, p171- 194

_____. *Para além da casa da Tia Ciata: Outras experiências no universo cultural carioca, 1830-1930*. *Afro- Ásia*. (2003)

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IANNI, Octavio. *Raças e Classes no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808- 1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LARA, Sílvia; PACHECO, Gustavo. (orgs.) *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley Stein*. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

LE GOFF, Jacques. "Memórias". In: *História e Memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1994, p. 477

LE MOS, Aline de Castro. *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. (Dissertação), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2014.

LOPES, Nei. *O Negro no Rio de Janeiro e sua Tradição Musical. Partido-Alto, Calangos, Chulas e outras e Cantorias*. Rio de Janeiro, Pallas, 1992.

_____. *Partido Alto: Samba e Bamba*. Rio de Janeiro, Pallas, 2005

MACIEL, Laura, Antunes. Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado. In. FERNANDES, Nelson da Nóbrega; OLIVEIRA, Márcio Piñon (orgs). *150 anos de Subúrbio Carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.

MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio*. Os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil, séc XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MATTOS, Marcelo Badaró. “Contravenções no Rio de Janeiro do início do século” in *Revista Rio de Janeiro*, v.1, n.1, pp.16-23, 1993.

MATTOSO, Rafael. *A estética do subúrbio: contribuições ao estudo do processo histórico de construção dos subúrbios cariocas (1870-1930)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal Cultura. 1995.

MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Marinheiros em Revolta: Recrutamento e disciplina na marinha de Guerra (1890-1910)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1997.

_____. *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2002.

_____. 'Qual a condição social dos negros no Brasil no fim da escravidão?'. In: SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (org). *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

NETO, Lira. *Uma História do Samba: As origens*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

NINA RODRIGUES, Raymundo. *Os africanos no Brasil*. São Paulo; Brasília: Companhia Editora Nacional: Editora Universidade de Brasília, 1982.

OLIVEIRA, Guilherme Santos Cabral de. "Na Vanguarda do Seguro Social Brasileiro": Estiva, Previdência e Cidadania nas décadas de 1930 e 1940 (Rio de Janeiro). Dissertação (Mestrado) UFRRJ/PPHR. Seropédica, 2017.

PAEZZO, Sylvan. *Memórias da Madame Satã*. Rio de Janeiro: Editora Lidor, 1972.

PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999

PEREIRA, Leonardo A. Miranda. "O Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República." In: *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. No ritmo do Vagalume: culturas negras, associativismo dançante e nacionalidade na produção de Francisco Guimarães (1904-1933). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p.13-33, 2015

POLLACK, Michael. "Memória e identidade social" (artigo). In: *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992

PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civittella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta e Moraes e AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 103-130

POSSIDÔNIO, *Entre ngangas e manipansos: a religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro de fins do Oitocentos (1870-1900)*. 1. ed. Salvador: Sagga Editora, 2018.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. *Ciência e Cultura*, 36 (6): pp. 892, 909, 1984.

_____. *Carnaval brasileiro: da origem europeia ao símbolo nacional*, *Ciência e cultura*, 39(8); pp. 717, 729, 1987.

_____. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIOS, Ana Lugão, MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUEZ, Helio Suêvo. *A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro: O Resgate de sua Memória*. Brasil: Memória do Trem, 2004.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SANTO, Sprito. *Do Samba ao Funk do Jorjão*. Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. In BARBOSA, Wilson do Nascimento e SANTOS, Joel Rufino dos. *Atrás do muro da noite: dinâmica de culturas afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Cultura/ Fundação Palmares, 1994

_____. *Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004, p.151.

SARTI, Ingrid. *O Porto Vermelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARTZ, Stuart. *A historiografia recente da escravidão brasileira*, In., Roceiros, escravos e rebeldes. Bauru- SP, Edusc, 2001.

SERFATY, Elaina Reieli Cirilo. *A honra dos outros: padrões de moralidade em um crime de amor nos Pingas Carnavalescos (1920-1921)*. Monografia. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: Mentas Insanas em Corpos Rebeldes*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SILVA, Luara dos Santos. “*Etymologias preto*”: Hemetério José dos Santos e as questões raciais do seu tempo (1888-1920). Dissertação de mestrado. CEFET/RJ, 2015.

SILVA, Marília T. Barbosa da; OLIVEIRA, Arthur filho. *Fala Mangueira*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1980.

_____. *Silas de Oliveira, Do jongo ao samba enredo*. Rio de Janeiro, Funarte. 1981.

_____. *Cartola - Os tempos idos*. Coleção MPB. Rio de Janeiro: MEC/ Funarte, 1997, 3º Edição.

_____. SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela, traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, S/D.

SILVA, Sormani. *Escola de Samba Deixa Malhar, batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Eloy na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947*. Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2014.

SILVA, Rita de Cássia R. da. *Senhores e Possuidores: a construção da propriedade da terra na freguesia de Irajá (Rio de Janeiro, século XIX)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013

SLENES, Robert. “Eu venho de muito longe, eu venho cavando: jogueiros cumba na senzala centro-africana. *Memória do Jongo*. p. 110 -156

SOARES, Fernanda Epaminondas. “*Fui o criador de macumbas em disco*”: macumba, samba e carnaval pela trajetória de Getúlio Marionho da Silva (Rio de Janeiro, 1895-1964). Dissertação (mestrado) – UFF/ICHF. Niterói: 2016

_____. Getúlio Marinho da Silva: afro-religiosidades e alternativa política nas canções do primeiro governo Vargas. *Anais da IX Semana de História Política: Política,*

Conflitos e Identidades na Modernidade e VI Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade. ISSN 2175-831X – PPGH/UERJ, 2014.

SODRÉ, Nelson Weneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

STEIN, S. J. *Vassouras: Um município brasileiro do café, 1850-1900*. RJ, Ed: Nova Fronteira, 1990

THOMPSON, Edward P. *A Formação da classe operária inglesa I A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. THOMPSON, Edward P. Folclore Antropologia e História Social. In Silva, Sérgio; Negro, Antônio Luigi(orgs). *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*.Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. *A Imprensa Carnavalesca no Brasil*. São Paulo: Hedra, 2000

VALENÇA, Rachel Teixeira. VALENÇA, Suetônio Soares. *Serra, Serrinha, Serrano: O Império do samba Rio de Janeiro*: J. Olympio. 2016.

VASCONCELOS, Ary. *A Nova Música da República Velha*. Editora do autor. Rio de Janeiro.1985.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*. V. 26, N 68(2018): Dezembro.

VIANA, Francisco de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. São Paulo: Edições da Revista do Brasil- Monteiro Lobato, 1920.

VIANA, Luiz Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004,

VIEIRA, Caroline Moreira. “Ninguém escapa do feitiço”: música popular carioca, afroreligiosidades e o mundo da fonografia (1902-1927). 2010. Dissertação (Mestrado

em História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

XAVIER, Regina Célia Lima. *Biografia e História: o que Mestre Tito pode nos ensinar sobre o passado?* História Social, n. 24, primeiro semestre de 2013.

ANEXOS

Anexo A – Registro Civil de Nascimento de Mano Eloy

Anexo B – Atestado de óbito de Mano Eloy

Anexo C – Mapa da Linha do Centro e da Linha Auxiliar da EFCB, em 1928

ANEXO A - REGISTRO CIVIL DE NASCIMENTO DE MANO ELOY

BR AN,RIO 6K. FSA. LTN. 15/

Talão N.º 6

t. 98 Pag. 98

REPÚBLICA DOS ESTADOS



UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

DA

Segunda Pretoria Cível da Freguezia do Sacramento

O Bacharel JOSE' PINTO SANTIAGO, Escrivão da 2.ª Pretoria Cível, da Freguezia do Sacramento

NASCIMENTO N.º 369.ujo 968



Certifico que a fil. 69 do livro n.º 119a do registro de nascimentos foi lavrado hoje o assentamento de Eloy Antero Dias

nascido aos 2 de março de 1889 das horas e minutos, na casa n.º da

Travessa do Rio de Janeiro do sexo masculino de cor branca filho legítimo de Joaquim Antero Dias e de Mariana Thomazina Canicão sendo avós paternos e maternos

José Filipe de Moraes e Floriana de Moraes

Foi declarante e serviram de testemunhas

Observações e prouti referido foi feito de acordo com o Dec. 17710 de 18 de fevereiro de 1931

O referido é verdade e dou fé. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1931

O OFFICIAL [Signature]

ANEXO B – ATESTADO DE ÓBITO DE MANO ELOY

256

ÓBITO

N.º 66402

Aos Onze de março de mil novecentos e sessenta e dois e Setenta e Sete nesta Cidade, e neste cartório, compareceu Walter Lana - Sotêiro profissão comércio, hospitais, com 33 anos residente rua da Suburbana - número - 99462337257 e exibindo atestado de óbito firmado pelo Doutor João Guimões de Almeida declarou: Que no dia de ontem às 7 horas e 25 minutos, Casa de Saúde Galimal faleceu Eloy Antunes Dias do sexo masculino cor branca com dentela e avis anos de idade, natural do Estado do Rio estado civil casado com Rosalina Carneiro Dias profissão procurador residente Rua Sérgio de Oliveira - 54 filho de Leônidas Antunes Dias e de Eugênia Leomogenes da Conceição e será sepultado no cemitério de Ingá Causa Mortis Infarto do miocárdio - cardiocelular - Diabetes mellitus arteriosclerose generalizada - Deixou três e 6 filhos maiores mal fê e tratamentos.

Cotagem Tabela IV
N.º 1 - Letra A
ATB

Para constar, lavrei este termo, que lido e achado conforme assinam. Eu, Rosalina Justado de Carvalho escrevente juramentado, o escrevi. E eu, Walter Lana Oficial subscrevo e assino.

ANEXO C – MAPA DA LINHA DO CENTRO E DA LINHA AUXILIAR DA EFCB, EM 1928

